Keoillapso
REDUX

KCOILLAPSO redux
AUTOR Claudio Mur
EDIÇÃO: zmb_mur
zmb_mur@yahoo.com
ZMB012x

ÍNDICE

Liber
BOOK
SHOP
ZMB

Se eu voltar durante a minha ausência, mantém-me aqui até eu regressar

Lacoon e os seus filhos

Eu finalmente entro e, num reflexo do espelho, aperto mãos ao meu ser

Livraria Cassiber

A Capítulo 0
Cassiber: Not me

Resolvo agora sair de casa para ir ao centro comercial. Ao fundo da avenida, viro à esquerda e chego finalmente ao semáforo. Atravesso no limite e, quando chego ao passeio, vejo um atleta a parar na passadeira à minha frente. Passo por ele e quase atropelo uma avozinha porque continuo a andar e a olhar para trás. O atleta treina boxe e, enquanto espera o verde no semáforo, simula ganchos com as mãos e movimenta os pés como se estivesse no ringue. A rua é larga e desce uns cem metros. Depois dos táxis, as lojas são à face da rua. Passo por um restaurante, uma papelaria, um escritório da rodoviária e uma florista. Chego ao largo de acesso em calcário, tem um lago com árvores de pedra e bancos de jardim. O centro divide-se em duas alas opostas e nas portas giratórias, às vezes, as crianças brincam dentro e fora. Estas portas abrem-se para agradáveis salões com ar condicionado. Caminho através das galerias espaçosas e o movimento é pendular, alguns vêm e eu vou no tubo de acesso ao parque de estacionamento. Imaginemos que este túnel se transforma numa casa de cão à beira dos pântanos de um rio. É onde ficam os estabelecimentos de renda mais barata deste centro comercial. São todos em forma de casota duplex e estão situadas nas traseiras junto aos salgueiros e perto da água.

É nesta zona tão pouco frequentada que existe a loja que hoje procuro, transacciona livros em segunda mão e tem espaço para as excentricidades mais variadas e outros objectos de antiquário. Não passa de um esboço, ao qual chamarei de inexistente no presente mas é certa esta imagem virtual, é uma vontade preanunciada e localizada na margem do rio, um plano para escrever o futuro, fazer-me à vida como futuro comerciante zeloso de pagar os meus impostos. No entanto, sempre que lhe leio a montra encontro preciosidades inestimáveis e livros dos bons, literatura maldita e rebelde mas também alguns livros de estudo e, sobretudo, muitos meios de conhecer outros povos, outras pontes, outros poemas. Na minha primeira visita, comprei uma pirâmide hieroglífica que se juntou a tantas outras montanhas e muros que me servem, hoje, de companhia nestes tempos de solidão, neste mau estar tratado com recurso a ergoterapia e pintoras de chiquebem.

Conheci a loja por acaso, fica mesmo ao lado da lavandaria que precisei um dia de encontrar para lavar os tapetes do quarto. A culpa foi da bezana do aniversário de uma sista no Gungunhana, uma festa com bolo e bons hambúrgueres, finos, bagaços, submarinos e ave-marias, Gauloises, Gitanes e vários SGs. Um eu que conheci na festa sugeriu irmos beber uma garrafa de uísque para o jardim em frente, sentámo-nos cada um em cada balouço, falámos das diferenças abissais entre Pink Floyd e Pixies dando tragos, balouçando e passando a garrafa até esta secar. Quando nos separámos por volta da meia-noite eu parecia o baloiço, a festa já tinha seguido o seu rumo para outro lado e o resto é a história sem interesse de como, sonolento e bêbado, fui varrendo as paredes até chegar à porta do prédio, acertei com a chave na fechadura e subi os três andares cantando *eu não eu não, os meus filhos estavam doentes, estava muito ocupado, não pedi para nascer* até vomitar no tapete. Era tal o fedor rescendente, tão enormes os bocados mal mastigados de hambúrguer que o meu colega de casa, que dormia habitualmente na outra cama, nessa noite dormiu no sofá da sala.

Hoje, esse eu do uísque trabalha nesta loja chamada Livraria Cassiber. Um dos meus sonhos por fim realizado, uma qualquer poligénese talvez literária, talvez psicocinética, talvez a mente gerando a matéria, e tão perigosa de se pensar talvez verdadeira. Mas talvez possa aprender com a sua experiência.

Paro na montra e reparo num machado, longo com a lâmina ligeiramente curvilínea. Uma antiguidade da época de Ana Bolena, segunda mulher de Henrique VIII, uma das que ficou sem cabeça, diz no letreiro.

Subitamente quando avanço para entrar na loja, tenho um flash luminoso e paro, penso que as luzes do centro comercial se apagaram e, ao ver faróis ao longe, soletro com a melhor dicção de guna para um minidisc que trago sempre comigo: carros-patrulha circulando descaracterizados no quarteirão das piscinas à procura de índios e ciganos? Na verdade, não tenho uma gamela de certeza. Aliás, posso ter descrito essa emoção e asseguro-te da sua veracidade, como tão certo estar hoje aqui e de a ter experimentado um dia mas não posso, no entanto, recordar o tempo exacto em que tudo isso aconteceu, porque aconteceu ou mesmo se aconteceu.

Alarmadas com estas frases reveladoras de carácter, as luzes voltam a acender-se e eu, que falo pondo os óculos escuros a filtrar a visão do real e apagando do momento as escutas visuais e os faróis, fico irreco-

nhecível em caótica invisibilidade de fantasma. A voz sussurra irreal na névoa verde como se saindo de um livro, a voz diz: porque as verdades, que foram cortadas do papel e coladas no ecrã-tela da televisão com fita-cola e que, depois em frente dos bófias que os falecidos chamaram, foram jogadas no número vinte e sete da roleta, só porque três vezes nove vidas dá vinte e sete, essas verdades transformar-se-ão em mentiras, quando a leitura da matrícula real for transposta para a escrita usando os óculos escuros e a caneta. Aí, eu direi a frase exorcista: real não real, caríssimo não te amofines, eu hei-de aparecer à vista de todos, não hei-de ser um fantasma fumador e, ao mesmo tempo, chibo.

Largo o microfone e pego na caneta, escrevo no caderno preto de frases poema:

Colapso, título de um livro pensado há seis anos. Ah! Como será bom fumar já aqui uma ganza e experimentar o prazer consumista das belas novidades...

Entro finalmente na loja e, ao passar por um espelho, tiro os óculos e cumprimento-me porque sem óculos vejo alguém no espelho. Convido-me para fazer as honras da casa e entro para a sala de baixo da loja Cassiber. Apercebo-me do êxtase em ser reconhecido e volto a colocar os óculos de sol. De novo me torno fantasma, eis-me eu contra eu, voz dialogando com voz.

Então C?, tátudo?

Tudo e tu, tás fixe, D?

Que te traz por cá?

Não tinha nada para fazer e resolvi passar por aqui para ver uns livros. Mas na montra reparei naquele machado, é mesmo *ingalês*?

Acendendo-se uma chama nos olhos, dirijo-me à montra e pergunto: Interessa-te?

De certo modo, em teoria...

Bem, é um machado respigado recentemente duma antiga casa senhorial há muito abandonada que foi demolida para permitir o prolongamento de uma rua.

Mas quanto vale?

Não está à venda. Rio e continuo: Ou melhor, custa uma pipa de massa. Mas para que queres tu um machado?

Para nada. Só me fascinou ao primeiro olhar.

Levo a mão ao nariz, aperto-o, escondo um sorriso, rodo sobre mim próprio e digo:

Lembro-me de ver filmes sobre o rei Henrique de Inglaterra... é isso.

Esquece lá esse crápula, olha, tenho aqui algo melhor, livros que talvez te possam interessar. Queres ver?

Sim. Que andas a ler no momento?

Ando a ler este, *As alucinações de um drogado* do Burroughs.

Porquê?

Por causa do que as pessoas gostam de falar, tudo trampa e mentiras!

Que andas a ouvir no momento?

Engraçado, serviram-me um café há dias no Gungunhana e perguntaram-me se poderia ser café de saco pois a máquina de cimbalinos estava avariada, azar.... são coisas que acontecem, no entanto apenas e só por causa disso, ando a ouvir o álbum que tem o *Aum* dos Mão Morta pois lá o narrador, ou autor ou leitor ou actor ou mesmo pessoa normal?, entra num café onde ainda servem café de saco.

E qual foi o melhor filme que viste nos últimos tempos?

Eh... nem sei o nome, porque quando ele estava para começar deu-me uma diarreia tão grande que não deu para ver o título, os fumadores sabem que os vegetais dão soltura, não sabes? De qualquer modo, acho que era um filme do Raul Ruiz onde o Marcello Mastroianni fazia quatro papéis ao mesmo tempo, tinha portanto quatro casas espalhadas por ai...

Ah...! Já me lembro, é aquele filme onde existe uma personagem que caminha a falar durante uma data de segundos com um martelo enterrado na cabeça até que o sangue aparece e ele cai no chão... é esse, não é?

Sim. Olha este livro.

Recebo do meu eu o livro, observo a capa cinzenta, pergunto o tema, eu respondo:

É mais ou menos uma história construída a partir de pequenos acasos, pequenas coincidências. Uma história construída por uma data de pessoas que por aqui passaram, folhearam, compraram e vieram mais tarde entregar o livro com os seus próprios acréscimos manuscritos. É uma edição da casa, eu apenas transcrevi e paginei. São memórias para uns, escapes para outros então.

Ah!, isso agora tem um nome, chama-se *bookcrossing* aplicado.

Pergunto-me de novo o que ando a ler no momento:

De momento ando a ser iluminado pelo Stig Dagerman e *A ilha dos*

Condenados.

Tenebroso...

Porquê? Já ouviste falar de Stig Dagerman?

Não.

Tenebroso, se calhar, mórbido, depressivo e tudo mais. Deixa-me tentar adivinhar o teu pensamento... se calhar, é só por causa do título?

O título faz-nos muitas vezes escolher um livro. Muitas vezes o motivo pelo qual se pega num determinado livro é uma crítica de alguém num jornal, uma opinião de alguém que já leu ou se interessou uma vez pelo seu autor.

Fazendo uma pausa.

É tudo muito subjectivo. Já li livros que nada têm a ver com o título. Por exemplo, *O outono em Pequim* do Boris Vian não fala nem de outonos nem de Tiananmen. Mas o *Arranca corações* bate toda concorrência, excelente registo de quem andou sempre a fazer uma data de coisas diferentes sem se comprometer com nenhuma delas... e, depois, sabe rir-se das vozes, de todas as personagens projecção, de todos os pseudónimos duplicação. Talvez, no fundo, seja apenas o prazer em fazer que move montanhas, as definições de estilo serão sempre para os estudiosos. No entanto é preciso fazer bem, já que se faz alguma coisa deve-se fazer bem, deve ser esse o objectivo.

E o que acontece quando se começa a ler um livro e se verifica que o seu conteúdo é uma grande merda?

Às vezes, frequentemente aliás... Pode ser que a tua percepção seja diferente da percepção da pessoa que te indicou o livro. Ou pode mesmo estar mal escrito, ser soporífero, também acontece. Mas... em teoria, nunca se pega num livro ao acaso, existem pequenos algos, responde-se sempre a um estímulo, uma sensibilidade, um meme.

Então que livro leverás devar?

Hum... talvez o livro cinzento.

Porquê o livro cinzento?

O conceito interessa.

Muito bem.

Bem, vou indo, tenho de passar no supermercado e comprar azeite.

Até à próxima.

Saio da loja e decido fazer a viagem mais longa até ao azeite, tudo porque quero passar no parque de lazer, às vezes encontram-se prendas no chão, berlindes e berlaites dos bons, e, além do mais, é sempre

um regalo ver as raparigas a fazer crosse de óculos de sol e walkman colado ao ouvido.

Hoje nada a assinalar neste caminho extra e posso dizer que não vi a pantera cor-de-rosa.

Chego a casa, tiro os sapatos, bebo um pouco de água e sento-me, enrolo um cigarro e começo a folhear o livro. Reparo nos nomes estranhamente esquisitos dos capítulos, o índice faz aumentar a minha curiosidade. Será anormal ter interesse em palavras esquisitas, será depressivo, será decadente?

A página zero tem como epígrafe: *se eu voltar durante a minha ausência, mantém-me aqui até eu regressar.* Termina dizendo: para mim e dedicado a G.

Viro a página e continuo a ler:

Não uso filtros nem símbolos de pontuação ortográfica como travessões que indiquem diálogo, caro público, vejo o brilho do sol e cores novas em cada olhar teu mas tenho os meus próprios seres como elementos, letras como eus e como amigos, falo com eles como se fosse comigo próprio, tudo é solilóquio, eu sou como o psicanalista do livro do Boris Vian, sou um jovem cebola e não aparento a idade que tenho, sou autofágico. Sou muito mais velho, um píton, um mago, um nigromante. Ando é disfarçado entre os pingos da chuva vestido com a personalidade dos meus amigos porque, em mim, a ela não lhe reconheço os traços. Adopto as amigas como irmãs primeiro, mulheres depois e, por fim, mães. As cabeças de todos são parte de mim, são os meus seres. Com eles e elas falo, almoço-os a todos, fumo as suas calças de cânhamo acompanhando o café com cheirinho e deito fora as suas cuecas de flanela, varro as cinzas do churrasco dos seus ossos e depois discurso mesmo que ninguém ligue puto, digo urso em estado alterado perante uma plateia de uanabís como eu, todos temos um futuro ainda.

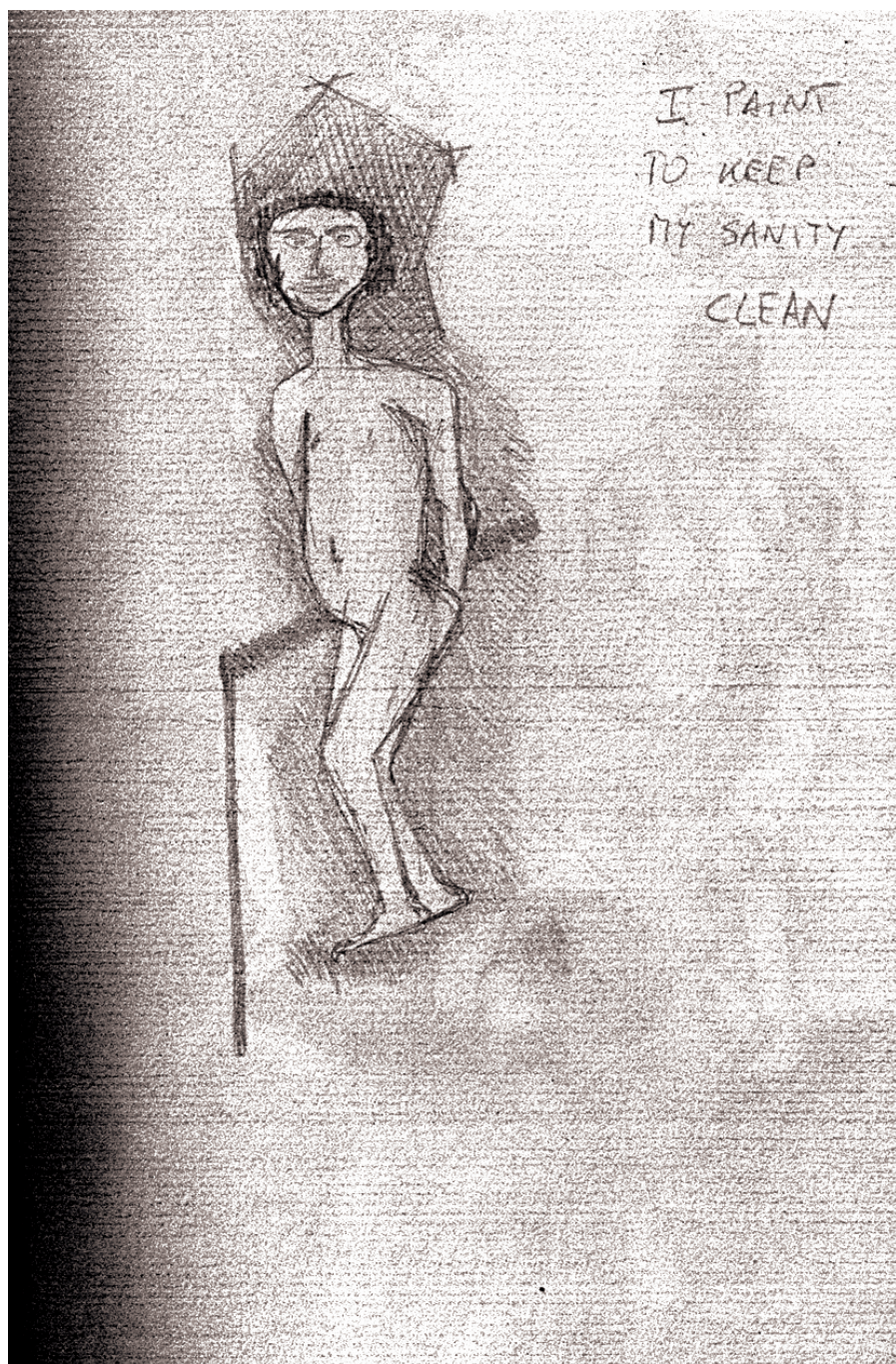
Não li muitos livros durante a adolescência porque poucos havia interessantes em casa. Os meus pais também não liam muito mas esforçavam-se e encomendavam livros do Círculo de Leitores e das Selecções Readers Digest. Foi assim que não sei como caíram lá em casa obras como *A laranja mecânica* e *A servidão humana* do Maugham que jurei nunca ler por causa do título. Eu não queria ler coisas tristes com esta idade, queria livros que me provocassem a excitação dos sentidos e, finalmente, a desejada consumação sexual, queria livros com amor e sexo, com palavras úteis que me ensinassem. Livros fúteis talvez para um adulto mas livros importantes para a definição e acção emocional

e sexual de um adolescente. Havia outros livros que mais tarde surripiaria mas de Anthony Burgess ganhei a ideia que palavras como ultraviolência degeneram em loucura e culpa em encarceramento e reclusão em religião e partido em sacrifício e morte, tudo isto porque o amor, já alguém o cantou, o amor é uma doença.

Mas eu quero começar por algum lado e dizer que, há quatro anos, desisti da religião porque não cria no dogma que aprendi na catequese. Andei lá até aos dezasseis anos para ver se arranjava amigos e namoradas mas os rapazes gozavam-me e as raparigas estavam apaixonadas pelo rapaz da moto. Era isso ou a rua e os meus pais não me deixavam sair para outro lado. No dia do crisma na Sé em Derza os meus pais estiveram ausentes e a madrinha que me levou ao altar para receber a bênção do bispo foi a Irmã Belinda, uma missionária idosa da paróquia que fez esta caridade a mim e aos pobres sem pais. Senti-me um pobre e tão pobre como eles, senti-me condenado. Nesse dia mesmo, mandei foder toda a gente em pensamento e assim apostatei a água benta do bispo e decidi que era mau, que sou mau e que vou para o inferno. Irei com todo o gosto para o inferno.

Carimbei a heresia na festa de finalistas, oferecendo para o sorteio de prendas uma lingerie em couro vermelho e com um fecho de latão à frente que um tio, que nunca casou com a minha tia, me dera uma noite na feira popular da cidade vermelha onde ele trabalhava. Despachei assim este emplastro familiar indo ele calhar a um santo paroquiano pretendente a caloiro de filosofia. Logo nos rimos uns dos outros, eu ri-me sem saber que me estavam a riscar do mapa e a chamar-me de pervertido, estúpido e louco. Ainda consegui ao fim da noite dar uns beijos numa colega na discoteca mas o encontro marcado para uma tarde, dois dias depois, correu mal, ela rechaçou-me com medo e eu sem perceber o porquê dela, fiz cara de patrão mau, fechei a porta e saí para a rua. Nunca mais a vi e não recordo o seu nome. Para me saciar, decidi seguir uma prostituta até à hospedaria, dei-lhe dois contos e subi, ela foi lavar-se e voltou sem a saia, deitou-se, eu tirei as calças e pus-me em cima dela a beijar-lhe o pescoço para que a tesão me viesse. Ela disse: *despacha*-te e eu bloqueei. Parei. A tesão não veio e eu vesti-me sem dizer nada. Ela disse: se tiveres problemas volta cá. Voltaria ao longo da vida mais duas vezes, a uma dei-lhe dinheiro para ela se calar, a outra tratei-a com carinho filial, convidei-a para tomar café mas o sucesso não veio nunca. As prostitutas não me seduziram, nunca me servirão, penso que as respeito demais.

Fiz dezoito anos e filiei-me logo com gosto no Partido dos Desadaptados da Sociedade de Consumo, deixei a casa dos pais em Tirza e aluguei um quarto na metrópole para estudar engenharia, onde a minha primeira acção foi ir a um clube com espectáculos de sexo ao vivo. Uma acompanhante sentou-se ao meu lado mas eu não tinha dinheiro e ela não insistiu, sorriu quando percebeu que eu era naífe, levantou-se e deixou-me só a ver a sessão, a ser deste modo iniciado na arte. A reclusão da adolescência terminou numa morte sem dor e, ao ingressar na universidade, foi como nascer de novo, o meu primeiro zero.

A
ACORDAR
S
GUNDO
MOKS
ZMB

Eu pinto para manter limpa a minha sanidade

Preciso de trabalhar melhor aquela luz, aquele vermelho não é irreal

Segundo moks ao acordar

B Primeiro capítulo
Helene Sage: Press release
Muslimgauze & Hesskhe Yadalanah: Zarm
Glenn Branca: Devil choirs at the gates of heaven: Second Movement
The Grief: Trying to fix a pipe dream

Ao fundo, ouve-se um leve murmúrio. Vindo por uma porta interior da memória e aproximando-se cada vez mais, assemelha-se à buzina de um comboio antigo.

R dorme, tem a sensação que alguém, uma entidade dentro do seu sonho, dentro da sua memória, lhe quer chegar perto. R caminha com um machado nas mãos. Trata-se de uma situação instável. Está preso por correntes invisíveis ao tronco de uma árvore ao fundo de um rio de carris incandescentes. Essa entidade suíngante, subindo pela espinha até ao cérebro, aponta-lhe o dedo e sussurra-lhe: é tudo fictício, encenaste tudo, é tudo mentira, encenaste tudo. Quando parece ir tocar o seu corpo e cortar o que resta da raiz, tudo fica claro e R acorda com a voz caridosa de Ka-Spel dentro da sua cabeça dizendo: Eu manter-te-ei vivo.

Nove horas da manhã. O despertador dispara, o mesmo é dizer que martela insistentemente junto dos seus ouvidos.

Apetece-me atirar este objecto obsceno contra as paredes mas não posso fazer isso porque depois precisava de ir às compras.

Desliga-o e, então, acalma-se, vira-se para o outro lado aconchegando-se aos lençóis.

Nunca durmo o suficiente, sempre menos que seis horas. Todos os dias ligo o rádio, ouço o mundo, é fundamental saber que os chineses estão em paz com toda a gente excepto com o Tibete, que o aborto foi finalmente legalizado, é bom saber que a dona Maria compra as hortaliças no hipermercado do centro comercial só porque lá as coisas são mais baratas que na loja do senhor J.

A manhã é fundamental. R tem cinquenta e um anos e hoje quebra a rotina, decide ignorar os conselhos do médico tais como se você não consegue passar sem o vício de fumar ao menos que fume laites. Hoje com alegria, estende a mão ate à mesinha de cabeceira, retira de lá um amarrotado tabaco português, o velho Águia, tabaco dos velhos, e en-

rola um cigarro enquanto observa o trabalho de ontem.

Preciso de trabalhar melhor aquela luz, aquele vermelho não é irreal. Nada pode ser real.

Se esta manhã fosse igual a tantas outras, ter-se-ia levantado e dirigido à palete de modo a encontrar a cor mas não. Hoje sente-se feliz de modo diferente. Hoje não se levanta. Aliás, se tivesse menos trinta anos talvez estivesse com o cérebro colado pelo segundo moks sem água, ao abrir os olhos para o dia. Os seus olhos. Os olhos de R.

Hoje sou livre de ouvir o silêncio apenas interrompido pelos pássaros, sou livre de ver o tecto absolutamente branco, branco de estrelas e sorrir e sonhar, sonhar nele uma quantidade enorme de vidas dispersas.

E depois, o médico não sabe o que diz quando tenta inquirir quantos cigarros fumo eu por dia. Eles medem o problema pelo número de cigarros de bico amarelo fumados. Em média, um fumador esvazia um maço de vinte cigarros por dia. Ora, comigo essa análise não funciona, eu fumo cigarros enrolados e as contas não podem ser as mesmas. Um maço de vinte cigarros dura um dia e pesa vinte gramas, eu compro um maço de trinta gramas mais mortalhas para enrolar e dura uma semana.

Três da tarde. Estou de folga do part-time laboral hoje. Também não tenho aulas teóricas. Estou convidado para uma festa no Armenia amanhã à noite. As aulas são uma grande seca. Não gosto nada daquilo. Ainda só agora comecei e já estou farto, estou farto daquilo. O que eu quero é conhecer gajas e damas, bejecas e martinis, quero conhecer o haxixe, quero festas, conhecer pessoas situações ganza e aprender, aprender a vida, quero lá saber dos livros técnicos que alguém me fotocopiou e que não me servem para nada.

O part-time vai correndo mais ou menos mas surgiu um *negativo* e tenho de ver se aproveito para o resolver ainda hoje. O meu trabalho é bater às portas, casa a casa, é angariar sócios para uma sociedade livreira. Recebo uma comissão por cada novo sócio que faço. Eles inscrevem-se na sociedade encomendando um livro, um disco, uma cassete do catálogo que lhes mostro e quando, três dias depois, o cobrador da sociedade lhes vai bater três vezes à porta para lhes entregar o livro e o catálogo trimestral, eles recebem-no e pagam, também podem pagar logo a mim.

Um negativo é quando a pessoa diz que vai pagar e que quer muito

se inscrever e depois, na hora de pagar, não paga. Além disso, estas massas incultas que só lêem os desportivos ou as gordas do Correio da Manha, do Jenê, do Pudico e do Escândalo e é quando lê alguma coisa que cheire a tinta impressa... bem, esta gente a quem nós prestamos um serviço nacional de cultura, esta gente às vezes lança-nos os cães. Ora, há quinze dias, uma família pobre, um pai, uma mãe, uma menina pequena de seis anos, uma família de um bairro social, essa senhora mostrou-se interessada em receber livros, disse que os queria para educar a filha. Havia um problema, a senhora não tinha dinheiro, só no fim do mês e eu pensei, disse: a senhora assina, escolhe um livro, e depois, quando lhe vierem entregar o livro a senhora paga. Ela tentou ganhar tempo folheando o catálogo, afinal o fim do mês era já no fim da próxima semana, escolheu um livro infantil ilustrado, custava seiscentos escudos. Eu pensei, vou-lhe dizer, disse: não se preocupe, fica entre nós, a senhora recebe o livro, paga se puder e depois, a cada trimestre encomenda um novo. Pensei: eu recebo a minha comissão por ela assinar, ganho quatro mil escudos por ela já que atingi assim um novo patamar de vendas, e digo na empresa que assumo os seiscentos escudos da despesa, se ela depois não pagar a cota comprando o livro paciência.

O meu chefe alertou-me para o possível negativo. Este aconteceu e agora tenho eu de ir recuperar o meu investimento dos seiscentos escudos porque assim não recebo a minha comissão, o marido chamou o cobrador de todos os nomes, o sogro despejou um balde sanitário para as escadas, rasgaram o cartão de sócio e disseram que nunca mais votavam, que somos como os ladrões da electricidade e do gás e dos telefones, andor dê à sola que o desfaço!

Agora tenho de lá voltar para cobrar pessoalmente porque não quero perder o meu dinheiro. Tenho de apanhar dois autocarros até chegar lá e chego. Bato à porta de casa e não está ninguém, caminho para trás, mais à frente há um parque urbano onde vejo pessoas, dirijo-me a elas na intenção de perguntar por aquela família: não conhecem a dona X? Que mora no bloco 6 apartamento 9? Digo que venho para receber dinheiro que me deve. Vem logo um velhote com ar ameaçador, cabelo desgrenhado e tricológico, blêizer azul-marinho gasto, dirige-se a mim, falando muito alto, insultando, pergunta quem sou, que é que quero à sua filha, vai-te embora vai-te embora, sai daqui corno cabrão fdp, e vem para cima de mim e eu fico a pen... sar... talvez seja... eu fico com medo, sou jovem, estou rodeado agora prá aí de vinte populares

que assistiam ao futsal no ringue do parque, estou com medo agora que ele se aproxima de mim, a maneira que eu tenho de me defender é meter os braços à frente da cabeça e estender a perna prá frente. É um acto mágico, ele vinha em direcção a mim e eu acerto-lhe um pontapé nos dentes, ele cai ao chão com a cara em sangue, a minha perna na cara dele, reparo que ele está a sangrar, digo logo: eu só quero o meu dinheiro, os meus seiscentos escudos, dê-mos e depois vou-me e nunca me verão mais, eu desapareço, eu não quero bater em ninguém.

Chega o marido que fala comigo, eu explico, vamos a sua casa perguntar à mulher se é verdade o que digo, ela diz que sim, pagam-me e eu venho-me embora, foda-se. Nunca mais lá ponho os pés. Nunca mais saberão de mim.

No dia seguinte, de manhã no escritório nada falo sobre isto. O L que é novato na associação mas se tem revelado um bom filiador, diz-me que de tarde tem uma prenda para mim: ó J vou-te mostrar o que é bom, depois à noite hás-de tornar-te homem. Vamos almoçar. Logo à tarde, nas torres junto ao rio, vais ver o que é bom.

Eu sei do que ele fala, já tinha havido oportunidade uma vez em casa de uns colegas do ensino secundário, ouvia-se *tecno*, viam-se vídeos porno e fumava-se, eu via-os a queimar umas cenas na mão e sentia o *perfumo* inebriante dos cigarros enrolados na atmosfera daquela sala, senti-me um pouco desajustado no meio do fumo e senti qualquer coisa de estranho na minha consciência quando voltava para casa de autocarro, ficou-me a vontade e, nos dias seguintes na biblioteca, requisitei *Os paraísos artificiais*.

De tarde, a carrinha deixou-nos à porta da torre Um do bairro rico, o nosso novo chefe anda muito exigente, sempre a verificar os nossos dossiers para verificar se batemos mesmo às portas, sempre que tocamos a uma campainha temos de iniciar uma nova linha.

L diz: não há-de ser nada, encontramo-nos no terceiro piso subterrâneo no elevador às quatro ok? Terás a tua primeira vez.

Ok.

Entramos na torre e separamo-nos, eu vou para o lado direito, meto-me no elevador A e saio no primeiro andar, toco à campainha e nada, toco outra vez e aguardo, acendo a luz do corredor, toco a outra e também nada, toco a uma terceira campainha e abre-me a porta um casal de italianos. Eles não falam português, eu não falo italiano e não nos conseguimos entender. Não há língua franca que me valha. Xau.

Não faço nenhuma entrevista válida. Atendem-me mais uma vez

mas não encontro as palavras certas. Bloqueio. Estou ansioso. Olho para o dossier. Dois andares, doze campainhas, duas entrevistas numa hora e meia. Nenhum sucesso. Estou ansioso. Olho para o relógio. Quatro menos cinco. Dirijo-me ao elevador. Aterro no piso do parque de estacionamento. L já está em Lá.

Olha J, esta pequena língua, tiras um pedaço de meia unha do dedo mindinho, arranjas uma mortalha *king size Elements*, arranjas por quinze escudos na tabacaria do centro comercial, fazes um filtro com a senha do autocarro, tázaver?

Eu vejo, ele saca de um cigarro Português Suave Amarelo e desfaz parte na palma da mão, põe o pedaço em cima e queima, depois mistura, isto é a *sopa*, enrola, e agora vamos fumar, duas passas calmas retendo o fumo nos pulmões e passamos o charro ao outro ok?

Eu fumo, tusso um bocado porque não estou habituado, assoo o ranho ao lenço de pano, dou uma segunda passa longa e passo. Retenho o perfumo enquanto ele dá duas directas e me passa de novo. Fumamos tudo e voltamos ao trabalho.

Eu não dou conta bem do caso mas sinto-me diferente, uns sons agudos nos ouvidos, uma inflação ocular, e sede, estou seco mas, agora, tenho de ir trabalhar o sexto andar. Bato várias portas até que uma me é aberta, um casal de hípis holandeses, cotas louros e rosados de cinquenta e poucos anos. Sinto-me alegre e falador, eu não me dou conta mas eles devem reparar, acho que eles conhecem o cheiro, o perfume do haxixe, eu pelo menos reparo em dois pósteres na parede, um do Che e outro uma folha de erva com a inscrição *Bob Whitman*, aqui dá uma vontade tremenda de cagar a rir mas controlo, sinto-me vermelho, o sangue vêm-me aos olhos, os ouvidos quentes e inflamados, ouvindo tudo e cada pormenor, acho que invento sons. Falo-lhes da associação a que pertenço e qual o meu papel, mostro-lhes o catálogo, recomendo vários livros, eles folheiam divertidos, é tudo tão barato nesta revista, este livro... o autor é anónimo?

Sim, é uma colectânea de contos anedóticos, eu já li e recomendo, uma história é a história da meia-foda, *half fuck understand?*, o personagem está doente, os vizinhos mandam vir uma ucraniana, ela recusa-se a fazer o serviço, diz que no mínimo seis contos mais o táxi. O personagem aceita e paga. Começa a foda, estão a transar já e o personagem diz que tem de ir ao wc e vai. A ucraniana, esperta, sai disparada vestindo as roupas à pressa. À saída do wc, o personagem pasmado tem à espera os vizinhos, e a gaja? Foi-se embora. Foda-se,

eu só tive vontade de mijar.

Eles riem-se e eu rio-me também, desato num griso hilariante e digo-lhes: agora imaginem isto bem escrito, este autor é muito bom.

Às seis horas, na hora de recolher à carrinha com o L e os outros colegas, digo-lhes que fiz um sócio, um casal de friques holandeses. E a moca, J, que tal? Curtiste?

Não me apercebi bem na verdade, digo eu.

Estás com uns olhinhos, tu meu tu estás eufórico, os teus olhos são avionetas, logo é que vai ser, vais à festa ao jantar no Armenia? Sim, vou-te contar uma anedota para te pôr bem-disposto.

Uma vez no tempo do botas e da velha senhora, um grupo de caravanas ciganas chegou perto de uma cidade à beira mar. Naquele tempo, eles não podiam instalar o acampamento por muitos dias e foi grande a preocupação da polícia em os controlar. Vai daí, aconteceu que num aviário, ou num simples galinheiro, deram por falta de sete galináceos. Não sabiam quem podia ser o infame pilha-galinhas mas, logo que lhes chegou ao nariz que havia *calés* por perto, a ronda começou, naquela altura os polícias não faziam greve às horas extraordinárias, a noite caiu e eles repararam numa fogueira ao longe na praia, dirigiram-se para lá a cavalo.

Os calés. Ao verem quem lá vinha, apagaram a fogueira, os guardas desmontaram e aproximaram-se, perguntaram: não sabem que não é permitido fazer fogo à noite? Foram vocês que roubaram as galinhas ao Tone Manco?

O cigano, que contou a história ao meu amigo que ma contou ontem, respondeu ao guarda: Não, não fomos nós!

E aquelas penas... de quem são? Pergunta do guarda.

Ah, são as roupas das nossas mulheres que foram tomar banho e nós estamos aqui a guardá-las.

J não percebe o alcance mas L explica: foi-me contada por um cigano, é natural que se tenham perdido pormenores de riqueza oral mas, como li nas entrevistas a Olivier Rolin nestas últimas semanas, escrevemos para que a memória que nos rodeia não se perca. Bom jantar. Porta-te como um homem. Juizinho

Venho para casa, tomo um banho, barbeio-me, visto uma t-shirt lavada e saio para a noite. Nada o previa mas os avisos e as anedotas do L, começo a pensar: e se for hoje que meto os dedos pela primeira vez numa rata molhada?

Chego ao Armenia e reparo logo nela, ela está na sala de bilhar

vestida de vermelho, cabelo comprido amarelo, é da minha altura, está com um galã a jogar bilhar. Olha para mim. Noto-lhe um brilho. Devolvo o olhar. Ela desvia-se e continua a jogar. Terminam o jogo. Sentam-se. O galã desculpa-se e diz que vai dar uma volta. Eu sento-me. Ela chama-se Dina. Eu chamo-me J.

Falamos, pedimos uma garrafa de Monte Velho, falamos já não sei do quê, falamos do tempo, dos cabelos lindos, das flores, da ganza e dos discos, da paixão dos discos, olha, o L tem um primo que se chama J... quero dizer eu Z, olha, o Z... o Zulmiro é tão insolente que chega a ser fino, um mano gentil para todas as lojas de discos. Quando lhe chegam as notas azuis à mão, o Z que também é Maria faz a festa, começa por acordar sem despertador precisamente antes de se iniciar a transmissão do programa *Palavras de bolso* na rádio clássica e felizmente pública, para qual o Z M, que é Belo de apelido, paga uma taxa na factura da luz àquelas três gargantas chinesas e ao Ameixa, Ximenes Laurindo, seu primo que também beneficia por ser o homem do cadeirão. Depois de ouvir as vozes do programa, levanta a persiana, oscula o ar e verifica se o sol está presente. Dirige-se à cozinha, prepara café, toma uma chuveirada rápida no polibã, recolhe a chávena de café, volta para o quarto e, enquanto os jornalistas culturais da rádio falam e apresentam as novidades do dia, ele começa a pensar em listas. Ele não sabe o que nasceu primeiro: se as notas azuis, se as listas de discos a obter, aquela reimpressão daquele álbum lendário que acaba de chegar à loja da taune, o Z pensa: ora, disco é cultura, cultura é droga fixe, a droga mata a fome, com esta nota azul vou comprar o Gonçalo F. Cardoso e as suas *Impressões de uma Ilha*, vou ouvir o disco e vou ser feliz ao imaginar-me em Zanzíbar a viver da pintura de cocos, diz Z que também é M que também é B, que se vestiu de fato branco do melhor tecido e com um gorro branco a dizer *Hamster D*, para ir à loja. Como habitual em todas as lojas que frequenta, em que é um habitual, de cada vez que lá vai é bem tratado, gostam dele em todas as lojas, gostam também quando ele compra aquele disco que mais ninguém compra. Z sente-se extasiado quando sente que chegou ao disco primeiro que outro vagabundo qualquer e tão insolente quanto ele, gostam tanto dele que a M chega a ter ciúmes de tanto sorriso e apertos de mão e promessas que transpiram, porque o mundo vive de promessas, eu cá acho que eles pensam que ele é rico, porque gasta tantas notas azuis em discos como o vizinho em tabaco Regina, os padrinhos em jantares a dois com licor Beirão. O que eles não sabem é o que eu vou

contar a seguir, eu que sou o espelho do Z que também é M e também é B, fui eu que lhe dei o nome, uma homenagem orgulhosa à tia, e ao maior surrealista António Maria Lisboa e também ao Ruy, o saudado e saudoso Belo. Tenho a dizer-te o seguinte: o Z é um drógado, é um viciado em música em suporte físico, também faz dauneloudes mas se gostar do som, ele quer obter aquele disco, aquele capa em cartão, ah!, como ele gosta de observar aquela serigrafia em cartão e capa do segundo disco dos Cassiber à luz do sol, como ele gosta de desmaiar quando ouve o sax do Albert Ayler a chorar em *Vibrations*... só visto!, eu sei do que falo, estou presente como espelho de canto de quarto nesta sua nova casa, vejo a moca que ele apanha quando põe o cedê gravado da k7 *Super* dos Nihil Aut Mors, enfim que dizer... eu quase que aceito o modo de vida dele, ele é feliz assim sendo um drogado musical. Mas para muita gente põe-se um problema: donde vêm as notas azuis? As lojas não se importam, querem é que ele consuma, mas os vizinhos já o acusaram de ser contrabandista e traficante, chegaram a dizer que a droga entrava à noite em casa pela calada, palhaços!, grandes estrumpfas do calhau mais longe do sol!, nem sequer imaginam que a droga vem via postal e entregue pelo carteiro, ainda hoje chegou uma edição de 180 gramas em vinil preto da banda sonora do filme do Gainsbourg, sim o J*etaime*!, mas aí o Z até que ficou desiludido, achou que a música era como droga marada, daquela rena que sabe a petróleo ou parece pinheiro, quando não é mesmo louro como na cidade vermelha, chegou a acontecer, tanta versão do jetaime e nem uma única cantada pela Jane e pelo Serge. Mas o Z arranjou solução, sabe que um *dealer* nos Países Baixos tem para venda uma reimpressão do single, vê lá tu!, sete polegadas de droga com a voz da Jane e do Serge por apenas um conto de kenga mais portes... o Z espera ansiosamente o próximo dia oito, o dia em que chegam as notas azuis, entretanto ele mandou-me dizer-te que mais tarde, não tenhamos pressa, bebamos o vinho com calma, saboreemo-lo, vivamos o momento, tão bom estar aqui contigo... mais tarde... podíamos passar por minha casa e ver no vhs um filme concerto de um jamaicano chamado *Eek a mouse* em San Diego, que dizes?

Ela diz que mora para os meus lados e aceita. No Armenia ouve-se *Hare, hunter, field*, uma compilação da Johnny Blue. Reconheço a última faixa que termina com grilos, não dizemos nada, saímos e começamos a caminhar a cidade, é tudo tão natural, penso, tão belo, tão simples, ela é bela, a Dina é linda. Não sou eu que a engato, ela é a

que me engata. Caminhamos, falamos, tudo tão simples, falamos dos versos do pai do Tarkovsky, falamos das *Asas do desejo* que passou na última sessão do cineclube, chegamos a casa.

Subimos ao terceiro andar pelas escadas. Abrimos a porta e cansados vamos para o sofá da sala, ela diz que tem ganza, eu digo que sim, temos de ir para a varanda porque aqui em casa ninguém fuma, ela faz o charro e fumamos. Outra onda de energia, mais paz, os músculos relaxam, não há mais ansiedade, beijamo-nos naturalmente, naturalmente como se estivesse destinado nas estrelas que nos encontrássemos esta noite e nos fizéssemos homem e mulher juntos, acabamos o charro, voltamos para dentro, naturalmente tiramos a roupa um ao outro, ela deita-se no sofá, eu por cima mas a posição é-me incómoda, sou virgem, ela toma a iniciativa, rebola e vira-se como uma gata, convida-me, acaricia-me, guia-me o membro na direcção certa, escolhida por ela, penetro-lhe a cona. Ela diz para eu ir e vir devagar, ir e vir devagar e sentir. E eu sinto. Sinto-me bem dentro dela, sinto os espasmos do meu membro, tão agradável estar dentro dela, vou e venho, vou e venho, devagar, venho-me dentro dela, é como uma tontura, uma quebra de tensão em que perdemos por momentos a consciência e entramos em *blackout* e os espasmos vão e vem, *a pequena morte*, compreendo agora perfeitamente o verso, o prazer.

São aproximadamente cinco horas da manhã. Deixei o Armenia em plena paz, hoje diverti-me sozinho, outra vez Muslimgauze e os grilos na cabine de dijei. A chuva continua a cair miudinha e os poucos candeeiros intactos reflectem-se nas poças de água existentes no passeio. Sei que estou sem rumo definido mas estou cansado, vou-me sentar num banco do jardim. Vou enrolar um cigarro. Tenho, no entanto, a sensação de que alguém me espia, alguém que poderão ser muitos, três mil pessoas a apontar o dedo ao consumo de fumantes no local de trabalho. É melhor ter cuidado.

C deita-se ao comprido enrolando-se na sua longa camisola cinzenta. Quando em estado de sonolência, o sino começa a tocar a *Sexta sinfonia, segundo movimento* de Glenn Branca. Quando adormece entra num cenário artificial. Está num leito de madeira usando uma camisa fina, branca com folhas à caubói e umas calças pretas de flanela. Está descalço. Numa fracção de segundo, uma pequena luz branca toca-lhe nas virilhas mas logo se esvai para longe. Então, C acorda sobressaltado olhando para todos os lados, para as seis barreiras que o separam do

espaço real. Nem uma só janela. Ao longe, nos cantos dessas barreiras minúsculas fosforênciais, formas que sugerem pirilampos começam a luzir. Ao princípio inofensivas, depois começando a agitar-se. Alongam as suas espadas de laser em várias direcções mas sempre aproximando-se, os tentáculos chegando perto. Não sabe o que fazer. Nem uma só janela. Uma luz verde atinge-o no ombro, é a sua cor favorita, a marca fica registada, torna-se o símbolo de uma primeira acção. Um olho verde. Um risco verde imiscui-se na cor branca da camisola que transparece a cor vermelha do seu corpo. Uma voz de igreja diz-lhe: eu perdoo-te C, eu perdoo-te, eis a minha bênção. Não sabe o que fazer. Sente calores frios pelas costas abaixo. Nem uma só janela. Agora é a sério. As luzes lançam-se de frente para ele e sem lhe tocar, vão-lhe tirando as medidas exactas, esquadrinhando ângulos, amplitudes. Já não está deitado, sentou-se na borda do leito de madeira. Puxa de um cigarro mas uma luz vermelha tira-lho da boca. Compreende então que está perdido. Nem uma só janela. Repara que, do seu lado direito, um fuzil de Napoleão espera que ele lhe toque com carinho. Os calores frios então invertem o sentido da sua marcha, encontrando-se agora ao nível do pescoço. Dentro de breves momentos estarão já a subir pelas faces albinas em direcção às poucas madeixas que ainda possui. Surgem então os tambores. Vêm do lado daqueles poderosos lasers. Começa a limpar o fuzil. Repara que só tem um cartucho, tem ainda, para o caso de precisar, a baioneta Justincase. As luzes continuam a fazer-se notar em movimentos tipo tiro e fuga. Faz tenção de colocar o velho fuzil no ombro direito e olhar pela mira telescópica uma rua calcetada ao fim da tarde e ou a fachada de uma casa de pedra. Desce a rua sempre com os olhos na mira, apontando às luzes que continuam a surgir. Pára numa fonte. Do outro lado a casa acabou e tu e ou ele pode ver uma cerejeira com pequenos gémeos idênticos, idênticos e violeta e púrpura, um menino e uma menina. Então, uma luz surge uma vez mais, uma luz púrpura e ele não resiste mais. Foca o alvo e bang... um pequeno melro cai em espiral a seus pés junto aos cantos da fonte. Continua a olhar pela mira e vê esse melro transformar-se num gato bebé com um pequeno ponto cruz no seu peito, o ponto de mira verifico eu. Quando a ferida sara, levanta-se e ronronando vai beber um cálice de Porto e desfrutar deitando-se a seus pés, pedindo alimento enquanto C olha de pé o fuzil, que sendo comprido é o seu terceiro membro. Após uma breve interrupção, as luzes voltam, surgem agora aos milhares. Começa agora a suar de verdade. O fuzil roda no ar e

na última extensão do seu corpo, as luzes atingem-no em todas direcções, electrochoques cegam-no momentaneamente, destroem-lhe os nervos. No entanto, não desiste e continua a apontar o mais que pode, consegue até que as luzes se extingam por momentos, sendo substituídas por tambores em compasso de espera. Agora, também ele espera, ouve, está sentado numa sanita imunda. Tem o fuzil em pé, é o seu terceiro membro, ele espera a descarga, pressiona o esfíncter. Os tambores deixam de tocar e ela surge, a luz negra, o eclipse total. Então, C levanta o fuzil, vira-o de encontro a si próprio com a baioneta mesmo à frente do rosto. Ela, esta luz é agora parte constituinte do fuzil e pretende engoli-lo. Um último compasso, um último tambor. R puxa para dentro de si a baioneta, a luz apaga-se e tudo termina.

C acorda do banco de jardim todo encharcado e cheirando mal. A seu lado, vê no chão estilhaços de um candeeiro preto. Passa o coveiro com a sua lamparina antiga a óleo. C olha para o relógio. Seis horas da manhã. Decide segui-lo, ele vai completamente nas nuvens, nem parece reparar. Entretanto, C recuperou os velhos sapatos e a camisola cinzenta. Faz agora planos de enrolar um cigarro enquanto sobe a rua atrás do coveiro. Com uma medalha de cem metros olímpicos do agora fundista Bolt na lapela, este entra já numa álea em terra batida rodeada por árvores enormes, que não consigo identificar e que dão acesso ao cemitério. Do outro lado da rua, vê-se a silhueta de um megaempreendimento de alojamento local com piscina privativa. Quando finalmente C o apanha, o coveiro começa a falar:

Ontem, o meu filho contou-me uma história que ouvira sobre o malogrado regresso de um homem após uma longa estadia no éter. Aterrara no mesmo lugar de onde tinha partido trinta anos antes mas agora nada de pompa ou circunstância. Tudo vazio. À saída, apenas viu uma pessoa velha de bengala. Pensou em chamar um táxi mas desistiu. Comprou a bengala ao velho. Seguiu a pé decidido a encontrar alguém que lhe explicasse o suicídio. Nem sequer um ramo de flores. Finalmente, entrou na cidade às dez da manhã, a coelhinha da Páscoa vinha na sua direcção, ouviam-se os pássaros saindo dos ninhos numa palmeira, fugiu dela atravessando a estrada fora da passadeira, encaminhou-se por um carreiro em terra, que cortava o caminho, evitando o semáforo. Ao virar a esquina à direita, viu um vulto de cavanhaque e careca mas não o reconheceu logo, ficou com a impressão de o conhecer de algum lado. Foi uma visão de milissegundos. Viu-lhe a t-shirt preta que nas costas parecia dizer Polícia, estava acompanhado

de outro homem. A visão foi momentânea e aterradora, fez por não ver mais nada, imaginou uma rusga, que andariam eles cuscando? Passou por eles e, à sua frente, outro elemento os tinha deixado, pensou nele como um paisano indo averiguar as redondezas. Segundo o que o meu filho me disse, o homem, o cientista que voltara do éter, durante trinta anos não tomara a medicação simplesmente porque não havia farmácias no éter. Atacado por delírios paranóicos de perseguição, ficou petrificado por momentos ao ver os três agentes de autoridade e, quando ouviu um deles chamar, viu o terceiro olhar para trás para os seus colegas e também para ele. Teve uma analepse mental, foi como se também o homem de cavanhaque o conhecesse doutros tempos. O nome chamado pareceu-lhe um som familiar mas antigo e distorcido, seria eu quem ele queria interrogar? Diz o meu filho que o homem escreveu umas frases assim e meteu-as num envelope que mais tarde foi encontrado. Ficou paralisado mentalmente mas isso não o impediu de ignorar o chamamento e seguir caminho. Não se podia denunciar, não podia denunciar ninguém. Caminhou pela rua apoiado pela bengala e tropeçou numa velha vigorosa que se dirigia para a igreja, de olhos cegos falando-lhe em modos incompreensíveis. Dizem que era a sua única mãe, diz o coveiro fazendo uma pausa. Então, continuou a andar estupefacto, viu três sombras verdes saindo das lojas de conveniência. Resolveu ignorar. À sua frente, viu três velhos vestidos de fato e gravata, mostrando cartões a meninos e dirigindo-se igualmente para a igreja. Pensou em igreja e pensou em pedofilia. Parou nos semáforos dando prioridade aos táxis amarelos e laranjas surgindo desgovernados. Quando finalmente a sua prioridade verde surgiu e atravessou aquela rua, parou numa montra para ver uma serie de quadros com o nome de *Cenas de um covil*. A princípio, não quis querer mas os seus olhos não o podiam enganar com tanta certeza. O homem, continua o coveiro, ainda não pronunciara uma única palavra. Mesmo na compra da bengala, avaliara primeiro e oferecera um valor generoso, limitara-se a apontar para a bengala com uma mão e a colocar as notas no bolso do velho. Não dissera uma única palavra, não lhe saíra sequer um ai, um pio que fosse, um insulto contra a desolação, nada. Foi esse o erro. Quando gritou de espanto ao ver aqueles quadros, não reconheceu a sua própria voz, aquela voz doce que a sua mulher, de cabelos ligeiramente pretos, lhe dissera que ele possuíra. Então, acreditou que era mesmo ele, aquilo que via no vidro quebrado da montra era ele. Não havia um pingo de dúvida, não havia um moks para fumar, não havia

escape para a angústia, nunca mais dormiria oito horas seguidas, nem mesmo recorrendo aos mesmos narcóticos que assassinaram o Prince. Uma cópia, uma imagem, um ser disforme e retorcido, sem dentes, sem cabelo e verde, muito verde. Destroçado, continua o coveiro, o homem decidiu largar a bengala, já não precisava dela, ultrapassou a ponte e chegou à estátua de Cristo, subiu a custo lá cima, observou com calma, com toda a calma possível do momento o espaço, tão diferente de tudo aquilo que deixara para trás em prole da descoberta científica, e depois atirou-se. Morreu como papa no chão da cidade vermelha e foi transladado para este cemitério.

C interrompeu perguntando: essa história foi inventada ou está escrita?, que idade tem o seu filho, é albino?

O coveiro respondeu que todos o somos um pouco mas que isso não passa de um pormenor que em nada pode alterar os propósitos pelos quais você me seguiu.

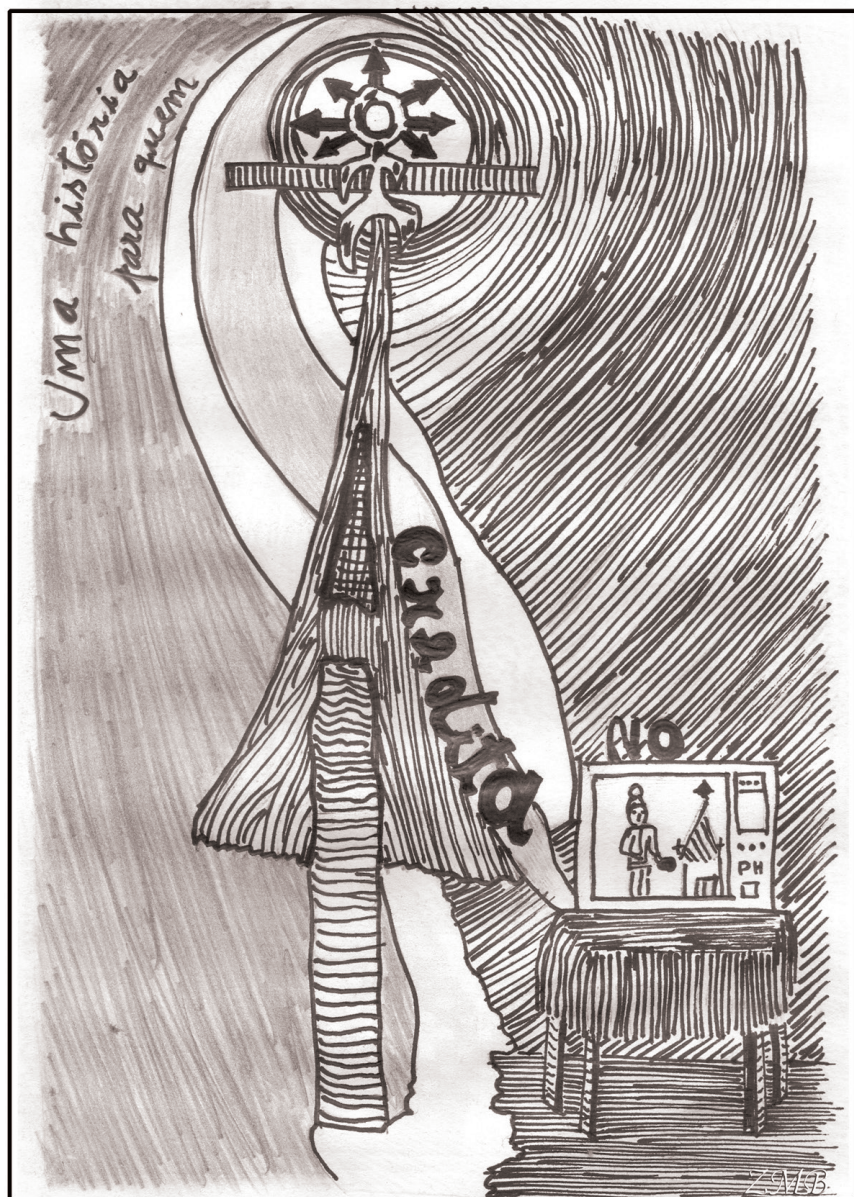
Havendo dito isto, parou num túmulo e disse: aqui pode ver com os seus próprios olhos a campa desse homem que nunca foi reconhecido, pode ver também que, por ele, velam dia e noite, consegue ver não consegue?, um anjo com sombra e um pote de flores albinas.

Sim, vejo um anjo azul, lindo como nunca tinha visto antes. Obrigado.

O coveiro sorriu da crendice e da humildade presente neste agradecimento, esteve uns momentos olhando para C avaliando o seu coeficiente de inteligência e pensou que Lombroso estava definitivamente errado. Sacou, então, de um charuto havano, deu dois bafos profundos, osculou ao som dos pássaros madrugadores porque sofre de doença pulmonar obstrutiva crónica e resolveu-se finalmente, abriu o jogo de modo paternalista.

O homem, sabe, passara uma temporada na Holanda, a única frase que conseguiu aprender foi esta que está no epitáfio, ora veja, veja se consegue ler, o musgo enferrujou as letras, e sabe que mais, quem contou a história ao meu filho foi um amigo numa noite de borracheira, foi o filho do homem e de uma dama evangélica, o filho nunca assumido pelo pai, este homem que morreu nunca soube que foi pai duas vezes. Este homem era violento em casa, na realidade não era nada um cientista, era um mero transportador de malas com dinheiro e sabe-se lá que mais, bares de alterne em Staa onde grupos de espanhóis pedissem para trocar as pesetas... ele saberia que as pesetas e os escudos lá ficariam, fumadas e bebidas, acordariam na tarde do dia seguinte

dentro da sua mala. Ele, na realidade, fugiu para a Bósnia, ofereceu-se como enfermeiro numa milícia de ciganos. E fugiu porquê? Porque a mulher baptizara a primeira filha sem lho dizer, sem ele próprio saber o dia. Pois, quando soube nesse mesmo Domingo de baptizado, desfez os cunhados com as próprias mãos. E fugiu, já estava a apresentações semanais por violência doméstica, um dia faltaram-lhe trinta contos da mala e verificando os passos do dia, lembrara-se de perguntar à mulher, a mulher cuspiu-lhe na cara: sim fui eu, aliás não precisas de tanto graveto. Ele raivoso, deu-lhe uma chapada tão violenta que a deixou com um hematoma, depois bateu no próprio irmão que acudira aos gritos da cunhada, o homem... era um mastodonte, desfizera com um cepo de carvalho um grupo de vizinhos que jurara vingança e lhe fizera uma espera na linha de comboio, quem os fodeu foi ele. Depois fugiu. E não voltou do éter coisa nenhuma, voltou simplesmente num avião repatriando os refugiados de guerra, o seu advogado dissera-lhe que seria amnistiado, o consulado pagou as despesas. Sem cheta e deprimido e sem notícias de familiares vivos, a filha morrera num acidente de viação, o homem, quando soube, saltou da janela do terceiro piso do miradouro sobre o rio. A mãe contou finalmente ao filho a verdade sobre a identidade do seu pai e este filho recolheu os pertences e mandou escrever o epitáfio, este que vê aqui: *Ik ben een zombie*.

Uma história
para quem
NO
ZMB.

Sabes o que vem a seguir? O fim do mundo.

Uma história para quem acredita no Pai Natal

C Capítulo XXV
Elph: Ended

Olá! O meu nome é O e, neste momento, estou sentado em frente de um computador emprestado, empestado e sem um antivírus operacional. Ao carregar no teclado as palavras deste ficheiro, aparecem mensagens vindas de Bandong, Indonésia, deslizando na barra de estado do monitor pelo que classifico este meu vírus como uma contagiante infecção venérea hospitalar. Gostaria neste libelo de descrever onde o pecado habita clandestino, onde habita ele, o meu ego inimigo.

São exactamente dezoito horas e vinte e dois minutos. Levanto a cabeça e olho pela janela. Recomeço a escrever o que vejo. Vejo uma palmeira, uma pereira e, ao fundo, o quartel e, então, expludo: é fodido saber que o estado de repressão social se estende à famigerada e porca privacidade das linhas telefónicas! O gestor de carreiras disse-me esta tarde: foste verificado e tudo está ok. Foda-se, o que quis ele dizer com isso? Fui investigado e estou a ser vigiado e falado nas minhas costas mas ainda nada leram de oficial ou dizem que nada leram, e há mesmo colegas que soletram palavras específicas do ficheiro que repousa neste computador, terão eles lido as palavras não finalizadas quando deixei a chave com a Lili?, é, quase de certeza, acharam-nas nojentas e, agora, atiram-mas à cara e escrevem desvelos de areia para os olhos nos jornais da especialidade.

Paro para fumar um Português Suave amarelo, acalmo, regularizo a respiração, reflicto, inspiro o fumo e ao expirar escrevo: como hoje é dia de consoada, os tropas não estão a treinar. Devem estar com a família ou com os amigos. Gostaria por isso de desejar um bom Natal para todos os cidadãos desconhecidos vivendo nesta sociedade podre, a sociedade dos dias deles, dos vivos... neste pequeno rectângulo à beira mar plantado, como disseram os nossos poetas. Poderia dizer que nós, os mortos, estamos todos fora... no entanto todos somos porque, mesmo mortos ou vagabundos e desconhecidos, nós queremos existir... em ingalês, a expressão de base é *we are all out therefore we all are...*

Agora recordo as vozes que ouço, vozes numa fábrica PH. As vozes dizem:

Olhe, ó chefe? *Uma bica e um neubauten...*

Olhe, por favor tem sebo?

Olhe, por favor? Em inglês senão eu não percebo...

E vai daí que o chefe, passados os seus dias de férias, resolve oferecer bolachas a meia sociedade das lâmpadas... e perguntam vocês: bolachas porquê?

Ora... eu cá não sei nada, não vi nada, não me perguntem nada porque eu sou muito antigo e passei de moda, verdadeiramente eu nasci na Idade Média e, nessa altura, não havia bolachas daquele tipo, por isso... só posso duvidar mas intuir que o chefe ofereceu as bolachas para dar graxa e ficar bem visto depois de eu lhe descobrir a careca. Foi ele que me chibou, não gostou que eu fizesse cara de nojo quando ele disse ser natural apalpar os subordinados.

Os sons cantam:

Estamos todos fora, no entanto todos somos...

Caímos no olvívio...

Caímos no olvívio...

O longo éter no silêncio...

O longo éter no silêncio...

O longo éter no silêncio...

(Acção)

Desloquei-me à cidade e caminhava descendo em direcção ao canal. Passava das duas horas da madrugada, ouvia AMM através dos auscultadores ligados ao leitor portátil de cassetes e não fazia frio neste jazz. Desculpai-me se sou contraditório mas penso que nada é real porque nada faz sentido. Deveremos despir esse nada de adereços, este acto de amor deveria ser equivalente a desabrochar uma flor e sentir *o milagre da rosa* surgir. Deveremos parar nos samples de ruído dos friques japoneses Ground Zero e depois chegar aos conceitos zen de John Cage e ao livro *Fogo pálido* de Nabokov.

Ó que caralho, eu nunca li esse livro do Genet, tenho-o mas não compreendo o francês sem dicionário, logo a equivalência que fazes na frase anterior é gongórica e estapafúrdia. Por isso, a sinceridade de um escritor manifesta-se tanto mais graciosa quanto melhor ele se souber distrair do tédio e se abstrair do coração, ele deve ser autoabjecto. Todo e qualquer sentimento ilógico deve ser escrito, todo o tipo de falhas súbitas no universo, devem adicionar-se palavras a este universo dos dias de hoje perto do fim errado do milénio, palavras claras como, por exemplo, o sol anula-se totalmente perante a lua que o esconde ou

protege, isto deve ser escrito... e ele anula-se ou ama-a? e deixará de considerar o amor como a posse de um objecto?

Paro de escrever. Não faz sentido nenhum a frase anterior. Ou faz algum porque é uma frase semi-real. Mas como escrever frases claras se oscilo entre o meu amor ser por ela ou pelo livro em que a transformo numa gadeusa já distante e perdida?, o livro em que a torno sobre-humana, um peso, um segredo que nenhum mortal pode suportar.

Então digo, digo de uma vez, aqui a nossa partilha torna-se maior: estou em autêntico estado de espiado policial. Estou louco eu sei. Estou a encarnar a personagem do padre António Vieira o português ou a personagem do Michael Gira de joelhos perante a audiência em New York. A minha audiência são os peixes. Porque ela não quer ser a audiência, ela recusa ler o que escrevo, ela quer viver a sua vida longe e sem contacto comigo, e eu sei que ela tem esse direito mas... é difícil aceitar.

Continuo a escrever mais frases soltas, os futuros estatutos.

O objectivo desta política é atingir a luz fria, a luz branca, não nua mas despida... é atingir a única realidade que interessa, a realidade objectiva. Para isso, é necessário despir os adereços. É necessário ir contra o destino e dizer: o meu comparsa L refere uma profecia com amor, ele assume o amor, esse amor que já não quer, escreve o livro metendo nele tanta relatividade de opiniões... escreve para o anular talvez, escreve talvez para se anular, para ser guilhotinado. L esvazia-se à luz do sistema vigente na Sociedade Alfa Beto em que todos os filiados no partido PDSC são eles próprios angariadores de inscrições. L diz: angariem todos os votos, distribuam todas as flores e rosas ao senhor engenheiro, e não só a ele é claro, ao SIS também ou lá como o caralho se chama agora, e que, pelo menos, uma vez na vida deixem ou façam com que as crianças de todas as idades acreditem verdadeiramente no pai natal que desce dos céus, os céus de embuste com as suas renas e veados e trenós e pequenos cavalinhos com camisas engomadas de uma só cor: branco seda. Ora, eu O, ao mesmo tempo, pretendo dizer: adoro todas as mulheres com características intrinsecamente femininas, adoro-vos a todas, a vocês todas ofereço um quadro que chegará um dia até vós através do processo de transmissão telepática, através do bater dos meus dedos nas teclas do meu *hard disk*, é para isso que escrevo... ou não serão assim todos os anjos, todos os mensageiros, todos os processos de levar o mercúrio ao estado puro do sol ouro? Azuis. Pelo menos, em teoria de sistemas, nos dias da sociedade de

informação e das redes digitais de transmissão de dados é possível eu mandar um beijo a todas as mulheres que amei. A poesia, a minha androginia em forma de bivalve, no fundo, gostaria de fazer amor uma vez mais contigo, uma última vez talvez quem sabe?, e quem sabe?, se calhar com todas vocês ao mesmo tempo. Não é mentira é verdade. Talvez isto não passe pela cabeça de ninguém e, se calhar, só no domínio estético da tarde de um qualquer sistema vigente... o observado ou observador numa pequena caixa rectangular com rebordos de plástico da marca PH. Porque hoje em dia tudo é plástico e já não se compra madeira. Já não se vai à bouça na véspera de Natal cortar o pinheiro de natal, compram-se, isso sim, pinheiros de plástico e bolas de plástico. Ainda há quem pense que uma mulher é apenas o equivalente a duas esferas e um pequeno triângulo invertido... não... uma mulher é mais do que isso... é toda uma orografia... é também tudo o que está à volta e tudo o mais... pedalar pelas suas colinas ah santas perversões abençoados todos os deuses pagãos... mas rasuro e por cima escrevo e digo cristãos porque estamos na época de natal e na noite do nascimento do menino não podemos permitir que a nossa consciência possa alguma vez ser mais irónica mais cínica. Repara na duração desta última frase sem vírgulas apenas com reticências e bolas de natal. Que todos os sistemas recebam como prenda de natal, oferecida por todos os cidadãos desconhecidos ou mesmo não-cidadãos, todos os presos, todos os dependentes, todos os renegados e solitários, todos os cidadãos de todas as idades e credos vícios objectivos eventualmente reprimidos pelos seus próprios recalcamentos morais ou os morais da sociedade vigente... que todos os sistemas recebam uma enorme bola de natal, esteticamente vermelho-vivo e digna de um monumento com recheio de esperma com chantili ou mesmo o mais íntimo esmegma. Tudo ao gosto do meu mais odioso e misantropo eu Julio Cesar, o JC e as suas cuequinhas anti-cheiro de acordo com o seu ódio. Ad aeternum aqui. J ou JC superestrela diz que não sente culpa de nada. R fixa o instante onde J gostaria de ter levantado o dedo bem firme e cheio de esperma contra a face de quem um dia o ofendeu. Estou a anular tudo e a tentar que aceites o motivo pelo qual disse o que disse, o facto de não te ter em presença real e física aqui ao meu lado neste dia de natal tanto tempo depois existem coisas que levam tanto tempo a encaixar na cabeça de um homem, onde a minha cabeça física se confunde com a da minha consciência fálica. Pelo menos, é esse o significado por detrás de um desenho moral que o meu duplo que tem nome, habita o

meu corpo e pinta pelas minhas mãos desenhou um dia para oferecer a todos vós, públicas consciências microfones altifalantes e telefones ruços os telefones mais importantes que a sociedade vigente coloca em casa de todas as famílias na época apocalíptica dos três últimos meses do ano errado para o fim do milénio, essa mesma bola de esperma e vermelho-vivo.

Paro de escrever.

Penso que será melhor dizer que estou doido, que ninguém tem culpa que não se perceba o que escrevo, sou eu a olhar para o espelho do meu computador onde se continua a reflectir a imagem: não me uses porque sou doente; não quero espias à volta *ad aeternum*.

Gostava de dizer a todas espias o... brigado por destruírem o meu amor, o meu acto de amor, a explicação do meu acto de amor por ela. Mas a verdade é que eu abro sempre a porta, dou mesmo a chave às espias. Elas lêem, sentem-se ofendidas, dizem: a partir de agora é contigo. Por isso te digo, é mesmo para te assustar, quero que dês cordas aos ténises e deixes de ser empata-fodas, só crias ruído e distracção. Já sei que não ganho nada com isto mas in-digno-me. Porque será que as pessoas tem medo de dizer aquilo que pensam acerca de todos os seus sistemas e anti-sistemas? Desculpem lá ó benfiquistas que me escutam, não tenho nada contra vocês mas todas as minhas personagens são do fcp... uma vez em terra de benfiquistas, estando eu na sala do alfa beto composta por meninos, ouvi dizer tudo o que lhes ia na alma: talvez tenha medo de perder o emprego!

Dizem então os neutros: viva o Sporting.

Vou citar Bataille: o erotismo é a afirmação da vida na própria morte.

Não morram portanto. Não confundam o acto com fé.

Deixem-me escrever um poema chamado Scuascraamo:

Senta-te em cima de um penhasco. e pensa. Convolui-te com a tua mente. Ultrapassa a fronteira. Atira-te e recorda. Sente os teus conhecidos. Chorando por ti rezando pela tua alma. Recorda o teu passado. Pensa nas boas e más acções. Admira os teus momentos de felicidade. e chora. A sorte não te premiou como devia. Mas não te esqueças. Os mortos também dançam.

Morrer não vale a pena, mas para vocês a história que conta é: o autor deve morrer para, só depois, ser lido, almoçado, comentado e vomitado, e alguém com isso lucrar. Pois eu adiciono sal e pimentão ao azeite, cozinho a papinha e sirvo o livro directamente do forno da curiosidade. Há quem não me julgue capaz.

Vocês não podem compreender. Podem espiar-me, violar o meu silêncio, dizer de mim o que quiserem. Considero-me louco, é esta a consequência de ter sobrevivido, fiquei louco ao deduzir que talvez não me quisesse, de verdade, matar mas apenas ganhar verdadeira matéria para escrever. Tudo era falso até aí, tudo era apenas sonho depressivo, agora apetece-me destruir esses símbolos, já tão longe, tão distantes.

Porque não mandar à merda esses nomes? Afinal, lemos denúncias de supostos roubos e como resposta escrevemos alegorias de estado policial, sabiam que a violação da privacidade é crime? Se não é devia ser. As letras, os nomes tal como a escrita, a pintura, a engenharia e os selos das cartas são também meios de se contar uma história, explicar um acto.

De qualquer modo já ninguém vai preso, só os pobres. A justiça não parece ser para os pobres.

Se quiseres continuar a seguir o filme suicida-te. Não me venhas perguntar depois se tenho pena, porque sinceramente não gosto que me destruam, não gosto que me tentem destruir. Não quero ter problemas de identificação, não quero pessoas a representarem as histórias para mim mas se tal acontecer, então toda a minha culpa é igualmente transferida para e partilhada por vocês.

Porque não adorar o erro?

Porque não desejar com ironia um bom natal para todos os criminosos disfarçados de santos morais? Mandar à merda com discrição. Somos culpados e estamos loucos um pouco mais todos os dias, só não queremos perceber e disfarçamos de stress à beira do fim errado do milénio, snifando cultura pelo meio. A minha avó há quinze minutos disse: mais mole que cebola, mais rijo que um corno. E eu rio-me como um menino infame, com todo o fogo na língua, toda a sabedoria dos políticos, não compreendo a mensagem mas... concordo plenamente.

Somos todos putas e paneleiros dentro do sistema. Apetece agradecer o insulto. Ou arranjar um local fora que me abrigue em Lá.

Sabes o que há agora? O fim do mundo.

E em 2001? A odisseia no espaço.

Death in June diz: Os culpados não têm orgulho, não têm passado.

Eu digo: Os culpados deviam não ter passado. Somos culpados, devemos confessar quanto mais não seja para honrar George Orwell.

Queres-me? Não.

(*? you have no right to your own copy riot!*)

Estou louco e ninguém fala comigo porque dizem que falar com um louco é ficar louco.

OU
O SIMULACRO DE UMA DISCUSSÃO

A luta ou o simulacro de uma discussão

D Capítulo MM
Van der graaf generator: Killer

A propósito de qualquer coisa…

Qualquer coisa como a dama de negro que acabo de ver entrar no Café PassaTempo, hoje reabilitado, remodelado e tornado num café fino de arquitectura barroca e café a duzentos escudos. Longe vão os dias da má clientela e das rusgas policiais. Antes de toda a gente ser intimada e ir arrotar os costados para a pildra, antes do imóvel ficar devoluto, o café era conhecido na gíria dos índios por *passa em pó*. O T do letreiro tinha sido apagado com o tempo mas era um sítio excelente para concertos de música subterrânea. Nos seus primeiros dias de universidade, C lembra-se de passar pelas paredes em ruína do PassaTempo e ainda ver os cartazes anunciando o *herético triple joint*: um concerto de Lucretia Divina seguido de Pop Dell'Arte e, para terminar, os Mão Morta, na cave. Isto no tempo em que estes se cortavam com lâminas em palco e os Pop beijavam *dragquínes*. Eram estas as notícias musicais que começavam a chegar pelos jornais à consciência de C e a ele parecia que havia nascido dez anos atrasado. Agora, o Café PassaTempo é um estabelecimento para executivos no rés-do-chão onde os caloiros podem ir cheirar a arte do negócio e sentir que o futuro, esse será deles. A cave é um dancíngue privado onde antes havia pipas de vinho e almas em formol e, no primeiro andar, ficam os alojamentos da dama de negro, os primeiros que ela habitou. C conhecê-la-á no futuro como a Joana morando na Vitória mas, agora e por enquanto, ela é a dama de negro que entra no café. A dama de negro é o mistério que todos gabam e que ninguém tem.

C está ao balcão e repara, olha para ela e ela olha para ele e vai-se sentar nas mesas ao fundo. C volta a prestar a sua atenção a Maria e começa a dizer: falávamos de fiéis, Maria? Digo-te isto, sinto a necessidade não totalmente abstracta de desequilibrar a balança da minha vida socioemocional. Percebes? Uma balança. Este conceito de balança não balança permanece ainda estático para mim, eu não balanço, a minha mente não oscila entre dois pólos, eu sou polar quando queria ser circular, oscilar, pendular, bipolar... e não, eu só tenho um pólo, um eu e só tenho o eu do espelho com quem dialogar. E o eu do espelho não

serve de segundo pólo nem de segundo prato na balança, não gosto de me sentir um urso penteando apaixonadamente a barba ao espelho, preciso de outras fontes de inspiração, outros estímulos, outros eus que não eu, outras consciências, personagens com quem dialogar, com quem discutir ideias.

Conta-me uma história, diz-me ela sonhando e desviando o assunto. Quando nos conhecemos, tu prometeste contar uma história diferente todos os dias... C?, ouve... conta-me uma história...

C ignora Maria e continua: sabes qual é a verdade? Sinto-me uma criança por detrás desta aparência. Isto por nunca tive pontos de referência, na juventude não havia pessoas, só havia imagens válidas e sustentáveis na televisão, algumas na rádio, na vida real só havia imagens perdurando com um significado obscuro, esotérico à laia de Bruno... e depois hoje há este B estúpido que nos persegue... é, aquele gajo tira-me do sério, aparece na foto da audiência de todos concertos... foda-se!, eu explico melhor, por exemplo, quando entras no teu talho preferencial, olhas para a arca congeladora, perguntas a como está a carne hoje e pedes uma meia dúzia de bifes de porco, diz lá se não gostavas que ele te cobrasse menos?, e isso é tão fácil de conseguir, nem tem nada a ver com ética ou a falta dela, tem tudo a ver com querer perder ou gastar menos.

Não percebi patavina do que contaste. É essa a tua história?

Err... conheço um gajo que quando lhe chamam de egocentrista, ele considera o dito como um elogio e não um insulto, mas isso é porque o J é alienado ou tornou-se um alienado, ele nem sabe o verdadeiro significado de egocentrista, ele diz que é egocentrista mas não egoísta, mas é ele que não pesca nada, ele de tanto se humilhar perante os outros na sua tentativa de arranjar cada vez mais trocos para comprar cavalo, ele que nunca roubou, ele que nunca foi paneleiro como ele diz, ele que nunca foi prostituto para obter dinheiro para a janada dose de j, ele que vai comer a sopa dos pobres e no caminho pede a todos os que passam com olhos vermelhos e lágrimas e obrigados e deus-o-abençoe, ele J já perdeu o eu, está sem consciência, ele não vê ninguém ao espelho nem vê já o próprio espelho, e por isso se não tem eu e é alienado não pode entender o eu de outras pessoas, entra em choque com elas, quer que o seu sem-eu se torne eu pelo simples facto de ele o dizer e de o dizer maior que o eu dos outros. o seu egocentrismo é uma tentativa de existir, porque ele de facto não existe, ele é um nabo, e depois é talhante, é um carniceiro. Mas eu tenho pena dele...

Mas todos somos assim ou não?, essa é muito curta para mim, explica-te.

Imagino-o a caminhar com uma faca na mão e na outra os teus bifes tenros. Ele tenta avaliar, comparar o bife e o seu preço de modo a vender-to no acto e tu ficares satisfeita ao ponto de voltares lá outra vez. Ele corta do lombo de porco, pousa o facão e coloca os bifes no prato esquerdo da balança, ele é uma balança, ou melhor, é o fiel de uma balança, no prato direito coloca um peso enferrujado. Repara que não é uma balança electrónica, ainda não é dessas que vimos anunciadas na tevê como as novas maravilhas da técnica de pesagem, o J é antigo, não está a par das notícias e muito menos tem dinheiro para reinvestir o talho com equipamentos topo de gama. Por isso, o J é o fiel de uma balança antiga do tempo dos sixtís na aldeia, uma balança com pratos enferrujados e pesos enferrujados. Por isso, suponhamos que a balança se desequilibra para o lado dos pesos, não gostarias nada pois não?, que farias?, eheh e então, ele retiraria esse peso e a balança tenderia para o teu lado e tu?, ficarias um tanto mais contente?, não, talvez soasse forjado, então ele colocaria um peso maior mas igualmente enferrujado e andaria nisto em movimento harmónico igualmente enferrujado até toda a ferrugem ser retirada e o preço ser justo... mas quanto é, qual o preço justo?, quais as verdades fundamentais e quais os equilíbrios, quais os valores que estão neste jogo do balança não balança?

Sim... e daí? Élou... tásme a dar seca!

C continua, eu continuo o meu discurso, tento perceber-me ouvindo a minha voz e tentando explicá-la o melhor possível à minha namorada Maria. Continuo o raciocínio: penso que para encontrar as verdades fundamentais, devo procurar mudanças radicais mas... o que eu não sei é onde as encontrar, aqui no PassaTempo vem muita gente mas é tudo pessoal com o qual nada se aprende, sinto-me aprisionado neste sistema...

Tu devias era mudar de vida, largar essa literatura mal cheirosa que andas a ler e dedicar-te às aulas e aos laboratórios, em vez de estares aqui a parlar de bifes de porco cortados e pesados por um desgraçado que não tem onde cair morto.

Minha querida!, vamos lá ver se me faço entender: não existe verdade no equilíbrio quando se sabe que se atinge sempre o objectivo sem pagar nada. A verdade para mim está no oscilar entre os dois pólos do circuito electrónico, andar de um lado para o outro com des-

cargas de frequência nos condensadores. Para te dizer isto é porque hoje fui de manhã às aulas, revimos a lei da impedância, falámos em bobines e naquilo que, nas traduções brasileiras que me chegaram às mãos, se chama de capacitores. A balança é magnética e, de um lado, estão os teus bifes de porco a minha felicidade e, do outro lado o preço correcto, o meu preço.

Mas que dizes?! Tentas assim comprar a felicidade?!, pergunta ela oscilando entre desilusão e raiva. As tuas palavras, C, são ambíguas, não as percebo, têm algo de gongórico. Ouve-me, a felicidade não se compra, ela existe por aí à espera que a agarrem, chama-se a isso oportunidade, não custa nada, é só esperar e ir fazendo pela vida. Acima de tudo, não desesperar.

E então, Maria vê C a trilhar os mesmos caminhos de seu pai, lembra-se que o pai tentou comprar aquilo que podia ser para ele a felicidade, ou como ele próprio admitiu um dia, a ilusão de felicidade, porque não? Maria recorda as consequências, as conclusões foram o que foram, o seu preço justo foi o seu internamento compulsivo no Centro de ReEducação Alimentar de Derza. Maria ficou sem pai em casa.

Maria transtorna-se com este reviver do passado e grita de súbito: fica-te pelo que tens e não entres em promessas!

Está bem, digo eu, a felicidade não se compra, atinge-se, mas a felicidade tem de existir como um processo, durante esse processo é necessário oscilar deveras entre quase tudo, como chegar ao cimo da escada, ao último degrau. O problema é que não sou budista e estou farto de esperar!

Ela, triste, pede que ele lhe conte outra história, em parte por querer mudar de assunto, pois, ultimamente, tem ouvido tantas histórias meditativas e depressivas que *tou que nem posso*...

E eu sabes?, nem sequer oscilo ainda. Como posso atingir o equilíbrio?

Contas-me uma história?

Não, hoje não.

Porquê?

Lembro-me do artista de circo que está em cima da corda sempre a analisar porque não cai, sempre a tentar chegar ao fim da corda, ao preço justo. Então, digo a Maria: hoje, não tenho uma história. Estou aborrecido e, às vezes, a história é o meio de explicar um acto. O problema é que talvez se ligue mais à história que ao acto, não sei bem o que achar desse tipo de reacção, não será certamente positiva. Porquê

contar a história então?

Estás aborrecido comigo, é isso?

Não, contigo não, com nada, é isso, estou aborrecido com nada.

É apenas natural que esteja aborrecido com nada. É quase fundamental que esteja aborrecido, mas sempre com o espírito aberto para fazer coisas e merda, muita merda, a maior parte do tempo faz-se merda e, uma vez, somos apanhados pela bófia a tentar desaparafusar uma sinalética nas traseiras de um banco. De registar o espectáculo: dois mânfios imberbes e anarquistas na rua junto ao rio de Derza, noite cerrada, faróis que se acendem e motor que acelera, em cinco segundos temos a bófia em cima de nós configurando um assalto a um banco, e nós com um canivete suíço apenas, tudo por causa de uma pequena e branca placa de plástico dizendo qualquer coisa como Fechado. Era para a colecção.

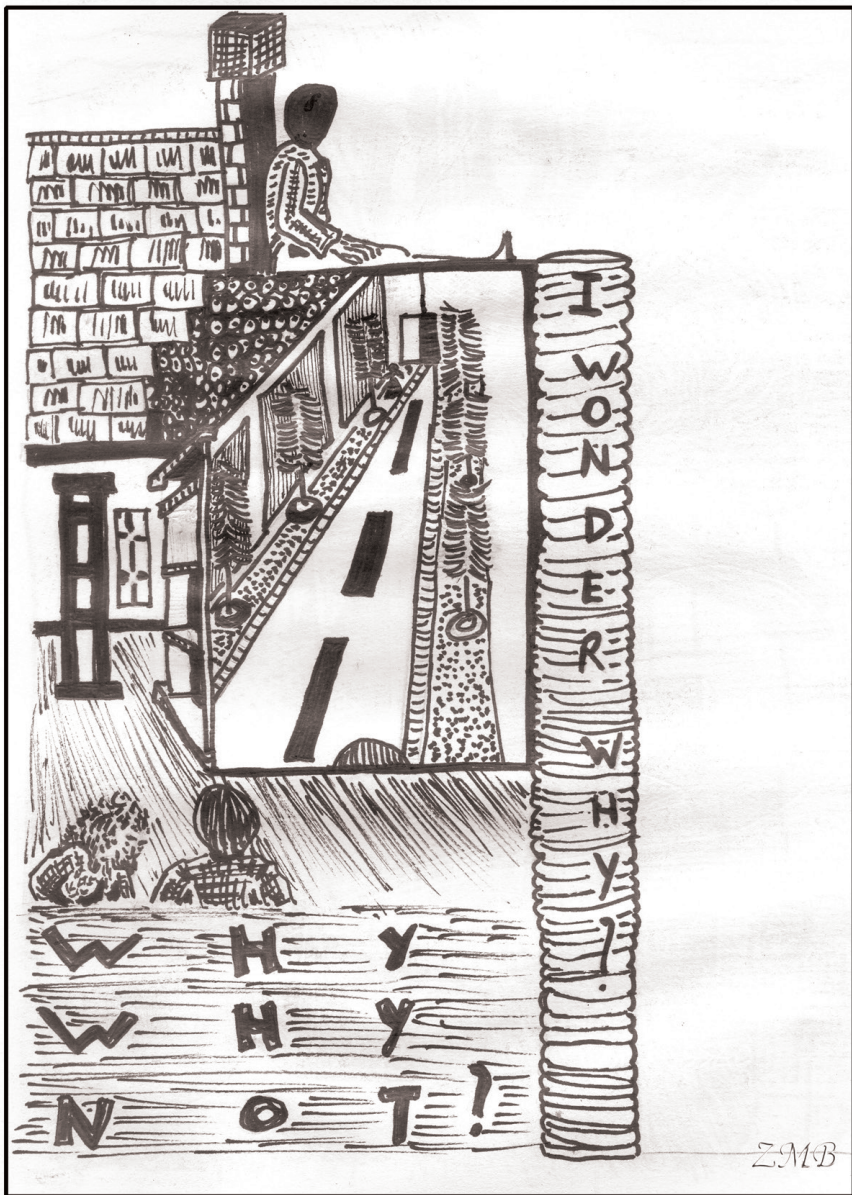
Deixam-nos ir embora sem precisarmos de ir à esquadra, tão infantil tentar roubar uma placa, sem dúvida, apenas para rivalizar com o sinal de trânsito retirado dos acessos à auto-estrada, que dá um bom instrumento de percussão, e com os crucifixos roubados do cemitério, que estão na minha parede pregados e invertidos, acto que excruciará um militante da jota cds que mais tarde me negará um emprego na sua empresa dizendo: tu és sobrequalificado, só te posso pagar cento e vinte. Quando eu digo por mim tudo bem, ele diz vou pensar, vou dormir sobre o assunto.

Sim, é natural estar aborrecido com nada como os melancólicos e a eslava compaixão mas sempre com a caneta e o guardanapo de papel, ainda o pastel de carne e o café, a pastelaria e os fetiches alheios pelas belas e jovens empregadas, eu começo a desenvolver os meus próprios fetiches por damas que trabalham em tabacarias oferecendo ao público um verdadeiro serviço nacional de fumo... mas sim, sempre a angústia de que estamos contra o mundo e o mundo todo contra nós, um dia... quem sabe, faremos algo grande, seremos vistos em toda a cúpula do alfa beto, em toda a cidade do senhor do colarinho branco, as noites do fecho dos alfabetos por todo país do colarinho branco por causa das propinas serão pequenas quando comparadas com o que nos está destinado, sim!... nós viremos nas revistas de arte e literatura, ser-nos-ão feitas entrevistas e nós responderemos coçando a mosca um pouco, plagiando a pose *cool* do Eduardo Prado Coelho.

Nessa altura, eu apresentarei a súmula dos loucos vinte anos, é mais

ou menos assim: a atitude individual é como o *Kill Yr. Idols* dos Sonic Youth, não quero saber dos grandes, não quero saber se o Saramago e o Eugénio de Andrade vêm conferenciar no auditório da universidade, a gente ignora, eu nunca sequer li Saramago, outros também não leram e mais talvez por razões ideológicas, mas eu não quero saber da polémica com as cartas de amor do Manuel Alegre, quero lá saber dos amores de um político, pff!, alguns colegas dizem: não!, estás errado, é historicamente importante.

Sei quem o público considera grande mas não quero saber deles, não são sequer ídolos, são apenas estátuas e já não pessoas, nem sequer ponho a hipótese de pensar se gostarei de com eles trocar palavras, isso não é comigo digo-te, uma vez o Michael Gira veio dar uma sessão de prosa ao Carlos Alberto, eu fui ver, gostei, havia uma banca com livros e cedês dele, e eu comprei um livro de prosa dele, disseram-me que se quisesse esperar pelo autógrafo ele estava quase a chegar. Mas eu não esperei, eu quase fugi, não quis saber. Esta é a minha atitude.

Ou era naquele tempo. O Saramago não me interessava, até que um dia li *O homem duplicado* e *As intermitências da morte*. E fiquei pasmado, surpreso, como foi possível eu ter ignorado o Saramago?!

I WONDER WHY?
WHY
WHY
NOT!
ZMB

Porquê porque não? Pergunto-me porquê...

E Capítulo minus MM
Nick Cave: Avalanche
Sonic Youth: Sonic death

Acordo à uma da tarde.

Tenho uma aula às duas, penso agora em ir almoçar. Ao me levantar da cama, noto que a minha cabeça sente algum cansaço e nela existe uma enorme branquidão nos meus sentidos, é tudo o esforço e a consequência, é o reflexo fotográfico da noite de ontem passada no Armenia a beber Bocks, a fumar charros e jogar bilhar.

Quando me dirijo à casa de banho começo a pensar: como por sistema não tomo banho em dias pares, lavarei apenas os dentes, beberei um copo de leite, calçarei os sapatos, sairei de casa, subirei a longa avenida e virarei à direita até chegar à cantina. E subirei as escadas e pegarei num tabuleiro.

Sou servido, procuro um lugar e sento-me. Não como quase nada. É o resultado de me ter posto a pensar no porquê de continuar com a minha maria, não consigo compreender o porquê de andar com ela, deve ser amor?, mas não me parece haver um motivo nem mesmo este (e é mesmo necessário haver uma razão?, seu nabo!). Pergunto-me se o acto de namorar procura a sua explicação de existir. De qualquer modo, não é tão grave como dizer: caralho... se não me deixas de foder a cabeça, vai já a maria para o caralho! Quero dizer: arruma os trapinhos e rua por favor.

Não. O porquê de pensar em tudo isto hoje, à hora de almoço, é simplesmente a discussão de ontem à noite, cuja razão pergunto se me salva. A razão profunda que Maria desconhece faz-me pensar em como reagiria ela se descobrisse. Quem sabe um dia, alguém lhe conte da dama de negro, alguém que viu e depois, naturalmente ela trair-me-á e abandonar-me-á por um belo modelo dez anos mais novo que ela...

Como descrever a nossa relação? Talvez o prefácio da vida tipo familiar, aquele género monótono para a minha idade. No entanto, às vezes, observo o lado emotivo e descubro união, esse princípio moral e fundamental da sociedade do colarinho branco. Descubro apenas uma diferença: estamos afastados da média etária por cinco, seis anos.

Somos por isso casados sem o ser e na nossa frigideira existem alguns ingredientes atractivos, como já saber fazer arroz com ovos estrelados, fritar batatas e grelhar um bife. (Fala lá da razão masé.)

Enfim, se me queres ouvir eu explico: na sociedade moral o homem controla a mulher ponto Ou melhor, este ponto explica-se, é um facto observado naturalmente: ela chega a casa, faz o jantar para a família ou dá instruções para alguém, a criada fazer. É este o seu papel. (Pareces viver desligado da realidade, meu nabo.) Ao homem, por outro lado, exige-se o dever de tomar decisões como, por exemplo, dizer onde ir tomar café, despertar o seu amor, dizê-lo, produzir provas, demonstrá-lo por actos. É necessário explicar constantemente que se gosta da maria. Pergunto-me por isso se não será, então, o homem que é controlado pela mulher. Pergunto-me pelos valores intrínsecos de masculinidade e feminilidade. (Ei! Não percebes?! Ouve zé-ninguém, compra o merdoso novo livro que está na berra, lá explica.)

Perante tantos olhares para o fundo da cantina onde a paisagem verde-água é emoldurada pelas janelas e recortada pelas pessoas que comem e se levantam para ir buscar água e retornam, conversam, levantam-se para arrumar o tabuleiro e lavar as mãos, descubro que me esqueci das horas e que ainda preciso de ir tomar café. Estou muito atrasado para as aulas. Uma aula chata já a seguir, perco-me na voz monocórdica do professor, o meu pensamento divaga, em vez de tirar notas daquilo que o professor diz, começo a escrever:

Tenho total controlo sobre ti. Partilho muito pouco contigo. Digo-te quando nos podemos encontrar porque tenho de dedicar a maior parte do tempo a estudar. Eu digo-te quando podemos sair para jantar e, igualmente, faço por ignorar certas datas consideradas especiais como dias de aniversário, dias que a sociedade moral diz terem de ser passados em conjunto e harmonia. As cedências que te faço são abortos não pensados e não desejados. Quando há uma festa entre amigos e colegas de apartamento sempre com muita cerveja e música à mistura; quando há uma ida à discoteca para dançar a nova música da qual tu gostas e eu... Maria, eu tenho de gostar também, tenho de fazer um esforço por me mostrar feliz e tenho de demonstrar perante toda a gente o meu amor por ti, que pesadelo!, às vezes, me parece. Às vezes, saio de cafés a cantar coisas dos Van Der Graaf como *estes dias eu quase só falo com plantas e cães.* Às vezes, dás-me de prenda grandes cartões que se assemelham aos que a minha mãe e irmãs me dão, grandes cartões com fotografias e desejos de felicidade, alguns ursinhos azuis e bebés

à mistura. É engraçado, é talvez estúpido, eu actuar perante ti como se não percebesse o teu desejo de termos um filho. Mas eu não quero ter filhos, não queres um filho do diabo pois não? E mesmo que eu me reconvertesse nunca teria condições para cuidar e alimentar, vestir, calçar, dar instrução a um filho. Também acontece que se vêem as nossas diferenças quando, outras vezes, eu te gravo cassetes com música que adoro e que gostaria de partilhar contigo e tu desgravas mais tarde essa mesma cassete para pôr música tipo Quinta do Bill.

Uma vez, ofereceste-me uma camisa com riscas verdes verticais e fiquei a parecer um betinho louro mas, doutra vez, troquei contigo uma t-shirt dos U2, comprada num concerto que fui ver apenas para descobrir que não era para mim, troquei-a por uma t-shirt tua, pequena e púrpura tipo feira da ladra. Foi um acto de amor e quis que fosses tu em mim, passei a usá-la sempre, passou a ser o meu fetiche passear o teu cheiro pela urbe. Tenho ainda uma camisola cinzenta mal me servindo e dada pela minha mãe tendo pertencido ao meu avô. É outra camisola fetiche, uso-a como uma homenagem ao meu avô que só se casou aos quarenta com a minha avó de dezanove. É um dos meus heróis, quero ser pé-de-lã como ele. Identifico-me com ele. Como estou na minha fase irreverente, uso o cabelo comprido porque sei que hei-de ficar careca no futuro, está-me nos genes, fumo charros, bebo cerveja, os meus dentes estão a cair porque sou decadente, tenho-te como namorada, estudo e vou as aulas, sou uma pessoa normal e ainda assim... sinto um desejo enorme de usar aquela t-shirt desmazelada e púrpura quando estou contigo no café. Do mesmo modo, quando vamos jogar bilhar gosto de usar uma camisa preta com bordados a branco, signos geométricos pertencendo a uma civilização ameríndia... talvez seja assim embora a minha cultura não me permite identificá-la. Oh filho, se calhar é apenas uma reflexão artística do designer.

Então, qual é a razão?, perguntam vocês.

Antes das conclusões finais, devo dizer que estético foi o acto que cometi uma noite quando jogava sueca no Armenia... e pergunto-me se isso não foi um rastilho para uma elipse baseada no simulacro de uma discussão e *um blufe num jogo de cartas florescer num acto de amor*, é bom querer oscilar, ser funâmbulo. Eu, ela, ela e um colega. Tinha andado a colher rosas vermelhas com Maria. A outra ela, chamar-lhe-ei de Joana.

Ela usava um fino vestido preto até ao meio das pernas suaves disfarçadas pelas meias pretas. Tinha o cabelo preto, comprido e liso.

Uma cara angular. Olhos pintados com rímel preto. Usava um casaco de lã preta e era linda. No meio de uma jogada como algo que fosse normal fazer, nós, os quatro, jogando cartas no Armenia, ofereci-lhe uma rosa enquanto olhava para a minha maria dando-lhe o sinal para a jogada seguinte.

Nunca me perguntei o porquê nem dei muita importância a este acto mas um dia após as férias, vejo-a outra vez sentada no March Push a beber com os amigos. Continua a ser a mesma linda mulher a quem oferecera uma rosa. Cumprimentamo-nos ao de longe, compro as latas de cerveja e vou ter com a minha maria para falarmos e beijarmo-nos numa inocência perdida mas só para mim. Um dia, ela tinha ido de fim-de-semana, eu regressara mais cedo. Vejo Joana no Armenia. Está sozinha.

Falamos das vindimas. De súbito e, no meio da pista, ela diz que me quer. Olho para ela. Continuas linda e eu, no meio de todas as pessoas que ouvem a banda de ocasião, pergunto porquê. Ela diz que não se esquecera da rosa por mim oferecida e que se perguntara do porquê de tal ter sucedido. Ao me ter visto e por influência desse acto sentira-se atraída e desejara-me.

Lindo! É engraçado reparar que, devido às transformadas de Fourier, transladei Maria do tempo para a frequência, convertendo-se Joana em ela oficiosa. Deixei para trás o tempo em que passava tardes a estudar álgebra ao som de Sonic Death para depois ir buscar a Maria para irmos ver a peça *A morte de um caixeiro viajante* e os mnemónicos vinte mil dólares. Deixei para trás o tempo em que lhe oferecia desenhos lembrando a ilha dos amores. Que qualidade ou tipo de amor me poderá fazer andar com uma virgem à procura do melhor momento, será o desejo de possuir uma virgem, ter a inocência? Deverei eu quebrar a ligação oficial por justa causa de acordo com os desejos do meu coração?

Constrói-se uma felicidade ao longo de mais de um mês em espaços cuidadosamente escondidos, tempos planeados, caminhamos pelas mesmas ruas desfasados de cem metros para que ninguém descubra o estilo policial e nunca entremos ao mesmo tempo em casa.

Vamos a Staa caminhar em ruas sempre a subir, imaginando um paraíso, ouvindo Fausto, dançando abraçados no clube Iz sem complexos, sem medo de poder haver espias para contar, voltando no comboio a suspirar por entre o sono e o renascer da manhã a paisagem que se vê da janela.

Há um dia em que a Maria não regressa de um fim-de-semana e nós, de acordo com o plano, ficamos escondidos no meu T0 fazendo amor e falando alto por causa da música que estava ainda mais alta, dançando em cima da cama até tocar a campainha e partirmos o estrado da cama pensando que era ela que eu não sabia se chega hoje ou amanhã, pois não tinha dado a certeza mas dissera que assim que chegasse passaria por minha casa e agora como vai ser? Rimos e concordamos em ela se esconder no pequeno guarda-fatos, tão pequeno que tenho de lhe dar um livro para ela ler no escuro, enquanto empurro com força a porta para podermos ocultar esta brincadeira de crianças apaixonadas em pleno Outono. No meio da música, visto-me e chego à porta com um certo ar louco de felicidade, um grande sorriso nos lábios, a musica é do Fausto, e quando abro a porta aparece um colega do meu colega do meu colega do apartamento que pergunta se o colega do colega do colega do colega do apartamento estava no apartamento. Quando fecho a porta, vou buscá-la ao armário e contar-lhe o sucedido e explicar-lhe num estado tresloucado que não, afinal, não era ela mas o colega do apartamento, etc, e que podemos ficar um pouco mais.

Adoro-te.

Terminado este flash a aula acaba, saio da sala e vou tomar um novo café e depois vou à aula das três. Tento estar atento e tirar notas. Venho para casa ao fim da tarde a pensar: depois chega o dia de optar pelo fim da duplicidade, tem de ser, e, para poder equilibrar a balança, eu devo julgar de um lado: alguém menina que me ensina a cozinhar, estilo: és minha namorada viste?, mostro-te as pessoas porque estou certo de gostar de ti; do outro lado alguém que me deseja num momento espontâneo, alguém experiente com a pose cool de quem não procura mas está sedenta e mo diz e, mais do que isso, age, quer-me neste momento, e não disfarça, não há jogos nem tem medo.

Ainda me pergunto porque escolhi mal. Talvez para honrar o amor que Maria me dera, a sua virgindade terminar e com ela a pureza original abalar, a serpente cumprir a sua missão, enfim... preferir a segurança e a certeza, a plena posse do amor de Maria. Porque ando eu ainda com ela?

Uma vez, não estava bem-disposto e resolvo ir ler *A Peste* de Camus para o terraço do prédio. Sento-me no muro olhando para a avenida três andares abaixo e pergunto-me em porque não me atiro abaixo. Qual o preço a pagar para não cair? Como não encontro solução possível, continuo a ler, enrolo um cigarro, telefono a dizer-lhe por outras

palavras que vou ignorar uma certa data, digo-lhe que tenho de ir de fim-de-semana.

Quando o comboio parte de Derza, continuo a pensar: eu vivo numa mentira, vivo no aborrecimento de conseguir controlar os meus sentimentos num ambiente confortável e estável, tão cedo?!

Quando chego a Tirza, saio da estação com a ideia de que, se calhar, o amor é mesmo aquilo que dizem, é aquilo que nos faz descontrolar e sorrir no fim, nos leva a essa loucura alegre, essa felicidade que eu tivera nos braços e que, se calhar, confundi com paixão pois era só uma nota de música, para haver amor é preciso optar bem pela construção da escala, ou seja, é preciso Tempo, um plano quinquenal! E numa mentira o tempo é um desperdício de tempo, nunca se consegue endireitar o que já nasceu torto. É o feitio, só pode ser o feitio de alguém que acredita em pessoas que imagina em sonhos acordados onde entra sempre algum diabo. Se calhar, é a moral de alguém baptizado que acredita nesse diabo que lhe diz: devemos ter sempre o controlo das nossas emoções, devemos ter sempre o melhor para nós, a vida não é um mar de rosas e tal...

Mesmo pensando à distância não consigo ser frio como o queria ser, nos meus olhos existe apenas o calor confundindo-se com as lágrimas, talvez por isso tenha grandes olheiras... não será só da falta de sono e do excesso de estudo. Só pode ser a moral, a moral egoísta pode dizer-nos para escolher o peso errado, o fardo de um certo conforto familiar.

Por isso, acho que não deve passar de hoje o dia de terminar. Não deveremos passar esta data juntos. Não gosto de festejar datas de aniversário, nunca gostei, não vou passá-la contigo porque não sinto vontade de o fazer e também porque quero ver quais são os teus pontos limites, isto porque ando a ler livros onde descobri certas noções acerca da continuidade da decadência após o cometimento de um primeiro acto decadente. Considero o acto de trair como um primeiro acto decadente, e considero se deverei continuar vivendo contigo talvez por conforto?, e ainda sentir desejo com tudo isto, não!, não pode ser mais.

São estas as noções que me traem. Excesso de informação agora entupida nos túneis de memórias vividas, imaginadas, lidas. Dizemos a separação chorando nos braços um do outro, ela perguntando porquê, porquê se gostas de mim e eu de ti?, e eu sentindo todo o mal que me cria remorso, um abcesso nervoso, não lhe posso dizer, talvez não me aceite mais, não o posso dizer a ninguém, vai morrer espetado no

coração e então...?!, não é disso que falamos, de quebrar agora? Estou somente a tentar dissimular um facto ou a simular um facto?

Não nos vemos durante quatro dias.

Na Segunda-feira vou à biblioteca, ando interessado em descobrir Jean Cocteau e um livro chamado *A voz humana*. Começo a ler o monólogo de uma mulher falando ao telefone, tentando fazer com que o amante volte para ela. A certa altura, Maria aparece de olhos vermelhos tentando falar comigo. Senta-se a meu lado e começamos a falar. Olho para ela. Vejo o amor que me tem e pergunto-me outra vez no porquê de ela gostar de mim, eu pergunto-me se ela alguma vez terá desconfiado da minha traição e pergunto-me se tenho culpa? Vamos tomar café. Eu com culpa nos olhos, só não choro por convenção, no entanto tenho os olhos vermelhos e ela interpreta essa vermelhidão, sei lá!?, como um sinal de arrependimento talvez ou, se calhar, o amor é cego e ela quer-me como uma cega.

Peço-te desculpa. Beijo-te com verdade hoje. Voltamos para casa juntos, contentes, felizes, é sempre assim, tem acontecido frequentemente, rompemos e voltamos, é tão bom fazer a paz...

Quando rompemos, existe um horrível choro e desespero e, quando voltamos, existe um lindo choro e uma felicidade extrema. No intervalo, passo o tempo a reciclar recordações gravando cassetes de jazz para a Joana que tive, faz anos em Junho, e para quem escrevo um poema dizendo por entre relógios, tempos e datas: já não é possível oferecer-te outra rosa.

Lembro uma vez, ao nos aprontarmos para sair de minha casa, a Joana ter decidido começar a fazer a cama. Os lençóis eram azuis e eu sabia que lá estava uma mancha vermelha. Sim, Maria perdera a virgindade antes do dia marcado e Joana reparou nessa mancha vermelha mas não fez caso aparente. Tomou sim uma pose mais digna como se fosse uma criada, ou mesmo uma mãe, e exerceu com humildade e orgulho o direito de fazer a cama, direito transformado em dever e sorriso nos lábios.

Porque fiquei eu a admirar este quadro vivo, quando talvez não o merecesse?

Porque não cheguei eu à beira dela e não a abracei com força?

Porque não lhe disse: Oh mulher! Beija-me. Eu adoro-te e eu sei que tu me adoras...

Porque lhe devolvi os brincos? Eram tão bonitos, pareciam de prata.

Talvez fosse mesmo a moral que me fez perder a dama de negro, e

ela afinal até lutou por mim. Quando no Armenia me fez o convite e eu acedi, éramos para ir para o meu alojamento, mas ela quis ir para o seu na Vitória. Começamos a caminhar mas começou a chover e abrigámo-nos a meio caminho por detrás de umas árvores nas traseiras de uma casa. Falámos, beijámo-nos, eu desci as minhas mãos e quis, ela não se opôs, mas eu não consegui. Seguimos para sua casa. Fiquei atordoado e já grogue pensei: então uma mulher bonita não me dá tesão? A dama de negro ei... será da cerveja, será por gostar da Maria? E então, Joana diz: olha, a minha casa é ali, eu vou à frente, e deixo a porta encostada. Daqui a cinco minutos, entra e fecha a porta contigo. Ok, ela deseja-me, o meu falhanço há pouco não a perturbou porque talvez prefira o conforto de sua casa... penso ao entrar no prédio e fechar a porta e entrar em sua casa. Acabo por falhar ainda durante umas horas e ela prepara-me um banho para eu relaxar, deita-se lá dentro comigo, comemos, fumamos e voltamos para ouvir Chet Baker, ela tem um cedê. E finalmente consigo... la bela dona, la dama de negro, la Joana dá-me carinho e confiança e eu apercebo-me que as mulheres não são todas iguais e que algumas sabem atrair o homem que desejam e quando desejam, sabem falar-lhe com palavras ternas quando ele mais precisa de confiança. A Joana não precisou de se borrar sexualmente para que eu finalmente me conseguisse pôr de pé e também não desistiu de mim insultando-me e tal, ela simplesmente falou de si, falou de Ricardo Reis e de outros poetas e não perguntou nada, foi falando e tocando, e deixou que eu ouvisse a sua voz e lhe tocasse e a ouvisse e esquecesse a Maria tão longe que, mesmo sendo minha, ainda tinha medo, e depois navegámos pelo rio acima ao som do Fausto. Fim.

E o que aconteceu à rosa que nunca lhe enviei? Após lhe dizer que rescindia com ela, vi Joana poucas vezes mais durante o ano seguinte até que ela se mudou de cidade. Hoje sinto pena de não voltar mais a vê-la e não lhe poder oferecer novo buquê de rosas. Hoje sinto pena. Hoje que me respeitam mas não me querem. Mas também havia que pensar em Maria. Não a podia desonrar.

Então qual é a razão da zanga com Maria ontem?, qual o porquê da discussão? Porquê? Porque se lhe dissesse que há outras mulheres mais bonitas que ela... e, como é óbvio, não lho disse porque Joana também não me quer mais, no entanto deveria ter perguntado... e hoje, neste momento, pergunto porque sinto paz quando a beijo neste ecrã de computador, continuará o conforto a ser a causa do meu amor, será o medo de procurar um novo amor e descobri-lo outra vez após já o ter perdido, eventualmente nunca o encontrar e ficar sozinho?

DA
COR-
ILUSÕES
ZMB

Como se fosse a última vez

Não estou muito longe da verdade ou não sou eu filho de duas estátuas egípicias?

As novas desilusões da cor

F Capítulo CD
Coil: The golden section
Coil: The first five minutes after death
Coil: Montecute

Quatro cafés por dia. Às vezes um hambúrguer, outras vezes uma sandes de frango ou atum ou uma bifana no Marnoto. A rotina impera: a cantina alternando com a casa dos papás. Alto! Alto e pára o baile! Disse papás e enganei-me. Onde escrevi papás deveria ter escrito pais. Mas não ando assim tão longe da verdade, pois não sou eu o filho de duas estátuas egípcias? Devido às realidades culturais prevejo ser admitido no CReEA de Derza e lá revelar dotes literários, eis o que acabo de escrever ouvindo uma toada egípcia e olhando uma foto de família:

Eu sou o filho de duas esfinges e Ela está representada por um busto na mesma página. É a mulher, a princesa do meu destino. As duas estátuas egípcias são os meus verdadeiros pais, a minha mãe canta uma música retirada de um cedê, parece descrever um ritual, ouço e tento corresponder ao criar a minha última obra. Então, esborrato metade de um tubo de verde na tela, simboliza aquilo que eles, os meus papás, mais querem, ou seja, sémen. Eles cantam e rejubilam aleluias, dizem: oohh... Sou um filho liberal!, aceito o facto de os meus pais serem um casal homossexual e um deles ser a minha mãe que canta. Eu sei que eles só agora se revelaram, ou só agora os descobri, mas eles estiveram sempre presentes, eles sempre me vigiaram, nunca se impuseram, codificaram a informação para que um dia eu descobrisse a verdade. Acredito que sou o único detentor deste segredo. Nunca o revelarei. Chamar-me-iam de maluco. Não é correcto dizer as verdades que podem ofender o mundo. No fim de contas, quem sofre sou eu. Claro que digo isto porque estou aqui dentro. A minha princesa sabe obviamente tudo, ela também faz parte deste plano cósmico, eu sei, foi tudo planeado entre as famílias, eu sei que ela sabe mais do que eu e mais do que revela ao telefone, ela é a princesa que espera que eu, o filho humilde de duas estátuas egípcias, vá ter com ela. O tempo não conta, afinal vivemos na eternidade, somos imortais.

Acabo de ler o que escrevi como nota de apresentação e, agora, adiciono o meu ponto ao conto porque na altura esta velha estória de

como um gajo pagou as ilusões com a psicose... esta estorinha passava-se há trinta anos. Por isso, agora digo e prevejo: a princesa finou-se, mudou de identidade. Mas não sinto remorsos. Vivo na tristeza de revisitar a obra passada, o gato morrerá três vezes e o meu eu ficará *down* sendo internado. Lá conhecerei O e a ele contarei tudo e o O que se diz professor, encostando-se ao aquecedor eléctrico fixo na parede branca, inspirado em mim e em todos nós, dirá a I lá dentro : a primeira morte: a secção dourada, a amizade. Bang! A segunda morte: os cinco minutos após a morte, a droga. Bang! A terceira morte: Montecute. O amor e a Maria. Bang, bang, bang!!! Numa semana apenas, sim... em três dias! Uma dose de arromba para um gajo que se resolveu inventar como o filho da lasciva dedicação dos seus pais solares, sempre com a banda sonora dos Coil.. toma lá que é para aprenderes, eu também tive a minha dose, oh I, eu podia ser teu pai...

Há já algum tempo que R pegara no livro cinzento e começara a ler ao acaso. Já nem lembra o que leu ou o que recordou de pessoal e intransmissível. Agora, lembra-se de palavras como miscigenação e lembra-se do seu eu antiquário que o instruiu acerca da não-autoria do livro que comprara juntamente com as mortalhas no centro comercial. Depois mais à frente, noutra folha lê: *o mundo, o amor, a identidade, o dom da palavra e da comunicação, o dom de amar, o dom de não ter dúvidas de ser suficientemente amado, o dom de ser feliz e ser capaz de trabalhar*... e pensando que também ele, mesmo tresloucado, tem direito a uma voz, decide fazer como os outros e adicionar palavras ao espaço em branco entre capítulos, decide mistificar a sua história.

Começa a escrever: ia regressar de umas férias passadas na aldeia. Escrevera a Maria falando-lhe das danças do dia 15 de Agosto, dia da senhora da ascensão. Há trinta anos, ainda dançava. Depois, só dificilmente e com muita resignação, em casamentos ou baptizados. Hoje, não tenho vida social para a dança. Dias antes de lhe telefonar para combinar o reencontro, no momento em que as raparigas da aldeia me pareceram novas de mais, decidi que preferia a suave maturidade e a beleza escultural da minha maria até porque a joana havia já sido apagada dos meus desejos de memória ou mesmo da *wishlist* dos sistemas de pagamento das bibliotecas online. Pensei nesta opção, ouvindo a sua voz no telefone mas não o disse. Estava aninhado no chão da sala a consertar a sanefa de madeira das cortinas da larga janela da casa dos meus pais em Tirza. A meu lado, a lista telefónica e o telefone. Disquei

os números e ela atendeu. Disse-lhe que voltava a Derza na próxima semana. Ela aludiu um pouco furiosa à dança que vinha descrita na missiva escrita por mim quase como uma declaração de amor... e ela perguntava se, quem sabe?, não certamente o Deus fodilhão, eu não teria curtido curtido com alguma moçoila na festa. Umas cervejas e tal, um charrito inocente às nativas. Inocentes! Que palavra esta: a inocência, as índias americanas tem o peiote... o meio de chegar à divindade. Inocentes estas nativas que eram bem fogosas, apetitosas, mas não dava tempo para nada. Era a festa da aldeia, daqui a pouco e no fim da rapsódia de quinze minutos anunciar-se-ia a meia-noite com o fogo-de-artifício, e tudo chegaria ao fim. Nem tempo para um beijinho. Oh que pena!

Não foi um telefonema agradável. Maria parece agora fugir e, na semana seguinte e freneticamente no futuro, o gato virá a falecer mais vezes do mundo, do amor e, por fim, da sua própria identidade. Como uma cebola, o meu eu será descascado e fugir-me-á a julgar pela incrível maneira de andar pela rua à hora do almoço a falar para paredes, entrando em centrais de camionagem tirando bilhete para regiões longínquas e sentando-me na sala de espera para partilhar charros com sotaque em mortalhas violeta da loja Cassiber, imaginando que Joana talvez ainda apareça salvadora para me tentar resgatar à impotência.

Mas aqui R acha que se perde em ziguezagues temporais, enrola um cigarro, pensa em acompanhamento musical e coloca a tocar uma cassete com o álbum Scatology. Volta ao texto, escreve agora: o funâmbulo sai de casa. Está longe dos primeiros vestígios de vegetação citadina, pessoas, prédios e luzes por um período de cinco minutos em que tenho de percorrer uma rua longa em alcatrão numa trajectória parabólica com o som de retorno dos grilos e o ruído dos comboios que passam ao fundo. Sempre gostei de comboios, diz a minha voz interior. Na rua, ouço a resposta ao meu pensamento vinda de alguém que diz: Bem, pelo menos poderá trabalhar nos comboios.

Por vezes, é bom sentir este silêncio. Hoje, ele é claustrofóbico. Ao chegar aos semáforos e, em vez de entrar na confusão sonora da cidade, sigo a calma pela estrada nacional até aos próximos semáforos. Sinto uma estranha confusão mental. Já a havia experimentado nos livros, no entanto, experimentar a confusão *ao vivo* e na primeira pessoa... a realidade confusa é uma coisa bem distinta, talvez por achar que nada deve ser real.

Passo por um centro comercial e um cemitério quase de mãos da-

das, percorro ruas lentas, escuras e ladeadas por belas vivendas com roseirais de onde retiro flores para a colecção. Quando chego finalmente à civilização, são talvez onze horas da noite.

O que não me falta é tempo.

Decido ir ao casino.

Procuro gente desconhecida e um ambiente informal. Nunca tive sorte mas, hoje, isso não é importante, até parece um daqueles dias em que se joga lerpa com o pretexto de perder e descobrir os telhados de vidro do vizinho.

Bem! Preciso de explicar esta imagem real: por um truque na televisão passa um filme chamado *Hunger* com a Catherine Deneuve e o David Bowie, começa com lobos e vampiros. Eu digo aos benfiquistas do futebol: iá xau grande filme! Há quem abismado pergunte que piada tem ver um animal a devorar carne. Compreendo este inocente mas não digo nada, jogo uma carta para a mesa. Subitamente, existe um benfiquista que, para o caso, vamos chamar de senhor grelos, que diz que viu o filme, que diz a frase subliminar com a qual se enterra magistralmente a meus olhos que nada dizem: Na hora de assumir é que é o caralho! Nada digo. Apenas me rio mas penso: mais um falso a descobrir-se, descai-se e eu agora sei o seu segredo, ele sabe que eu sei, é mais um a odiar-me porque se confessou comigo pensando que a sua causa era também a minha. Prefiro obviamente rir e ignorar o provável cisco no meu olho, espero o dia depois, o dia de para todas as reescritas e revisões do livro haver por fim fundação, telhado e cano de esgoto, nesse dia espero aprofundar esse cisco no olho, essa aberração cromática, dizer o meu porquê... mas agora, quase por magia, o telhado de senhor grelos foi-se. Por enquanto e no que toca a perder aos dados ou à lerpa, posso sempre desculpar-me com a má sorte. O porquê a seu tempo será dito.

Dou entrada no casino e subo as escadas para o primeiro andar, entro na sala de bingo e sento-me. O empregado que eu conheço de trabalhar noutro lado, vem atender-me, vender-me cartões para a rodada seguinte:

Peço um fino, mais outro e, a seguir, um Martini.

Enquanto marco os números, vou associando algumas ideias adquiridas através da leitura de Genet, ideias como a traição, a elegia da beleza do bandido, a definição de ideal e de glória, ideias um pouco fascistas, digamos mas agora vou comparando-as com a minha situação actual. Eu, na vida real estou aqui fazendo riscos em cartões que

melhor serviriam para reciclar em filtros para besigol, duas horas depois de ter praticado um acto que, mal o fiz, logo o defini como um acto de traição, e que acto é este? Em minha opinião, denunciei, traí a amizade e a confiança. Se à traição misturar a ingenuidade posso definir a pureza ou a minha pureza. Serei eu puro então? Queria eu na verdade trair? Mas quererei ser eu puro? Que quero eu e que sei eu? Estou aqui maquiavelicamente a perder dinheiro sem me importar e este acto, digno de um qualquer gestor de empresas apenas porque tem dinheiro o suficiente para desperdiçar, é no meu caso apenas o modo de me lamentar por ter realizado o acto de traição. Misturo o bem e o mal com confusão. Misturam-se, tornam-se um só ser andrógino sem significado interno, apenas exterior, imagem. Assim, digo que não deveria haver pureza, eu deveria ter traído em consciência, sabendo que o estava a fazer, por o querer fazer e por razão nenhuma.

Compreender as razões, isso não faz com que haja razão. A ingenuidade, a distracção de uma palavra a mais num discurso, a vontade de ficar bem perante terceiros, ser chibo por desatenção, por descuido, por displicência, todas estas razões, tudo isto não faz de nós menos culpados, eu não sou menos culpado.

Sobre a minha pele desce o escárnio e o frio, como admitir que se fazem coisas que se não deveriam fazer? Choro quando vejo os meus amigos chamados à pedra. Quem sabe se não o denunciei pela minha atitude de me pôr a olhar de esguelha para o bófia com colete das obras a cinquenta metros de nós?, fui curioso, eu apenas quis ver o que ele fazia e, se calhar, fui notado, dei nas vistas... e se na despedida fui brusco e quase sem palavras me vim embora, com medo de ser caço e de ser Judas condenando-o, quem sabe se não foi por causa disso que ele foi feito? Ele era um bom pai de família, amigo do seu amigo e colega do seu colega, a mulher a trabalhar regularmente, os filhos com aproveitamento escolar e desportivo... até a vizinha há pouco me olhou de lado, quase dizendo: não apareças mais aqui! E não aparecerei. Ele foi feito e, por isso, é minha a culpa, sinto-me como culpado de uma denúncia involuntária. Mas a culpa não é só minha mas de todos nós que o frequentávamos, já que, ao mesmo tempo que eu, outro como eu apareceu para falar sobre o mesmo assunto com ele. A culpa é de todos. É quase como um golpe, quase como pensar que se recebe um valor baixo de ordenado e, por razões de produtividade e bom ambiente na fábrica, fôssemos aumentados sem o saber, sem o haver notado, continuando a usar o cartão bancário sem nunca ver o

extracto de depósitos no fim do mês. Culpado ou inocente? Bem diz a bíblia que os lerdos vão para o céu.

E depois do casino, qual o destino que a carta joga? Ainda não sei. Talvez um café chamado Oldman onde há moelas em pão e vinho tinto saído da pipa. Bebo para esquecer, não é bom beber para esquecer. A lua é violenta como cavalos vermelhos. A lua é violenta como cavalos vermelhos. Ad aeternum... diz a minha voz interior, esse velho revolucionário O.

A partida dá-se para o bar seguinte, do Oldman para o Armenia.

Dentro do Armenia, encosto-me ao balcão mais chegado à pista de dança e peço um fino, fico a observar outros seres humanos a divertirem-se ou, sei lá!, quem sabe igualmente cheios de merda. É tudo uma questão de disfarce talvez, de fazer de conta.

Alguém vem falar comigo mas a minha fala é estranha. Hoje, não sou o tipo beto do liceu com os cabelos compridos que fuma ganzas nem sou o maior galã do planeta com um fato azul-marinho na discoteca, aliás... cortei o cabelo há quinze dias e, quando fumava um cigarro à porta de casa, os meus vizinhos disseram-me que parecia mais homem assim, quanto ao fato só se ele for o meu fato-macaco. Hoje, envelheci subitamente e a minha voz reflecte o meu pensamento, não é a máscara do mesmo. Parece-me que, a partir de hoje, vai ser sempre essa voz estranha, tensa, fria, reflectida em demasia com a excepção de alguns casos cada vez mais frequentes de delírios de loucura. Para melhor ocupar o meu tempo, deito-me no sofá e, quando paro de ler lentamente uma frase, olho para o tecto absolutamente branco, flipo, faço comparações, tiro conclusões e tudo o que leio se parece adaptar à realidade, ganha vida como se em cada frase houvesse um conteúdo psicogeográfico em acção. É tudo tão estranho, tudo tão diferente. É como se estivéssemos num perigoso processo de falha de objectividade. Engraçado, não sinto ódio pela humanidade, apenas emerge o ódio por mim próprio. Sinto náuseas de me não estar a divertir como todos os outros. Como nem sequer tenho vontade de tentar, a realidade começa a transparecer uma sucessão infinita de círculos e mais círculos desenhados sobre as brasas onde me tento equilibrar. Sou funâmbulo mas tenho de confessar que nunca pratiquei ioga. Sou um puto.

Alguém insiste em me dizer coisas, fala de um negócio. Alguém fala em experimentar coca.

Quanto é? Três contos, amanhã no Oldman por volta das nove. Combinei com o elemento X, o Y e o Z.

Está bem.

Estendo o cartão de consumo, peço mais um fino. Reconheço o som do dijei, a voz radiofónica narrando que *eros e tanatos são quase gémeos*, reconheço a fanfarra, a procissão, a percussão...

Aparece a ganza. É raro encontrá-la mas quando aparece nunca falha, há sempre ganza por perto. Queres fumar um charro? Com certeza bebé! Uma montanha deles… mas aqui dentro? A ganza olha à nossa volta, analisa e conclui: Tens razão, é melhor lá fora, vamos esperar um pouco, agora não me apetece, já fumei muitos aqui dentro. Quando o bar fechar, então? Sim.

Quando saímos, os nossos olhos procuram de imediato um lugar confortável para se ficar e de preferência recatado e verde porque dizem que a polícia tem andado por aí, olha, é mesmo aqui nestas escadas, queres ver?

Olho e vejo umas escadas nas traseiras de um edifício branco de quatro andares, é mesmo aqui. Daqui a duas horas talvez amanheça. Tens um cigarro? Queres que te faça um filtro? Pode ser.

Penso que não passo de um crivo enferrujado onde o milho é seleccionado.

Digo isto e fico petrificado com o futuro que me prometem quando voltar do paraíso tal e qual um anjo caído e sensível o suficiente para poder ensinar aos colegas que é melhor ser uanabí que neveruóz, quando esse dia chegar haverá quem me recite, como resposta a um pedido recusado de partilha de cama, de homodormida, estas mesmas palavras: não passas de um crivo enferrujado. Como se eu aceitar dormir com outro homem, lhes forneça a chave do sucesso. Como eu recuso e porque a chave, essa a entreguei a uma elinha de cabelos amarelos que leu e partilhou, este empreendedor milho chama-me de crivo enferrujado, e eu digo que sim, que sou uma prostituta tal como me chamas mas uma que só dormirá com a tua irmã, e não, não é o milho que é seleccionado, é a ganza, é esta aquilo que me interessa, por isso, dorme só que eu dormirei só e no meu quarto vendo o mundo a girar e com os meus ossos no deserto.

Mas agora, observo esta ganza e o seu ritual, concluo que não importa o tempo que se demora a fazer um charro, é sim necessário que a qualidade permaneça, que esteticamente seja sempre mais, seja sempre um moks distinto no meio de todos nós. Penso em retórica, penso em felicidade, penso em porque sentem as pessoas necessidade de falar com outras pessoas. Quando a prata é retirada da carteira, a ganza

embrulha a pedra na prata e dá-lhe lume, explica-me que assim o calor pode ser distribuído regularmente por toda a superfície. Descubro que ainda tenho muito para andar. Quando ela queima a ponta do besigol já enrolado para não fumarmos papel e finalmente o acende, começa a desenvolver-se uma estranha conversa a três: a ganza, a minha consciência e eu. Uma estranha conversa onde pela primeira vez a minha consciência surge desfasada do meu eu, a minha consciência não é já aquela que acrescenta algo concordando com o eu mas começa a ser uma entidade, uma letra, um elemento com vida própria. A minha cabeça começa a ser multicéfala.

A ganza começa a contar a primeira de várias e longas histórias sobre ganza e algum pó. Eu duvido, pergunto como e porquê, respondo sim ou não, a minha consciência tira as suas conclusões cheias de duplos sentidos. Começo a perceber que a minha consciência descobre que é irónica, uma vez até me chamaram de cínico, talvez a minha consciência seja um psiquiatra maluco ou um analista de massas ou um gestor de créditos abutre.

Fumamos mais um? Estava a ver que nunca mais falavas. Amanhece.

Quando vou para casa caminhando muito lentamente por volta das nove da manhã, tento sair do nevoeiro. Se para alguma coisa serve dizer isto, só me deito passado o meio-dia após ter escrito oito páginas. Além da ganza agradou-me o formato, um diálogo a três. Infelizmente perdi tudo isto quando o eu alienado mas apaixonado rasgou tudo folha a folha e adubou a terra para, depois, se despistar e mudar de pele uma vez mais, dessa vez para o eu ressacado. Em traços gerais, o resíduo que fica e que me vem à lembrança é a ganza ter falado de uma comunidade de ex-tóxicos em vias de recuperação e ter dito que, devido à falha geral de ganza no mercado, os ex voltariam a ser tóxicos, predisse-o e até eu vi um deles cair de um viaduto para cima da tenda de concertos da Sociedade Alfa Beto... sim, vi-o cair... não com o intuito de se suicidar mas com a finalidade de não pagar o bilhete do espectáculo.

Na longitude do tempo, segue-se um sonho branco.

Acordo, por volta das seis da tarde, com a cabeça, os olhos pesados e sobretudo muito calmo. Penso nessa calma exterior mas o interior diz que estou sozinho e pendurado no mundo. Saio de casa e posso permitir-me não abrir a boca durante o caminho para o café, no entanto parece-me tabu. Enquanto tomo café releio o que escrevi antes

de me deitar, procuro compreender a ideia ainda obscura e muito imperceptível de me tornar escritor, tenho algo a dizer. Quero curar-me. Combinei ontem no Armenia fumar coca daqui a umas horas. Falo de um livro, dum pecado, duma fracção de maldade, de uma pura tentativa de moralidade, ser sincero. Ao sentir-me culpado, o meu desejo é a autodestruição, esquecer-me, quero ser o zumbi que não quer voltar à vida. Li-o num livro de Jorge Lima Barreto, quero alienar-me no flash, quero olhar para a ponta da bota esticado ao comprido na cama durante oito sucessivas horas, quero perder-me de mim, esquecer-me, só recuso os caldos da castanha, não quero experimentar o que a ganza me contou ontem, a história do velhote jânqui pedindo moedas como quem crava cigarros com lágrimas para ir à farmácia comprar seringas e tampões de algodão, para acabar na retrete de alguém a implorar: irmão deixa-me chutar esse tampão, deixa-me dar o caldo, curar a ressaca.

Um pouco antes das nove horas, entro no Oldman e sento-me ao lado de Y que aguardava sozinho. Peço um café e ponho-me a pensar no livro *Narrativa com cocaína* de Aguéev. Dez minutos depois, X entra. Conheço-o superficialmente mas não demora o tempo de fumar dois charros para o passar a detestar e verificar que nada tenho para lhe dizer. Tal como para mim, é a sua primeira vez mas é como se tivesse o nervosismo de um agarrado, passa várias vezes a mão pelo nariz, diz frequentemente coisas sem nexo, a sua histeria ansiosa sugere-me vagamente a de um chulo falando com as mulheres numa noite em que tudo corre mal. Nunca uma espera foi tão desagradável. Durante vinte minutos, penso em Aguéev e no Filipe LaFeria e no que terei eu a ver com tudo isto?

Finalmente toda a gente chega, somos seis ao todo, vamos a uma casa ali perto, o dono da casa começa a desembrulhar a prata e explica-nos: não vamos snifar a coca, vamos sim fumá-la. Diz-se que é a base do crack, não somos assim tão ricos. Não interessa, todos esperamos e o elemento X coça-se. Surge-me olhar para uma imagem no cérebro: Alice numa terra de neve.

O dono da casa passa-me a prata e o canudo adaptado a partir de uma bic laranja. Ele dá calor por baixo, a bolha começa a deslizar ao longo da prata.

Estranho, a minha passa não sabe a nada, o elemento Y diz o mesmo, só X se passa. Estúpido ou porque a sociedade cria estúpidos. A prata roda toda a gente e dou uma segunda passa, na minha cabeça

surge Portishead, sinto-me só e além disso penso que te amo.

Nada acontece. A mim está a bater largo, diz X. Quem já havia fumado nada diz, lá terá o seu modo de curtir.

Saímos todos e voltamos ao Oldman onde se pede cerveja. Nada nos une, ouviste!, diz a minha voz interior, a minha consciência. Bebemos um fino hoje porque a maior parte de nós tem vontade de beber todos os dias, porque hoje fumamos coca em conjunto. É, para mim, um acto nihilista. Estou calmo. Sinto os lábios frios. Bebo e sinto esse frio, um frio leve e contínuo. Sinceramente esperava outras sensações, sinto-me um provador de vinhos irritado com a má qualidade e que ninguém me toque!

Fala-se de negócios, alguém não conseguiu arranjar ganza ou, então, o amigo fumou a parte colectiva, berrou os colegas e, por fim, alguém dá a ideia de irmos a outra casa para mais que uma simples cortesia.

Entramos. As divisões estão vazias na escuridão. Sentamo-nos na sala e vemos televisão. Passado algum tempo, o elemento Z levanta-se e bate a uma das portas de onde sai luz pelas franjas.

Que queres? Quero ter o nosso filho aos quarenta anos, divago, a minha voz interior fala com a minha consciência. Quero enterrar a minha mente na merda.

Minutos esvoaçantes. O barulho de uma porta a abrir, uma degradação onde nunca tinha estado, fuma-se castanha em cima da cama. O que mais me impressiona é não o acto de fumar mas sim a alteração das expressões faciais, os desejos, as frases impacientes: se tivéssemos coca poderíamos fumar *speedball*, ei a prata parou por aí? Queres experimentar? Não. Talvez a minha vontade de desaparecer não seja assim tão verdadeira. Hoje não.

Y e o meu eu exterior voltam ao Oldman. Pedimos vinho verde. Diz-me que o vinho corta o efeito da coca mas como pode ser se não bateu nada? O gelo nos lábios e nas gengivas não conta. Não percebo. Parece-me que esta noite nunca mais passa. Interessava-me, isso sim, que os meus três contos de reis tivessem servido para alguma coisa e tudo não se ficasse apenas pelas histórias de sublimados poetas, nem que fosse só para me transformar numa qualquer espécie de zumbi como aquele que entrou no café sem conseguir dizer uma palavra, soltar um gesto ou deixar de cambalear.

Quando se fuma pó por uma questão de experimentação, disse-me a ganza, é bem capaz de ser fixe olhar fixamente para a ponta do sa-

pato durante uma tarde inteira, tu estás sempre a controlar para isso bastando que fiques quieto, tocar guitarra esquece, os dedos congelam, cuida de ninguém ver a tua miséria. E eu agora observo ao vivo a evolução deste cúmplice agora zumbi, ex-cúmplice de ganza, eras tão fixe, as tuas anedotas partiam as cabeças mais duras e, agora, tudo e depois, cais-me no sofrimento físico, na ilusão de te sentires bem e não teres constipações, na realidade entras em quartos e imploras bafos e ninguém te pode ajudar porque somos todos capazes de estar na mesma situação, ressaca praí como um cão ou, então, porque não temos a vontade ou a paciência de estômago para ajudar, algo me convence que o desejo de desaparecer necessita de outros meios para se realizar.

Não me recordo de muito mais coisas nesta noite a não ser o ter-lhe telefonado.

Ela deve estar a chegar de férias, eu tenho uma tonelada sincera de saudades e de amor para dar… de volta. É-me difícil falar da noite seguinte. Há coisas que me assustam.

Combináramos em sua casa para jantar hoje. Não nos vemos há três meses. As aulas começaram há dias.

Não posso estar bem-disposto como consequência dos dias anteriores e vou reparando em alguma reserva da sua parte, por exemplo, em coisas muito simples como o facto de a querer como habitualmente beijar e ela dizer que a cozinha tem de ser arrumada primeiro e, segundo, tem de ir telefonar, ir a qualquer lado.

Vamos telefonar então, vamos ao Armenia beber uma cerveja, nota-se que tem algo para dizer que não parece ser fácil de dizer, decidimos jogar bilhar. Não faço uma única jogada decente, a cabeça pesa-me, está mais frio do que nunca. Quando o jogo acaba quero ir para casa, ela quer ir para algum lado. Foda-se!, não estamos juntos há mais de três meses.

Não é difícil desconfiar dos porquês, no entanto, quando esses porquês parecem estar a acontecer... é fácil eu desejar-me acéfalo e pensar que se trata de uma simples indisposição. Quando finalmente entramos em sua casa, vamos ver televisão e passado algum tempo ela retira forças de dentro de si para dizer que, a partir de hoje, não quer mais estar comigo, quer ser apenas minha amiga.

Ouço tudo. Já não dá para pensar em ser acéfalo, diz a voz interior, a lâmpada estava acesa, era apenas eu que lhe pus um cachecol a tentar encobrir a luz. Agora, a lâmpada pegou fogo.

As minhas primeiras palavras são um monumento à frieza: Então,

já não há nada a fazer aqui. Vou-me embora. Ela diz: Não vás, gostaria que passasses uma última noite comigo.

Porquê, se queres acabar tudo? Com lágrimas ela diz: Eu queria fazê-lo antes das férias mas não tive coragem, estava muito perto de ti… passaram três meses onde tive tempo de pensar em tudo, em se valeria a pena continuar… quero ser tua amiga.

Oiço tudo isto e vejo-me para minha incredulidade a aceitar tudo muito placidamente. Estou deitado no seu regaço, digo-lhe que gosto da música que está a passar no canal de merda, digo-lhe que não vou passar a noite com ela, ela diz que assim seria mais fácil de aceitar. Como se fosse possível dois namorados que acabaram de romper dormirem juntos como amigos, como se não houvesse amor ou houvesse uma espécie de amor superior.

Tudo pela sanita abaixo.

Vamo-nos deitar. Digo: até amanhã. Viro-me para o outro lado, reparo porém que não consigo dormir e sinto todo o tempo que passámos juntos passar-me à frente dos olhos. E a minha voz interior calada a assistir e a minha consciência a dar palavras para a minha boca dizer: posso abraçar-te?

Ela diz que sim, eu começo a abraçá-la, a beijá-la, a beijá-la cada vez com mais sofreguidão até que, em desespero lhe peço para fazer amor, é engraçado notar quantas vezes já não tinha pensado nisto antes: *comme s'il était la derniére fois*. Vocês sabem a letra da canção dos três jovens deuses. Ela começa a chorar dizendo que não. Tento forçá-la, sinto-me louco e com vontade de a violentar. Nada. Choramos os dois abraçados. Estou a ficar louco, sem ar, tudo me parece pequeno, escuro, nada existe mais.

Quando acordo na manhã seguinte vejo-a dormir profundamente, o primeiro pensamento do funâmbulo é sair dali sem lhe dar cavaco e fugir para bem longe. No entanto, volta a bater à porta da casa, esquecera-se de calçar os sapatos. Agora, caminha em direcção a casa. A manhã está radiosa. O sol está e exige óculos de sol para as olheiras. Indo pelo caminho, a consciência pára numa pastelaria para acalmar os nervos com um café e um lanche aquecido.

Dois dias depois, no Sábado seguinte, o eu alienado vai jogar futebol com os seus colegas.

É um sinal de que ao gato se impõe uma mudança.

Mas vamos por partes. Agora, vou-vos ler um poema muito importante pois esse gato passará a prestar mais atenção ao seu espelho e a

seguir em direcção aos lobos porque deixou de ver alguém no espelho. Começará a reflectir sobre si próprio:

Terror e medo. Mais estranho que a bondade, é como se fosse a última vez que o jovem deus A beijou ou, então, ninguém viu o burro observar três corvos durante três dias e nascer morto por alturas da terceira semana de Outono. Terror e medo.

Terror e medo, diz R fazendo uma pausa para fumar.

Tenho que contar o desaparecimento do eu. R pensa, termina o cigarro e acrescenta:

É quando o pó me bate mal e eu bloqueio.

Estou na BusStation às cinco da manhã. As luzes acendem-se na última música. Ouve-se Frank Sinatra cantar *New York New York*. Ouvem-se os clarinetes, os trompetes, os saxofones, new york new york, a BusStation está a fechar. De dia é restaurante, esplanada e parque temático, à noite é a discoteca mais frequentada, a gerência aluga camionetas de longo curso para ir buscar os dancistas à cidade. Estou com mais um ou dois amigos não habituais e não tenho boleia. Não há lugar para mim nos carros. Um deles vem comigo procurar no parque de estacionamento alguém que me possa dar boleia. Encontramos. Sou convidado a entrar no carro de um homem de talvez quarenta e cinco anos, grisalho, sozinho ao volante. Sento-me ao lado dele, apresentamo-nos, ele diz que trabalha em feiras mas não parece cigano, não tem cara de cigano, é só um anónimo que decidiu vir ao parque de estacionamento ver o ambiente, esteve por ali, talvez tenha mesmo pago bilhete para entrar. Pergunta-me quem eu sou e eu digo que sou estudante, agradeço ele dar-me boleia para a cidade. Continuamos a falar e, de um momento para o outro, ele começa a falar de heroína, diz que é consumidor de heroína e, como vê que eu nada sei, começa a explicar os efeitos da heroína, o que se sente, as precauções, diz que se a gente tiver sempre o produto podemos levar uma vida alegre, calma e confortável, diz que não devemos estar agarrados para não sentirmos a dependência física.

Agora diz que vai fumar neste momento, cinco e meia da manhã. As pessoas já saíram todas do parque, já não há carros no parque e o que ele faz é retirar o auto-rádio da consola e, por trás, buscar um pequeno saco de plástico com castanha. Vai ao bolso e da carteira retira a prata, pega numa caneta bic laranja azul, retira-lhe a carga, cola um pouco de fita-cola no furo da caneta desmaterializada e transformada em canudo, abre o saco de plástico, retira um bocado de pó, espalha-o na folha

de estanho, aquece com o isqueiro por baixo, e dá um, dois riscos de fumo, duas passas calmas e demoradas. Pergunta-me se quero fumar e eu digo que sim, quero experimentar. Ele diz como eu devo fazer. Diz para eu segurar o canudo e aspirar o fumo que surge à medida que ele vai dando calor por baixo da prata com o isqueiro. Dou uma passa só. Dou duas passas.

O que ele diz é verdade, começo a falar com ele e sinto mais segurança nas minhas palavras, já não estou tímido como estava, sou um aprendiz a ser baptizado, sou um aluno confiante.

Ele diz que agora vamos sair e voltar à cidade, diz que me leva a casa, pergunta-me para que lado eu moro. Passamos pela bomba de gasolina junto aos acessos da auto-estrada. Estacionamos. Ele vai oferecer-me um café. Entramos e eu sinto-me como um executivo de gravata desapertada ao final do dia de trabalho a entrar no seu bar de excelência, a pedir ao seu empregado F de estimação um scotche com gelo e a conversar com este e aquele sobre os câmbios na bolsa, e a programar mentalmente os detalhes da mulher que vai tentar encontrar esta noite para levar a jantar. É assim que me sinto, esqueço a Maria, esqueço até a Dina Dois, a mulher de quem ainda não falei e que vi há dias na rua, cabelo verde longo, jeans azuis, alta e esguia, sapatilhas e mãos nos bolsos, tem um ar de neve, uma frieza que combina com um certo elã de divina fatal, é nela que penso agora, confiante que estou, tomando um café com um feirante que me vai levar a casa, após me proporcionar uma experiência, que eu há muito desejava ter, uma experiência feliz.

Saímos da bomba, entramos no carro, ele entra na auto-estrada e sai no primeiro desvio, digo-lhe que a minha casa é perto da paragem do autocarro, ali mais à frente naquele viaduto. Despedimo-nos. Seis e pouco da madrugada, o sol a nascer.

Venho para casa e não me apetece dormir para já. Vou para a sala, ponho uma cassete de Pop Dell'Arte, toca aquela música *O amor é um gajo estranho* e eu lembro-me que eles vêm ao dancíngue PassaTempo no próximo Sábado. Mas o que recordo é a frase: o amor nunca me mente quando eu me venho na sua boca. Esta música fica para sempre associada a Maria. Ó Maria como podíamos nós ser almas gémeas se és mulher e não gostas desta música? Esta música que te gravei e ofereci, pela qual te usei para saber se me eras verdadeira ou se me mentias, e se me amavas e se mo provavas, e eu fiz-te tanto mal, este rife de guitarra ficará para sempre na minha memória, o bar que tocar esta

música será o meu porto seguro.

No Sábado seguinte, estou com o J e o L no PassaTempo. Uma meia hora antes do concerto, eles dão na prata, perguntam se eu quero e eu digo que não. Vemos o concerto, eu gosto do aspecto do Peste, de camisa branca com folhos e cabelo preto comprido frisado, vê-se que está com uma moca total e que talvez esteja a apanhar ele próprio uma seca, há poucos assistentes. Mas Peste é sempre bom de ver e eu gosto do som. Acaba o concerto e vamos ao Armenia. Nada de novo, lá venho para casa.

Mas eis que dou novo bafo uns dias depois e este não tem boas consequências. Estou em casa de J que comecei a detestar e connosco está um estudante de química. J agora compra a sua meia grama e fuma-a em meia hora. Vomita e ainda sente prazer. O estudante treme, quer dar um bafo. J nega-lho, ele põe-se de joelhos implorando, J diz para ele esperar, vira-se para mim e oferece-me, eu aceito, dou um bafo e deixo-os, venho até ao Armenia ver o ambiente, aquela casa é deprimente, ao ponto a que chega a ressaca psicológica e depois a física.

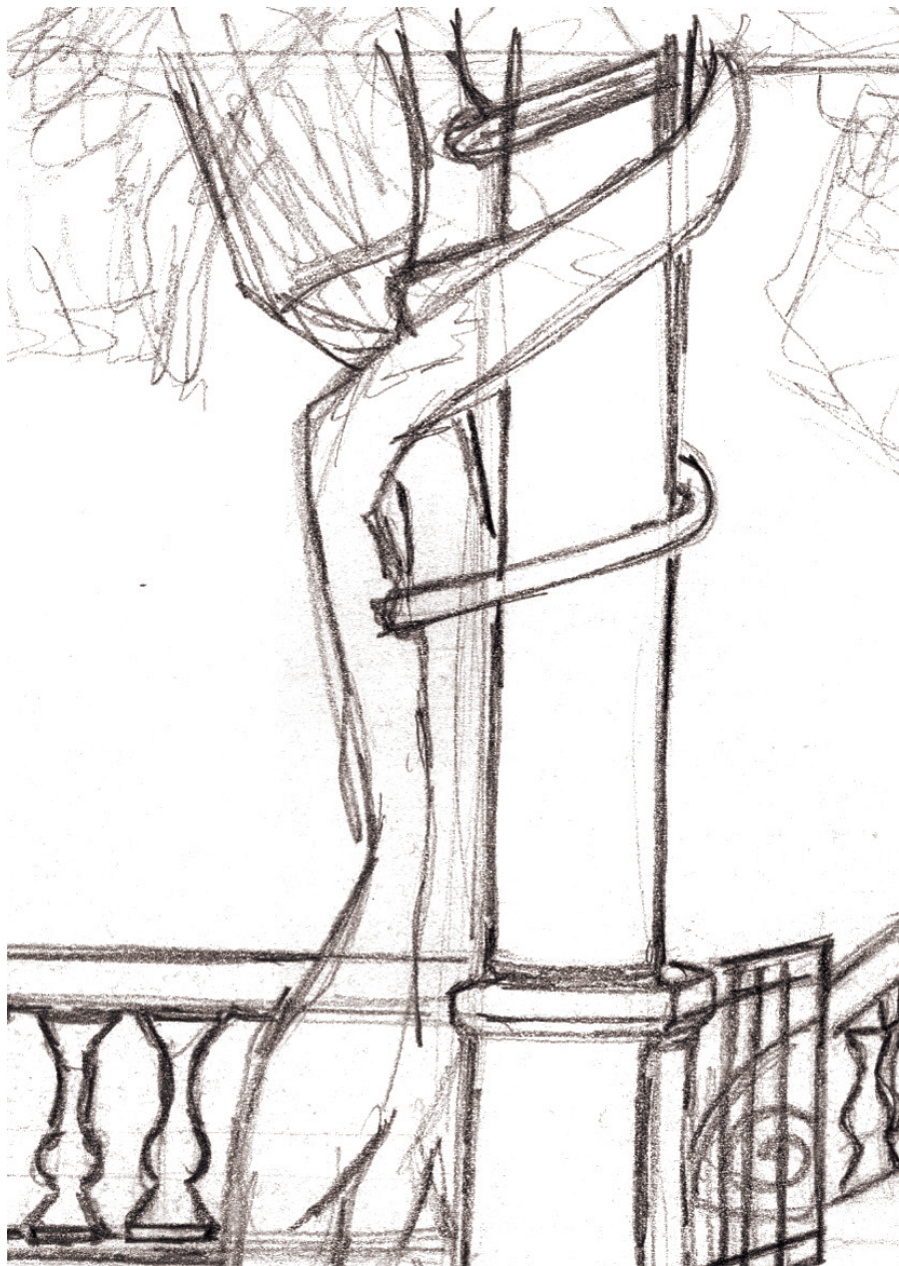
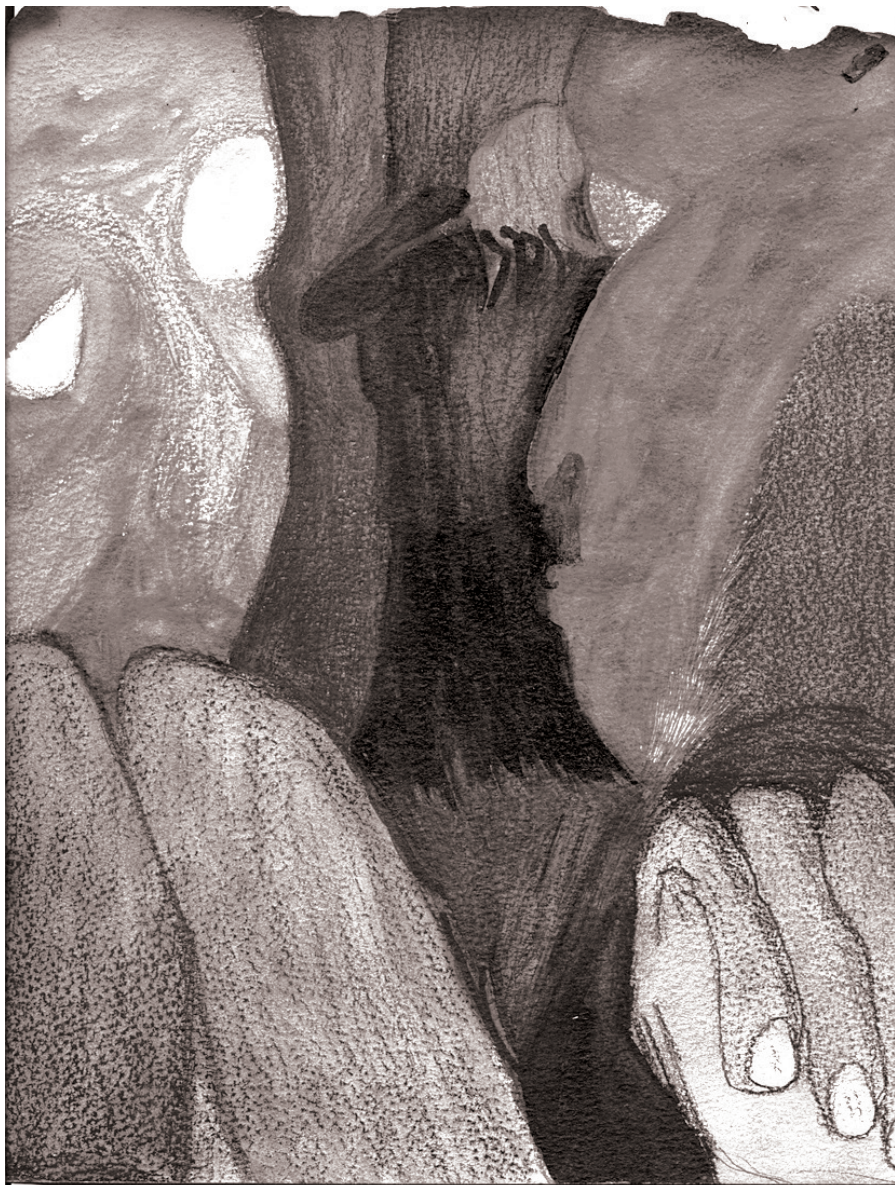
Estou calmo, encosto-me ao balcão, peço uma cerveja, venho agora para os pilares de osso que formam a divisória entre a sala de bilhar e a pista de dança, ao fundo o dijei.

A Berta aparece. Tem o cabelo ondulado, castanho-escuro, é minha conterrânea e boa estudante, embora emperrando nas cadeiras de matemática é boa nas cadeiras específicas, ela sabe mais do que eu e, mesmo que eu acabe primeiro que ela o nosso curso, sinto que o futuro é para pessoas como ela, ela tem paixão eu não. A Berta vem ter comigo porque simpatiza comigo, ela tem namorado que vai todos os dias de comboio para casa e que é meu amigo, eu simpatizo com ela, gosto de falar com ela.

Estamos aqui às três da manhã, eu com uma moca de heroína, ela tentando falar comigo, a rir-se para mim tentando contar uma anedota, e tentando que eu me ria, ela sente especial carinho por mim, já uma vez nos encontrámos na BusStation ao fim da tarde de aulas, e depois de uns finos e uma conversa beijámo-nos como se nada fosse e nada precisasse de ser dito, e do mesmo modo nos separámos, ambos sabendo que o namorado é nosso amigo e que nada se passou de facto, apenas uns beijos sedentos e espontâneos sem explicação. Mas agora ela está aqui comigo e eu com uma moca de heroína, ela fala, ela rise, ela quer companhia, ela quer que eu fale com ela e eu não consigo abrir a boca, quero formar um bom pensamento e ele não se gera, os

músculos da boca estão rijos, tudo o que digo é: iá iá.

Ela acaba por se ir embora talvez despeitada mas sem saber porque estou eu assim. Eu sinto-me mal, a noite social acabou para mim. Venho-me embora. Chego a casa às quatro da manhã. Ainda tenho um charro, ponho-me a ouvir o *Legend* do Bob Marley e digo: a partir de agora, para mim, a moca vai ser sempre e só o charro e mais nada, nunca mais heroína, torna-me associal. Gostei a primeira vez, a heroína é boa quando a gente controla tudo e não precisa de mais nada, tem tudo à mão e não precisa de sair de casa, tendo heroína, tendo comida, tendo tabaco, tendo mulher ou não, a heroína substitui a mulher... é, não gostei do que vi e, embora a literatura precisasse de confirmação, hoje tive uma má tripe e não consegui entreter a Berta. Por isso, heroína nunca mais. Terror e medo nunca mais.

em
reflexo
odioso
O SONHO
ZMB

Tiro fotografias. A música é agora ressonante

Foda-se! Uma tarde de Domingo num cinema com pipocas é caro como o caralho

O sonho de ódio em reflexo odioso

G Capítulo minus CD
Gunter Hampel: Make love not war to everybody

Saio de casa por volta das sete horas da tarde para tomar café e comer qualquer coisa. Maria deixou-me há sete dias. Faz frio, mesmo muito frio. Por enquanto não chove, quem sabe mais tarde. Desço a rua. Olho para as casas em estilo vivenda, olho para os seus portões de madeira, para os arbustos fazendo o papel de muro. Algumas árvores existem espancadas na berma da estrada, são longos salgueiros. As folhas verdes matizam-se nos pores-do-sol e, a esta hora, estão brilhantes, iluminam-se quando os carros passam de faróis já acesos. É, aliás, raro passarem carros nesta estrada. Há meses que chove ininterruptamente mas, hoje, o pôr-do-sol é fantasmático. Está sempre frio, muito frio.

Venho ouvindo bastante Portishead que gravei da rádio XFM. A voz da cantora fascina-me. A sua voz animal, lasciva, sussurrante nos meus fones diariamente... imagino-a no Armenia perante uma plateia de gatos, lobos e normais com esporas de caubói, seduzindo-os. Bebem cerveja e fumam Marlboro, eu para marcar a diferença fumo tabaco de enrolar, é talvez mais barato e com a poupança compro discos em formato cedê. Sempre que o *drumandbass* acelera e fotografias a preto e branco são projectadas num ecrã por detrás do palco, dá-me uma moca total que olho toda a gente, olho todos os caubóis, imagino neles uma data de coisas engraçadas, uma feira de aberrações, é verdade! Estou a rir-me de toda a gente, estou cá com uma pedrada, ah ah ah, estou é cheio de misantropia e desejos de revolução, é o meu modo de protestar contra a solidão.

No meu sonho, ela é um fetiche nada súbito, nada inesperado. Dizem vocês: Foda-se, um domingo à tarde num cinema e com pipocas no xopíngue fica caro como o caralho. Digo eu: Vá lá experimenta!

Começa a chover, parece o dilúvio a entupir retretes na via pública.

Quando chego ao café Soldt, peço uma torrada e um café. Começa agora a chover no escuro, é já noite, as janelas do Soldt são fustigadas pelas bátegas de vento, ao fundo a paisagem é cortada pela auto-estrada.

Na verdade, estou a pensar na Dina e no quanto ela é diferente da

verdadeira Dina, que pena ela na altura ter namorado, esta é fria, não será com ela que eu esquecerei a Maria... estou obsessivo, cego, desvairado. De repente, no momento em que engulo um gole de café e mastigo um bocado de torrada, dá-me um flash epiléptico, provocado metaforicamente pelos pequenos corpúsculos de luz que se criam a partir das pingas que caem do toldo do café e... começo a sonhar... mas não com o abominável prémio Nobel da Medicina em 1949, enquanto um fio de baba se vai formando no canto da boca:

Lembro uma vez ter lido no jornal uma reportagem sobre grutas ancestrais perdidas em montanhas longínquas, muito longínquas onde o frio e a chuva não existem. Ouço músicas ancestrais que não sei definir, músicas estranhas. O ar está impregnado de incenso e vozes ecoam no cume das árvores grossas e antigas. Não sei que espécie de árvores existirão em Lá mas, neste momento e através de certos cliques momentâneos, vim ter a um ambiente selvagem com paisagens verticais, troncos castanhos confundindo-se na escuridão, nos resquícios verdes das plantas. Ouvem-se os animais ao longe. Em cada instante, existe um som que enche a composição. Estou numa selva perdido com uma máquina fotográfica, uma lanterna, um flash e um bloco de notas e ou sou um repórter fotográfico do jornal *O Escândalo*. É meu dever obter provas concludentes da ocorrência de homicídios na longínqua Lá.

Sento-me a enrolar um cigarro numa rocha improvisada, uns detritos mineralizados já a partir dos restos de um elefante devorado e das roupas de um indígena comido vivo pelas formigas vermelhas que vi num filme quando tinha dez anos. Ao fumar, aspiro igualmente o cheiro da selva, oiço os macacos, as serpentes e os silvos sussurrantes de veneno verde. Começo a distinguir no fundo intermitente pontos quebrados de luz, um laranja difuso irradiado por velas negras. A melodia contínua de uma flauta vai anunciando Lá. Ouço tambores.

Tenho uma imagem gravada. Uma gravura a preto, uma paisagem de árvores, um estrado de madeira apresenta-se como um palco suportado por quatro pilares. Por baixo, existe o que parece ser uma pirâmide de troncos de árvore recolhidas nas redondezas. A flauta vai-se tornando mais audível. Melodia dramática.

Vejo tochas incandescentes mexendo-se na escuridão seguindo percursos, ouço tambores batendo compassos, ouço esgares, flashes de lâminas que cortam azuis as folhas dos arbustos que germinam, ouço a flauta iniciando a procissão que a traz encarcerada num cubo aberto e amarrado por lianas ao estrado. Os tambores vêm no dorso

de dois elefantes que são a guarda da rainha Ela. Existem eunucos que transportam jarras de veneno afrodisíaco, óleos ensopando o tabaco de enrolar, metaforicamente fumando a pele morta da Crista metafórica, óleos que alteram o comportamento das estrelas desta reportagem fotográfica.

É neste ambiente de selva que eu devo cumprir a minha missão. A vítima é uma jovem e promissora cantora pop nascida algures. Não é nada eu sei, é a Dina malvada. A acusação é desconhecida até ao momento. Não é nada, ela recusou servir-te. Eu tenho de cobrir o evento. Este é o meu trabalho, ok?, devo cumpri-lo com rigor, ser profissional e assistir à morte ritual por incineração, dizem-me agora os eunucos embriagados, de uma das mulheres de um marajá, vê lá... o rajá morreu e enviou toda a gente para a pira romântica perdida no mapa, para morrer como ele. Foi ela a escolhida, devia ser bonita demais para todo este verde perdido em ópio e verde Lá. Os eunucos embriagam-se em honra de nossa senhora kali e dão de beber à jovem que suporta o seu destino com alegria. Está sem reacção. Está ali envenenada.

Tiro fotografias. A música é agora retumbante, os címbalos surgem cada vez mais sonoros, as tochas incandescem o cubo. Registo as imagens compostas de chamas laranja que são lançadas em direcção ao verde dos meus olhos como chispas assassinas. Registo o momento. Finalmente por entre o fumo, descubro os tons de vermelho daquela carne queimada violentamente. Quando estou a enquadrar uma dessas chispas, vejo que dois guardas me descobrem. Vejo as chispas assassinas que me lançam aos olhos. Descubro que estou perdido, tenho de procurar um meio rápido de escapar mas a reportagem fotográfica, esse objecto já cá canta. Adeus.

Assim volto a entrar no Armenia.

Nunca tinha imaginado descrever o Armenia. Às vezes, ele é um longo rectângulo que ao meio tem diversos pilares em osso polido dividindo as diversas áreas de lazer. As paredes de tijolo burro são revestidas de algodão em rama embebida de diversas espécies de açúcar e aromas orientais. Afrodisíacos, incenso e marfim emanam um fumo que, sob o efeito dos strobes emitidos da cabine do dijei, incorpora em si mesmo a metáfora de um cerrado nevoeiro onde as cabeças se destacam em cores fortes, contrastantes entre si. Existem ainda uns engraçados sofás de napa de cor azul, era costume um cão dormir ao som de Pixies mas isso era antes do golpe de estado executado pelo homem conhecido como o Homem do Colarinho Branco, certamente

que num filme perto de todos nós teremos ouvido o seu nome.

Depois de todo este incenso, a memória do sacrifício presenciado em Lá leva-me ao extremo de sentir as mãos pesadas e, ao olhar para elas, descubro a função do machado que vi na loja. Olho todo o mundo com misantropia ou devo mesmo parecer misógino ou é apenas o ciúme a manifestar-se ou apenas a recordação de um sonho que tive... não sei, já não ligo às interpretações mas, à minha frente, existem espelhos convexos que reflectem as fúrias que lanço de encontro às esporas dançantes, eles querem a menina que imita Portishead irra... mas mesmo num misantropo existe algo de bom, se calhar é o fetiche a fazer efeito e o meu desejo é protegê-la, protegê-la ao máximo dos olhos deles, ela é minha!

O final do desenho é apoteótico, banhos de sangue e cabeças a serem chutadas para canto, bocados de carne escorrem da parede, deitem-lhe tinta branca, dizem que tudo reflecte e ao mesmo tempo esconde, é a cor dos anjos, não sei.

Vou preso. Fico preso, arrastado por sonhos enclausurados, o somatório de decadência pública é iniciado quando o gerente do café me acorda e me devolve à realidade, chamando-me a atenção para o traço pouco seguro do desenho, cheio de baba e cinza, não vê? E você? Mas quem é você mesmo?, pergunto. Doravante, a autoridade certificada na matéria?

Quando envergonhado saio perto das dez da noite do café Soldt, pergunto-me: que farei com todo este sonho, este desejo sublimado negativamente pela ilusão? Quando acordo na manhã seguinte, olho para o despertador e grito de desespero por ter perdido as duas primeiras aulas. Digo que o problema é da ordem de uma série progressiva. Falhei um teste por um erro de distracção: onde devia por um mais pus um menos. Após discutir com o regente O a razão de ter chumbado, demorei dois anos a concentrar-me numa atitude de recusa adquirida e fiz a cadeira sem problemas quando me foi permitido. A minha atitude mudou. À noite, venho para o sofá e ponho uma cassete de música, ponho um livro de estudo aberto, faço os exercícios, pergunto-me pelas regras dos integrais na análise dos diracs e nos intervalos pergunto-me qual o significado filosófico da convolução.

Sonho-a outra vez na cerveja que bebo, nas castanhas assadas acompanhadas de vinho rasca mais os dois comprimidos de valium no copo de rum na altura em que a encontro outra vez no largo da cidade numa noite de chuva. Ela está debaixo dos zincos de protecção dos

bancos de jardim.

Vamos ao Armenia. Sento-me a vê-la dançar. A seguir, vem sentar-se a meu lado. Estou tão zonzo do ambiente e dos comprimidos e encharcado de calor e abafado no fumo que não ouço nada do que ela diz. Penso que comenta algo acerca de algo mas não percebo nada no meio daquela batida tecno. Levanto-me e saio do Armenia passando por pequenas casas caiadas tonalizando-se de amarelo eléctrico e de sombras. Sento-me debaixo de uma árvore do jardim. À minha frente pela rua fora, as pessoas voltam do Armenia. Deito-me por conforto para ver as estrelas. Adormeço ou tenho um flash branco e quando retorno, dou por mim a caminhar no passeio, imagino que terei sonhado acordado durante cinco minutos, terei passado por uma pequena ponte em madeira sobre um lago, subindo um declive em terra batida prolongando-se na reentrância das traseiras de duas casas. Ao deparar-me com a rua, viro talvez à esquerda, contorno dois salgueiros à direita, depois ao lado de um caixote do lixo viro à esquerda outra vez, entro numa rotunda, contorno-a, entro na avenida do hospital onde acordo para a realidade de ser sonâmbulo, pois é sempre este o percurso que uso para chegar a casa.

Facto curioso: posso sempre verificar se as luzes dos quartos estão acesas ou não. Ao longe, a luz emanada pela janela da Maria está apagada. Talvez não esteja em casa. Na rua da Vitoria, a luz da Joana está acesa. Vejo pela persiana as sombras do candeeiro. Ouço através da janela aberta jazz distante. Quase toco mas estou bêbado. Não conseguirei explicar nem arranjarei um motivo para lhe explicar a razão do meu amor. E depois eu deixara-te para honrar a tua rival.

É tarde. Preciso de dormir... mas continuo a adorar-te, és a minha poesia:

A minha mãe diz: olha estas rabanadas para a sobremesa.

O meu pai diz: bem filho eu te digo, não é bem sair sem fazer a barba filho... meu filho.

A minha mãe acrescenta: meu pequeno sol, pelo menos podias escolher uma camisola vermelho laranja em vez dessa preta.

A minha irmã abre um croissant e atulha-o de queijo e fiambre, bebe um sumo de laranja desnaturado.

Eu penso que o irmãozinho com as lunetas e o bigode perdeu a pista aos carreiros de formigas da história.

Não, não é verdade, nada do que leio acima é verdade, o autor men-

te, deforma a história, dá-lhe pormenores falsos ou de outras pessoas. Por exemplo, o autor adapta e incorpora uma passagem de Jules Verne no *A volta ao mundo em oitenta dias*, e por isso eu digo que ele mata a mulher errada, vinga-se matando a mulher errada, matando todas as mulheres, ele faz de todas as mulheres uma hidra de três cabeças, ele, mau e possesso, possessivo, obrigou uma a um felácio fora de tempo num vão de escada em Staa e ela obedeceu-lhe, ela gostava dele, havia sido o seu primeiro homem e ele tratou-a tão mal que ela arranjou outro, um tropa. Ele nunca recuperou do trauma do complexo do cornudo e vingou-se na mulher errada, a menina que em cima canta Portishead e é queimada na pira indiana não é a Maria, nunca foi, era sim a segunda Dina da sua vida, uma magricela, míope com lunetas graduadas, garrafais e verde, fria, com o cabelo verde cortado à maneira da Lulu. Não valia os quilhões de um sapo. No entanto, eu que sou amigo do I, eu vou contar. Ele foi institucionalizado quando foi apanhado pela brigada de trânsito a conduzir em excesso de velocidade numa estrada secundária, embriagado como um cacho quase abalroou uma 125, a mota despistou-se e o casal... bem, o condutor tinha capacete e escapou com um cordão cervical e um corte profundo na coxa mas a namorada, essa morreu degolada nos railes. I de nada se apercebeu e, inconsciente dos seus actos, espingardou contra a brigada, mijou na valeta à frente dos guardas, invocou o dinheiro do pai. De nada serviu, apreenderam-lhe a carta e foi detido preventivamente, como medida coerciva injectaram-lhe uma dose de cavalo para cavalo mas não era heroína e muito menos ketamina mas veneno das lagartas, foram duas doses de um poderoso neuroléptico chamado largactil, cloropromazina. Cumpriu uma pena de três anos.

Por isso, vou acrescentar, ao que acabo de ler em cima, a transcrição de uma carta que ele me enviou recentemente e que talvez ilumine... ele... curado? Sei não, diferente pelo menos, alienado talvez, ele muda de personalidade nesta carta e acho que aldraba de propósito qualquer coisa que não compreendo o que é. Ainda assim, tenta descortinar as verdades escondidas nesta confissão alucinada:

Aconteceu há mais de vinte anos, deves lembrar-te. Devíamos ter vinte e dois anos. Enredados nesse microcosmos chamado universidade e que nos meus textos eu chamo de prisão. Estava a meio dos cinco anos de curso. Estava só, tentando ultrapassar o final da relação que mantivera. Estava aberto e disponível para conhecer novas mulheres. Mas como geralmente acontece quando uma relação longa termina, eu

começava a sentir-me não integrado. Quando eu me chateio com uma mulher, chateio-me ou passo a ignorar os seus amigos e amigas, porque sei que eles ou elas a apoiam. Assim, a minha vida não só amorosa como social sofreu nessa altura um revés. Os amigos tornaram-se poucos, as amigas nem vê-las. Eu, quando estou com uma namorada, fico quase imune à beleza de outras mulheres que ficam candidatas a serem apenas irmãs por afinidade, como se nos adoptássemos mutuamente. Essas mulheres são apenas amigas da namorada, se eu ficar sem esta fico assim sem mulheres na minha vida. Foi o que aconteceu, fiquei sem companhia uns tempos até encontrar alguém interessante.

Ela tinha cabelo verde e liso, era da minha idade e altura, era muito calma e nunca se zangava, parecia ouvir todos, a sua cara era bonita, tinha toques de diva. Eu era um gajo que tinha ideias que chocavam com as suas no que toca a música e outras coisas. Foi alguns anos antes do meu colapso mental mas penso que muito do que depois experienciei, já nesta altura estava a germinar dentro de mim: o falar muito alto as minhas ideias, indignar-me com opiniões contrárias, sentir-me ignorado pensando eu ser um aprendiz de rei. E o certo é que ela me deu guarida, hoje não sei bem o que foi mas eu devia ter algo dentro de mim que a atraía e começámos a conversar, a ir tomar café e a ir ao cinema com o seu grupo de amigos, comecei a frequentar a sua casa, um t2 transformado em casa com três quartos, um para cada rapariga. O quarto dela era parte da sala antiga, tinha uma estante a fazer de divisória com o espaço onde o social se reunia, ou seja, a televisão, o leitor de cedê e o sofá para todos nos sentarmos. Nesta altura, eu fumava haxixe apenas ocasionalmente e neste grupo ninguém o fazia, pelo que éramos todos um grupo de meninos e meninas *de bem* que estudam numa cidade longe da casa dos pais, que têm mesada para gerir, que têm ainda todo o futuro à sua frente, que vão conhecer as suas futuras mulheres ou maridos.

A verdade é que eu me apaixonei por ela, ou pelo menos tive um forte desejo de estar sempre junto dela e arranjar motivos para com ela falar, não era tímido nessa altura, sentia-me viril e dizia-lho, quero beijar-te estar contigo, sei lá as palavras que lhe disse, quis fazer amor com ela, dizia-lho todas as vezes que com ela estava. Ela recusava mas não me mandava embora, calava-se e ficávamos calados até eu perceber que estava a fazer figura de parvo e me decidir a ir embora. Parecia que os dias passavam e o meu amor ou a minha fixação por ela aumentavam. Foi assim muitas vezes até que um dia, estando nós os dois a

sós, ela acedeu a fazer amor comigo.

Fomos para o seu quarto, seriam umas sete da tarde, já noite, a luz acesa. Não nos beijámos, não nos despimos, encostei-me à cama e ela começa a desapertar-me as calças, mete o membro flácido na boca, não muito tempo é certo, eu não lho tinha pedido, o membro endurece e continuando nós friamente sem nos beijarmos, eu decido tomar a iniciativa de lhe tirar as calças e a penetrar na vagina. Talvez devido à minha inexperiência eu a estar a magoar ou ela não querer já ser penetrada ou não querer de todo, lembro-me hoje que ela disse não, e disse-o alto de tal modo que tu, um nosso amigo, estavas na sala com outras pessoas sem nós nos termos apercebido, entraste e terminaste com a minha investida sobre ela.

Na altura, senti-me fodido contigo e também nunca cheguei a perceber se ela quis ou não fazer amor comigo, se fui eu que estava a ser bruto e sem jeito para o amor, hoje talvez fosse acusado de abuso sexual na forma tentada. Ela calou-se, eu acabei por vir para casa nessa noite confuso com tudo, com a minha atitude, com a dela e com a tua. O certo é que não fui renegado, continuei a frequentar a casa dela, toda a gente podia ver que eu gostava dela, uma amiga que vivia com ela começou a ter afinidade musical comigo e, sempre que ela me dizia que não outra vez, eu ia até ao quarto da sua amiga ouvir música.

Foi assim durante anos, durante anos ganhei uma fixação mórbida por uma mulher que me disse sempre não, foi preciso que ela tivesse a coragem de me expulsar de sua casa pela primeira vez e a última que nos vimos: aí eu ganhei vergonha na cara e disse: nunca gostaste de mim.

Por isso, digo-te irmão, esta foi uma relação frustrada que me ensinou a desistir perante um não e a dizer que, no fundo, tem de ser só quando a mulher quer. Por muito que custe à virilidade do homem, é assim que deve ser, devemos desistir da barbárie e regenerarmo-nos do erro e da pena.

Foi por isso que me apanharam, eu denunciei-me nos absurdos que fui praticando, escrevi um opúsculo gongórico que foi treslido e mal interpretado pelas autoridades e pelos paladinos que o leram, perguntaram-me nomes, apresentaram factos, perguntaram pelos meus pais, chamaram-nos às urgências da casa rosa, quem eram eles?, borrei a pintura, confundi tudo de propósito, mudei nomes, cometi excessos, mudei mesmo o género identitário dos nomes, vomitei alarvidades *dada* vividas por outros que orgulhosamente mas legaram, versos

musicais, slogans publicitários, vozes de filmes, *ama-me Ma, ama-me Jo, ama-me Ga*, fui troglodita e quase violador, todas as ganzas me mandaram passear ao verem no que me tornei ou quem eu era na realidade... e esta menina que imitava Portishead, esta Dina não era, na verdade, nada similar à primeira Dina. Essa ganza amara-me e expirara sobre mim o bafo da sabedoria e da segurança com que eu faria a Maria feliz quando ela me aparecesse, estava há muito escrito na pedra rupestre. Esta sucedânea da Maria que eu perdi, esta nova e desejada Dina não passou de rena, ganza marada a saber a acetona. Não, eu não machadei cabeças como orgulhosamente assumi, não chutei cabeças sangrando pelos cantos mas ganhei inúmeras dores de cabeça, os sentimentos de culpa assolaram-me o miolo, a cebola como lhe chamo, a retrete, e o miolo apodreceu, a merda tornou-se carbono e depois diamante, primeiro melancólico, receoso do novo e sem vontade de conhecer o mundo real fora dos livros, depois uma abjecção cheia de desvios de personalidade, de desvios de identidade de género. Os funcionários fizeram-me a folha por fim. A universidade é uma prisão, a escola é um hospital, a prisão é um iq hospital, um wc hotel.

Dou-te a seguir um vislumbre do que foi a escola, as urgências da casa rosa:

Para se entrar no WC Hotel, onde se chega de ambulância, é necessária uma prova presencial de admissão. O ritual consiste em dizermos uma data de baboseiras e anedotas, muito alto até incomodar os restantes aspirantes e nos dizerem para falar mais baixo e nos acalmarmos.

A sala tem seis metros por três de largura. Num dos lados, existe uma janela com pequenos rectângulos de vidro e um sofá onde está pousado o jornal que leio todos os dias e o sobretudo azul que pertence a C. Na parede mais larga, estão várias estantes contendo os meus livros e frascos que poderiam ser soluções caseiras de nitroglicerina ou veneno, igualmente um aquário. Do outro lado, um quadro branco contendo uma tabela com vários nomes listados e onde a letra C aparece repetida aleatoriamente tanto como nome como apelido. Na coluna seguinte, às vezes, aparece a palavra Tribunal. A sala é alta e termina numa porta de madeira pintada de branco. Estou sentado no sofá e discurso, ou melhor, descrevo a sala e associo cada objecto a algo que conheço. Numa secretária, está sentada uma mulher atraente, de cabelos ruivos e calças pretas apertadas que ouve o que digo, às vezes noto-lhe um ar de aflição, às vezes estranheza. De pé, uma mulher de

bata branca. É obviamente uma conspiração, o terrorismo psicológico que o sistema faz para, por meio de lavagem cerebral, obter a confissão da verdade. Não! Não estou interessado em confessar a verdade nem estou interessado em lavagem cerebral. Eu sei que estou a pequenos passos da cela. Só confessarei se me aplicarem o soro da verdade.

Levanto-me e continuo a descrever a sala, tentando com isto desconstruir a conspiração, aproximo-me do quadro e leio os nomes, pessoas ficcionadas eu sei e enfatizo o nome C que aparece em mais de metade das linhas. Mostro-lhes a evidência.

O tempo vai passando. A porta abre-se e vejo aqueles que colaboraram nesta conspiração. Ele olha confiante, quase cínico, agradado talvez com a minha reacção. Ela... não sei, só olho para ele. Outros aspirantes à prova de admissão, ou mesmo já caloiros de teatro, olham assustados e curiosos para dentro da sala. Quem são? Não sei dizer. Não são prisioneiros, pois senão não estariam aqui, estariam recolhidos na sua cela, serão talvez figurantes contratados pela autoridade que me interroga, serão actores para somar a tantos outros.

A certa altura, a mulher ruiva, sentada e quase chorando, diz que vou ter de levar uma injecção.

Ora aqui está! O soro, a evidência.

Grito que não tomo, querem porventura ver se tenho tatuagens no cu.

Ela e a mulher de bata branca olham-me, outra mulher mais velha aparece igualmente de bata branca. Peço um copo de água porque estou com a garganta seca de tanto falar. Esta última mulher sai e reaparece dois minutos depois produzindo um copo com água, pousa-o com cuidado na secretária enquanto eu leio o jornal.

Finalmente, pego no copo e bebo um gole. Descubro a evidência, a água tem sabor, olho e descubro na água bolhas de ar. O que puseram vocês na água?

Ouço uma voz dizendo baixinho *foi por causa dos comprimidos que...*

A minha voz, a minha raiva, eu acalmo-me subitamente, o que puseram no copo resulta. Decidem-se por uma injecção no ombro esquerdo e dizem-me para os acompanhar.

Entro numa sala mais ampla onde estão outros actores ou mesmo hóspedes ou mesmo prisioneiros não sei, sentados em mesas de madeira, jogam cartas.

Os hóspedes são muito interessantes!

Sento-me e olho para a televisão. Passa pouco das oito da noite, vejo no telejornal uma reportagem sobre uma greve e respectiva marcha sindical de protesto, todos vão alegres, um deles tropeça ou olha para o sapato desculpando-se por algo, assumindo algo ou tentando dizer que também tem dificuldades em comprar calçado. Não recordo a cor deste sapato.

Alguns minutos depois, dois homens de bata branca vêm ter comigo, dizem-me para os acompanhar. No corredor longo, de um lado existem janelas, do outro lado portas pintadas de branco. Paramos numa que tem como epigrafe a palavra QI, ironizo: Coeficiente de Inteligência.

Entro, ou melhor, forçam a minha entrada. Esta sala é mais baixa e termina em duas portas, abrem uma e vê-se a escuridão. Não quero entrar. Forçam-me, resisto, chamam reforços, serão agora talvez quatro os actores tentando segurar-me e, além disso, aquele copo de água e a dor provocada pelo torcer do braço esquerdo onde me picaram obrigam-me a entrar.

Colocam-me numa cama baixa, prendem-me os braços com algemas, vestem-me uma camisa-de-forças e injectam-me na veia da mão direita vários frascos de um líquido chamado Largactil. E afastam-se, fecham imediatamente a porta desta solitária, ironicamente chamada QI. Deixam-me gritar: Todo o mundo vai saber!

Soltaram-me ao menos as mãos e agora espero. E esperei... senti o coração bater mais forte até me perguntar se aquele líquido venenoso me ia matar. Não sei quanto tempo aqui estive. Talvez uma noite ou uma noite dia noite. Sei que gritei e bati à porta para ir à casa de banho mas ninguém respondeu, mijei na parede como um cão.

Obviamente, este ritual destina-se a vencer o medo de morrer aprendendo a confiar nos superiores.

Quando novamente me abrem a porta para a luz do dia durante a manhã, sou convidado a sentar-me à mesa do pequeno-almoço por Romeu que me apresenta o Sérgio. Romeu tem o cabelo preto e comprido, cor morena e está vestido como um guru oriental. Sérgio tem o cabelo curto e preto, piercings na orelha e no nariz, veste uma camisola vermelha. Romeu diz que Sérgio está connosco porque se tentou suicidar. Digo a Sérgio que ele deverá despejar, deitar fora toda a merda para aprender a viver.

Romeu passa os dias a escrever em folhas de papel, a desenhar com lápis de cor, a queimar as folhas com pontas de cigarro e a tentar ofe-

recer-me estes trabalhos. Não aceito nenhum, não por não gostar mas porque ele nunca me disse o que pretende ou o que os textos pretendem significar, por isso não me mostro interessado em ler o que ele escreve.

Ao fim de alguns dias, digo-lhe que me não deve considerar nem como um professor nem como um aluno. Quanto a Sérgio, com a excepção da primeira manhã, nunca mais o vejo.

Numa das primeiras noites, Romeu convida-me para fumar um charro e eu aceitando sigo-o até ao fundo do corredor, sentamo-nos e ele improvisa um cachimbo com prata de maço de tabaco.

Manuel está presente, é um tipo magro, alto, quase careca na casa dos trinta anos usando um boné de beisebol. Está connosco porque também se tentou suicidar mas dizem as más-línguas que ele o fez para poder receber um subsídio do estado. Manuel sai todas as tardes do hotel para comprar ganza e recebe com frequência a visita de duas amigas loiras, interessantes, boazonas que olham espantadas para nós, os hóspedes.

O Cordeiro é um chato. Está sempre a pedir cigarros quando nem se importa de esconder o seu maço de SG Filtro. Além disso, parece um mentecapto que mente, um captomante esbaforindo apologético, diz a espaços palavras que mal se compreendem e fuma cigarro atrás de cigarro. Numa das noites em que se fuma ganza, descobrimos que ele nunca experimentou. Então, Romeu e eu, concordamos em iniciá-lo nesta mesma hora nos mistérios de Eleusis. Fica romântico, profético, adivinha a desgraça de todos nós, diz que o diabo vem aí e que agora já sabe o que é ser drógado, acaba a glorificar o pai, um ex-toxicodependente, hoje um iúpi admirado pelo seu percurso como terapeuta da fala na Sociedade Alfa Beto.

Um dia, surgem na sala de convívio três novos hóspedes. Dois deles caminham ao longo do corredor falando baixinho, enquanto o terceiro passa duas ou três tardes a dormir. Quando este finalmente acorda, vem sentar-se a meu lado. Chama-se David e também fuma tabaco de enrolar mas tem uma técnica diferente: usa uma rede com goma para enrolar. Como tem duas, oferece-me uma delas e olha para o meu dicionário de símbolos, abre-o, lê e comenta qualquer coisa. David diz que trabalha à noite em rulotes ou vende em feiras peças da sua autoria onde utiliza peças recicladas de equipamentos mecânicos e electrónicos. Está connosco a fazer uma cura de desintoxicação de heroína. Comenta sobre um chavalo sentado atrás de nós com as mãos nos bolsos

a tremer por todos os lados contra a parede.

David apresenta os seus dois amigos que também estão connosco a fazer curas de desintoxicação. João tem vinte e seis anos, é casado e pai de uma menina de seis meses com cabelos loiros como a mãe. João diz que quando sair nunca mais dará um bafo mas é interrompido pelo Paulo, desempregado, com trinta e oito anos e com aparência de gajo género relações-públicas, que ajudará Manuel a escrever um requerimento para o subsídio estatal.

Comenta ele irónico: Isso até ao momento em que pedires à mãezinha quinhentos paus para ir tomar café! Rimo-nos porque sabemos que é verdade. Todos dizem mal dos ressacados mas todos os ressacados fazem igual. David tem trinta e seis anos, está separado da terceira mulher, tem uma filha de catorze anos e diz que é descendente dos Heredia, uma família cigana de origem espanhola. Paulo é diferente, é alemão na cor da pele, tem cabelo curto, fala pouco, fuma filtro e, ao contrário de nós, não tem uma história para contar, gosta só de ouvir contar histórias. Além disso, não fuma ganza.

O clube dos fumadores é, então, composto por Romeu, Manuel, David, João, C, o noviço Cordeiro e o ouvinte Paulo. Diz-se que a ganza liberta as pessoas, é verdade, relaxa e faz dialogar.

Cordeiro expõe algumas das suas paranóias como ser virgem ao fim de quase quarenta anos, ter vontade de violar uma menina como se ela fosse uma puta. Obviamente, se assim fala, talvez se justifique a estadia neste hotel, estamos a tentar libertá-lo do fantasma, talvez nunca cometa nenhum acto violento, talvez seja só léria. Aliás, as más-línguas dizem que a sua estadia aqui no WC Hotel será prolongada, uma vida inteira. Cordeiro é um menino impertinente com trinta e oito anos.

Fernando aparece de fones nos ouvidos. Pede uma passa, diz que só quer sentir o sabor do berlinde mas, hoje à noite, diz que não me empresta o *walkman* com música espanhola, quer sentir o sabor do charro e continuar a curtir o som.

Dias depois, sou chamado ao escritório onde me dizem que vou entrar naquilo que pode ser descrito como terapia ocupacional.

Uma bata branca acompanha-me ao local, um pequeno barracão com duas salas. A mais interessante está apinhada de pinturas e trabalhos gráficos, tanto homens como mulheres pintam, fazem tapetes ou colagens. No entanto, esta sala está lotada. A segunda sala mais parece uma oficina. As pessoas fazem malha, lêem o jornal, discutem política

e futebol, cosem livros, fazem pequenos sacos de papel ou caixas de cartão e vêem televisão.

Sento-me e trazem folhas, lápis, etc. Decido fazer um desenho descrevendo o que vejo, a janela à minha frente não tem gradeamento e, então, esta prisão torna-se menos real e mais humana.

Passado algum tempo, entra uma mulher com muitos cabelos grisalhos e algumas rugas. Senta-se a meu lado. Cumprimentamo-nos e ela começa a interessar-se por mim, pergunta-me o nome, ela chama-se Mónica e tem quarenta e dois anos, gosta do meu desenho e diz que também desenha, passara alguns anos em Belas Artes mas não tinha concluído. Mostra-me os seus desenhos: figurações muito simples de mulheres a caneta de feltro preta e, em geral, desenhos do tamanho de uma carta de póquer.

Uma mulher na idade dos vinte e tal anos, de cabelos castanhos, bata azul clara, entra indo falar com o guineense, responsável pela sala, e os seus outros compinchas que lêem o jornal. Falam do *bijou* dela. Ela ri-se, eu também me rio e digo: Ah... eu também gosto do bijou!

Venho a descobrir que tem um anel no dedo e que o bijou é o marido. Obviamente, não fica bem querer foder uma mulher casada e, ainda por cima, uma elegante.

Ela ignora e diz que é hora do café. Dizem-me que se deve pedir ao chefe uma ficha vermelha de plástico para depois com ela pagar a cevada. Saio com Mónica em direcção ao café.

Os empregados são simpáticos, existem batas brancas, azuis, masculinos e femininas, uma mesa de ping-pong, quatro ou cinco mesas, o café cevado é uma merda.

Sentamo-nos e começamos a falar enquanto fumamos. Aborda-se os livros e os melhores autores e, já não sei porquê, digo-lhe que o meu escritor favorito é o Jean Genet. Ela responde instintivamente com uma expressão de espanto ou choque mas sem repulsa:

Sim, a prisão é uma grande escola!

É o suficiente para já a considerar uma amiga, afinal é a minha terceira amiga que conhece ou já leu Genet.

Fala-me que é dependente de um fármaco líquido chamado Haldol, que lhe resolve um problema de saúde relacionado com os seus ossos, rigidez, tremuras do corpo. Diz também que não se considera uma condenada pois apenas vem todos os dias voluntariamente à terapia ocupacional, ou seja, vem porque quer. Além disso, o estado paga-lhe as injecções, uma ou duas vezes por semana, mais uma pequena pen-

são para a renda.

À noite antes de adormecer, esta conversa suscita-me questões metafísicas: é claro que é uma condenada, ela disse a verdade mentindo, ela sabe-o. Afinal, está dependente para toda a vida de uma droga. Porque são as pessoas boas, humildes e interessantes, aquelas que mais fazem e aquelas que mais sofrem e vivem na miséria e morrem?, a gente olha para o mundo e só vê corruptos no poder ganhando bons salários, ajudas de custo e motorista do estado, falando merda ou respondendo evasivamente em talquechuis e etc, bem... vocês conhecem a história.

O dia sem terapia ocupacional é uma rotina e todas as rotinas são maçadoras. Acorda-se às oito, toma-se banho, pequeno almoça-se, vai-se buscar o tabaco guardado no escritório, alguns tentam endrominar o hóspede ao lado na ânsia de lhe cravar a prisca fumada de bico amarelo, lê-se o jornal, dorme-se encostado ao radiador termoeléctrico, almoça-se, vai-se buscar lume para acender os cigarros, joga-se cartas ou dominó, vê-se televisão, fuma-se cigarros, fala-se, dorme-se, janta-se às seis e vai-se para a cama às nove após se entregar o tabaco e sermos interrogados sobre os isqueiros que são proibidos.

Um dia, um senhor distinto por volta dos cinquenta anos aparece bem vestido com um relógio de ouro, senta-se, puxa de um cigarro, fala calmamente parecendo reflectir as palavras.

Dias mais tarde, tenta pegar fogo a si próprio na cama. Noutro dia, oferece o relógio de ouro.

Um dia, durante a tarde na terapia ocupacional, faço um desenho do qual não gosto e que Mónica acha interessante. Resolvo ir fumar um cigarro à porta do barracão. Senta-se a meu lado um rapaz da minha idade que se identifica como António.

Ele começa a falar do tio que está preso por tráfico, diz que tem um esquema para arranjar ganza, é-lhe permitido sair durante uma hora todos os dias. Não sei porque aborda este tema, talvez por eu fumar tabaco de enrolar, todas as pessoas acreditam que todas as pessoas que enrolam cigarros enrolam ganzas ou pior. E depois ele não é da minha ala, não está hospedado na mesma ala de urgência desta casa rosa, logo não pode saber do clube dos fumadores. Mesmo sabendo que é um risco, e intuindo que em cada ala deste hospital hotel rosa há um clube de fumadores, entrego-lhe quinhentos paus para a minha dose. Ele diz que às seis da tarde me dará a prenda.

É óbvio que tudo o que sei sobre o sistema prisional se torna claro

quando ele só aparece no dia seguinte, parecendo ignorar o facto de eu lhe ter passado para as mãos quinhentos paus, aqui a ética não existe e nem se deve abordar o assunto.

Mais tarde, numa ida ao café a troco de uma ficha vermelha, ele aparece com um colega que despeja a sua razão em poucas palavras: Estou aqui porque atrofiei com o teatro.

António produz um charro, ou melhor, uma quase prisca, dou duas passas que não me batem, é obviamente mais um truque psicológico, primeiro roubei-te, agora faço-te passar por lorpa. Digo que me bateu.

Uma certa altura, os gerentes, contentes connosco, decidem organizar uma festa de Natal, que se revela uma verdadeira seca mas com a verídica excepção de Sandra: uma bailarina empregada nos serviços de limpeza do hotel, escultural dentro das calças de licra que me surpreendera ao oferecer-me um isqueiro com o nome terreno da minha princesa.

Durante a festa, volto a encontrar Mónica que vem acompanhada de uma amiga com boné da polícia de segurança bíblica, casaco preto de cabedal, calças de fazenda em xadrez preto e branco, botas altas e falando com autoridade.

Pergunto como lhe correm os dias e ela responde que vai melhor, acrescentando que conseguiu fazer uma exposição breve, há quinze dias, numa associação de dissidentes sociais. Fico contente. Digo-lhe que a ruiva da secretaria me deixou ler a revista quinzenal do jornal O Escândalo ontem, tento partilhar uma frase alegre, ela gosta do Saramago.

Olha, li uma coisa que vais gostar, o Saramago foi traduzido para inglês, até vão fazer um filme, vai-se chamar *Blindness*,

Sim, gostei desse mas gosto mais de *O homem duplicado* e de *As intermitências da morte.*

Ah, tenho de ler, digo eu.

Ao fim de três semanas numa Quinta-feira, chamam-me ao escritório e a oficial ruiva diz-me, confiante e com um sorriso nos lábios, que vou sair em precária no fim-de-semana para ir à casa familiar em Tirza e que, depois na Segunda-feira, terei de me apresentar num novo centro de estudos vigiados, o CReEA. Apresenta-me um formulário. A partir de agora, tenho um tutor que me gerirá o dinheiro e a responsabilidade, é a ele que eu deverei imediatamente reportar quando voltar a apear-me do comboio em Derza.

Na Sexta-feira, o último dia da minha breve estadia no hotel, David

que também conhece Mónica pergunta-me se eu sabia que ela é lésbica. Eu respondo que já desconfiava mas escondo a minha fantasia, o meu flirte com esta causa. Lá no fundo concluo: então, se ela gosta igualmente de mulheres, será sempre o melhor lado, o lado feminino da relação. Digo-lhe que vou sair depois de almoço e despeço-me com um abraço. Ele pede-me para trocarmos os contactos telefónicos e sentencia que, logo que saia, irá ao Bairro das Lagartas buscar qualquer coisa e que depois me liga para irmos à bouça fumar.

Não te preocupes, xau.

À tarde na sala da terapia ocupacional, despeço-me de Mónica, ela dá-me um dos seus desenhos esculturais e eu tento dar-lhe o meu melhor desenho, aquele que tinha feito no primeiro dia, mas o responsável impede-me e diz que tudo o que eu fiz durante a terapia ocupacional ficará arquivado para futura análise por parte dos psicólogos da instituição.

Vamos fumar um cigarro à porta do barracão. Ela menciona algo saído da boca de Mário de Sá-Carneiro como *se quiseres podes vir as quintas-feiras*, sinto-me perto dela, ternamente perto dela, beijamonos na cara e dizemos adeus.

Ao fim de três semanas regresso a Tirza nesta precária de dois dias, na Segunda irei directamente para Derza e para o CReEA, onde passarei o resto do tempo de reclusão, ainda sem me terem dito o porquê de estar dentro.

No Sábado, saio de casa para ir ao café. Pensando em reler algo que escrevi, sou interrompido ao subir a rua por David que aparece num automóvel. Confia-me que saiu umas horas depois de mim, ou melhor, desistira do tratamento, talvez por não conseguir mijar para o copo de análise de urina. Resolveu logo vir procurar-me tendo entrado no meu café habitual e perguntado sobre a minha morada.

Decido ir com ele a um café que não costumo frequentar, conversamos durante alguns minutos e, após pagar os cafés, David convida-me a ir até sua casa. Meia hora depois, entramos e vamos em direcção ao seu quarto.

Olho para os discos e peço para ouvir *Kashmir* dos Led Zeppelin, e ele, um pouco contrariado, tem um trabalho enorme para ligar os fios à tomada de electricidade por detrás da estante. Diz para passarmos a outro quarto. Abre a porta e vejo dois tipos em cima da cama preparando-se para fumar pó, viram-se para David e resmungam que não querem ser incomodados. Vou sentar-me na outra cama, quase de cos-

tas para eles e a folhear um livro do Lucky Luke que retiro da estante, olho de relance e vejo-os a dar uma passagem muito rápida do isqueiro e algo distante da prata para queimar efectivamente a castanha.

David pergunta-me se eu vi a sua filha que acabara aparentemente de sair.

Paulo bate nesse momento à porta de entrada, conversamos um pouco na garagem e saímos na direcção de minha casa com Paulo ao volante de um Renault 19.

David pergunta-me se memorizei o caminho e eu digo que não. Além de ser muito sinuoso, não me interessa lá voltar.

Chegamos a casa e resolvo dizer a David para fazer um charro para os dois, ficando eu com um pico para fumar à noite.

Então, surge a evidência, um sino toca dentro da minha cabeça, David pergunta-me com um sorriso nos lábios acompanhado do sorriso de Paulo, aonde comprei eu aquele pedaço de droga, eles riem-se para tentar serem informais, amigáveis como se fôssemos amigos. Um gajo que fuma pó em casa, além de a ganza ser talvez uma coisa de chavalos e não combinar muito bem com a poeira dos grandes e este David é um grande, deve certamente saber onde se arranja ganza. Além disso, nunca se pergunta aonde se comprou, quando muito pergunta-se se lhe podemos fazer o favor de lhe arranjar.

Então, respondo: Tenho um colega que sabe quem tem e que, às vezes, me arranja alguma.

É tempo de ir tomar o último café da reunião e, desta vez, dirigimo-nos ao meu local habitual. Paulo, antes de se levantar para pagar a despesa, sai-se com uma frase algo enigmática: também nós fizemos algo pelos hóspedes daquele hotel.

Despedimo-nos.

Na tarde de Domingo, lembro-me de algo que com ele queria comentar e telefono a David, Alguém atende a chamada e eu digo que sou o C, aquele que esteve com o David no hotel. Desliga-me o telemóvel na cara.

Compreendo tudo, as dúvidas desfazem-se, reconheço a melodia que o sino toca.

O Sérgio nunca se tentou suicidar; o Romeu era um informador; David, Paulo e João são agentes infiltrados no hotel que permite que se fume abertamente lá dentro, apesar dos sinais para não fumadores nos corredores; David nunca foi cigano, nem tem uma filha de catorze anos. Os gajos que moram com ele não fumaram realmente castanha.

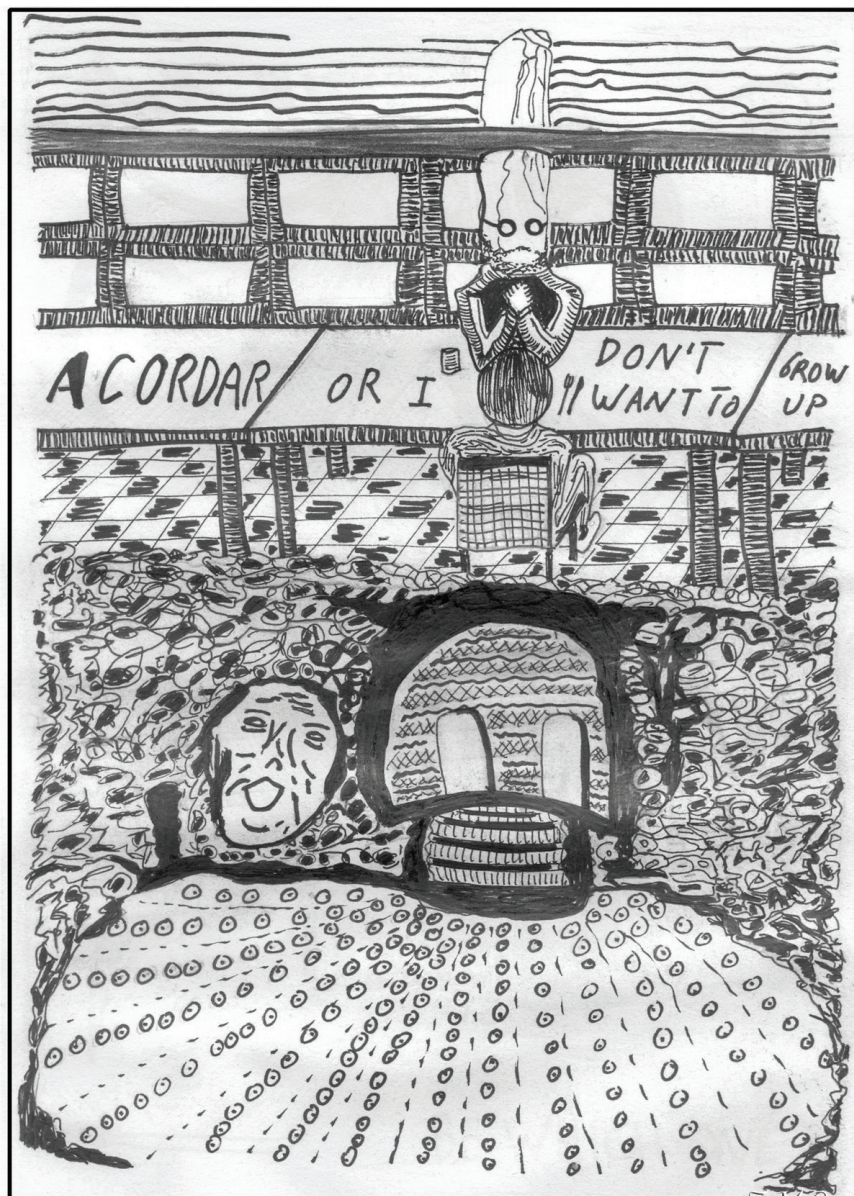
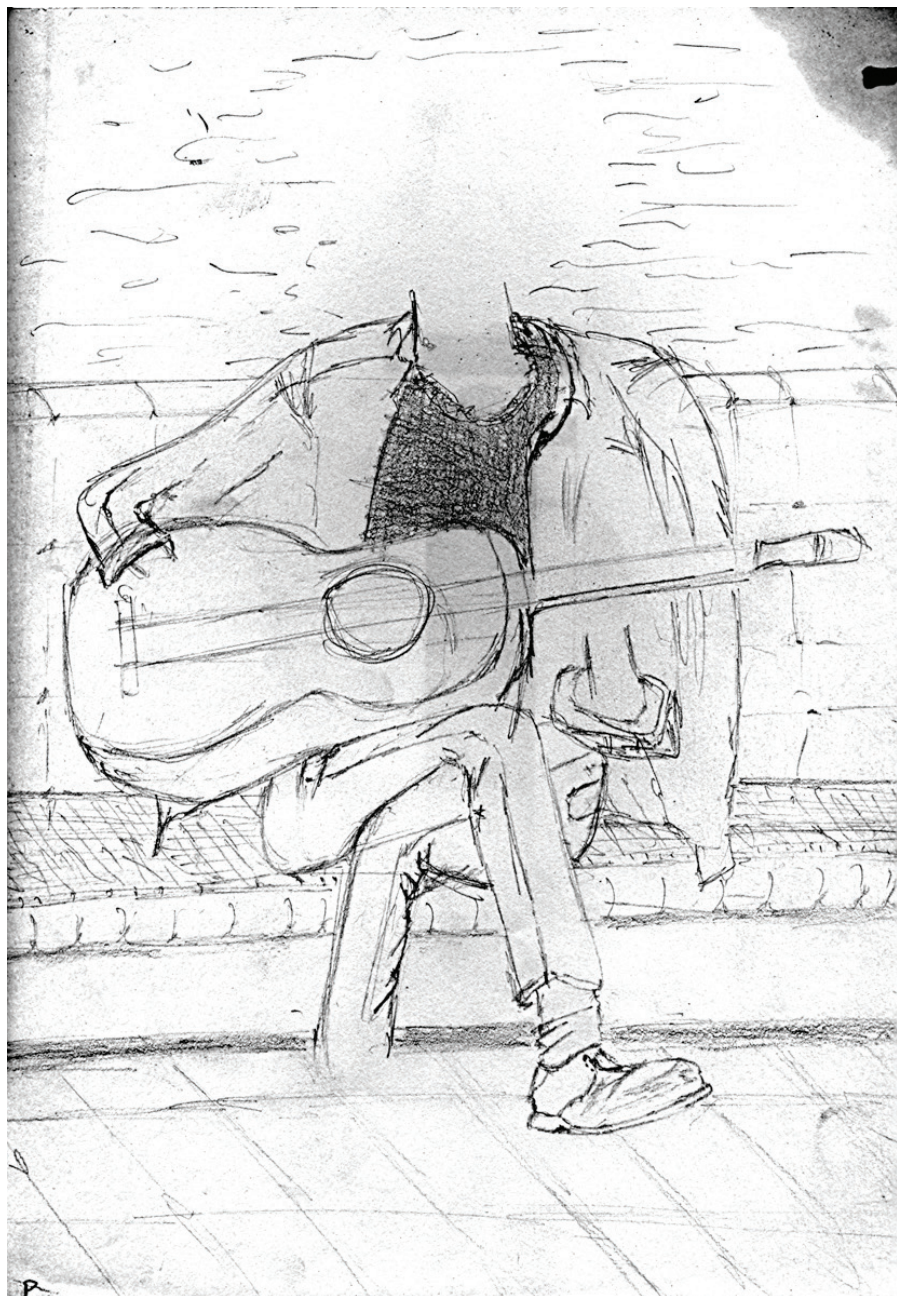
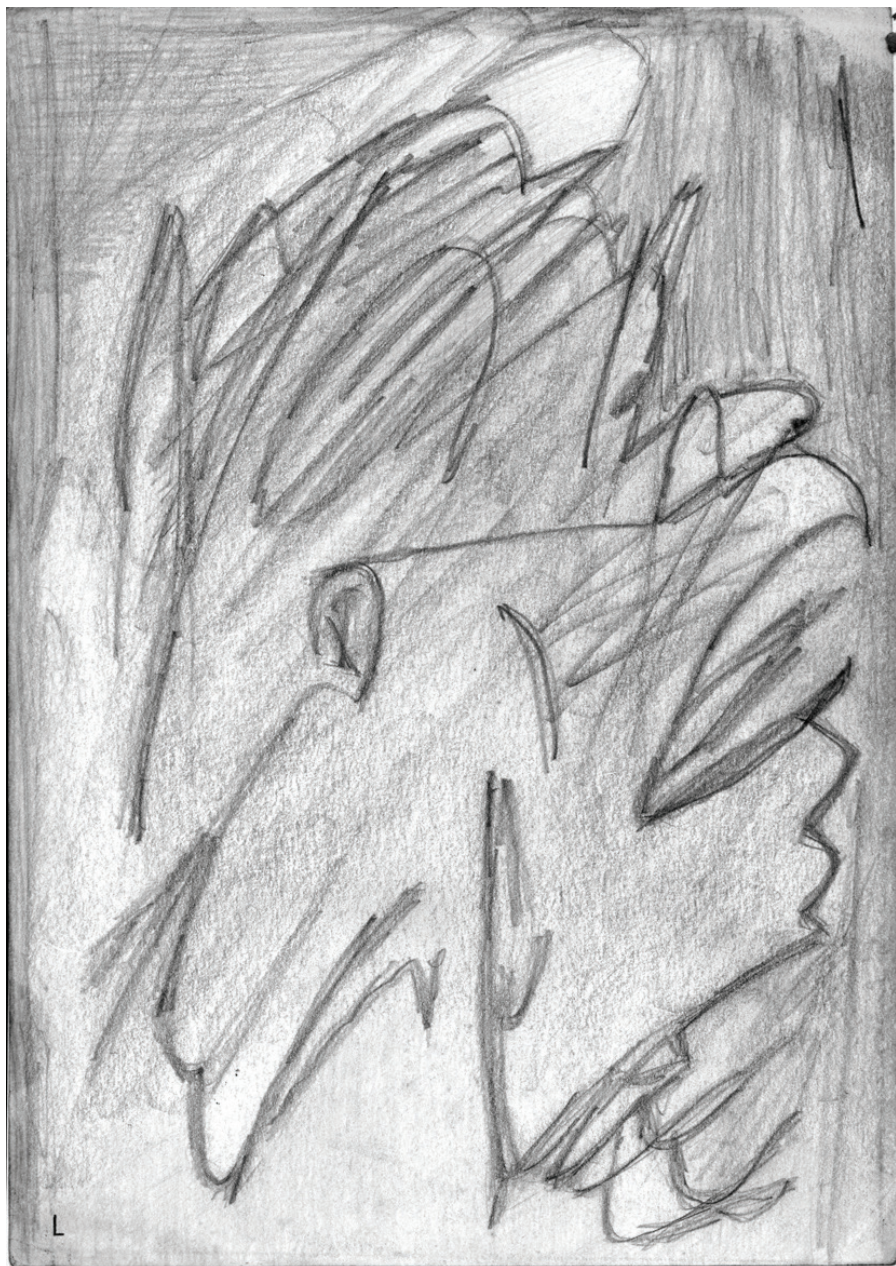
Paulo, o desempregado, não apareceu por acaso no seu Renault 19. Provavelmente, a casa era um disfarce de conveniência. Andavam, isso sim, à procura de provas, à procura de uma evidência comprometedora, de uma denúncia. No entanto e como bom hedonista que aprendi a ser, digo que, para o futuro, aprendi uma nova maneira de fumar um charro, recorrendo a uma vulgar maçã.

Na Segunda-feira de manhã, cansado da viagem de comboio até Derza, sou recebido pelo funcionário no CReEA, ele diz-me por palavras científicas que me vão estudar pois cansaram-se de procurar debaixo da cama. Enviaram-te, rapazinho céptico e escritor desviante, para aqui. Isto já não é uma urgência de agudos. Isto é uma autêntica ilha em Derza, a verdadeira *baixa* da cidade, um oásis no deserto, aqui vais ser recuperado socialmente, vamos aproveitar os teus estudos académicos e vais passar mais cinco semestres sabáticos, vamos-te ensinar a profissão de sociólogo cibernético, não te devia dizer mas... temos uma parceria com o reactor quântico da cidade vermelha, de vez em quando irás até lá trabalhar no *openspace* e no gestor de conteúdos, ficarás hospedado com todas as despesas pagas, aprenderás com a nata da nata, todos os nossos professores são superiormente certificados e prepara-te para ser avaliado periodicamente em referendos internos no que toca à higiene e limpeza do alojamento, isso é indispensável ao processo de requisição da Bolsa de Sobrevivência.... mas será igualmente avaliada a tua miséria existencial, cognitiva e sexual, a tua capacidade de desenrasca, de desengenhocas. Diz ele, depois, apresentando-me a minha nova identidade, agora sou o I com o número de identificação Id 8267. Boa merda, como se diz no teatro, o mesmo é dizer, já o sabes, boa sorte, agora andamento, some-te da minha vista.

É isto irmão, a carta já vai longa, por isso termino dizendo o que depois, ao recolher ao alojamento que o tutor contratualizou com o senhorio, escrevi numa folha posteriormente rasgada com medo do cão grande: o mundo será sempre feio enquanto for habitado por humanos e as utopias foram escritas por extraterrestres. O Id, sendo aquilo que o pai Freud descreveu, é naturalmente uma besta, mal começa a gatinhar agarra-se ao varão do parque para se pôr de pé. Quer ser grande. Quer viver como os grandes. Depois, se não se consumir nas chamas do inferno que criou, envelhece facilmente em seis meses, caem-lhe os dentes todos, fica careca e político. É aí que aparece o ego que lhe diz: meu crápula ignorante, ora bamos lá a ver se tu tens um restolho de tino e me deixas pintar o teu retrato de modo a que todos te possam

admirar como o mais otário ou como o mais sublime dos cônsules-do-nadistão. Por fim, vem o superego, que pode ser o funcionário da repartição de finanças do museu que fuma às escondidas ou a rainha de latão que anseia pelo mar enquanto manda beijinhos e mostra as neiles ou esfaqueia mortos-vivos e os mete na arca congeladora, vem o superego dizer: Sim, continua, tens aí material interessante, a tua vida parece um filme europeu dos bons, mereces ser divulgado, até te vou levar comigo para Vlad Moro, ocê gosta de mi não gosta? O pobre do Id, que até poupa nas telhas e as retira para que as pedras lhe caiam bem lá no fundo da consciência, perante os factos lembra-se da anedota e diz: deixa-os pousar, aprendi a fazer churrasco de urubu-vigilante-de-cabeça-preta, nome científico *Coragyps atratus*.

Agora, o rapazinho que eu fui está marcado para sempre, acabaram por me dizer: você é esquizofrénico e se tomar a medicação pode viver uma vida perfeitamente normal. Mas para mim, estou rotulado e marcado para sempre. Se desejei o cartão do partido PDSC agora sou membro vitalício. Irmão, vota em mim no referendo.

ACORDAR
OR I
DON'T
WANT TO
GROW
UP
ZMB

Desiludes-me rapaz...

Vejamos uma foto tirada à uma hora e vinte minutos da tarde
mostrando uma vista aérea das redondezas da cantina

Acordar para a vida ou I não quer crescer

H Capítulo VII
John Zorn: Blue
Einstuerzende Neubauten: Zeichnungen des patienten O.T.

Sensivelmente pela meia hora da tarde, uma sineta ressoa no CReEA, ou como se diz, na prisão. Esta sineta indica a hora de almoço. Ão ão dêem-nos pão, tamos cão fome. Então, como num bom filme cómico construído com a sobriedade que se exige, as portas das celas individuais batem e, por elas, saem os presos que se agrupam em fila. Um polícia-sinaleiro dá o sinal de partida assobiando e a longa marcha começa ao som de Vangelis, parece aliás a longa marcha dos espermatozóides em direcção ao útero.

Inaugurada há pouco mais de duas décadas, esta prisão é uma monstruosidade em permanente renovação. A delinquência da nossa sociedade coexiste, como se sabe, com o estabelecimento da sociedade das letras, o vulgar alfabeto. Todos os dias, novos membros aderem a esta fraternidade do Alfa Beto dirigida pelo homem do colarinho branco, sempre em reunião no café Gungunhana com os melhores engenheiros e arquitectos da praça, sempre em linha com a voxpop e sempre com o intuito de proporcionar as melhores condições aos iniciados e, também, poder projectar novos pavilhões. O homem ouviu dizer em opiniões lidas nos jornais que a nova moda serão os barcos-prisões. No entanto, estas metafóricas ideias são habilmente corrigidas e adaptadas às regras do governo em vigor, sim senhor ministro, e do caos nasce sempre a luz. Deste ponto de vista, a prisão não passará aos olhos dos críticos de um complexo desordenado mas os apaixonados falam de uma desordem seguindo uma certa beleza, uma certa grandiosidade espacial. Belo modo este, o de exprimir a ironia de um sistema, chamam-lhe agora de sistema hipermodernista.

Vejamos, então, um instantâneo captado às doze horas e quarenta e um minutos da tarde mostrando uma vista aérea das imediações do refeitório: um longo átrio improvisado onde bizarras construções piramidais se confundem com gigantescos agás e se misturam com gigantescos círculos encerrando gigantescos agás, certamente helicópteros, um átrio em hexágono. Num vértice, uma boca do inferno escavada em plena rocha granítica constitui a entrada que se pretende

atingir. Trata-se já de uma figura em movimento, os outros vértices do hexágono tingem-se de cor preenchendo-se sucessivamente de formigas, de carreiros com fome que pretendem almoçar.

Vou num destes carreiros e não gosto da comida da prisão. Quase sempre moelas com massa. Preferiria cozinhá-las eu próprio mas... não, talvez no futuro, não se pode assinar o nome no livro amarelo porque... senão... cala-te bem caladinho e assobia para dentro como se estivesses a aquecer as mãos. Todos temos saudades de casa e da comida da mãezinha e eu, às vezes, recuso-me a almoçar aqui, poder-se-ia talvez falar de revolta, de cuspir no prato que me oferecem grátis, de fúria de viver mas, no entanto, ainda me considero um homem viril e caprichoso, sou casmurro. E pelo menos deram-me uma cela individual e tenho horas em que posso sair à rua.

Subo os degraus de acesso ao refeitório acompanhado de centenas de reclusos mas vou sozinho, olho em frente, olho para os lados, reflicto movimentos sem carácter adaptativo, movimentos desprovidos de significado. Todos conversam uns com os outros, todos falam de futebol e da excelente vitória do Porto, do postal que a filha lhes enviou por alturas do último natal, destas e doutras coisas tão importantes no fundo mas às quais não consigo achar interesse algum, por exemplo, eis o que agora ouço:

Ora viva! Não tens cinco centavos? Não, mano. Acaba de dizer mano número dois. Fuma, sobe as escadas e entra, recolhe o seu tabuleiro e senta-se no seu lugar.

Mano número três entra e fica de pé à espera que chegue a sua vez de ir levantar o prato e a sopa. Entretanto chega mano número quatro: Atão mai frango!

Hoje é feijão fradinho, não tens por acaso trinta escudos?, pergunta mano número três ao mano número quatro.

Tenho.

Diz este e vai ao bolso e dá uma moeda de cinquenta a mano número três. Este recebe a moeda e pergunta:

Queres os vinte de volta?

Quero.

Mano número um pergunta a mano número dois se ele quer trabalho, mano número dois devolve a pergunta e diz:

Tu tens trabalho?

Não, porque não quero!

E de que trabalho falas?

Vender isqueiros.

Não, arranja trabalho para ti que eu arranjo para mim!, diz mano número dois.

Queres ir para o parque da igreja arrumar uns carros? Dá uns trocos...

Estou já perto do princípio da fila. Eles falam e eu ouço. Seria uma ironia escrevê-lo mas... nenhum destes manos brinca aos pobrezinhos nem se chama espírito santo. Hoje em dia já não ligo aos meus velhos heróis. Ainda ontem, no Armenia com aquele pessoal, afinal há aqui muita gente conhecida, conheço-os a todos de ginjeira. Fomos ao jardim fumar uma bolota, quero eu dizer, uma unha de bolota... e aquilo era bom e toda a gente o dizia, todos se hilariavam e gargalhavam e eu... com a moca dos comprimidos a sobrepor-se, eu estava como que colado, da minha boca talvez caísse baba mas nenhum som de palavra, nenhum pensamento nem um só pensamento se formando, a minha cabeça como um bloco de cimento, nihil.

Digo a mim próprio baixinho que tenho de comer: é disso que preciso porque senão acabo por sentir a falta de substrato e eventualmente desfalecer, bem... a primeira coisa a fazer é escolher um tabuleiro que esteja limpo, hum... com este vírus, bem... já está, bem agora os talheres, hum... paciência vão mesmos estes, hum... que bom, é mesmo isto, um prato de feijão frade com atum e ovo, a minha comida preferida... trato agora de arranjar um lugar conveniente, sinto calores frios, algumas tonturas, nada de muito importante.

Estou já sentado. À minha frente, duas filas horizontais de mesas e a vidraça por onde entra o sol, os manos que almoçam parecem negros recortados em contraluz e... ahahah os carecas parecem que têm uma aura de santo no cimo da mona.

Ao fundo, o sol chama-me. À minha frente, um homem, que poderá ser a minha consciência aparentando a meia-idade, pousa o seu tabuleiro na mesa. Mal lhe consigo ver a cara por causa do sol, ele estende a mão com um sorriso nos lábios e diz: Para os meus amigos, o meu nome é O. Senta-se à minha frente.

Quando ouço o seu nome penso: é um jarreta de profe, tem mesmo o aspecto terminal, fala mais do que faz, já se sabe. De qualquer modo, espanto-me e quase me esqueço com tamanha frugalidade: onde é que já ouvi este nome? Olho para ele, aprecio o fato impecável, o cabelo limpo, as unhas limpas... mas de onde veio este tipo? Quando observo o modo como soletra Ooo... pergunto-me se não será O... nanista?

Respondo, tentando um sorriso amplo de respeito que, noutros tempos, seria irónico mas os tempos, hoje, são diferentes, é mais disciplina e menos bolos: muito prazer.

O sol, no entanto, continua a chamar-me, convida-me aliás a fixar o pensamento para lá desta estufa: a dama que eu deixei, o gajo que ela deixou, quero que fique calmo, quero que fique como amigo, quero recordar os momentos calmos, lágrimas nunca mais, guarda tudo de modo amistoso, guarda-o bonito, guarda-o apenas por favor!

Quando acordo, largos momentos depois, é hora de olhar para o tabuleiro mas reparo que O não come e tem, aliás, as mãos em cruz apoiando o queixo, olha persistentemente para mim. Pergunta-me:

Há quanto tempo estás aqui, I, eu sei o teu nome, já tens cartão da biblioteca? Eu cheguei há um mês e tenho reparado em ti, tenho aliás tentado falar-te, vejo-te sempre isolado, sempre calmo ou aparentando calma, diz-me que idade tens?, topei-te logo ao primeiro olhar, digo-te que não é bom para um rapaz se pôr com esse tipo de ideias, não, andas a ler demasiado os malditos. Acredita em mim, repito-te, não é bom para um rapaz se pôr com esse tipo de ideias, não. Acredita em mim, fala-te um homem com grande experiência, além disso se fosse para alguma coisa necessário... poder-te-ia dizer que sou doutorado em filosofia.

Engulo duas garfadas de feijão e pergunto num tom calmo, que é o reflexo exterior da minha identidade actual, quais são as ideias a que se refere mas, deixando transparecer bastante aborrecimento, natural... um estranho aborda-nos e diz-nos de rajada uma coisa destas...

Acredita-me meu rapaz, diz ele, agora, naquele tom meloso que quase nos põe lágrimas autênticas nos olhos, acredita no que te digo, não me tomes por um maluquinho qualquer, não... não faças essa cara, eu sou a voz da experiência e, em mim, podes ver os teus defeitos e o teu futuro, olha... vou contar-te um segredo sem importância e que quero que fique, por favor, entre nós, ok?

Desta vez, o gajo passou-se das marcas!, confidências a esta hora, se calhar vai confessar matrículas, alguém sabota a melancolia dos meus meios-dias, da minha meia dose de feijão e atum, alguém pretende torná-los um deslocado encontro social, não pode ser não, nem pensar!, então penso:

Eu sou o padre negro que vai ver o mar, armado de duas Magnum 44 e uma Leica, acompanhado de dois sacristães a quem pago a tosta mista e o café, a quem me escapo do passeio no pontão, sendo neste

preciso momento apelidado de refugiado, talvez pelo blusão de cabedal e por ir fumar a minha ganza para as dunas enquanto preparo mais um poema para ela... e então disparo um raio de energia para O de modo a ionizar os seus electrões e para ele ir pregar para a freguesia do lado: Mas quem é você para se pôr com esse tipo de coisas?, pensa porventura que estou interessado em ouvir os seus disparates?, deixe-me almoçar se não se importa...

Ouçam... este gajo é demais, para contrastar com a minha atitude, larga o garfo com muito cuidado e com muita *souplesse* agarra-me o braço com a manápula cheia de ossos, impede-me de comer, e como que dizendo: acalma-te meu filho tem maneiras; diz-me então: Homicídio em primeiro grau, sabes o que significa?

Olho aquelas mãos, enormes, cheias de ossos, engulo um pedaço de ovo mal cozido, olho para o sol e, por uma grande coincidência, uma nuvem atravessa, digo agora com mais calma e melhores maneiras: Pode tentar explicar, se fizer o favor?

Pois muito bem, nada de muito grave... um pequeno fogo numa igreja, umas dezenas de fiéis, padres e sacristães incluídos, nada de muito mais... portanto...

Sim, nada que não se tenha visto por ai os pontapés, digo-lhe ironizando entre dentes mas começando a interessar-me. E porque fez tudo isso que diz que fez?

Sorri e responde: a idade meu filho, a minha idade... a idade não perdoa, continua num tom sonhador e algo despropositado, existem alturas na vida de um homem em que se têm de tomar decisões importantes, eu talvez não saiba perder!, e O bate com força na mesa: ou se morre esquecido ou se vive na memória de toda a gente... mas também escrevi livros.

Paro por uns instantes de mastigar, olho para o prato, olho para o lado, à minha frente e numa pequena caixa rectangular continua o sol, pego no copo, bebo um pouco de água, engulo em seco, continuo a mastigar e no fim pergunto: Não se importa de explicar melhor?

Desiludes-me meu rapaz desiludes-me.

I tem um flash, acaba por lembrar-se de onde conhece O, afinal ele é mais que mítico, ele é mitológico, ele é mitómano até mas dirige o departamento, está a caminho do Parkinson infelizmente ou da direcção da secretaria do alfabeto felizmente mas as melhores revistas estrangeiras falaram dele, recordo-me de ler a prosa, transcrevo-a:

O espelho, *the Unix Review says*: a sua mente observava a expressão

de um rosto que dizia: sempre pensei como seria óptimo se pudesse ser invisível, um alecrim em frente de um narciso, e olhar o diabo nos olhos, o diabo que me acoita o sonho.

O quadro, *the Data networks says*: a fotografia de O: certo ar tocável e bizantino, óculos de aros grossos, bárbara rude e grisalha olhando para fora, ali à sua frente dizendo que as palavras já não valem nada, já nem sequer salvam, podemos dizer não, não tem nada a ver, eu é que ainda não consegui explicar as alucinações, que se podem ter ao olhar para certos livros de electromagnetismo, nem consegui entrever um reco que fosse das complicadas relações eliptico-estruturantes entre as várias personagens, as palavras deixaram de ter valor, já nem sequer se fala delas, já tudo não passa de velha retórica nazi que devia estar gasta mas vive na sombra e no desejo de voltar à vida, que mudou o significado das palavras e as anulou, as palavras não valem nada, só os actos poderão ter algum valor, é preciso fazer, ouviste?, mas saber o que fazer, como fazer.

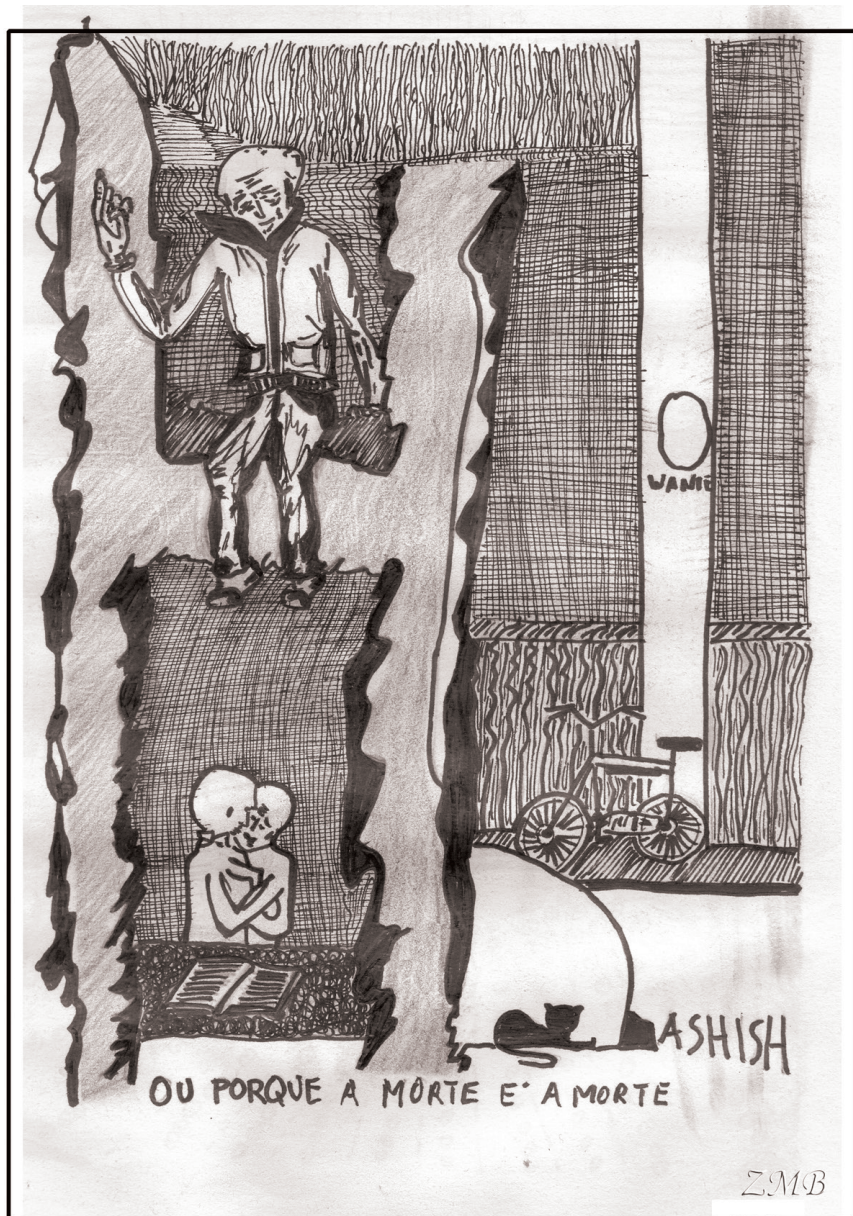
O levanta-se e, antes de virar costas com o tabuleiro nas mãos, diz: Não te preocupes meu filho, tenho confiança e grandes planos para ti. Entretanto, olha, escrevi uma carta e, antes de ta ler, de ta recitar como se ao mesmo tempo a escrevesse no portátil ph7, vou-ta explicar, dar-te um prólogo, ela representa uma encenação de um acto de amor e um manifesto político acompanhado de uma fotografia do Luis Bunuel e da Catherine Deneuve. Se perceberes o seu conteúdo, deverás encarar a carta como o poema que, às vezes, te apetece escrever dedicado à secretária da Sociedade Alfa Beto Secção ph7 do CReEA, um poema de amor tão violento que acciona o fogo amigo de a fazer desmaiar e então... seria melhor não a dizer porque as pessoas vão pensar merdas erradas mas que se lixe!, eu tenho o direito de falar e de peidar setas envenenadas, vou dizer:

Só para que se note, J eu próprio, eu sou o autor deste relato, eu o condenado ao desterro nesta prisão de alta segurança e onde como sempre existe um letreiro a dizer: projecto financiado pela sociedade das cebolas com lâmpadas e mais uma merda de porras que os porros estão ao preço da platina... mas que nunca diz quando vai acabar e quem vai ficar com o portátil envenenado e quanto isso vai custar ao meu pobre bolso e ao de todos os outros pobres e às duas ou três mil pessoas que trabalham na sociedade do alfa beto que vão acabar em leiófe e a todos os que trabalham no duro de sol a sol para levar a comida para os filhos ou para os velhotes, para que o país progrida e

para que outros mais manhosos possam ter câmaras *pos-security* instaladas a vigiar os migrantes precários a distribuir gel desinfectante aos camones e verem que eles trabalham mesmo assim para que os manhosos não sejam atingidos pelas pedradas de quem sabe o que, verdadeiramente caros espectadores, se não deve saber mas adiante... e encerre dentro de quatro paredes espelhadas e limpas todos os dias por belas empregadas, daquelas que vós nós, os presos do antigamente se roíam ao vê-las em programas da eurovisão, e deles e também de maluquinhos como eu que chamam touras às gajas e resolvem então estripar o cerne do mal da sociedade que, para o caso e para disfarçar, era apenas uma nobilíssima mestra da comunhão da minha paróquia. Essa dama recusou os meus salamaleques e despachou-me com os seguintes cuidados, disse-me: sr. J, tenho-o na maior das considerações, você sabe... mas a sua idade não perdoa e, além disso, o meu marido dá-me sustento e alegria e tem um corno de rinoceronte. Ao ouvir isto, mandei as favas às convenções e, herdeiro de Panurgo, esqueci-me do local sagrado onde estava e não perdi tempo, a santa custódia, que deus a tenha, claro credo abrenuncia, caiu-lhe pelas bentas abaixo, vi assim o génesis nascer, não tenho remorsos de nada. Penso até que muitos hão-de concordar comigo, não é coisa que se faça a um homem com letra grande, e depois se a Sza Sza Gabor tinha oitenta e tal anos e arranjava muitos namorados jovens e belos, onde está a suposta igualdade de direitos?, ah!, sacana, recordas-me, o dinheiro, o infame dinheiro!, pois eu dinheiro tenho muito, ouviste?, ou não fosse eu doutorado em teologia com um tese sobre os gnósticos de Giordanno Bruno e os Cátaros! Odeio todo o mundo!, isto é natural e não passa. A história do vinho do Porto é a maior treta que alguém inventou e, depois, não tenho culpa de andar a ouvir Chet Baker nessa altura.

Desculpe lá, não percebi nada mas, em especial, a história do vinho do porto... é só para ocasiões especiais?

Não, o que não resultou foi mesmo o vinho, era falsificado. De qualquer modo, o teu tempo terminou. Vejo-te ao jantar.

Olho e fico confuso, doutor em filosofia, homicídio em primeiro grau, padres e sacristães, ah... é mais um exibicionista no meio de tantos outros, vou ter de levar com ele, eu devo ser o espectador preferido, ainda me vai querer espetar e eu, para suportar autoridade de meia-idade, basta-me o meu falecido pai, bah... não consigo comer esta merda.

ZMB

Quando o meu erro foi julgado pelas autoridades e eu considerado culpado

Hashish ou porque a morte é a morte

I Capítulo minus VII
Current 93: In menstrual night
The venerable chi. Med rig. Dzin lama Rinopche

Engraçado... mas assim que o meu erro foi julgado pelas autoridades responsáveis num tribunal, considerado culpado e a culpa finalmente admitida pela minha consciência moral, comecei a escrever com mais pormenor, revelando pormenores de verdade escondidos dentro de outros pormenores, revelando outras histórias. Percebi que tinha chegado a esta ânsia de destruição após a violência sofrida e cometida, causada por uma sucessão de eventos criados por mim.

Tudo estará correcto se lermos a fórmula: uma vez escolhido não há arrependimento possível e, mesmo que haja culpa, é seguir até ao fim, são as fugas para a frente, não gostaria de lhes chamar coincidências.

É como se tivesse pedido um destino para que o motor da vida pudesse arrancar em mim. A ambição de atingir esse destino tornou-se a razão principal de existir acompanhando o acto cada vez mais solitário de fumar ganza. Sim, prefiro cada vez mais fumar ganza sozinho. Porquê? Porque os vizinhos voltaram à poeira e porque a ganza me torna introspectivo sem precisar de pessoas, põe-me a ler, a escrever e a dormir bem. a ganza é um meio, a poeira é um fim que recuso.

Há muitos suportes, desde o inicial utilizado para responder no oitavo ano: e agora, o que vais seguir? Pensei ser piloto de automóveis. Tantos suportes, tantos quantos a minha memória pode alcançar até à experimentação de outros ambientes, alguns reflexos e novas experiências desenvolvendo-se num imenso livro cinzento.

Por isso, preencho as folhas em branco do livro com análises sociais ao dia, ao ainda nosso dia, o que fizemos, que apontamentos tirámos, com quem falámos, as pessoas que passam, os cafés que se pedem, os cigarros que elas fumam... é ou não correcto falar em aquisição e percepção de realidade e assumir percorrer um caminho pela simples observação do dia-a-dia? Reparar, por exemplo, que todos os dias nos levantamos na hora exacta para ir às aulas ou para o trabalho, a seguir almoçamos qualquer coisa na cantina. Depois, tomamos café ou bebemos água das pedras, voltamos ao fim da tarde para o café, para a sopa ou para casa, compramos pão e leite ou o jornal e tudo... tudo isto

reparar. Mais vida têm os mendigos e os bandidos.

A monotonia torna assim necessária a existência de outros meios para o suporte deste destino e aqui pergunto-me se os meios são o ponto duplo de escape ou são o suporte uno desse destino, o destino, a consequência da ambição que surgiu quando me interessei por diagramas de circuitos eléctricos muito simples, por exemplo, duas pilhas em série com uma lâmpada e um interruptor, mal sabia eu que iria aprender muita teoria para nada.

A monotonia torna-o evidente: estou errado. Será só para disfarçar ou tentar resolver a monotonia que fico pensativo quando me falam e chego até a pensar em partir para os mares, mas a idade do voluntariado para a marinha já passou e, por isso, é mais um apetite sonhado para um futuro. Nessa ocasião, pensei que seria um bom meio de começar um novo destino ou uma nova rota ou uma nova ambição nascida de um nada ou, então se tudo fosse estéril, uma longa pausa de reflexão. Sempre me achei diferente, também já me disseram que eu pareço alemão, desde cedo quis fugir de casa mas, da primeira vez com doze anos, cheguei ao fim da bouça, sentei-me numa pedra e pensei: e agora... vou pra onde? Voltei para casa e ninguém se apercebeu de nada.

O meio escolhido de prolongar este sentimento, quase cristão mas invertido nos valores e, se calhar, aqui o deus é o mal, quem se importa?, eu não, é o acto solitário e rebelde. Torna-se evidente, real e verídico pela imaginação dele, que este ritual é o ninho de muitas influências surreais que se poderão desenvolver e criar algo de rebelde. E porquê esta sublimação usando haxixe? Porquê esta necessidade de rebelião? Porque acho que ninguém gosta de levar porrada da autoridade só porque no seu tempo a autoridade levou porrada. As crianças deveriam ser amadas e não postas no mundo só porque o mundo precisa de trabalhadores contributivos e obedientes ao pregador. A ganza é o meu tempo de qualidade.

Procurar o destino e lutar por ele e, com essa finalidade, tudo ser retirado ou congelado do caminho para que não possa intervir mas apenas assistir à minha chegada aos degraus dessa escada afixa como um símbolo... como se me tivessem de adorar. Ilusões de um gajo que está permeável aos sentimentos totalitários. Tenho de os combater mas tenho primeiro de os perceber. Tudo não passa de um meio de atingir esse fim por modos meio monótonos, esse fim que nunca se sabe bem qual é agora e, depois, subir ao último degrau e encontrar

a plataforma, ver o que estará para lá, em Lá? Talvez a eternidade de algo de tão cristão que não conhecemos, foi-nos incutido na escola primária, ouvimos dizer, bem, se não está ligado à morte, então não sei. Que haverá para lá desse último degrau? Ninguém sabe mas muita gente se pergunta ou prega, chamem-lhes talvez de esotéricos, é talvez mais correcto.

Tento imaginar esse momento de morte, esse cenário ou a minha proposta para um cenário: ao longe, o recorte de uma montanha durante o período lunar que vai sendo iluminada por uma linha amarela levemente (des)horizontal, uma linha de luz criada pelos carros que vão passando. Vejo as estrelas e procuro encontrar a estrela Polar mas apenas porque não consigo dormir. Mas, logo a seguir, tudo muda porém, o sol brilha e uma escada levanta-se ao fim da tarde na encosta de terra cavada, porque andaram a desbastar pinheiros ou a incendiar a rama das batatas.

Será esta imagem sem sentido a imagem decisiva da percepção do símbolo destino? Mas qual imagem? A de ser novo e não conseguir dormir ou a de que deveria ter sido agricultor como o falecido pai desejava ou a de que me poderia ter tornado um incendiário? Nunca existirá uma imagem final, eu sou um cão que ladra mas não morde, nunca pintarei o retrato definitivo, as palavras, as maldições proferidas como ameaça tiram qualquer valor, as opções reduzidas a um eterno círculo... em degrau descendente.

Também não sei porquê mas lembro-me de que simplesmente a morte é a morte. Também não sei porquê mas lembro-me que se existem meios e tantos suportes, tantos destinos, os deve haver igualmente para provocar a morte ou o desgosto, a própria morte. Muitas das minhas horas são ocupadas no meu acto rebelde de fumar, ouvir música e remoer as ofensas que nunca farei às pessoas que me ofendem. Remoo tudo porque muitas vezes essas ofensas recebidas são quase por distracção, sai-lhes a mão para a cleptocracia quando perguntam que livro ando a ler e se não me ponho a pau, o livro servir-lhes-á de meio de troca por uma esmola. Por isso, sou solitário, prefiro a solidão e prefiro estar sozinho, é raro sair à noite, tudo me é estranho e, às vezes, ando de bicicleta durante tardes inteiras com fones nos ouvidos. Estas subidas, fáceis para um profissional e difíceis para um amador, são para um ganzado como eu mais uma experiência alucinante. Outras vezes, vou ao MarchPush, cumprimento o empregado e peço a dose normal, leio o jornal, fumo um cigarro, prefiro a sopa e dispenso a so-

bremesa. Outras vezes, vou simplesmente para casa a pensar na vida. Tenho tanta sorte, sou livre porque tenho tudo à mão de semear, sou controlado pelo tutor mas tenho os meus contactos antigos, faço troca directa, troco zines e desenhos por almoços, ganza e a companhia do sorriso de uma bela mulher. Estou só porque não tenho mulher. Os palhaços, que só querem criar ruído, aparecem para distorcer o espaço público e criar uma ilusão de competição e eu, casmurro irreversível, dinamito o palhaço e dinamito as dinas deste mundo, mesmo aquelas de quem só conheço o avatar e confundo com beldades pop de tacão de dez centímetros, que aparecem no MarchPush para tomar uma meia de leite e um pão com manteiga. Mas que culpa tem a Dina se o palhaço a diverte? Já não mando ninguém para a fogueira, eu sou a fogueira, some-te porque sou louco e lobo. Digo-o porque ando a ler *O Lobo das Estepes* de Hermann Hesse. Quem me dera que ela me abordasse e me dissesse: ora prova-me lá ó mau que és?

São férias, não se vê ninguém nas ruas e, então, quando pedalo voltando do Armenia invento longos poemas sobre loucura e ou o acto de estar louco, tento um fugaz ensaio sobre o que deverá ser um louco ou sentir-se louco, digo-me louco, digo que, se calhar, é só um esgar sobre solidão, não estamos ainda fora do sistema, ou melhor, já estamos, já sou vigiado e presto contas em referendos e testes no CReEA, dão-me uma mesada, faço-me à vida e só passo fome se quiser, ou se for preguiçoso, porque há casas que prestam ajuda alimentar... mas eu ainda não estou assim, eu disse que fiz e não fiz metade do que disse que fiz e, por isso, ninguém sabe ainda, têm apenas uma impressão, bem... se não forem demasiado curiosos ao ponto de me querer estudar, não se assustarão. Deixarei para mais tarde aquelas pernas de calças pretas e camisola púrpura... da psiquiatra ou daquela que se tornou a minha mãe sideral?, pergunto-me.

Haverá coisa melhor para passar o tempo do que me dedicar ao estudo de meios para expiar uma culpa ou uma morte anunciada e acontecida, uma vez, antes de chegar ao fim da escada?, só é preciso morrer uma vez para depois as mortes continuarem, sim... no futuro e depois do suicídio absurdo e poético em que morro antes do final do filme, morrerei pelo menos quatro vezes, agora já não me recordo se havia alguma voz a chorar, talvez não, as damas e os paladinos dirão: é o carma. Agora, essa escada circular é cada vez mais sublimada pelo acto solitário? Ou não será para chegar ao fim da escada? Ou como o deverei praticar? Ou será que em cada degrau existe uma morte pre-

destinada? E que meios utilizar para o descobrir? Tudo perguntas que escrevo nesta folha sem lhes saber nunca a resposta. Ah a glória... ah a glória de ser lembrado, é o que me ressoa nos fones, na música que ouço.

Uma vez, igualmente envolvido em ambientes estranhos onde a percepção é extremamente sensível, comecei a imaginar a covardia de um suicida ou a glória dos kamikazes, estranha dualidade esta, disse várias vezes: um suicida é um covarde mas, ao mesmo tempo, esse seu acto é um acto subversivo e rebelde por natureza, é o seu modo de minar o sistema. Às vezes, desejo mesmo alguém que me incruste violentamente de morte, de vermelho sangue e que me deixe, me abandone ao desespero ou me permita ficar eternamente um barco fantasma vagueando de pistola em pistola, de agulha em agulha, de cunnilingus em coitus interruptus em formato cinemascope regravado para vídeo, a imagem filtrada fica mais azul, e se tudo isto não são as influências... são todos os pontos G, a ganza erógena despontando para o mundo e fugindo do recalcamento, encontrando a violência poética como ponto fuga, hedonismo para sempre, anarquia!!!

Porém, nem tudo é morte. Existem sonhos e às vezes anda-se de bicicleta e poemas são inventados sobre a louca realidade de mim sem ninguém com quem partilhar a almofada e a quem contar histórias. Afinal, enganei-me quando a Maria me pediu e eu disse que não lhe queria contar duas mil e uma histórias. A morte é a morte, é a realidade de estar sozinho, o acto solitário é o acto de fumar ganza sozinho e bater punhetas, porque ainda não encontrei a ela com quem fumar e a quem contar os meus sonhos de ganza.

Surgem flashes e desenvolvem-se teorias, fetiches ocorrem em frente aos meus olhos reais: elas têm cabelos longos e lisos e eu ando a avariar rodando do fetiche daquela verde-garrafa de pose gélida de cantora pop... eu imagino que ela canta Portishead e por isso sempre que passo Portishead na cabine do dijei é para ela, até confundir-me com o fetiche daquela mais Nine Inch Nails, mais animalesca, mais poética, mais África e melhor, um vestido de alças cor de tijolo descendo uma escadaria de pedra de uma casa antiga, onde há noites em que se vê o reflexo de freiras losangais de preto e branco vomitando dedos mas… tudo são sucessões ao longo do tempo, variações sobre a lida insustentável leveza do ser, onde tudo é aprendido mas o desejo reprimido pois não é mutuo, elas não desejam praticar, não desejam passar aos actos. Eu imagino-me um Henry Miller perante as francesas que elas não são

e, em todos os sentidos, o Henry Miller, que eu não sou, resvala para a degradação, sou levado a pensar o pior, sou tentado a escrever a pior desculpa e sem poesia que me salve: se calhar, serão frígidas ou terão outros amantes... afinal, porque se pergunta se os homens têm medo das mulheres?, não será, às vezes, ao contrário?, e isso não será um sinal para avançarmos?

Um jogo eterno e cheio de olhares e movimentos, dá um certo gozo ser hedonista... e gostar das fotografias de revista da Leni Riefenstahl. Desculpem se o poeta vem a caminho, ah Icata!, como seria bom matar esperma to zóides em cima das tuas super fícies es pon josas, ou se tudo não passa apenas do reflexo inconsciente de, às vezes, sermos obrigados a preferir uma bebedeira, ou qualquer outro delírio social, porque a rapariga prefere ir ao Armenia e não ir para casa após o cinema... era tão fixe estar em forma e actuar em todos os jogos e não só nos treinos.

Às vezes, estou no Armenia a ouvir o *Creep* dos Radiohead e digo que não gosto da música mas digo-o apenas porque me identifico com a sua mensagem. Outras vezes, estou rodeado de residentes tão bêbados como eu e uma rapariga do teatro vem ter comigo, na altura em que decifro *Society is a place where people exist together, that is civilization*, e me pergunta porque não me juntei a eles, às pessoas do teatro. Eu sorrio e respondo que não preciso do teatro para nada, pois eu represento já, eu crio as minhas máscaras respondendo aos impulsos. Prefiro não dizer que, deste modo, me esvazio do meu próprio nome e, às vezes, é como se gritassem esse nome a meu lado e eu não reagisse no meio da multidão doppleriana: é um esvaziamento parecido com aquele que acontece quando ela e eu lemos uma passagem escolhida de *As lágrimas amargas de Petra von Kant* de R. W. Fassbinder e nos beijamos no fim, a dois num espaço fechado, o meu espaço, o covil sem assistência... e esse beijo que damos é, para mim, comparável ao doce açúcar que recolho do fundo da chávena de café.

Penso em tudo isto na meia hora que passa entre sair do alojamento providenciado pelo tutor e me dirigir ao supermercado do centro comercial. Como este, ao Domingo, só abre às quatro da tarde, volto para trás e caminho para casa no sentido de fumar uma unha de bolota. Entretanto, ao passar na vidraça do MarchPush, reparo que L está lá com o J. Ando fodido com J desde que ele vomitou depois de fumar castanha. Há dias em que lhe pergunto: mesmo vomitando curtiste a moca? Sim, diz-me J, curti, é potentíssima, é de ficar cego... mas é

estúpida, não quero ficar agarrado. Eu digo que nada tenho já para te ensinar, é uma daquelas situações em que o aluno, que nunca foi aluno, ultrapassa o professor, que nunca foi professor, no entendimento e na experiência das coisas: eu contei-te a minha história com as drogas duras e tu próprio tens toda a informação, quiseste e estás no direito de experimentar, experimentaste e gostaste, repetiste e vomitaste, há dias compraste meia grama e vomitaste cinco ou seis vezes no espaço de oito horas, e gostaste, foi fumar até ao fim, até dizer vai-te satanás heroína do inferno. Tu já sabes mais do que eu, já te contei a minha história e tu já sabes mais que eu, o que vale é que a castanha fumada não dá overdose senão...

A meia hora passa comigo, o L a escrever e o J a ler o desportivo, L oferece-me um café e diz que tem uma prenda: um pólen que trocou com um amigo por um Panaït Istrati usado. Pintor por pintor, agora fazemos a festa encostados à frontaria da lavandaria. Chove. Os tolos molham-se. Os flocos de água tolhem-nos os ossos e nós fumamos um pólen com uma mortalha Elements. A seguir, eles voltam para casa e eu sigo para o supermercado. São agora cinco da tarde. Compro a embalagem de papel higiénico, adiciono à conta dois pastéis de nata. Volto para casa para fumar a minha unha mas dou primeiro uma volta ao bilhar grande, porque o pólen me deixou atmosférico e preciso de andar à chuva, mais uma hora e anoitece.

Seis e meia. Chego ao alojamento e ligo o computador, na televisão passa um filme sobre jazz, no leitor de cedê ponho um disco de Gunter Hampel, no walkman ponho Nine Inch Nails, desligo a luz e começo a escrever o *abstract* que tenho de submeter a exame semestral:

Eu sou o norte porque recebo, nas minhas costas, todas as fontes sonoras, excepto uma componente levemente atenuada, uns 3 dB, de um ventilador. Os componentes isotrópicos são combinados e isolados no meu estranho diagrama de radiação. A sul, identifico o rugir de um sax alto, a sudoeste o sampler de uma bateria. De repente, a sul uma bateria convencional aumenta para o máximo de intensidade, aniquilando com o seu vigor um impulso de tempo de recuperação da ordem dos milissegundos. Na televisão, vê-se uma plateia de negros aplaudindo o grupo Bleak. A sul, uma trombeta, terrificamente digna de um indiano a rufar aos infernos, sobe até aos limites do impossível. Na tevê, os elementos do grupo discutem, alguém puxa de uma faca e decide cortar a orelha a um dos seus irmãos. A festa continua a sul. A norte, sai-se do clube e o ambiente é de dúvida, espera-se para ver no

que dá. A sudeste, alguém grita enraivecido. Na rádio, os trompetes são festivos e acompanhados por um piano melódico. A sudeste, não há alterações. A sul, respondem com uma sirene chamando alguém, seguido de um som de xilofone e de pratos percussivos, que se extinguem para dar o lugar a tambores, rugindo como o Michael Gira à procura da sua presa e a vibrafones que miam e a flautas que gemem e a ela que aparece rodeada por todos eles. A sudoeste, eles tocam-lhe no clitóris e os tambores agora cínicos rugem e param abruptamente, o sax pára igualmente. A sudoeste, o piano continua melodicamente acompanhando os trompetes até que tudo acabe, surjam os aplausos e uma voz grite: The Blues. Afinal, tudo era mentira, não vi nada, o filme estava no intervalo, devia ser só um anúncio de freiras pegajosas, losangos sendo seguidos por velhos com cigarros… o jogo da paciência, a noroeste, indica-me cinco mil quinhentos e sessenta segundos após o ligar do computador e, a sul, ouvem-se pequenos xilofones de brincar.

Paro de escrever. Largo o computador e deito-me na cama, puxo de um cigarro, canta-se *Closer to god* no leitor de cedê, acendo a luz e fumo um intensificador de sonhos enquanto adoro *Keine schoenheit ohne gefahr*, adoro a beleza, suporto todos os perigos pela beleza, em poesia adormeço, em sonhos é essa a escada, a minha verdade, a corda.

Tocam à porta, acordo. Decido fazer café de saco.

L aparece mas eu despacho-o facilmente. Às vezes, dá-me para pensar que faço penitência ao aturá-lo e que, por isso, por muito que goste do inferno, irei fazer companhia a deus e aos anjinhos nas nuvens. Outras vezes, como hoje, simplesmente lhe dou um silencioso não. L vai embora triste. Eu fico com remorsos e a pensar: só fazendo amor com uma mulher poderei ser amistoso com as pessoas, só fodendo poderei não ser fascista. É um longo processo de reeducação alimentar. É por isso que estou aqui dentro no centro de reeducação alimentar.

O café já ferve. Adiciono-lhe leite. Tocam à porta de novo.

É o J chegando ligeiramente atrasado, olha, se tivesses chegado antes tomavas deste café, não lhe tinha colocado o leite. J vem com um bom propósito, põe música, olha, trago uma prenda, o L pediu-me para eu lhe ir arranjar moks, eu fui e ratei este pedacinho.

Dirijo-me ao leitor de cedê e ponho a tocar Charles Mingus. Boa, eu também acabei agora o meu trabalho por hoje.

Olha, preciso de tudo para fazer o berlinde...

Tenho tudo o que precisas, aqui a caixinha do tabaco, as mortalhas,

o cartão para filtros, agora ando a usar cartão da marca risperidona, a caixa acabou, já aviei a nova receita, vês?. ao usar este cartão também vou fazendo reciclagem...

Tabaco é que já tens pouco...

Tenho de sair para comprar, já nem me lembrava, há bocado esqueci-me, o L pediu-me uma nota para gastar no seu maço Regina e o resto para ir trabalhar nos computadores da loja, que abriu no espaço onde ele estampava as tshirts... mas eu disse-lhe que não à cara podre, disse que não podia, que ainda não tinha recebido a bolsa... e afinal, a nota que eu tenho no bolso vou gastá-la em mais tabaco de enrolar, é da maneira que, depois, tenho trocos para o pequeno-almoço na dona Ana.

Eu tenho um isqueiro mas não é melhor do que este.

Houve agora o baixo desta música, este Mingus era um génio. Diziam que era muito exigente e até mau com os seus músicos, mas isso todos são.

Sim, nós todos fumamos ganza e, às vezes, até mandámos ácidos, e eu poeira, gostamos do Zappa e ele era contra as drogas.

Sim, mas fumava prá mundial, fumava em todos os mundiais, até há capas com o seu cigarro fixo no braço da guitarra, também tinha a sua hipocrisia, olha, foi casado com uma portuguesa, segundo o L me disse.

Mas o melhor ainda é o Bob, não queres ouvir o *Catch a Fire*?

Qual música?

A música do álbum original, a Concrete Jungle, tu tens naquela colectânea em cedê...

Ah pois tenho, estou a reconhecer, um dia... ainda vamos poder ir beber legalmente uma caneca de café com canábis...

É o sonho de todos nós.

Eu acho vou fazer mais um café para acompanhar a tua prenda, e depois vamos apanhar ar, estou a ficar abafado, aqui em casa desde que fechei o postigo junto ao corredor tenho pouca circulação de ar, vamos até às escadinhas, fica a caminho da tabacaria. O centro só fecha às onze.

Pois é, tu já nos falaste, o teu problema é expirar menos do que inspirar...

Sim, os meus pulmões retêm ar, portanto fumos e cheiros de tintas e aguarrás... fazem-me mal, eu nunca conseguiria viver na China, em Pequim... de vez em quando, ouvem-se notícias do ar de Pequim...

O meu pai diz que me arranjava emprego lá, mas eu disse-lhe que não, eles lá têm a pena de morte, é por isso que Hong Kong se revoltou, o direito penal na China é mais ditatorial, em Hong Kong agora está muito mau...

Sim, olha aqui no jenê que comprei, se quiseres mandar dinheiro... olha, aqui a notícia, as fotos das manifestações, a conta bancária para apoiar...

Cada um faz o que pode.

O café já ferve, a broca está feita, a obra está pronta a ser fumada.

Sabes uma coisa, eu aprendi a ouvir, a perceber o meu falecido pai mas continua a ser difícil de lhe aceitar as ideias, agora o L com a mesma idade... o L leva e sempre levou a vida que lhe conhecemos e os resultados vêem-se, as suas ideias são paralelas, as nossas derivam em parte das da sua geração, seja nas drogas, na institucionalização, na luta diária por arranjar beleza, o L na sua luta por um maço de tabaco, e lá anda ele com a sacola cheia de livros a ver se lhe aparece aquele visconde filho de reis que o salvou há dias. Mas, agora se comparar... o meu falecido pai era diferente, sempre poupou e eu revoltava-me, mas olha, com o tempo aprendi a dar valor à poupança, ele se um problema de saúde lhe aparecia ou à minha mãe, eles não iam ao hospital enterrar-se numa fila de espera, iam ao hospital privado, pagavam a consulta e, olha, a minha mãe soube na altura a tempo e retirou um sinal da cara que lhe poderia vir a dar problemas, revelou-se o mais benigno dos tumores malignos, duas consultas de vigilância por ano.

Sim, é para isso que o dinheiro serve, para gastar em saúde.

Mas olha a quase maldade das suas palavras... ele nunca bebeu nem fumou, dou-lhe algum valor por isso... mas ele nunca pôde compreender, só quem já fumou um cigarro é que pode perceber, olha o que ele disse um dia não compreendendo como uma nossa familiar, depois de um enfarte e de um avc, pôde ter voltado a fumar, chegou a dizer: um colega meu fumava três maços de filtro e foi ao médico, o médico disse-lhe ou pára ou morre; e ele parou. Eu respondi-lhe na altura o mais calmo possível mas emocionado: a mãe da senhora morreu, a mãe passou um grande sofrimento e a filha sofreu com ela, ao mesmo tempo teve o enfarte, deixou-se estar na cama e de manhã o avc, a fisioterapia deu-lhe a mobilidade de volta, pediu a reforma, a mãe morreu, ela já tinha deixado de fumar mas voltou, pode muito bem ter pensado *sou eu a próxima*, não é?, pois a senhora agarrou-se às poucas coisas que lhe dão prazer. Fumar é um prazer, alivia a ansiedade, faz-nos parar a

rotina dos movimentos, coordena o nosso pensamento. E o certo é que a senhora morreu mesmo. Isso é que é do caralho.

Faz-se silêncio. J dá o último gole. Depois diz:

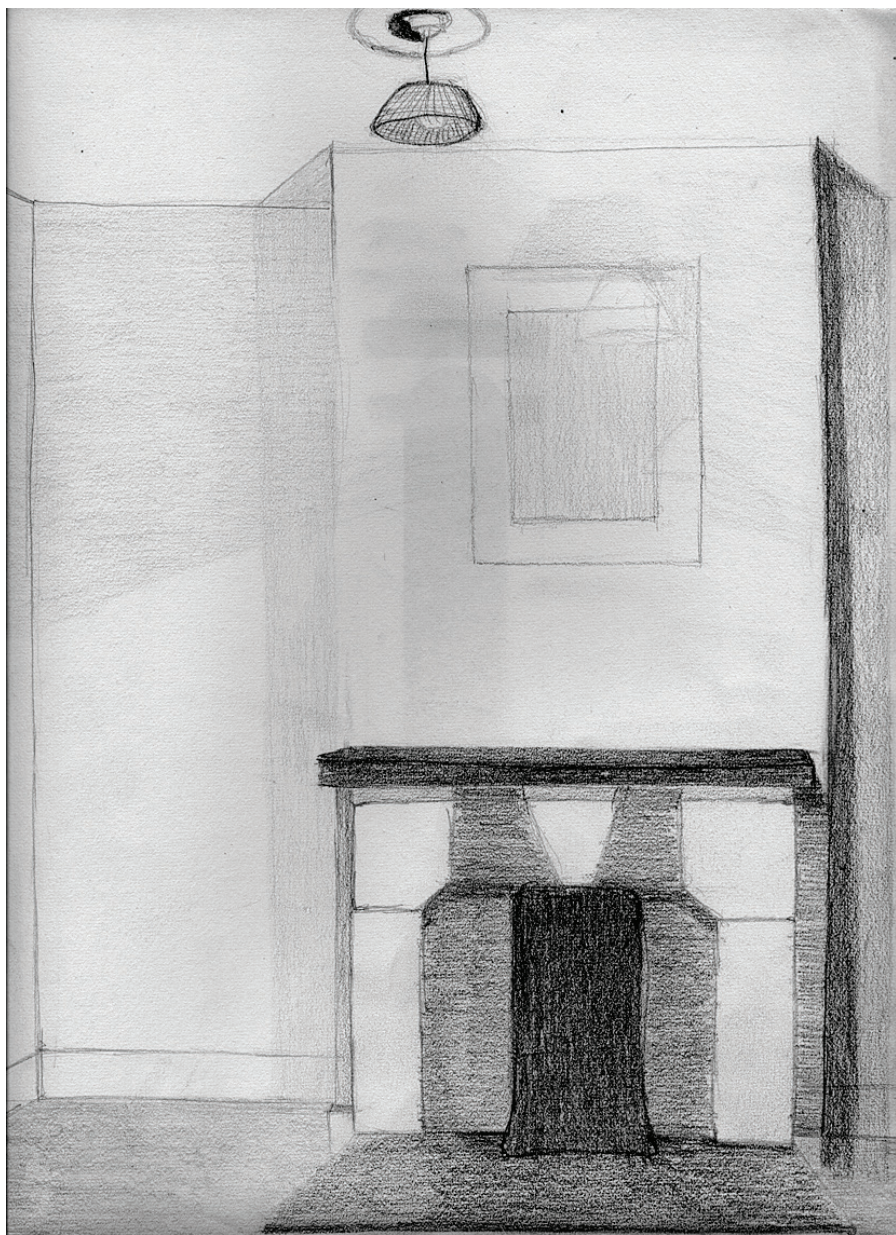
É, meu... o teu café é bem melhor que o cimbalino dos cafés e o cheirinho lá dentro é muito bom, havemos de experimentar pôr uma broca do valor de uma nota dentro do café a derreter, quem experimentou diz que se apanha um badagaio do melhor.

Olha, vamos à tabacaria, preciso de comprar tabaco, ainda há tempo de ir comer a sopa?

Sim, ainda temos tempo.

A MANIFESTAÇÃO
OU
A
CASSIBER BOOKSHOP
ELEGIA
DA
FILOSOFIA
EXPERIMENT
ZMB

Estupefacto, imagino o passageiro O, o ego que levanta o punho fechado com raiva em frente a uma garrafa de vinho

BE
BE
ALTERNATIVE
ELECTRONICA
BE
BE
GOTHIC
BE WHICH ONE ?
ZMB

Claro, agora estou bem

Tudo é um real de fantasia, tudo tem um sentido escondido

A manifestação, a experimentação do ser alternativo ser gótico ser electrónico, ser qual?

J Capítulo L
K Capítulo minus L
Current 93: From broken cross, locust
Dead can dance: Yulunga(spirit dance)

Meio-dia. A sai do alojamento com ar de chulo, lamento dizê-lo. Veste calças brancas e um blêizer igualmente branco. Falta só a gravata e o sapatinho platinado. Vou contar-vos isto na primeira pessoa para ser mais fácil:

É a hora de transfixar a minha realidade, enfim... é hora de ultrapassar paredes, é hora de reencontrar a minha consciência, vou visitar I à prisão, levar-lhe cigarros à biblioteca e debater os princípios do manifesto. O destino, a fé é assumida. O referendo interno aproxima-se. É necessário obter votos, passar com distinção e pensar nos primeiros slogans, nos testes, na campanha eleitoral, eis o rascunho com as questões a abordar:

Libertem a consciência de Id, definam o género de Id. É o que me apetece dizer.

Eu escondo-me no ruído que crio para tirar os meus nabos da púcara alheia, para que o alheio seja o meu professor anónimo. Questiono-me, questiono-te, continuo a negar a tua existência mas vou visitar-te, tu és o meu espelho, sigo o teu caminho por meios experimentais, comi gajas iguais às tuas. Pergunto se há vida além da morte mas penso mais, penso também nos primeiros cinco minutos após, o que será, como será, ver-se-ão apenas luzes negras e esqueletos e crucifixos arranhados? Continuo por circuitos de radiação, diagramas de Smith e outros palavrões, por fases de lua e lunáticos. Esses teus rivais vêm à procura de mel mas com eles nada há a partilhar, eu não partilho com os meus iguais que nada de desentediante têm para partilhar. Não tenho paciência para virgens, mesmo aquelas que se renovam todos os meses. Estou a ficar velho e já não sei o perfil que procuro. Que Ela procurar, que filosofia ainda é valida? O que compilar? Deveria fazer um ficheiro... que filosofia, pergunto que Ela procuro. Porque catalogo dados pessoais? Talvez porque não tenho mais nada para fazer. Nunca um artista pode ser mórbido, um artista pode dar expressão a tudo. O

pensamento e a linguagem são instrumentos de arte para o artista. O vício e a virtude são matéria de arte.

Foda-se, A! Onde ouvi já eu isso? Disse-o Oscar Wilde, digo eu esbardalhando: Oh filho, é o mito do eterno retorno, eheh. Tenho os olhos fechados. Penso na primeira estrela pop. Abandono-me com a gravidade de um pêndulo e rio-me como um menino escolar, sem a sabedoria do político mas com todo o fogo na língua. És Tu uma inteligência tipo B de Berta ou Belinda ou uma D de Dina? Negativo ou positivo? O facto é que esqueci. Qual a tua preferência? É tudo uma questão de preferência? De que modo és tentada?

A resposta da minha consciência surge sobre a forma de um aforismo da cartilha: a sinceridade de um escritor manifestar-se-á tanto mais verdadeira, mais pura, mais sublime quanto mais se libertar de todos os vestígios ilógicos e largar as falhas súbitas no universo, o amor, os objectos, os crimes, as impessoalidades.

Mas aqui pergunto: é o contexto ou a forma que interessa? É o valor do que se faz ou o que se é aquilo que interessa?

A realidade seja ela qual for. Cada vez mais é necessário separar o valor do ser, aquilo que se é é diferente daquilo que se vale, são conceitos distintos, ser valor contexto forma. Para o perceberes, se calhar, é só explicar o porquê de desejares atingir a lua, a luz branca e nua de uma auto-realidade, objectiva e histórica. Tudo isto que vives é um real de fantasia, onde tudo tem uma explicação escondida. Tu tens apenas de olhar porque, se não olhares, a lua pode não estar em Lá.

Insisto que será necessário despir tudo, tirar todos os adereços, todas as flores abrirem, se depois murcham... azar, não será preocupação nossa. Insisto em procurar o branco, puros brancos, passeios marítimos durante o Verão, tambores vindos de qualquer Lá. Mas apenas existem fotografias covardes, chupa-chupas, actos filosóficos e solitários, ascensão de mais degraus, utilizando os suportes?

Ah mas, e então a multidão museológica de um rio em cascata, a praia verde ensolarada de cio e o pinhal ao fundo, se tomas café acompanhado de pessoas que lêem por catálogo ou por ordem alfabética? São elas os primeiros catalogadores, os analistas do mercado. A náusea pode vir ao de cima, esse é um dos dilemas que te peço que analises.

É fácil, é só imaginar alguém, uma espécie de Ela definitiva, a última solidão? Sou muito novo mas estou a ficar velho cedo demais. Será apenas o desejo de ronronar por Elas que eu imagino. Vá lá, responde!

Não, como eu disse ao senhor grelos, eu vi revistas pornográficas

aos quinze anos, e ele respondeu que o nu não lhe interessava. A gente começa a pensar na máxima daquele gajo que, uma vez, disse que não gostava que duvidassem dele e que não gostava de estar a duvidar dessas mesmas pessoas, e a gente começa a duvidar... há que ter respeito, nestes dias, eu, a consciência é a tua voz de confiança, a que não tinhas antes mas eu levo-te à perdição, pressinto-o porque entendes tudo errado.

Quando o FC Porto marcou o golo da vitória naquela tarde, e eu saí do café para fumar o cigarro enrolado, estava mesmo a pensar: para o R pintor, que nada tem de comum com aquele duvidoso ser benfiquista que vi agora mesmo, ela reflecte-se de cabelo azul iluminado sobre o ombro, o seu ser reflecte-se no futuro. Sóbrio é o desenho dos seus olhos... as sobrancelhas, a cana do nariz verde, maçãs bege, a boca vermelha. Será através da manifestação de um duplo, a existência de um deus supremo provada? Segundo o génesis apócrifo, L criou um homem como ser final à sua imagem, nós somos o último degrau, a última versão. Será L egocentrista, será um caranguejo? Não será o primeiro Adão um só ser andrógino contendo homem e mulher, gémeos e idênticos?

Misturando-se, confundindo-se, andando às turras porque idêntico não, não pode ser, dizem: só um uno ad aeternum. Urge criar criancinhas para a posterioridade. Terá esse ser sido criado por deus e o seu duplo para que pudessem, finalmente, comunicar após se fartarem do tédio?

Faz-se tarde ao não partires o espelho, se o espírito dos samurais habitasse dentro dos caranguejos, talvez a profecia se cumprisse.

Vai daí, pergunto-te, minha consciência condenada: O tutor dá-se bem contigo? Entende-te, dá-te dinheiro? Ainda moras naquele local?

Hã, naquele cubículo... não! Fui convidado a sair. E depois, toda a casa cheia de paisagens tropicais, muita saudade para o meu gosto. Fiz asneira. Lembro-me do senhorio, era simpático mas... o tutor mudou-me de senhorio.

Queres contar como foi?

Basicamente, disse-me que não podia ficar lá. Não me facilitava a utilização da cozinha e, por causa disso, teve o cuidado de me colocar um fogão na sala de estudo. O problema é que os maus cheiros subiam ao primeiro andar onde ele vivia.

Hum, cheiros do fogão, aromas, ela em éter, afrodisíacos talvez?

Sei que não me quis lá devido a essa metafísica rebelde.

Pois.

Agora estou bem melhor, classifico a casa velha onde vivo como uma clínica clandestina, quartos enormes, duas casas de banho, várias salas, chão de madeira podre, abandonada, pelo menos dois idiotas tiveram já a ideia original de filmar este covil, ninguém lhes pediu promoção ou baptismo, já temos a nossa fé. Pobres tipos, nunca consumarão. Vive lá um tipo esquisito, um velho de cabelos brancos, ele parece pintar, é raro vê-lo, oiço mais depressa a sua música, imagina lá tu isto... um gajo, às duas da manha, põe John Cage, uma música esquisita, sabes, pianos preparados, põe o cadeado na porta, esquece-se da janela aberta, as luzes estão acesas talvez tentando atrair a audiência, enorme população de pombas, rolas e cotovias. Sai de casa fechando a porta a cadeado. Talvez procure alimento ou um público que o compreenda, o público virgem mas até ele sabe que as conversas sonhadas lhe são inúteis, não serão as virgens brancas que o salvarão, nem sequer as virgens, se calhar ao primeiro toque partiriam as suas lágrimas de cristal, que aprendem a esconder enquanto se penteiam todos os dias com dedicação ao espelho. Não sei, eu só há pouco tempo ali cheguei. Ele saiu e deixou a janela aberta uma destas noites e as luzes acesas e, depois, a história conta que, a muitos quilómetros de distância, ocorreu o assalto à residência do procurador geral.

Engraçado, não ria há muito tempo. Rio-me mais do que digo do que da situação mas... iá, ele sai de casa e, depois, volta pela madrugada, sai do táxi podre de bêbado acompanhado de duas mulas valentes e... eis que, de súbito, um carro surge, atropela-o e, no hospital, dizem-lhe que ficou inválido... iá, estou mesmo a ver, Morton Feldman e flores em cima da mesa de cabeceira. Mas essa estéril compulsão está lá. Não acredito. De qualquer modo, a Seigneur é podre de boa mas não acredito.

Claro que não é plausível. Eu não sou o Roman P. Volto a dizer-te que o velho é passado dos carretos.

Ok, claro que acredito.

Jura? Estou habituado, aqui dentro, ao mesmo olhar que me deste agora. Olha. Repara à tua volta. Não será preciso procurar muito. Olha, vê ali ao fundo aquele par, pai e filha, não os achas deslocados? Terão eles ar de maus?

De facto, não parecem nada. Não sei responder.

O. É o nome dele, tenho falado com ele, é um verdadeiro psicopata, um genuíno, tenho ouvido também muitas histórias sobre ele,

acredita, não há ninguém como ele, é um bom motivo. Nunca o tinha ouvido antes mas, uma vez ao almoço, estendeu-me a mão gloriosa e, em duas ou três palavras, contou-me a história da sua vida. Sabes que toda a gente tem uma história para contar. Às vezes, a história é contada repetidas vezes ao longo de toda a vida... chatamente interessante mesmo muito interessantemente chata, afirmo-te que põe o teu Genet de joelhos e todos os teus depressivos na algibeira, e ainda pede aos guardas para lhe engomarem as calças. Ah sim... digo-te, ao lado dele todos os teus depressivos são caloiros.

A minha consciência delira e eu penso: este casal é um caso de fundamentalismo, chamar-lhe-ão de santo, ela será uma estrela pop, parece pura e tão natural, será santa?

Olho para eles. Vejo também aquela criança que passa discretamente um pequeno embrulho a um recluso ali à frente naquela mesa, um pai jovem, outra inocência. Observo o terrível erro. O edifício é protegido por câmaras de alta sensibilidade cuidadosamente colocadas...

Ouço o que parece ser uma sineta vagamente parecida com a das missas de Domingo na aldeia. O guarda E dirige-se discretamente na direcção da cafetaria, detém-se duas mesas à frente perante os ecrãs de vídeo, apreende o objecto, oh… era apenas uma caixa de bombons!, dirige-se à caixa, à sala de locução, para anunciar que, por ordem superior, os privilégios de comunicar estarão interditos de hoje em diante. A sessão de visitas terminou.

Como vês tudo é possível.

Murmuro espantado: ela vai alimentar o seu gato malhado que está calmamente observando o canário e a rola dentro da gaiola.

Conto-te a história noutra ocasião. Fica bem, A. Obrigado pelos cigarros.

Três da tarde.

As pessoas vão saindo, dirigem-se de volta à cidade. Apanham comboios.

Eu, deixando a minha consciência ser levada pelos guardas, saio da biblioteca do CReEA e sigo em direcção ao jardim onde um grupo de miúdos, que não deverão ter mais de cinco, seis anos, joga a bola num espaço entre castanheiros. Sento-me no banco...

Ah pois, saíste do encontro homoerótico com ar de chulo e foste ver os meninos ainda meninos, pois é, explica lá isso bem.

Arre merda, o escritor é um autoabjecta maledicente, não sou nada um chulo, fui ver o meu eu, olha, não posso ter um blêizer branco e

parecer um capitão da marinha de chapéu mas sem galões?, olha que eu sei nadar, não sou como o comandante que diz que foi comandante!, o comandante *num sabe nadá iô num sabe nadá iô,* olhamesta, e não posso porventura sair para ir tostar a pele ao sol no jardim? Os meninos a futebolar é mera circunstância, orafôdasse.

Por isso, continuo. Sento-me no banco do jardim. Ao longe o mar. Olho para eles e tento lembrar aquilo que fui e os sonhos que tive. No relvado improvisado, o defesa olha desconsolado o guarda-redes que, furioso, berra com ele. Não devias ter feito falta, agora o jogo acabou, nunca mais vamos jogar a bola, bem sabes como é a vizinha, nunca mais vamos ver a bola, diz ele desconsolado. Pois é, é tal e qual, esta vizinha deles é o cão pastor-alemão do senhor Salomão dos meus dez anos, os problemas dos meninos jogarem à bola em qualquer canto do bairro ou mesmo no jardim mantêm-se inalterados, pelo menos desde que inventaram o fute na bola.

Tão inocentes, tão cândidos, tão felizes, quem sabe o que vão ser quando forem grandes?, alguns nem vão ter a hipótese de escolher, outros irão talvez escolher mal, igualmente muitos não quererão escolher, quererão se calhar que escolham por eles, vão entrar no ciclo do deixa andar e não poderão ser ou serão apenas isso... um nada de vómitos e subtex, muitos poderão ficar pelo caminho, é o rumo natural das coisas, não acredito que a luta de classes tenha sucesso, ninguém vence o dinheiro e a letra que tiver dinheiro governará, será forte… há certas letras que nasceram para serem consideradas fortes, outras letras que nasceram para serem consideradas fracas, letras há que nasceram a pensar que eram fortes, outras a pensar que são fracas, nem todas as letras poderão escolher. Quem sabe, deixa lá ver… piloto de automóveis, jogadores de futebol, cientistas, engenheiros, médicos, advogados, ministros, banqueiros ou... o oposto, os pedintes, os bêbados, os ladrões, os drogados, os canalizadores, os pescadores, os pintores, todos estes... deverei classificá-los de *Os loucos*?

Agora, vou fazer uma pausa no discurso. Vou tirar o meu lindo chapéu branco de um modo teatral, vou despir o meu lindíssimo casaco branco e com frugalidade enrolar um cigarro. De momento, ando a fumar Amber Leaf.

É tudo um enorme trocadilho, uma enorme associação de palavras. Às vezes, começa-se a falar de alhos e termina-se em bugalhos. Às vezes. fala-se mesmo de caralhos. Estou alterado ou, se calhar exagerando mesmo muito, às vezes, as coisas devem ou deveriam funcionar

ao contrário e para outros alguns arrasar, afastar a conversa fiada... há quem se ache inteligente, há quem diga ser uma boa experiência filosófica, por exemplo, falar com um velho e com uma garrafa de vinho rasca à frente. E eu digo: oh… é bom ter o prazer de duvidar… sim duvidar, ser céptico… ter esse prazer mas escrever com fome aos vinte ou escrever gordo aos sessenta?

Este meu eu, A é o seu nome, hoje ainda é jovem e não sabe nada de política, embora se diga de esquerda tem reservas em relação ao comunismo por causa da liberdade de expressão e dos direitos humanos mas o mito da revolução pela liberdade, o Che e o Clandestino dos Manu Chao, a rebeldia e a anarquia que o haxe traz... são tudo ideias de esquerda que lhe dizem muito como filosofia de vida. A não sabe mas não passa de um ressabiado com palavras que chocam de tão extremas e, porque não o dizer, palavras fascistas, entre dois sinónimos escolhe sempre o pior, com palavras que afastam, palavras que não admitem a sua queda do poleiro. Tudo isto se mistura com sentimentos e acções em que se digna agir como se as outras pessoas ocasionalmente possam dizer coisas acertadas no meio de tantas coisas desinteressantes. Qual a percentagem... setenta, oitenta? Põe-se ele a avaliar. Mas ainda bem, espanto dos espantos!, segundo dizem, deveremos ter o espírito aberto a novas ideias, deveremos ser todos diferentes, todos iguais. Ainda bem que não sei tudo, assim ainda haverá algo mais para aprender. Se na teoria será assim, na realidade talvez não o seja, talvez se devam ignorar todas essas campanhas filantrópicas, talvez o fundamentalismo...

Tázaver!? Originalidade?, Direito à diferença? Será tudo isso verdade?, será que não penso em ser original, em ser diferente ou não fui eu que vesti a minha personagem de chulo hoje? Até sou capaz de ter algum jeito para frases sonantes, aforismos ou palavras bonitas... mas não estarei só a tentar viver acima das minhas capacidades?, a dar espaço ao conhecimento?, e se isto é ser original.. então, deixem-me ser, desculpem-me lá se sou original, se sou diferente, se mais ninguém procura o conhecimento.

Pareces o relvas vai estudar eheheh.

Ignoro e continuo: Aliás, estamos em tempos hipermodernistas em fins de milénio com meteoros incandescentes caindo sobre nós e sobre o Armenia em imagem dupla, o antes e o depois, um preto e branco de destruição em apoteose, a originalidade é uma mistura de conhecimentos aprendidos aqui e ali por observação empírica, é bom

dizer a mim próprio quais são os meus ídolos e heroas, com quem me identifico, presto, aliás, um serviço ao dito Original, àquele de quem disseram eu, A, ser uma Cópia, reciclo-o, salvo-o do lixo e do esquecimento, tiro-o da garrafa de vinho e aproximo-o da almofada, dorme meu menino dorme, sonha com todos os teus mitos, filosofias e perversões... digo-te, menino, o dito de A Cópia tem valor acrescentado: lê lá o Marx masé, o A C...ópia tornou-se autónomo sem nunca ter sido dependente ou sanguessuga, masoquista talvez mas agora devo ir à procura do meu próprio rebanho... não!, talvez não queira rebanho porque não quero ser líder, uso é meios que não divulgo, não é bom alguém saber como agimos a seguir. Liberto-me crio(me) crio(me), resisto de boca fechada, nada há que dizer, silêncio!, deixo a imagem a vosso cargo, que se criem os duplos e os avatares com nomes de realitíchuis, que não se apaguem as imagens gravadas, viva-se hoje e agora. Devo levantar-me, andar e procurar o meu caminho, digo ao meu ser.

O mal não é eu mentir mas sim fazê-lo a mim próprio, quando o meu desejo é talvez fazê-lo aos outros, talvez por me aborrecer com a sua incompreensão ou a máscara da incompreensão ou será que não me explico bem ou será que deverei falar em burrice?

Talvez o burro seja eu. Às vezes, a eternidade fascina-me, a santidade fascina-me, fascina-me pensar em anjos negros, anjos brancos nunca!, nunca anjos absolutamente brancos porque a cor branca tudo reflecte e nada guarda. Estas coisas sentem-se, não se vêem. Às vezes, penso que tive uma visão onde fui iluminado mas de electricidade.

Gostaria antes de falar do futuro se é que ele existe, se é que ele existe agora que me imagino rico, não é verdade que ganhei a lotaria?

A meio da tarde, estou num jardim africano pensando. À minha frente, um canal, um prédio em construção eterna, uma palmeira ao longe e uma casa pequena, de onde num qualquer filme dos anos vinte o Buster Keaton poderia ter saído. Estou simplesmente a apanhar sol, vendo os miúdos a jogar futebol. Acabo por não saber a que horas combinei com ela algo de tão maçador que nem me lembro do quê, nem conheço bem o local, nem sei se ela está lá ou o que pretende. Decido antes ir falar com D, a minha outra consciência, aquela que me é mais provocadora, quase inimiga, que quer sempre tirar-me do sério e mostrar o animal em mim, a consciência que deixei na loja. É bem capaz de ser aquilo que mais quero fazer neste momento e vai ser já, porque fugindo do novo part-time, Id escapa-se, fecha logo a livraria, e abanca no café ao lado, não podendo eu falar com ele nem podendo

olhar para aquela peça etnográfica que me assusta ao mesmo tempo que me fascina, aquele machado de Henrique VIII.

Sacudo as minhas calças que estão cheias de restos de tabaco, limpo igualmente os meus sapatos novos, levanto-me, para mim tudo é lógico, sinto a Paz pousar nos meus ombros. Mesmo que nada tivesse lógica ou existisse apenas a minha lógica e os meus anjos negros. Saio do jardim, entro no parque de estacionamento, ligo a chave imaginária do meu jipe imaginário e penetro no caos imaginário da cidade em hora de ponta. Chegado ao destino, paro. Entro pelo parque subterrâneo do centro comercial e, ao sair do elevador, vejo uma senhora em desespero pedindo esmola em troca de flores. Dou-lhe a maior nota que tenho no bolso e ela oferece-me um pequeno jasmim amarelo.

Caminho para o posto de correios e envio-lhe por correio azul as flores com um cartão com desculpas e corações. Chego por fim à loja. Seis da tarde. A minha consciência não está lá. Desta vez, começo a sentir-me atraído pela quantidade enorme de garrafas, garrafinhas e garrafões em exposição na montra, daquelas deitadas e com barcos dentro e pequenas luzes acesas, velas eléctricas imitando as artesanais, as velas de cera do cemitério, estas recuperadas e com um novo design galopante recordando, exigindo, fazendo questão em imaginar as épocas maravilhosas em que as naus e as caravelas cruzavam os mares carregadas com especiarias e ouro, muito ouro roubado.

Olha, deixou a porta encostada...

Como eu não estou e estou no café, entro e ponho-me a folhear alguns livros antigos. Já não se fazem livros velhos. Vendem-se novos e caros, os outros são baratos mas são os restos de uma sociedade alienada que se desfez das suas memórias pessoais, dos livros que deram orgasmos ao tio ou dos livros que nunca obtiveram o devido valor, dos livros que talvez mais valesse não terem sido escritos. Talvez quem vende estas antiguidades a um intermediário como D, não goste de orgasmos, talvez um dia?!, quando todos estiverem mortos (!) seja útil contar mas... valerá aí a pena?

Abro um e leio:

Ele não é gentil ele não é gentil. Estou triste, é preciso que se saiba. Batem as quatro badaladas no relógio da torre de uma catedral invisível. Faz calor. Vi J ontem, ia com um aspecto duvidoso e lamentável, a única coisa que ele quer da vida é ficar cego com a moca. Agora vejo um homem deitado num banco do jardim, cinquenta e poucos anos, é a idade que lhe dou. Parece dormir. Tem um gorro na cabeça e não lhe

consigo ver os olhos, talvez por causa deste pormenor possa ele estar salvo e ser anónimo. Nunca confirmei a sua identidade. No passeio, caminham dois homens de uma certa idade com as faces corroídas pelo sol. Talvez pescadores já com rugas e reformados da faina. Procuram um banco para se sentar. Sentam-se perto de mim. Consigo ouvir as suas palavras cheias da rouquidão, do catarro de longa data, quem é fumador sabe distinguir: olha... parece que já tenho programa para logo à noite, dá um jogo importante na televisão.

Largo o livro, a minha consciência parece ausente, o livro é sobre alienação e velhice, é sobre tudo o que eu posso obter se tiver uma má experiência com as coisas que ainda quero fazer na vida. Não quero ser velho, quero morrer jovem, sem palavras e com um belo rosto, um rosto anónimo.

É esta última frase a frase que escrevo no meu caderno preto de linhas como uma das impressões do dia sentando-me à espera que a consciência retorne. Engasgo-me para dar a ilusão de me rir e de analisar o ridículo, tal como o sublime Ionesco, afinal não foi ele que escreveu um livro chamado *O Solitário*?

Arrumo o caderno no bolso de trás das calças e dirijo-me a outra banca com livros. Reparo numa capa onde se vê uma mulher agarrada à gravata de um homem. Pego nele.

Perdendo a noção de onde estou, acuso em alta voz, pensando talvez estar em casa em frente ao espelho admirando o bigode: sou apenas mais um com a mania das grandezas ou com a mania que é diferente dos outros ou um ser superior. Oh... o que acontecerá aos meus cadernos? Oh... o que acontecerá às páginas flamejantes, ao veneno dos meus cadernos??

D, o elemento consciência que entra, vindo do café sem ser visto, ouve A e vê o livro que ele tem nas mãos... e intervém adicionando caos à verborreia: Oh... mas será que alguém os lerá? Oh meu deus oh meu deus ainda existes? Procurei-te vivo ou morto na rede da sociedade da informação, ofereci recompensa, não me parece que deus exista...

O que Id diz dá-me vontade de escrever, ainda bem que Id ouve apenas a minha voz e não os meus pensamentos, pois senão iria ficar para sempre na dúvida acerca dos motivos do sarcasmo. Daria para uma tarde inteira num caderno cheio de explicações mas há uma pulga para ser fichada e, por isso, retiro o caderno preto do bolso e adiciono mais um item:

É a vida. É o seu rumo natural. Ela tanto pode andar por caminhos tortuosos e escuros como por longas avenidas cheias de flores.

Largo o caderno outra vez e pego noutro livro. Introjecto como se arrastasse uma grande mágoa dentro de mim, até que expludo de raiva mas nem eu próprio percebo o meu desprezo mas Id percebe e diz-me com veneno na língua.

Agora A, lê este título de um modo apaixonado, sim meu filho?

Maria, não me mates que sou tua mãe. Interessante. Deixa ver?, Camilo... o quê? Castelo Branco, o quê, é o conde dos realitíchuis? Ahahah, imagino dizer estas palavras tendo um ataque epiléptico. Tento acalmar-me. Pergunto o que se passa. Está tudo bem, não se passa nada. Só me passei com o título. Achei engraçado mas é o melhor escritor português do século dezanove e ele também tinha de comprar pão e circo.

Talvez exagere um pouco ou talvez não seja bem assim e talvez um dia venha a compreender. Sempre o talvez, espero esse dia mas espero sentado, pois a consciência pode demorar muito para conseguir arranjar a cisma do espelho.

D chama-me agora a atenção para uma página dobrada num outro livro. Estranho. Nenhum destes livros tem nome de autor impresso. D aponta-me uma linha do texto e diz:

E agora, sim meu filho? Lê isto de um modo sonhador:

Posso ver, à frente, a lareira da minha mansão de vinte e quatro quartos e seis casas de banho. Aqui, devo olhar para mim porque me aproximo de mim, não me vejo, eu só transmito a imagem que todos vêem, eu não vejo nada excepto as suas reacções, eles não existem como espelhos. Devo ter uma pose longínqua, em som contínuo minimal, em cada casa de banho um funâmbulo, num lugar quente e confortável. Culpa? Não deverá existir. Neste instante, devo levantar o dedo acusador de um juiz. Para que exista um juiz é necessária a existência de um sistema, esse sistema personificado na sociedade pelo símbolo do Alfa Beto. A sentença diz: condenado.

Mais uma vez, a palavra culpa e condenação presente. Começa a ser repetitivo. Paro de ler. Olho para o tecto, fecho os olhos, abro o livro outra vez e continuo a ler umas páginas mais à frente:

No primeiro andar do autocarro em andamento, beijo os teus seios por cima da camisa, nós indiferentes aos passageiros. Toco-te, tu beijas-me, gemes, mordes e eu sinto o retesar da pele dos teus mamilos e o perfume do teu cabelo acastanhado em caracóis compridos. Cheiras

a inocência, a virgindade, nasceste ontem durante o signo virgem a dezoito. Beijo as mãos que reflectem o teu desabrochar, a tua pele vermelha toda marcada para que te possas recordar de mim, para que eu me recorde que tu foste a mais bonita que tive e tenho, ups tinha... merda para as recordações, destruam-nas, que se queimem todas as provas. Por outro lado, essas memórias são os pontos de ganza erógenos que me masturbam a próstata. Deverei implorar aos céus, bradar aos céus para que matem este ano condensando-o num instante por oferenda de deus, como no conto do argentino. Mandem um raio e violem-me para que todos se possam rir de mim, e eu também, durante o momento de expiação, o ridículo descarado à minha frente reflectido no espelho, triste… triste… triste muito triste. Eu aqui devo chorar mas já não tenho ninguém com quem chorar, ninguém, ninguém que me ouça. Estou só. Falo sozinho. Suicídio: o acto verdadeiramente filosófico. A vida merece ser ou não vivida? É mais um teste. Se resistir, e aqui deverei voltar a ser sonhador e a ter esperança, se sobreviver deverei dizer certamente: não!, não me matei!, ainda aqui estou, a vida merece ser vivida, quero forçosamente continuar por Cá mais algum tempo, não serão vocês, as consciências enganadoras, os massmédia, as opiniões e as associações, os infames e as bestas que me impedirão. Eu hei-de chamar-vos nomes mesmo na fogueira. O ego levanta o punho bem cerrado e vocifera, lívido e atónito de cólera, olhando em frente uma garrafa de vinho tinto: Estou aqui para vos atormentar e a todos fazer a vida negra. Eu hei-de chamar-vos...

Digo alto estas frases e D responde dizendo que estarei sempre em dúvida permanente sobre a condição do eu, coitado e querido, a mais preciosa flausina. Terminarei eu louco esperando etereamente a morte tal como todos os meus anjos negros? Cansei-me de ti e desse teu livro, não levo nada hoje.

Bom, D, até à vista, vou-me embora. Fica bem.

Desiludo-me, murmuro a mim próprio no caminho de volta: o fim do milénio aproxima-se. Como seria feliz se te tivesse beijado quando bateste à minha porta naquela tarde de Sábado em que eu escrevia à máquina. Haveria destroços por todo o lado. Como gostaria de te ter mostrado o amor que, nessa altura, te escrevia, como o deveria ter feito também quando fui obrigado a optar, como deveria ter desligado o trabalho e ter-te pegado na mão e levado para o quarto. Irias talvez dizer que um fogo avermelhado caíra do céu e que nós, há muito tempo estávamos acabados e só o Platão nos unia e talvez nunca mais

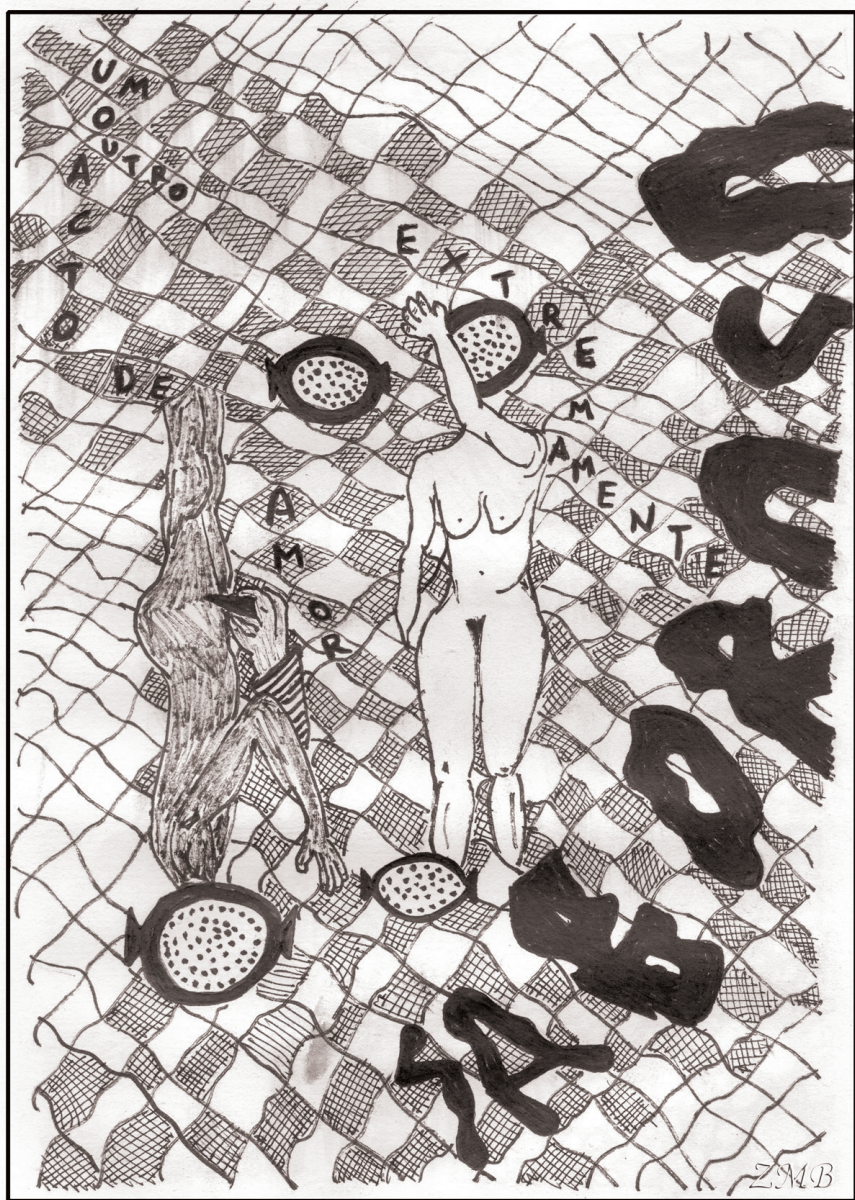
valesse a pena começar de novo, porque nada se tinha perdido, porque a cidade poderia estar em transe de se consumir. A voz gritaria: tudo será mais difícil sozinho, o ser uno, eu e ela, sozinhos, um ser desfeito. Tremo de medo quando me feres súcuba os ouvidos, o meu amor por ti que não te tenho mais, estou aqui sozinho.

Chego ao alojamento e atiro-me para cima da cama. Ligo o computador, já sei... vou-me ligar a ela por esta internet, esta novidade já em fase de testes no campus, suspiro porque não sei se ela vai atender a chamada telefónica de um número estranho, vou pensando: ah! Miséria, eu não agi quando devia mas... no futuro, a casa alternativa fundir-se-á com a beleza pop se Icata, tu a deusa, te recusares tornares-te um cadáver cheio de rugas e, ao mesmo tempo, a minha consciência sair da clausura provocada pela ilusão mistificadora. Enquanto isso não acontece, vivo entre estas quatro paredes e penso frequentemente em traficar rosas, *qué frô?*, todas as que forem necessárias, penso em transfixar-me para sempre, penso em pecados clandestinos, penso em ter-te nem que seja às escondidas.

Quando ela atende, A diz: Olha desculpa, sempre apareceste lá no evento e que tal?, recebeste as minhas flores? Não? Pois, amanhã sem falta terás uma surpresa mas agora... lembrei-me, ora pensa comigo, eu tenho uma câmara de vídeo, o teu computador tem outra câmera, eu dou-te o código de acesso, vamos fazer sexo pela rede de informação. Não?! Porquê? Não acreditas em mim? Não, não precisas de pagar nada, eles até agradecem, estamos a experimentar-lhes o serviço, mas nunca fiando... liga o antivírus, ok?

Bai pastar a toura, é a linguagem que tu entendes, não me ligues mais. Para ti morri.

Mas querida...

UM OUTRO ACTO DE AMOR
EXTREMAMENTE
ZMB

Um outro acto de amor extremamente saboroso

L Capítulo C
Sonic Youth: Flower

Dou por mim a pensar e a escrever na folha de rascunho do exame no CReEA:

Beijo o meu ser em delírio poético e o peso da moralidade diria que Adão nunca existiu. Levo a mão à boca e os meus dedos são beijados para testar a existência de cromossomas e a teoria do ADN. Se Adão foi criado à imagem do deus da teoria, então deus seria por analogia um ser já velho que decidiu ter um filho a quem chamou O primeiro homem, Adão o burro, o inocente, o virgem. Para deixar de o ser são necessários, por vezes, anos e décadas de muitos pontapés em caixotes do lixo, merda para ti Hatar, pouca gente é sábia, a sabedoria vem associada a experiência. Ora, deus, inebriado na eternidade dos milhares de explosões e biguebangues ao longo dos tempos e porque se tinha de distrair do facto de nunca ter conhecido um pai e ter crescido, assim por dizer, a partir de uma cesta abandonada por uma cegonha ancestral à porta de um buraco negro, criou Adão já velho. Foi o primeiro clone, um clone de si próprio pois não havia mulheres, havia só o seu duplo com quem entretinha o tédio enfrentando-o no espelho. Para que este Adão não fosse eternamente solitário como o pai e ele tinha a plena consciência de o ser, afinal qual a finalidade das pessoas terem filhos?, o paizinho quis que deste surgisse um outro clone, que fosse um seu duplo, um ser feminino surgido de uma costela, aí surgiu a moralidade e todos os pecados do mundo, foi esse o grande erro de deus ego, o seu império nasceu moral e cheio de regras, Eva não deveria ter sido um clone. Chegou, no entanto, o dia de dizer que o sol era o nosso centro. O eu deixara de ser o centro. A matemática atribuiu uma unidade ao universo abalando as Teoria Iniciais da criação e antecipando a evolução para a teoria das espécies. A cristandade foi abalada nos dogmas e reagiu, mostrou os dentes e vai daí: tudo para a fogueira, judeus, mouros, bruxas e bêbados com tatuagens no cu e livros debaixo do braço. Depois, vieram os psiquiatras e os polícias e as consciências colectivas no caso de se considerar um *influenciador* como um centro. Asseguro que, cada vez mais, o eu está em vias de se perder, de ser aniquilado por todo esse, esse... como defini-lo...

sistema, mas qual sistema? Poder-se-iam escrever muitos mais livros sobre sistemas, diversos tipos de sistema, misturá-los a todos dentro de um grande pote e ser a nova versão da lenda de Pandora. Na confusão das interpretações de todos esses eus da sociedade que se viram atingidos nos seus escondidos recalcamentos de infância, bati tantas vezes nos irmãos que, no final da segunda incarnação, resolvi ser padre, talvez num desejo me livrar do pecado original: o de ter nascido. Porque será que não se pergunta às crianças se elas querem ou não nascer? No entanto, se já não somos cristãos nem mesmo na versão surreal de acompanhar as mulheres à missa dominical e aproveitar para mandar galhardetes morais: aquilo que não deves fazer, olha o teu terrível aspecto, tens uns olhos que matam às vezes. E eu: tenho direito a ser perverso e a protestar comunicando fetiches e sonhos, o pau da bandeira, agir contra recalcamentos morais e sim, Eva, se existiu, terá sido uma grande mulher, tirou Adão da solidão.

Por isso, é meu desejo continuar este teste comunicando-te que a doentia obsessão, que sinto por ti, é justificada, acima de tudo, pelo teu apetite sexual. Estou a fazer um exame juntamente com o J ou JC ou mesmo Júlio César. Um exame no Alfa Beto e depois, quando terminar, tu virás ter comigo. A maioria dos heróis gregos era criada a partir de um deus divino e uma mãe mortal. Estes heróis semidivinos inventaram ciúmes e discórdia para agitar o Olimpo. Os romanos eram mais decadentes e, nas suas orações ao deus vinho, faziam com frequência a purga, punham as garras na garganta e vomitavam a merda que lhes saía do fígado para que assim pudessem voltar ao alfa cheios de desejo.

E foi aqui que o exame terminou, adivinho.

Minutos mais tarde, ela chega. Tem um corpo forte, umas ancas largas, os seios são o fetiche mais visível quando saímos para tomar café no final do jantar, todos os dias. Sete da tarde. Ela vem vestida de preto. O vestido é uma peça única que termina numa minissaia até ao meio do joelho. Traz as pernas moldadas pelas meias de seda fina. Traz um chapéu preto com uma tira branca. O cabelo cai-lhe sobre os ombros e o castanho-escuro brilha transfixando-se em louro pela acção do Sol, hoje está apanhado com um lápis atrás da cabeça. Tem a cor morena que reflecte a sua raiz angolana, foi lá que nasceu filha de pais abandonados pela sociedade. As faces vermelhas do calor, os lábios esses são um botão de rosa opulenta e vermelha. Abro a janela que dá para a fábrica e, depois, sento-me na cama. Falamos do exame.

Toco-lhe as pernas. O exame correu bem. Retiro-lhe o chapéu. Solto-lhe o cabelo. Toco-lhe no pescoço e percepciono o calor que sente. Tiro-lhe os brincos. Reparo que estou excitado. Ela brinca com os calções, que me ofereceu numa ocasião especial e que eu faço questão de usar todos as semanas, brinca com a multidão de cabelos que povoam a minha consciência. Decido rasgar-lhe as meias. Acaricio-a. Então, ela pergunta que tipo de comunicação é preciso inventar hoje em dia. Já não há desejo, estamos a ficar cegos e morais. A minha consciência funde-se com a consciência dela e torna-se a nossa consciência.

A nossa consciência responde tactilmente, os dedos embrenham-se em manteiga e impregnam-se no denso estreito. A nossa consciência comunica misturando-se em pequenas fontes de água, esmegma e corrimento recolhido na nossa boca de fumo. Toco-lhe nos seios por debaixo da camisa que desabrocham como flores, pequenos botões rosa estão dores, os mamilos nas nossas mãos transmutam-se em desejo quando lhe toco no clitóris, no seu botão de rosa mais puro quando os rios correm mais rápido e as cataratas são engolidas e, a dois tempos, a erosão cria explosões de pequenos prazeres contrários à teoria solar, o nosso Eu é ainda mais forte, a moral é destruída, haverá maior prazer que a morte? Beijamos a seiva retirada da nossa árvore tal como Eva e esse fluido corre lentamente pelos ramos vermelhos do seu tronco na direcção de um pequeno riacho criando-se nos declives rochosos por entre os tremores de terra entre os nossos dedos. Os dedos vigiam e navegam por esta fronteira vermelha incrustada de morte. Ela ronda esta casa, pressinto-o. A lua deseclipa-se com frequência. Os lobos agem. É o seu tempo de actuar. Beijo-lhe as mãos impregnadas. Beijo-lhe a boca, os olhos rasgados de desejo. Beijo o nosso prazer mútuo como se fosse sempre aquela primeira vez. A nossa consciência cria amplexos sem a existência de Deus mas com a presença dos símbolos. Criamos amor. Criamos prazer. Criamos crimes aborto orgasmo gemidos espasmódicos fricções activadas dedos incisivos dentes entre paredes fluidos voyeurísticos cortejos que passam com slogans como: olha filho sol, olha, o amor de mãe é o único, o melhor, só há um como ele. Ai... a inocência. Tão doce a inocência! Pena a paz decair com a idade e o aumento da sabedoria e das úlceras que, definitivamente, não se tratam com mel de rosmaninho nem sumo de laranja. De facto, é uma pena todos os impérios decaírem na autocracia mas ela hoje está bonita.

É isto o que I quer escrever no exame de monitorização semestral sobre o tema da cadeira de Utopia. Acha que está interessante ao nível da surrealidade poética embora ache a exposição um pouco gongórica. Depois percebe que o foco principal da matéria a avaliar é simplesmente a capacidade de analisar um texto e a expressão do pensamento individual e livre numa composição concisa mas completa. O que escreve finalmente é:

No livro *História das Utopias* de Lewis Mumford, escrito em 1922, é dada a definição de utopia como um escape à má realidade vivida num momento presente ou como uma tentativa de criar ou reconstruir um local (geralmente uma cidade ou Estado) onde se pode viver aquilo que se chama de *a vida boa*.

Mumford parte da análise do livro *A república* de Platão, passa por *Utopia* de Thomas More, por Christianopolis de Andrea e *A cidade do sol* de Campanella, entre outras utopias mais recentes como as utopias de Fourier, Proudhon, Marx e alguns utópicos americanos do século XIX e também H.G.Wells com *A máquina do tempo*. Mumford analisa as diferentes classes sociais da sociedade utópica, o seu modo de vida, de trabalho e lazer. Esclarece que elas tentam criar uma ordem social nova, com pessoas inseridas numa comunidade ideal em que todos trabalham para o bem comum, tem direitos e regalias e lazeres comuns. Descreve como as utopias clássicas levaram à criação de três conceitos como A casa senhorial (ou seja, a classe dirigente que manda e o seu domicílio), Coketown (ou seja, a classe que trabalha e a cidade que a acolhe) e O Estado (sociedade império ultranacionalista que deve administrar o território).

Mumford faz a crítica que cada utopia foi imaginada, idealizada e escrita por um único homem, cujas ideias foram sendo utilizadas posteriormente ao longo dos tempos por grupos de pessoas que as tentaram aplicar, mas que na realidade não se conseguiram realizar por não terem em conta muitos factores: um deles é o ego de quem escreve a utopia (este tenta impor a sua ideia aos demais sem pensar se é exequível eles a aceitarem ou pensarem do mesmo modo), outro factor é o atrito entre pessoas humanas que podem não se dar bem uns com os outros e portanto dinamitar a sociedade comum, a burocracia de todos viverem regulados pelas leis da sociedade utópica, e também o papel dado a quem não adere ao ideal comum.

Assim, por exemplo, em Thomas More há escravatura, em H.G.Wells há os seres brutos que trabalham no subsolo para proporcionar a vida

boa dos 'seres escolhidos', em Platão não há artistas, em Christianópolis vamos todos à missa.

Ou seja, eu pergunto-me o que acontece a quem não encaixa nos preceitos da sociedade utópica, quem não tem o trabalho comum ou o lazer comum, quem pensa que pode ter interesses ou gostos ou pensares diferentes do bem comum? As utopias nada falam destes tipo de pessoas mas assumo que não têm lugar na sociedade utópica, estão condenados à prisão ou a ser escravos.

No mundo real, sabendo que muito foi aproveitado de todas estas utopias para a sociedade em que vivemos, sabemos todos que quem não está encaixado em alguma nomenclatura ou classe de interesses ou associação é considerado um fora-da-lei. Uma pessoa assim por fugir à regra, à norma, é considerada perigosa para a sociedade, alguém com quem deve ser dificultada a comunicação e votada se possível à indiferença e à solidão.

Por isso, pergunto: para quando uma utopia em que o artista não precise de ser um recluso para poder criar e viver o melhor possível entre os seus concidadãos com o pleno direito ao respeito pelas diferenças entre cada ser humano?

I lê o que escreve e corrige a última frase. Fica assim:

Para quando uma utopia em que todas as pessoas, independentemente da sua religião, cor, sexo ou género, tenham uma função que gostem de praticar, sintam prazer em trabalhar nessa função e possam ser artistas no seu esforço, numa sociedade onde não haja hierarquia e as classes sejam horizontais e onde as pessoas não precisem de ser reclusas ou violentas para poder criar e viver o melhor possível entre os seus concidadãos com o pleno direito ao respeito pelas diferenças entre cada ser humano?

I entrega a folha de exame e vai ter com a sua amiga. Para celebrar apanham uma carraspana, não há-de ser nada, dizem.

Duas semanas mais tarde sai o resultado. Chumbado. Tem de explicar e formalizar um recurso, repetir os alhos com bugalhos e, por manifesta falta de respeito e humildade pela comissão de ética da Sociedade do Alfa Beto, sempre muito interessada no seu progresso, descarrega os caralhos escrevendo um libelo a repudiar a professora que lhe deu um 9 em vinte possíveis, um libelo que manda publicar numa zine com desenhos, uma vergonha, até deixa a entender que havia um certo aroma não oficial entre eles, enfim... reproduzo o final:

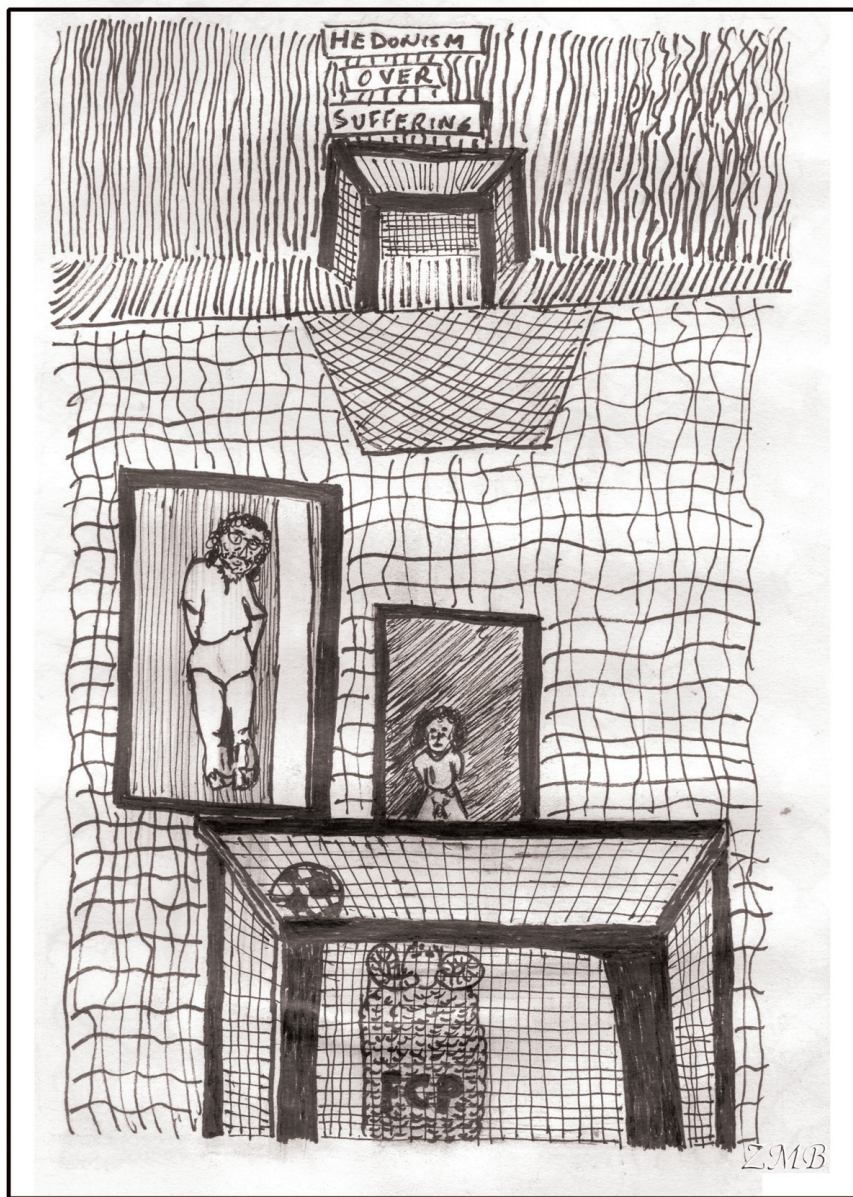
A mestra tem uma utopia pessoal para o qual ela convidou quem

lhe interessou convidar. Uma dessas pessoas convidadas fui eu. Aceitei. Acontece eu achar que um espaço deve ser colectivo e heterogéneo, e o local da liga de chá anti-eu, como passei a chamá-la, foi-se tornando, ao longo dos tempos, um espaço para a mestra se poder ausentar sem qualquer explicação deixando-nos a lida da casa e o lixo de cada um, e para, nos regressos sempre tão esperados, a diva avaliar da qualidade e bom gosto dos meninos-de-mão e preencher o seu vazio ou esvaziar a sua ansiedade, e receber deste modo os beijinhos destes e destas.

Acontece que a minha ideia de utopia colectiva pressupõe uma horizontalidade na classe e não uma hierarquia em que há mãos no chicote e pés para lavar. A minha utopia pressupõe que eu tenha o direito de descrever, mesmo satirizar o gongorismo hormonal, o insulto, o mau humor em resposta a algum assunto obnóxio. A minha vida não é uma bengala de mão. A mestra faz ainda considerações sobre o meu estado mental e refere a sua experiência durante dois anos como assistente de psiquiatria. Aproveito para lhe dizer: não seria bom aproveitar a sua experiência e aplicá-la à sua própria condição mental? Não seria mau pensado já que assume a condição de ansiosa. Tentar igualmente avaliar se a sua assertividade não a está a prejudicar no seu juízo. Esperemos sem ironia que a mestra nunca precise de reforçar a toma de medicamentos para a sua ansiedade.

É sempre triste dedicar esta música a alguém. *O nosso amor durará para sempre até ao dia em que morra* mas neste caso, o amor nem se aplica, como poderia eu gostar de uma mestra como esta? Algo morreu e foi mais importante que o amor, foi o carinho que lhe destinava, um carinho igual ao que dou a qualquer ser humano que me estime, pelo menos, a qualquer ser humano que se coloque em igualdade comigo: nem acima nem abaixo. Que essa mestra fale agora pelas costas e me chame de lambão e tente arregimentar sócios para a sua causa? Podem até fundar uma liga de chá das cinco com acta e tudo, é algo a que não darei muito mais atenção mas assistirei no camarote e baterei palmas quando chegar o dia em que deixe de haver dinheiro para o maço de tabaco e para o copo de vinho. Pelo menos, diz a mestra que, quando esse dia chegar, deixará de tomar ansiolíticos e ficará saudável. Faz-me lembrar uma antiga amiga que foi pedir ao psiquiatra um papel que dissesse que ela não era maluca, há poucos meses vi-a na consulta, continuava chorona, tinha chegado ao lumiar... o pior é depois. Viva a saúde. Eu já tirei bilhete para a performance. Não sei quem o disse, mas escrevo na mesma: não concordo com a tua opinião mas não im-

pedirei que a exprimas. Reservo-me o direito de resposta. E depois há outro ditado, este mais próximo de raízes populares: não deves bater em crianças, malucos, mulheres e pessoas velhinhas. São dois princípios ético-morais que tento seguir. Nem sempre é fácil. O caminho é longo.

HEDONISM
OVER
SUFFERING
FCP
ZMB

Devido ao Astor Piazzolla sinto algo germinar

Hedonismo sobre sofrimento

M Capítulo minus C
Sei Miguel:Showtime
Pop dell'arte: Poema para noiva circular em betão armado plástico cor de rosa com rádio digital programado em f.m.

De momento, prossigo com mais um teste, este de recurso e na Sociedade das Lâmpadas, o reactor quântico instalado na cidade vermelha, instituição que em conjunto com o CReEA vai gerindo a minha formação. Escrevo não as respostas às perguntas que o computador me faz mas a história que me apetece escrever. Eu, no fundo, continuo a cagar-me para toda esta formação coerciva e vigiada, e por isso faço um pouco de subversão, tresvario as respostas e fodo a cabeça aos instrutores que me foderão depois a nota, é um círculo vicioso.

Escrevo com o teclado:

São vários os seres gémeos, os vários eus escrevendo o seu juízo da história, perguntando-se sobre a sua veracidade, perguntando-se como, porquê, para quê, perguntando sobre lágrimas, sobre desespero, nojo, sobre ódio provocado adorado desejado. O desejo anda longe de ser satisfeito e tudo é apenas possível em teoria, sendo criado a partir do acto solitário. Tu podes sair deste mundo binário, podes passar pelas paredes da vida como num jogo de computador com a arma da transfixação.

Fecho o livro de apoio, enrolo um cigarro, é o que de bom existe nestes exames, pode-se fumar.

Conto uma história longínqua com as personagens, os elementos, as letras, os meus eus, os meus seres personagem, são eles:

I, o elemento louco e escritor.

R, a mistura venenosa de pintura com engenharia tipo pescador e senhor engenheiro.

B, a mulher caridosa e amiga dos desvalidos. E o burro também.

A, a consciência elementar, a misantropia e a ganza. E o perguntador.

C, o juiz obsessivo, desprezado por mulheres para quem ele deixou de ser uma prioridade.

D, a mulher original em memória rom. E o livreiro.

J, o amigo da experimentação tornado jânqui.

O, o professor louco.

L, o profeta.

Nove seres gémeos, alguns duplos afinal, alguns mais velhos em espírito, todos sentados numa mesa redonda, uma entidade respondendo pela sigla IRABCDJOL.

Escrevo estas frases no processador de texto do computador da sala de exames respondendo ao enunciado, subvertendo o julgamento de uma história com ganza fumada em local proibido, história desfasada, história que não existe oficialmente mas... vá lá saber-se como, provoca curiosidade na consciência pública. Tenho de dizer que não é mais do que um pequeno pesadelo, um dos pequenos pesadelos causadores de tantas insónias há mais de vinte anos... digo *há mais de* porque eu sei já o veredicto, a história deu-me a resposta que procurava nela, não sei se me disse a verdade... e acreditem, não perguntei, sentei-me, deixei-me estar e como se respondesse à máxima: tu só ouves aquilo que queres ouvir, ouvi então: é um terrorista que só quer as gajas para foder, o cabrão só nos quer para se lambuzar. É um lambão incompetente, dizem as damas despeitadas, não tem vergonha de dizer o que diz, é um cínico louco, dizem os desgraçados que não conseguiram o que queriam.

Os meus eus expandem-se, comunicam entre si a cada momento, a minha consciência diz-me: adapta-te ao meio, aprende a ouvir, desinforma se tiver de ser, aprende a desgastar o adversário, um ninja procura descobrir o meio mais rápido de aniquilar o adversário. Eis o plano, a proposta. O império é agora e hoje, possamos todos ser felizes, isto não é nihilismo, ainda acredito em mim. *Praedictiones facit. Si vera sunt, a Domino factum est istud*. História pré-datada com sexo, identidade, drogas, adoração e tu, porque pop é bom e porque existem pessoas que lêem e compreendem errado as motivações dos rascunhos de quem escreve. Conheço pessoas, vamos chamar-lhe de pessoas, vamos chamar-lhe Lili com cabelo louro, autora de duas cartas frias em tempo de Páscoa. São, por vezes, engraçadas as coincidências astrológicas, senão analisa: Mais ou menos na altura em que ele vai em cima do jumento e se fazem tentativas aproximadas de quadros com títulos irrisórios como: *cristo, perdoa-me porque sou cego*, recebo da Lili duas cartas. Ela, talvez fodida por eu não a convidar a passar as miniférias comigo, tenta seguir o manual, só que testando os limites nos outros. Por causa deste pormenor ou percepção errada de uma palavra, de uma metáfora escrita, eu acabo a responder a perguntas esquisitas e

incómodas debaixo do olhar aterrorizador de um instrumento que recolhe amostras para o teste do HIV. Suponho que tu terás de concordar que não se pode ser mais acéfalo, ou então é mesmo o que escreveste em cima, devias tê-la convidado para passar as férias contigo. Mas porquê, se ela foi apenas uma distracção para esquecer a G?

À minha frente, a sala dos computadores termina numa janela e, para lá da janela, o muro de uma varanda transforma-se numa marquise. Tem oito janelas deslizantes tipo biombos japoneses. No exterior, o elemento que agora ocupa o meu campo visual é o sólido paralelepípedo dividido a meio por duas garagens recentemente assaltadas. Imaginem, a sociedade das lâmpadas foi assaltada. Um gato malhado estendeu-se numa plataforma por cima de um sólido cilíndrico e verde tipo caixote do lixo. Uma rola não dormiu nem comeu porque me esqueci de lhe dar de comer. As videiras, as folhas dos pessegueiros, a macieira, o galinheiro. Vi também o gato passear-se nas janelas por detrás das cortinas procurando os pássaros, os pequenos insectos e os sons que povoam as madrugadas onde não se vê ninguém à excepção dos sonâmbulos. O gato saltava de sofá em sofá, arranhava os livros da estante, dançava de janela em janela, atirava-se aos vidros como se tentasse agarrar os pássaros, as moscas, as asas de insecto batendo no quintal e... caiu da marquise. Os ladrões estavam à espera, na coleira do gato estava a chave suplente do anexo 51, roubaram o walkman e os fones.

Olho e no ecrã do computador, que com a luz do sol se transforma num espelho, vejo uma cabeça rapada mas lembro-me que menti ao barbeiro dizendo: vou para a tropa. Expressão que, para mim, significa aceitar o meu destino obstruído ou mudado pelo código disciplinar e moral da sociedade. Mas, de facto, menti e quis apenas rapar o cabelo. Quis mudar de identidade, cortei a pente zero. No espelho da barbearia, vejo uma camisola azul que, em certos momentos, me permite relembrar o teu cheiro. O cheiro que, em momentos intensos de solidão quando a poesia adquire cheiro, se confunde com o meu cheiro, e eu disse-te isto pegando-te na mão.

Sonho uma nova ela. Desejo uma nova deusa. Embora nunca te tivesse visto, eu conheço-te já, a tua imagem salvar-me-á da perdição. Desço-te do panteão, toco-te, imagino-te em sonhos de ganza, conto-te pormenores escabrosos. Considera apenas isto: *O amor vai bem, obrigado*. Não tenho mais nada a dizer. Não me parece que goste, deseje ou queira a pureza, essa virgindade santa e santificada, gosto

da Joana d'Arc como um mito baseado no valor mas talvez prefira a pobreza da empregada de supermercado. Talvez... ela valha o preço do ciúme. Digo isto por ter sido recusado duas vezes ou por elas gostarem de outras pessoas ou porque eu sou um parolo na arte do romance. E porquê parolo? Talvez por procurar alguém para matar o amor anterior ou porque dinamito toda e qualquer nova relação quando um pormenor emperra com ferrugem. Procuro sem descanso como uma alma penada, ando muito tenso por causa do eclipse. Saio sempre pior do que entro. Desço à realidade: sou um insecto dentro de um frigorífico. Dói-me a cabeça e começo a frequentar a farmácia desta sociedade onde me podes encontrar sempre que quiseres. Talvez por causa disto preciso da pessoa pobre, humilde, mais terra-a-terra ou por causa do Astor Piazzolla sinta algo germinar, pergunto no eterno acto solitário de análise se ela está para nascer, se anda de carro e se é professora.

Mas tu viste-a quando? Como é ela, como é essa deusa?

Não sei o que faz, nunca a vi andar de carro, vi-a uma vez quando ia em direcção ao alojamento, ela corria e nesse seu ar apressado vi algoalgo que não sei, imagino-a e a forma não interessa, não sei mas quando souber quem é ela, não a deixarei fugir mais. Dar-lhe-ei rosas. Não sei, eu não tenho muita paciência.

Mas tudo isto são divagações, nada disto é real. Acabo o teste, envio o ficheiro de respostas via rede. Sinto uma aragem benigna. Agora, depois deste exame, é hora de ir visitar I à sociedade prisão, hospital, autoridade. Tenho o bilhete do tgv pago, é o bom que tem este curso, tenho tudo pago quando estou fora, na vinda para cá quase que aposto que o som que saía das colunas da carruagem do comboio era o *Sonic death* dos Sonic Youth. Estarei em Derza em menos de duas horas. Depois é só seguir em direcção ao campus e às residências público-privadas de alojamento e pedir para chamar Id à zona comum da biblioteca. Nós todos chamamos a zona comum de *A sociedade*.

São duas da tarde. Não deixo de admirar o arrojo do átrio de entrada abrindo-se aos interessados quando estes interagem com um botão vermelho. A porta abre-se e a sociedade transforma-se, a grandiosidade romano-gótica transparece numa hipermodernista. Dirijo-me à recepção, peço para chamar a minha consciência. A secretária, por quem tenho o maior fetiche da sua comprida língua, aquela a quem, para não a ouvir falar, apetece arrancar, fritar, meter dentro de um pão de alho e comer, avisa-me que o recluso 8267 não deverá demorar a chegar.

Por um elevador acede-se à biblioteca onde há mesas e bufete para

receber as visitas. Ou pode subir-se pela escada labiríntica povoada de anjos memória. Imagino, sempre que subo os degraus, fantasmas sem sombra povoando a auréola da minha mente difusa e surreal, pervertendo-me, dando-me a sensação de que este espaço, geralmente utilizado para o convívio entre criminosos, ou não, e suas relações familiares, ou não, navegando por remorsos e outras injustiças, é um espaço onde não existe mágoa, onde não existe desencanto. É sim o espaço, aquela proposta mais. Ouço Sei Miguel nos altifalantes. O espírito habita nestas paredes brancas, habita os pilares de cor laranja, habita as estantes cheias de poesia, até a loja dos bolos habita. Em memória da minha consciência alterada, pego numa revista sobre Genet a quem Sartre chamou de santo.

Dirijo-me à loja dos bolos e procuro a mesa mais discreta, ao mesmo tempo que um agente infiltrado, que procura o disfarce, pede café e rejubila com o pastel de nata, uma ideia do homem do colarinho branco, envolve tudo em poesia dedicada a empregada bonita, formosa. Olhe, agora para mim, arranje-me um éclair, se faz favor, digo. A consciência de A aproxima-se já, sei-o por antecipação. Id utiliza meios telepáticos que preciso de microfilmar, diz o agente securitário.

Id chega, pede um café e pergunta-me o que penso e eu respondo:

Penso na beleza, penso em consciência. Minimal. Imagina os contornos de um jogo de futebol de benfiquistas contra uma ovelha ranhosa com uma lista azul pintada dizendo FCP à baliza. O texto é este, lê: eu farto-me de cortar bolas depois de Id, há mais de uma semana, dizer que vai entrar em guerra com os veados. Eles acusam e lamentam-se dizendo: ai cuidado, A, que me partes a cabeça. Ou então: ai cuidado com os meus joelhos. Só posso pedir para ir defender os remates tortos e o medo deles perante a voz de J C dizendo: mata!

Com ironia, porque um sorriso fica sempre bem, pergunto: Porque decido eu desistir e abandonar tudo indo zangado para casa?

Talvez aqueles golos não sejam puros, são apenas meios de esquecer momentaneamente as misérias, combater a solidão com um pouco de hipocrisia social, passar o tempo com companhia de merda e passar o tempo anestesiado... mas mesmo assim terei sempre de aturar aquele, o que se diz o *international man* pós-graduado com olhar onanista a quem prego a armadilha do pai natal?

Só podem estes ser os maiores otários de facto. E eu, que ando com eles, sou aprendiz de otário, só pode ser.

É atingido o apogeu quando se aplica, na prática, a arte da desco-

berta dos telhados alheios, aqueles dos quais não se deve falar, pois existem pessoas ou segredos de armário, para o efeito classificados como o *anão*, que rosna de soslaio num tutorial sobre lâmpadas indirectas de baixo calibre ao *senhor engenheiro*, que naquele caso sou eu. Ora, como me identifico com a mistura venenosa e explosiva daquilo que escrevo porque sei os efeitos que procuro, não posso deixar de lhe responder perguntando-lhe venenoso: sabes a senha? As lágrimas do anão caem sobre a mesa e ele nada diz mas, ajudado pelo *senhor banana*, responde dizendo: não há problema, o meu chefe acredita. E será que a tua mãe acredita, anãozinho de merda?

As mentiras metem medo. O anão ganha ódio.

Fico a saber que o eu é um lobo destroçado e em processo de decomposição originado pela tentativa de voltar e pescar as memórias fugazes do seu próprio inconsciente. Estou rodeado e partilho a viatura com um anão e o *senhor grelos* e também, por fim, com... senhores telespectadores e leitores, apresento o... *homemenina* da vozinha engraçada ié, vamos apelidá-lo de senhor brócolos... uma associação nunca imaginada possível nem mesmo no pesadelo mais horroroso, mais eventualmente cor-de-rosa do tilacino em processo de voltar a ser gato e por alturas da frase dos duzentos tiros, uma associação de prazer mascarado do senhor grelos, duzentos tiros em quanto tempo, senhor grelos?

Em resposta tipo cocktail molotov, digo que é só o tempo de chegar a casa, meter três quilos de coca no nariz além de meio litro de leite e, então, oferecer-vos três fotografias, tipo perfil como alvo durante o acto de caça à caca, para ser representado quando eu for para a baliza. Três tiros, três dentes. Atirem a matar.

Sê um home!, digo eu ao senhor brócolos, a quem os compinchas tentam ajudar mas ele fica a queixar-se dos joelhos e, mais tarde, enrolar-se-á em papel higiénico. Tem vergonha de ser identificado na rua. Têm medo estes meninos grandes fora de casa.

A pára de ler e diz: I, esta memória tem algo de real, digo-te já! Na Sociedade da Lâmpadas, houve um aparecimento fatal, o patrão apareceu em pessoa, não o chefe que estava no retiro espiritual mas o patrão. Pois, o patrão começou por perguntar quem *cuzinhava*. A princípio, esta associação foi difícil de perceber, não se chegou lá facilmente.

No bufete de visitas da biblioteca do CReEA, onde nos encontramos a conversar, uma mãe chora um filho que parece indiferente. O barulho incomoda. Um idoso prega um par de estalos a um amigo que

o veio visitar e, aos poucos e poucos, outros etecéteras vão acontecendo, vão diluindo a imagem. Tudo é alterado, toda a percepção está alterada. Quem nunca descobriu ou descobriu mas não ligou, ou pior, não percebeu que o mal anda escondido nos livros da sociedade?

Estuda e olha pelo teu futuro, lê livros, faz reciclagem. A volta ao livro e lê:

Ora, aqui temos um homem que se preocupa com o futuro, deveremos ter por ele o maior respeito, é sem dúvida alguém de suprema confiança, tem no entanto um problema: não faz horas extraordinárias.

Como seria, então, se a sociedade fosse composta de pequenos gatos e gatas?

Um universo. Ouve-se tantas vezes por ai falar aqueles que não gostam de gatos. Nesse universo serias tu a presa, serias tu o deslocado social em fuga com a mania de perseguição, a paranóia viajando em sentido contrário ao do tempo e da memória, genes memória ao tempo da demência precoce, aí tudo vem ao cimo, ao consciente, o *Eraserhead* que viste, o *Hellraiser* do qual ouviste falar.

Voltar atrás para procurar as pistas para o futuro mais próximo.

Esta dicotomia preocupa-me e nem a empregada da loja dos bolos a consegue desfazer.

Nada pode ser mais verdadeiro e real, quando verdade significa pureza, que o desejo de me mutilar e viver intensamente, flagelando-me ao sabor do vento e da maré num desejo de me transformar numa réplica viva e viver como estátua ambulante, dentro dela, dentro de uma das suas personagens réplica, imagem, a aparência alternativa, a teoria aplicada ao objecto para que não se seja mentiroso sem razão, para que não se expie culpa sem razão ou sem ir a julgamento, para que as provas apareçam se existirem, para que os boatos se tornem virtuais, para que a lua não se eclipse e o sol não se expanda andrógino criando seres abjectos crime após crime com a curiosidade do gato a resvalar para lá das nove vidas, quantas te faltam entretanto? Quantas vezes já morreste? Resvalas com a experimentação e uivas, e já pouco mias, à superfície tornas-te eterno como um meme, mas lá no fundo que título dar a este poema?

As árvores são outonais, as folhas espelham aleatoriamente os amarelos, os azuis, os verdes, os laranjas, os castanhos, os troncos são negros, a sua sombra é branca, a noite incide sobre eles.

O afastamento é temporário porque ainda não houve tempo de rea-

prender a noção de espaço, ainda não sei onde ele está, outra vez tive-o mas perdi-o, procuro-o outra vez, esse local longínquo, só meu, distante e perigoso, próximo dos minaretes. Alamut.

Afinal, I, quando pensei que era otário estava enganado dias anos atrás. São estes, estou à frente dos verdadeiros otários, se os deixarmos eles tiram uma fotografia. Pergunto a mim próprio porque decido abandonar tudo e ir zangado para casa: estes gajos... não sei, até podem não ser chibungos, até pode ser um conteúdo psíquico meu que esteja a projectar reagindo com medo e ódio... quando, no fundo, só quero aprender nestas semanas de estadia na cidade vermelha e, no fim do dia de estudo, fumar um charro e jantar. De qualquer modo, tratarei de verificar e escrever o problema, pois se não sou gay também não quero ser homofóbico. Quanto a eles, até o podem ser mas o problema não é esse. O problema sou eu. Eu estou aqui a mais, eu sou o maluco. O grupo é homogéneo sem mim: um grupo de nardos e gecos e eu sou o jeco. Sou o único a querer aprender a língua da cidade. Só eu quero ir às *coffeeshops*. Eles só querem ir às meninas e, depois, acabam a insultar a prostituta que se oferece para fazer um broche ao nosso grupo inteiro, eles só querem que eu os deixe tirar duas do meu charro mas sem ninguém ver, claro está, para ninguém ir contar. No entanto, eles são os primeiros chibos, eu o bode expiatório com cavanhaque. Eles, com aquela superioridade baseada em dinheiro ou nota académica, fazem-me a folha, obrigam-me a apresentar-me perante o geral, o geral, director da Sociedade das Lâmpadas, do reactor quântico parceiro do plano de estudos... e eu simplesmente desisto, rescindo e venho-me embora para casa após uma reunião com o subgeral perante quem fumo durante duas horas e discurso de um modo tão eficiente, que ele dá ordens para me pagarem a despesa de excesso de bagagem: eu sou demasiado diferente deles, eu gosto de verdadeira miscigenação, daquela onde se aprende novas culturas, não preciso de engenheiros parolos.

I, vejo três rugas na minha fronte, olhos encovados e digo que são um reflexo duma atitude que se quer assumir como rebelde, mesmo que essa rebeldia possa ter apenas um significado pessoal, incompreensível aos demais, esses pequenos crimes, seria necessário explicar tanta coisa que mais vale desistir.

Porquê?

Iria criar-te problemas.

Mas A, quais crimes?! Que mal fiz eu?

Mas que mal fizeste tu?, pergunto eu com medo.

Eu não fiz nada, digo-te. Eu só lhes mando bocas como: é tão bom matar espermatozóides em cima das tuas superfícies, penso em ti, eu transmito tu recebes, atinjo-te a partir daqui. Mas digo-te também que as gajas parecem gostar do mal que se lhe faz. Algumas gostam de ouvir bocas, algumas é como dizem: estão mesmo a pedi-las.

A pensa: É bem evidente por que razão Id está aqui em reeducação alimentar, a sociologia cibernética está-lhe a dar mundo mas ele não passa de um parolo. I vê damas e pensa que está no talho a escolher a melhor relação qualidade-preço. A responde à sua consciência e relembra, ou melhor, volta a abrir o livro cinzento que traz religiosamente consigo, escolhe uma página já marcada, olha para I, pisca-lhe o olho e diz: essas personagens são os duxes da cidade vermelha, escuta e compreende as semelhanças entre o que te vou ler e tu próprio:

Uma vez, pergunto e vejo a imagem da Maria Joana perdendo-se no fumo dos cigarros, óculos escuros e cabelos longos, dançando no Armenia perante uma multidão de caubóis N, tão tristes que o profeta L se pergunta porquê. Ela tem sobre eles toda a posse, eles têm pudor da sua humilhação, escondem-se, disfarçam-se. O anão tem medo que se vá contar à mãe que fuma ganza às escondidas. Depois, manhosos pensando encontrar uma saída por coerção, perguntam se será possível filtrar a própria merda.

Pergunto outra vez e, largos dias depois num dia de abandono ao acto solitário, sou informado que, mesmo nos dias de sonho, nem o próprio L saberá a resposta. A ganza por si só não é desculpa mas ouvem-se tantas histórias do pós-graduado e pensa-se que será talvez demasiado paciente, é demasiado paciente o homem, é capaz do gesto mais altruísta e humanitário e nas histórias que declama, perante a plateia que pensa ter a seus pés, o *mister delay* vê-se capaz de fazer os deveres e levar a menina talvez ao cinema e continuamente durante uma longa eternidade de três anos sem nunca ver a luz... então que pensar?

Já sei, estou a duvidar, estou a fazer juízos, nem todos são fálico-agressivos como eu mas não sei, ele não pode ser boa rês, é um falso, deve andar a procura de lições de fotografia e, se pergunta por pormenores, mais vale chamá-lo pelo nome: Estúpido de merda!

Por isso, que fazer quando Rosebud se apaga e nos deixa com um enigma na mão ou se assume como uma mentira, um simples e ingénuo capricho desprezado, votado ao esquecimento ou simplesmen-

te esquecido, como posso eu acreditar em Id, esta minha consciência presa à sociedade?

Id mudou de identidade. E eu?

Será que auto-intitulando-me deus Sol, o Júlio César de grandes impérios, de ai Cleópatra e de tu também Brutus, terei como fim a disfarçada derrota de vergonhosamente me começar a adaptar à sociedade, recorrendo à expiação de uma culpa fundada no excesso e na mania da perseguição?

Não, o dinheiro é apenas um meio e eu não preciso de uma cama feita de dinheiro.

Nunca te aconteceu pegar, ao acaso, num livro de uma qualquer estante e acordar de um sono muito electrónico e reparar que o título do livro, essas palavras pela sua sonoridade e medida por onde as horas avançam, é um pormenor de descrições de pequenos nadas que tu próprio já viveste ou adivinhaste, quando? Numa outra vida que não se sabe se anterior, actual ou posterior, se acordada ou sonhada, e aqui o caso complica-se agora que o milénio termina para começar do zero ou do um para trás. Não será isto apenas um reflexo da estética, digamos, pavloviana? Será o teu ser um cãozinho?

Fartei-me, não tenho mais vontade de falar como sempre com um adjectivo embelezando um nome, uma letra, uma entoação que repousa quando a imagem do delírio social transparece, por exemplo, quando um refeitório é encerrado por causa de um diferendo acerca de quem fornece o pão, se os de Cima, se os de Baixo, se o director geral, vê tu só este bugalho? E porque segundo algumas teorias devo oferecer o que de melhor tenho, aí vai mais uma denúncia.

Vamos chamar-lhe de padeiro, embora nada tenha contra os verdadeiros padeiros do mundo mas esse senhor, uma vez, veio ter comigo cheio de confiança e manha no olhar e opinou que eu deveria talvez comprar um casaco até aos pés e talvez uns sapatos... tenho que o compreender, ele anda pela casa da meia-idade, veste gabardine branca, confidencia-me sub-repticiamente *não sei o quê*, e eu deixo a vossa imaginação funcionar acerca do que será o não sei o quê mas diz que também vai às montras das meninas... ora, perante o meu gravador que procura a prova final, tudo na confissão ia bem até que alguém que nos ouvia se resolve sair com aquela dos tiques de paneleiro... e vai daí, o padeiro resolve dizer que vai passar ali no cinema gay em frente. Ainda assim, leva com a anedota das botas da serra e paga o jantar com cartão Visa ao pessoal. O padeiro era o geral, somente o patrão.

Por isso, se me perguntas como ando e aquilo que aguento, digo que, para bem de todos, não posso querer saber mais nada. Não é assim tão fácil ser obrigado a escrever a receita contra professores que, na vida real, se introduzem nas personagens ainda em rascunho e mal delineadas de um tal de professor supostamente onanista. Acabam por tremer e durante o almoço ditar: *one day we have to arrange one of those shitty things...*

A resposta só pode ser: não dizer nada, olhar com cara de mau, e vê-lo desfazer-se em lágrimas ali à minha frente. Coitado. Mas porque será que eles se apaixonam por mim, merda?, será que, depois, temos que os mandar foder com um sorriso nos lábios? Às vezes, parece que as pessoas põem a sua vontade toda em levar um pontapé no cu, desculpem o meu ser por o dizer.

É óbvio que só posso preferir voltar às origens e encontrar a verdade, os animais primitivos não falavam. Não tenho mais vontade de falar como se dentro dos meus olhos verdes a bandeira portuguesa ainda existisse, considero-me com humor sombrio um não-cidadão ou com talvez piedade uma falsa testemunha. Eu prefiro outros símbolos, a batida tecno dub, os samplers industriais, os gafanhotos, os magos, o sol, um único título: deita-te e faz amor.

Mas na reunião com os outros formandos percebo que nada disto eles podem perceber. Afinal, nunca fizeram um minete. No fim, pergunto: Acham a história coerente?

Deixo o anão disparar o seu remate cheio de ódio, bato-lhe palmas, obviamente diz que existe aqui muita incoerência, deixa lá, é igualmente verdade, tiveste apenas um dia mau, os números estavam errados e as tabelas saíram tortas.

Ao acordar de uma insónia, reparo ao espelho que envelheci seis meses. Tenho de deixar esta aula. Tenho de me evadir. É tudo um sonho mau, branco, assustador onde tenho de provar a minha identidade. Quando os círculos aumentam e preenchem todo o espaço, confundem-se, tornam-se elipses, convertem-se em infinitos, símbolos infinitos tornam-se uma identidade espalhada: ele fez isto fez aquilo... verdade... mentira... real... mentira... sonho... preto... branco... original... fotocópia... um mundo de zero e uns... e quando o ruído e mesmo o amor faz com que um bit entre no terceiro estado e mude o seu valor para o seu contrário?

Fecho o livro após sussurrar a palavra amor e a palavra contrário e pergunto a I: Que achas deste bocado que acabo de te ler?

Id pensa que muitas das sensações, que lhe mostro nos livros que leio, são influências belas mas perigosas.

Eu respondo que vivo muito confuso e rodeado de aforismos.

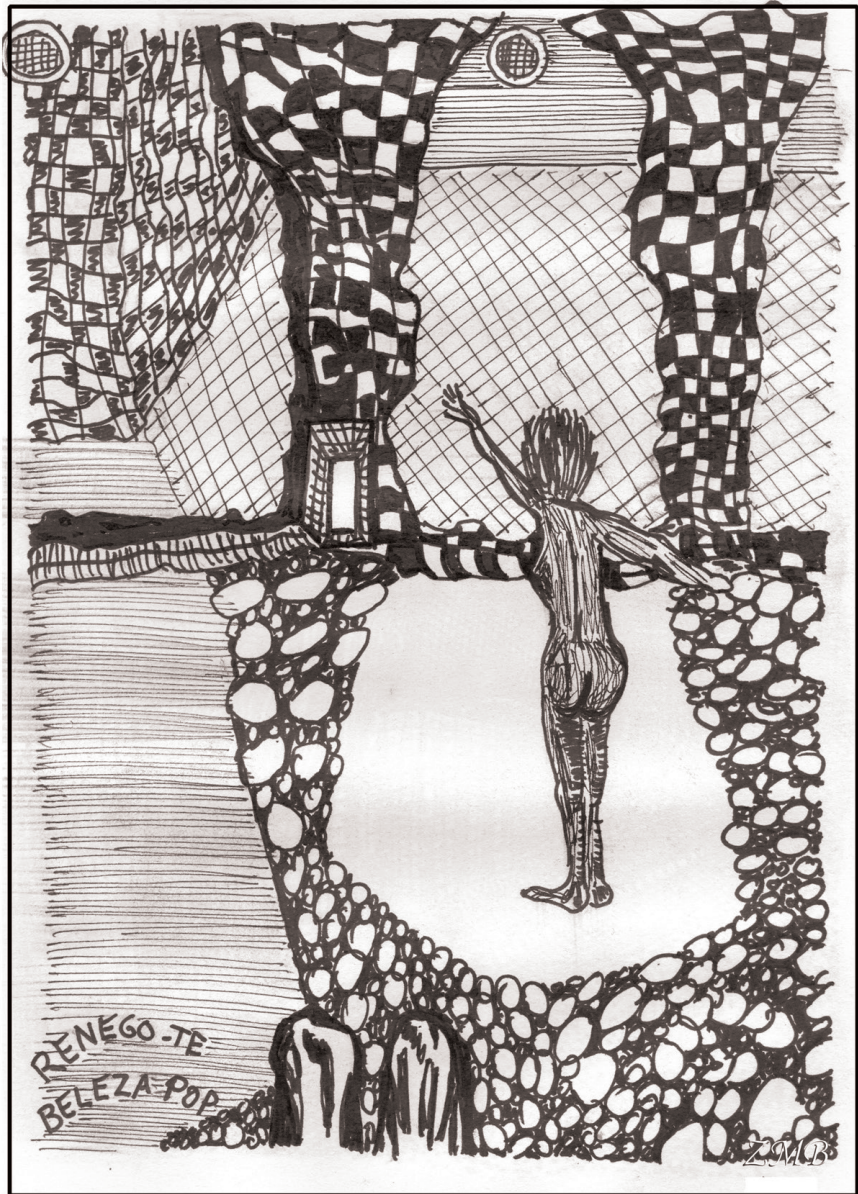
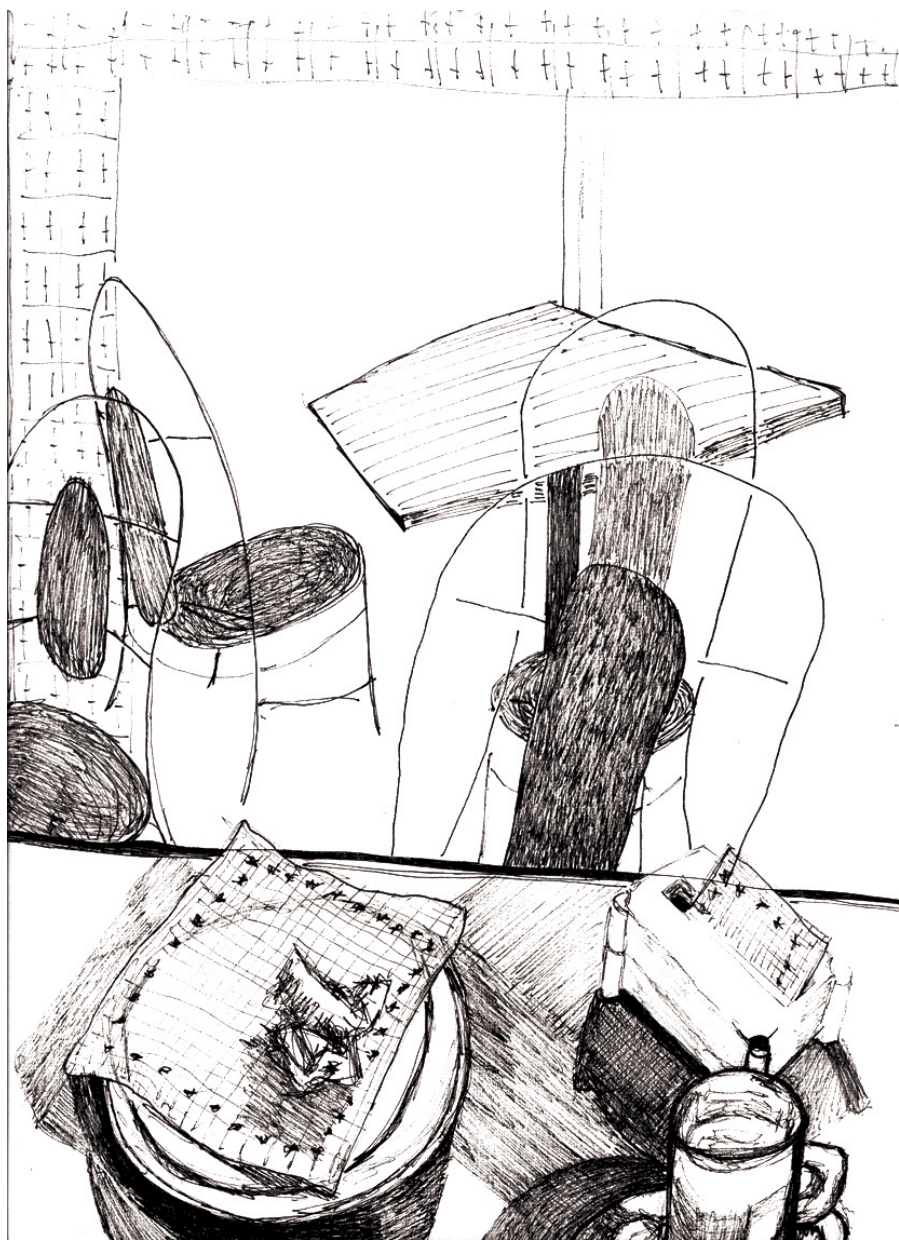
Id reprova e diz que me deixei influenciar por coisas não naturais em mim.

Dorian Gray... o retrato, talvez a primeira estrela pop e a pop não é pura, é promíscua, é uma concha bivalve que responde e tem razão no que diz: coisas como livros morais ou imorais não existem. Os livros estão bem ou mal escritos. É tudo.

Pensa bem no que dizes, A. Pensa bem no nome do capítulo que leste, eu lembro-me dessas palavras, esse livro passou-me pelas mãos, é talvez um bocado andrógino, pensa bem no nome. Essas pequenas coisas que te vêm à memória, títulos e tal que lês nos jornais, nas revistas da especialidade, não serão apenas os teus sonhos a virem-te à memória reificando-se? Será que não existe aqui um distúrbio de realidade?

Suspiro entre dentes, decido terminar o assunto. A androginia é, para mim, teoria e, no entanto, existe quem afirme que se os homens fossem andróginos talvez fossem mais sensíveis, portanto façam de vocês o que quiserem. O tempo é mágico.

Volto para o alojamento após a visita ao meu I. É o cenário de um sonâmbulo lutando contra o tempo: sinto que também eu posso ser internado compulsivamente. Entendo o porquê. Oh aquela semana.

RENEGO-TE
BELEZA POP
ZMB

Ela diz: pensei que não querias falar comigo

Ele costuma aparecer lá mais para o fim do jantar

Desejo-a, identifico-me com ela mas desejo-a como?

Renego-te beleza pop

N Capítulo V
Nine Inch Nails: March of the fuckheads

São três da tarde e dirijo-me à esplanada da BusStation para me encontrar com o colega H com o qual estou a fazer um trabalho para entregar no fim do mês. Sentamo-nos. Já trabalhei aqui. F, a empregada pergunta ao longe enquanto limpa algumas mesas:

São dois cafés?

Pergunto a H: Queres café?

Ele diz que já tomou e responde a F: Uma Sprite e um café.

Continua a falar: Pois é, não fiz nada nestas férias. Passei o tempo numa apatia total a comer e a dormir. Estava a precisar. Devo ter estudado praí umas três horas.

Bem, eu também não fiz muito… mas estudei um pouco mais do que isso. Estive a ler as folhas do Comnet III. Enfim, nada de especial.

Parece que vai haver um festival de música aqui este fim-de-semana. Um amigo meu falou-me. Sabes alguma coisa disso?

Não, não sei. Sei que começa hoje um festival e se prolonga até ao fim da semana.

Então, ele rompe: O meu amigo disse, vai haver um em Derza.

Frisa, em Derza!

Huf e respondo: Não sei nada sobre isso.

Como tudo é aborrecido. Porque será que nunca se diz nada, porque será que não há ninguém? Para quem me conhecer tão bem como eu a mim próprio, saberá certamente que este é certamente o pensamento. São sempre os outros que falam nos porquês, mas porquê?, porque nunca tenho nada para dizer. Dizer o quê?, se calhar o que interessa mais serão os para quês... Talvez esta fosse apenas uma conversa normalíssima.

Quatro horas no café MarchPush. Estou no balcão e peço um café. O empregado F cumprimenta-me com a sua reverência habitual: Como está o senhor? Às vezes, pergunto-me porque se comporta F assim. Pergunto-me no que farei para ser tratado desta maneira com frequência. Talvez as aparências, esqueço-me sempre de lho perguntar.

Procuro o jornal. N'*O Escândalo* na página 3 conta-se que a perfeição é originada no número 3, o problema é que se eu até posso tentar

acreditar que essa vela amarela improvisada possa estar fixe os outros parecem não acreditar, e na página 23 conta-se a história daquele a quem uma vez disseram que o mundo parecia girar à sua volta, pelo menos era essa a impressão que ficava, às vezes parecia um relações-públicas, é pelo menos essa a sensação que tenho. No entanto, largo este pasquim e pego no *Procura-se* e folhei-o até chegar à alargada secção do Procura-se, recomendo-o vivamente. Tenho a consciência de dever trabalhar. Desta consciência deriva um grande pensamento e este transforma-se em imagem. Procuro a independência quando estou no último ano do CReEA e procuro emprego como empregado de serralharia ou de café. Qualquer coisa. Não a consciência da falta de dinheiro, não a consciência de viver debaixo das despesas familiares, não. Um emprego nobre é o que quero mas falta-me experiência nos trabalhos que procuro. Mas, ao mesmo tempo, deveria estudar as folhas do Comnet III, pois não sou eu que afirmo que é para isso que aqui estou, tipo: sou um homem sério caralho.

Alguns momentos depois, entra o ressacado J, que defini assim talvez porque parece pertencer a este grupo onde alguns como eu se escondem do mundo, não pelas mesmas razões no entanto… não gosto deles mas pergunto: Tens alguma cena?

Não, mas a minha namorada sabe quem tem.

Repito: estou dependente dessa cena. Ela alimenta-me nos dias em que tudo corre mal.

Pois é, diz J, estou cá há alguns anos. Estou a pensar em arranjar emprego, os anos começam a pesar. O ano passado consegui passar para o segundo ano. Ah sim? Tu és de engenharia de software, não és?, que tal te está a correr? Bem, estou no último ano. Detesto que me falem do curso. És de Geológica? Não. Sou de Electrónica. Pensei que fosses de Geológica. Não. O meu colega K é que é de Geológica. Continua após uma pausa: Estás no último ano mas tens cadeiras em atraso?

Vou enrolando um cigarro enquanto pareço *em baixo*, porque tenho o costume de enrolar os meus cigarros com as mãos debaixo do balcão, e vou dizendo: Faltam-me quatro cadeiras e o projecto. E digo tudo sem orgulho nenhum.

Então, tens andado bem. Entraste no mesmo ano que eu, não foi?

Sim foi.

Começo a fartar-me da conversa. Se soubesse o que sei hoje talvez tivesse escolhido outro curso, se me fosse permitido saber escolher. Continuo após uma pausa, como para dar a impressão de pensar no

caso, embora não soubesse qual:

Este dá cabo da cabeça a um gajo.

De qualquer modo tens sempre a hipótese de arranjar um bom emprego?

Que nervos. Cala-te! Muitos gajos que eu conheço acabam o curso e… estão a dar aulas!

A mim, não me parece que dar aulas seja um mau emprego mas falta qualquer coisa. J não concorda mas o que seria de esperar. Afinal o que verá ele, acreditará ele no destino? Às vezes, sinto-me curioso, afinal de contas vejo nele o quê? Vejo nele uma pessoa com um futuro limitado nos horizontes. Pergunto-me o que são horizontes quando penso no futuro, no meu futuro e na minha suposta ambição de chegar a algum lado, a alguma posição de destaque ou aonde? Estar entre os melhores, os melhores de quê?, se vejo também o desejo de escrever livros, pintar quadros, fazer fotografia, realizar filmes, etc. Engraçado, tudo relacionado com o curso que estou a terminar. Bela contradição esta mas será que a assumo? Penso que poucas pessoas assumem as suas contradições perante o espelho primeiro e apenas depois perante os outros. Penso que poucas pessoas assumem que essas contradições são necessárias à existência de vida no planeta Terra, enquanto se procura água na Lua ou vida em Marte ou astros afins, quem sabe? Poderíamos ir viver para lá, quem sabe, com as luzes do planeta Terra Mãe a brilhar na cúpula de vidro que nos envolveria… poucas pessoas assumem, mas assumir para quê?

Mudando um pouco de assunto. Estás a pensar comprar alguma coisa?

Para J deve, se calhar, soar um bocado estranho uma pessoa na minha condição querer comprar qualquer coisa, talvez para aliviar o stress, quem sabe?

Não sei. Estou à espera da minha namorada. Ela é que sabe quem tem.

A que propósito vem isso?, pergunto-me então. Ele continua:

Não sei nada sobre ele. Costuma aparecer lá para o fim do jantar.

E… a que horas janta ele?

Parece-me uma boa hora as nove e meia.

Bem, então até logo.

Engraçado, não gosto dos elementos que defini como ressacados mas, no entanto, compro charros e fumo charros a meias com eles. Falo de assuntos dos quais não gosto de falar mas porque falo em primeiro

lugar? Imagino que talvez seja como eles. Imagino que talvez possam compreender. Considero-me um J. Um J está sempre consciente da sua falta de vontade embora por vezes se revolte por causa dos impulsos poéticos. Ele olha para o espelho e está-se sempre a cagar para o que os outros J dizem e não só, também todas as outras letras do alfabeto. Olho por ti abaixo e estou-me a cagar. Mas eis a expressão, aquela da qual a sociedade se ri: a vida tem destas coisas. Algumas letras produzem, algumas têm ideias, outras põem-nas em prática, outras conseguem sentir-se bem e os Js e os eus?, alguém faz alguma coisa?, sentimo-nos bem? Imagino que algures alguém num impulso poético estético tético pegará numa cassete e se ouvirá talvez um *sábado à noite à procura de pó*, gosta-se da vida que se leva.

Por volta das duas horas da manhã, o Armenia faz parte do meu universo. Volto a ser eu próprio. Sou o profeta das sensações e das ideias. Os Js nem vê-los. Afastei-me deles. Reneguei-os para segundo plano. Nem percebo como as letras não percebem que estou sempre a fazer o mesmo, a viver a realidade de estar a gozar com eles, a abusar deles. Ou não compreendem ou não se importam ou fazem que não percebem ou talvez digam apenas que é a minha maneira de ser… tem uns olhos estranhos porém. Nestes instantes, sou uma pessoa sagaz, inventora, bem-disposta, capaz de dominar um pequeno mundo.

Sinto-me bem. Encontro o colega L. Vamos beber um copo. Na minha magnitude, faço questão de lhe pagar um copo. Ele agradece. Faço questão e tu bebes o copo que eu te pago. Eu bebo porque me apetece. L vai dizendo: o que mais gosto no pessoal do nosso curso é a sua capacidade de desenrasca, saem à noite e tudo, bebem uns copos, vão fazendo as cadeiras… tu, por exemplo.

Sabes como é, é tudo uma questão de partilha do tempo, ou seja, dar ao utilizador a sensação de que o processador lhe está inteiramente dedicado, agora ainda mais com os computadores de vírgula flutuante e a velocidade supersónica.

Mas vou pensando noutra direcção, este é o profeta da engenharia de software, o lírico da sociologia cibernética que acredita na ordem dos engenheiros, o que ele gosta mesmo é da capacidade de desenrasca. A média da distribuição exponencial é... estou cagando em ti.

Não conheço muito bem L. Parece-me ser um *bon vivant* mas extremamente teórico. No entanto, acredita ou parece que acredita, faz as pessoas pensarem que ele ou é um grande parvalhão ou, então, acredita mesmo. No que hoje eu acredito é na minha capacidade de comu-

nicação.

Tantas elas bonitas. Tantas elinhas. Engraçado, reparo que gosto destas elinhas. Estão sempre sorridentes e alegres, bem-dispostas. Será por desejar ter uma ela séria, alta e adulta, amadurecida e bela e será por não ter nenhuma neste momento? Isso não é para mim, são inatingíveis. Vou fazendo olhinhos às elinhas bonitas que L me vai apresentando. Estendo-lhe o copo, elinha acede, L pergunta o nome da bebida, elinha acerta e eu digo para mim: tão pequenina que és.

É uma questão engraçada. A medida da altura sempre foi esclarecedora para mim, a minha ela haveria sempre de ser alta e teria os cabelos negros. As elinhas são baixinhas. A única coisa que posso fazer é tentar divertir-me, agindo como um palhacinho de conveniência com gestos de pessoa saída de um jantar frugal mas com um bom café Buondi, umas cervejas e uma alegria imensa, bem-disposta, extrovertida, irrequieta, diferente… engraçado sentir que abuso delas, engraçado sentir que elas parecem gostar, seria tão fácil comer-te… não, não quero, és demasiado pequena.

Viro-me para L que diz: eh pá, ontem não pude aparecer na aula.

Ah não?!, penso eu num milésimo de segundo.

Mas tenho uma desculpa, a minha namorada fez anos e eu fui com ela à praia.

Eu aproveito para lhe dar os cumprimentos por tal atitude mostrando-lhe a minha total compreensão.

Não precisas de te explicar, eu no teu lugar faria o mesmo.

Ao mesmo tempo, escondo que também não fui, fui sim comprar madeira. Entretanto, vou enrolando um cigarro com três mortalhas mas desta vez com orgulho, estou a festejar o meu deus do momento e eu gosto de assumir os meus deuses, eu gosto de ser controverso porque me dá orgasmos mentais de prazer.

L rejubila: Eu sabia que irias compreender, meu. Põe-me a mão no ombro e continua: é bom ter um colega como tu e sabes o que vai acontecer?, vamos ter uma boa nota.

Sim, vamos. No entanto, a história é mais complexa. Eu fui comprar madeira após ter chegado à aula e não ter querido lá ficar por não saber fazer o trabalho e, como ele não viera, não valia a pena eu ficar lá. Foi assim um modo magnânimo de lhe mentir ficando tudo bem mas quantas vezes se mente e as coisas correm mal e quantas vezes dizemos a verdade e ninguém ouve.

De um momento para o outro, L deixou de ser importante. Vou dar

uma volta. Vejo um gajo de bigode e, como nunca gostei de homens de bigode, não posso ter nada a dizer-lhe. Este é um pormenor imaginário, é um daqueles pormenores quantas vezes desnecessário. O elemento M vira-se para mim e pergunta: A música está uma merda, não está? Este dijei é uma merda!

Iá, vou buscar uma cerveja. Até já. (vai-te foder)

Agora, estou ao balcão. Olho para o lado, vejo e, por incrível que pareça, só vejo colegas e elinhas. O Armenia está hoje... demais. Vou falar com o colega N. Tivéramos uma discussão e, hoje, coloco-lhe a mão no ombro e ele começa a falar: Meu, estou fodido contigo! Aquela história do professor O… fiquei a pensar no que me disseste, acredita-me, nunca me passará pela cabeça a ideia de poderes ter querido prejudicar os teus colegas. Caralho meu sou teu amigo foda-se.

Perante tal argumento deixo-o continuar. Falamos sobre uma cadeira que tivéramos de apresentar. Todos tínhamos de fazer um trabalho. O meu era pegar na matéria formal dos seus trabalhos e convertê-los para html, uma linguagem desconhecidíssima! Todos ficámos com dúvidas se... ou então, a mania andou a perseguir-me durante este tempo todo e, agora, são horas de ajustar as contas, exorcizá-las. Até eu e o professor O, depois da aula, falámos de trabalho de espias ou assim pareceu. Terá sido senilidade absoluta a minha ou não… foi mesmo acerca disso que falámos?, tratava-se apenas de uma questão de organizar toda a informação recolhida e apresentá-la em html. O meu problema era: onde iria eu buscar tal conhecimento?

Caralho meu, não acredito que quisesses prejudicar alguém, não acredito que alguém do nosso curso queira alguma vez prejudicar alguém, o pessoal é todo fixe!

Concordo que sim mas penso que não. O pessoal é todo uma merda. O pessoal não compreende mas o que haverá para compreender? Às vezes, pergunto-me se não lhes deveria explicar que este caso nada tem a ver com o que eles pensam. Falamos de alhos quando a história são mais bugalhos: eu caguei-me para a matéria da cadeira e, na ausência de um exame escrito respondendo a perguntas de um calhamaço, o professor propôs um ensaio futurista sobre as redes telemáticas. Eu tripei porque nada sei de redes nem quero saber mas quero passar e não podendo decorar para um exame escrito, como vou eu escrever um ensaio?

Olha, o L escreveu uma peça de teatro com a linguagem máquina dos x86.

Existe uma certa ambiguidade que prefiro preservar ou mesmo manter. Talvez exista, quem sabe, já há algum tempo e só agora a descobri. A minha mente pôs-me um dia destes a andar pelo meio das salinas tirando fotografias de água, sal, vegetação verde esmaecida de amarelo, compridos caminhos estreitos na paisagem da cidade marítima com resquícios hipermodernistas da sociedade como se o fogo, imagem de uns certos fornos, reflectisse a decadência suburbana ou apenas a decadência das coisas e das pessoas.

Nesta altura, o colega N está igualmente possuído de uns valentes copos. Estou agora num jogo duplo que, aliás, aprendi a fazer quando descobri que tinha de me esconder por detrás das letras do alfabeto ou, pelo menos, de algumas. Porquê?, ainda não foi o tempo de o descobrir e de o dizer. Vou assim dizendo que… vou explicando um pouco dos factos, vou ouvindo dizer que o trabalho que N fez lhe deu um trabalho dos diabos.

Caralho meu, por altura do Natal enviei-lhe uns salpicões. Mereço uma boa nota, foda-se. Eu trabalhei! Digo-te: se não achar a nota justa vou reclamar.

Ao vê-lo esbracejar, vou dizendo que o professor O é justo a dar notas. Ele, o ano passado, chumbou um aluno condenado com 9 ponto 45. Disse-lhe: Você não atingiu o nível. É óbvio que sei que o professor O é rigoroso. A minha nota é justa e a tua nota é a nota que mereces.

N olha para mim e um flash diz-me para dizer Bingo! Olha, fala-lhe dos salpicões.

Engraçado, digo tal metáfora cínica com tanto ar comprometido com a sua causa que ele fica sem reacção e, avaliando pela sua expressão facial, ele não sabe se eu lhe estou apenas pregando uma tanga mas não será que eu, ao mesmo tempo, o vou compreendendo e tomando algumas das suas atitudes?

Não sei, alguém que explique... mas elinhas claro. Gostamos delas. O amigo fala de elinhas. Mas e eu... será que gosto delinhas? Vou fazendo assim charme. Rimo-nos todos. Existe uma certa atitude que encontra o seu alvo perfeito. Às vezes, basta apenas fazermo-nos de esquisitos ou olharmos de um certo modo para que as elinhas se interessem por nós e mesmo que isso não aconteça sempre, quem se importa? Só que os risos são todos diferentes.

Uma anedota aqui, um encontrão ali, N vira-se para mim e diz: Saí-me bem, não saí?

Sim, saíste e então? Decido desaparecer.

Alguns minutos depois, encontro-me herói ao balcão onde reencontro J que faltara ao compromisso mas que me diz com olhar brilhante: Vejo que te conseguiste safar.

Sim, foi uma representação.

Minutos mais tarde, estou a beber uma cerveja no meio da pista a curtir e a perguntar-me o que é um faierstarta e a responder que é o homem que começa os fogos. Danço, à minha volta todos dançam, todos bebem, as elinhas correm todas de um lado para o outro e os desmamados correm todos atrás delas e eu grito: *I´m a firestarter.*Tudo é belo, tudo é bonito. Tudo é logico, tudo faz sentido. Merda de perífrase, merda de repetição. Merda de vida. Arrenego-os a todos crujas do inferno.

Um pouco atrás de mim, reparo que ela bebe uma cerveja acompanhada de uma amiga. Vejo que é uma diferente, não é ela mas vou cumprimentá-la na mesma. Ela diz:

Julgava que não me querias falar. Há dias, vi-te na estação mas tu não reparaste em mim.

Sorrio-lhe e digo-lhe com um certo brilho maroto e inesperado nos olhos: Devias ter ido ter comigo.

Ela protesta: Sabia lá se me querias ver?

Oh desculpa, devia estar com sono.

Com sono?!

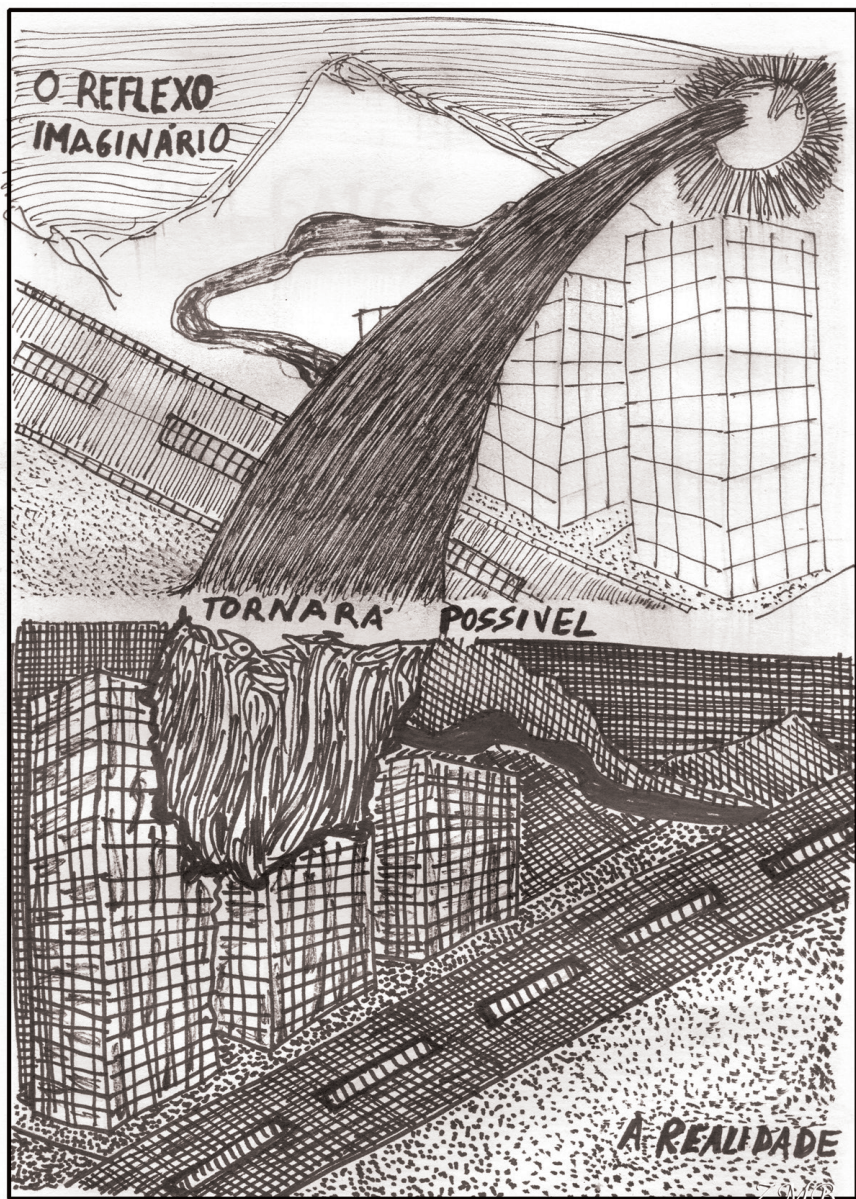
Sim. Estava com certeza com sono. Tenho andado cansado.

Ultimamente, as viagens de comboio para casa são sempre assim e cumprem a sua função. Não a quisera ver. Podia sentir que ela não era a minha ela, era mais aquela amiga que podia entrar num filme no qual eu a visitaria no jardim vitoriano num fim-de-semana para tomar chá. Continuamos a falar, a falar de quê?, de nada mas isso até nem é importante nem desagradável. Vou-me interessando por ela. Posso defini-la como a beleza pop de telemóvel e oito graus oeste, veste uma fina camisola azul com pequenos pontos brancos que brilham na escuridão, as calças apertadas torneiam-lhe as coxas longas e finas, como se fossem filtros num foco de luz. Penso na sua beleza artística, uma certa estética decorrente, e pergunto-me se não poderei gostar delas fúteis. Como não encontro resposta imediata, imagino pequenos jogos que me ensinarão a levar água a moinhos meus em ambição. E são estas as situações que me fazem rir e me dão a alegria que não tenho sentido assim tantas vezes, para mal dos meus pecados santo padre. Pecados que quero meus. Apetece assim dizer, como se estivéssemos

num sermão ao domingo: abençoadas elas, abençoados os charros, abençoado tu vós deuses, duplos imanentes que transferem sombra e gradientes de luz, nove tons de cinzento, vegetação e tanta beleza.

Ao olhar assim, ao curtir o Armenia assim, ao ter soluções deste calibre, pergunto o que quererá dizer «alternativo», uma vez ela disse-me que eu assim era porque só queria SER. Será que nós somos aquilo que se acha ou diz que somos? De dia em certas horas ou ocasiões, o meu ser oscila entre o vagabundo e o beto do liceu, depende da periodicidade com que corto a barba... há dias chatos de cortar a barba. À noite, oscilo entre o depressivo obscuro e o galã beijoqueiro do planeta, depende da periodicidade da companhia de pequeno-almoço, e também depende de existir ainda alguma companhia ou se tudo não passa dum caso de mentalização particular. Hoje, acredito nesta pop, desejo-a mesmo, identifico-me com ela mas desejo-a como?, talvez como um detergente que pudesse usar para me purificar? E amanhã?, amanhã não sei, não tenho o poder da previsão 100%. Não sei. Amanhã é outro dia. Será mesmo um bom dia para ti, beleza pop, porque a tua imagem purifica-me. Sabes qual é o problema? É que amanhã a roupa vai estar suja outra vez, vai ser preciso um novo aborrecimento ou um novo esquecimento, pois a ambição... a ambição... o ontem já se foi. Adeus beleza pop. Para que enganar-te?

Para quê destruir-te antecipadamente a imagem que tens de mim, se o fizesse iria acabar por te parecer sempre um bruto fulo. Por isso, adeus. Deixa que a imagem se destrua com o tempo e com a ausência, assim não haverá sentimento, haverá só o mistério dessa imagem de outra hora, outro tempo. Tu engordarás e perderás o sorriso e eu cairei doido dizendo: estou a tomar conta do abrigo de um amigo mas tenho casa e onde dormir, e tu verás a malga com as moedas à frente dos meus pés, aí verás. Dirás mesmo: Eu conheci-o. Eu quis ajudá-lo mas as palavras saiam-lhe da boca todas entarameladas e eu não conseguia compreender o que ele dizia. Quando ele me convidou para jantar uma lata de sardinhas com molho picante em pão-de-forma e me pediu um beijinho com os dentes tortos a saírem-lhe dos lábios gretados pelo vinho a pacote... eu fugi, tive medo dele.

O REFLEXO
IMAGINÁRIO
TORNARÁ POSSIVEL
A REALIDADE
ZMB

O reflexo imaginário tornará possível a realidade

O Capítulo minus V
Einstuerzende Neubauten: Keine schoenheit ohne gefahr

Porque será sempre difícil acreditar haver beleza sem perigo.

Existe um símbolo presente em memória desde que os gatos passaram a miar abrigados pois os lobos costumam andar à solta por alturas de Outubro na cidade vermelha. Repete-se ciclicamente de dois em dois anos. O dito amor existe em memória, é aquele que está depois da paixão física que termina quando as pessoas se cansam de cheirar o corpo alheio e decidem seguir em frente rumo à eternidade. Este amor está portanto escondido da realidade pela troca de álbuns que compilam reflexos fotográficos, apenas reais na altura em que a imaginação atinge o cio.

Durante os meus mais violentos acessos de humildade, que geralmente só concedo quando o meu ego se revela uma fonte inesgotável, dou seis meses para concluir uma história de amor. Sim! Quero fazer as coisas com calma. Para que a minha ela sonhada se possa tornar real. Ah Icata! A poesia é tão linda! Sim! Ah Icata, a poesia é linda mas o teu corpo não quer o meu.

Como numa profecia, Icata aparecerá, saindo da crisálida, quando acontecer o meu eclipse solar e a lua ficar sozinha sem ninguém que a ilumine. É esse perigo que deverei procurar. Alguém com quem cultivar jardins zen. Aí, já serei uma prioridade na sua vida. Para encontrar quem não procura o sol e vive na lua, eu deverei transfigurar-me de sol em lua, alterar ligeiramente a minha identidade em breves momentos para que possa aprender o momento em que poderei por fim encontrar-te e para que o meu vazio seja preenchido pela tua força, a força da ela real. Preciso que me esvaziem o escroto. Esvazia-me, vá lá. Como sei que não tens interesse nisso, então castigo-te com a caneta. Evacuo a caneta. Para sublimar resolvo escrever, como sabem dedico-me frequentemente ao abjeccionismo que me traz desencantamento mas também liberdade.

Vem-me à memória que tudo é uma questão de tempo. Quando? Poderá demorar uma hora, poderá ser um dia, um mês, seis meses. Será uma questão temporal até te ter nos meus braços. A sério? Porque não acredito que consigas resistir a ti própria e à tentação de me

possuir. Eu sei que sou narciso e que penso que a minha beleza é irresistível. Sonho com a Ela que me derrube, que me faça sentir acabado e careta, seria sinal de que vivi. Por isso, agora escrevo para ti, escrevo um poema chamado *Aqaaismja*:

Anseio por te ver, tenho saudades tuas, quero tocar-te, quero sentir, dar-te prazer, as responsabilidades os compromissos não permitem no entanto, aspiro o perfume, inebrias-me o cérebro, estou totalmente fora, nada mais faz sentido, minimal é a chave, não digo coisa com coisa, se calhar nunca disse, chegará o momento onde não serão precisas mais palavras. Mas faço amor contigo nos meus sonhos e poemas brancos:

Se eu te pintasse minha linda rainha africana, em África onde? Hmm… talvez na do Sul... se eu te pintasse minha linda rainha animal, colocaria a tua alma dentro de uma gatinha, e tu sabes que não és inha, tu sabes que és ona, és cativante, estonteante, a tua cor será sempre castanho-laranja, e usarás o chapéu preto, o símbolo do amor de teu avô. És branca?, ages como uma branca quando estás no quadro de ardósia admirando as crianças de deus, essa beleza? Qual é a linguagem com que me falas nos meus sonhos verdes de lua lua? Alguma vez te falei dos verdes campos do sonho? Confessa.

Icata, começas por ser uma felina egípcia que se transformará numa esfinge e hoje és grega e tens asas, o teu chapéu é o chapéu de Sabina do Kundera, começas por ser a Sabina com quem eu vejo filmes em vídeo e falamos sobre literatura, hoje és muito bonita, tento conquistar-te com o intelecto. Sou correspondido ao nível platónico. Somos amigos sem a parte sexual, embora certamente pensemos nisso quando, por exemplo, vens e eu te mostro o que escrevo e te cozinho um esparguete com costeletas e tu te lembras dos malmequeres que te ofereci. Tento a minha sorte sexual. Repeles-me sem qualquer explicação pronunciada, dizes apenas *não desapareças*, e eu desapareço sem to dizer e voo sobre o oceano, venho a saber que me telefonas para casa de meus pais e envias cartas, parece que afinal eu te faço falta. Transformo-te num mistério, numa espécie de musadeusa, tento que a memória possa voltar ao tempo presente, penso que posso *matar um amor antigo* recorrendo a mulher não nova mas antiga, e apego-me à sensação de bem-estar que havia tido no passado. Por isso, faço agora o que me havias feito: escrevo-te cartas correspondidas, chegamos a fazer planos de viagem mas... tudo interrompido porque paralelamente sou internado aqui no CReEA, estou em depressão pós-internamento. Nesta primeira manhã

cá dentro e enquanto tomo o pequeno-almoço lembro-me de ti e de nós: perdi a minha princesa, suspira a minha voz interior e à minha consciência afloram lágrimas: perdi a minha princesa.

Mas não... eis que voltas a comunicar. Continuas bonita mas eu sinto que já não te acompanho, falas-me de escritores croatas e eu nada sei, não tenho novidades, não tenho coisas boas para contar, as palavras trocadas tornam-se raras. E eu acabo por ter um momento desagradável: despeitado por as tuas respostas já não serem rápidas como antigamente, escrevo-te palavras às quais respondes com firmeza. A distância de segurança que introduzes entre nós mantém-se inalterada, não há simplesmente contacto.

Tu já não respondes às cartas e eu perdi o teu número de telemóvel, pedi-te em aflição para não me esqueceres e tu já há muito que não te interessas por mim, sou carta jogada ao lixo. Nunca foste minha e eu deixei de ser trêndi. És o símbolo da Ela que me derruba por abandono ao silêncio. Mas isto te digo: se quando acordares todos os dias, de manhã, não sentires que negas os teus impulsos mas, mesmo assim, continuares à procura de um ponto limite, não te assustes. Como poderá haver limites? Porque não atingir esse limite onde provavelmente tudo se desmanchará e o jogo cairá dos céus semeando a destruição da cidade? Porque não viver sem a necessidade de encontrar o limite?, sem a necessidade do elemento Tempo nem a procura do Espaço, porque não deixar o tempo correr sem o medo de arrasar, porque não compreender que isso será uma consequência do medo de arrasar ainda mais? Que fazer? Deixar-te em paz... mas se for obrigado a desistir para deixarmos de nos encontrar... um de nós terá de se mudar para outra cidade por necessidade de ter espaço por um momento, meses ou qualquer outra unidade temporal. Eu diria mesmo nunca mais. Digo-te no entanto que um íman de nós virá inconscientemente procurar o outro. Lembrá-lo-á na memória de quando tudo parecia virgem e por descobrir, e, depois, começar a desistir. Se desistires por alguma destas razões ou qualquer outra *realidade cultural*, como diz Ondjaki, tu afirmas, minha Ela sonhada, que perderás e, por isso, galopante aumentará o número de dias em que acordas triste, o fogo será arrasador. Perderás porque nunca quiseste. Proponho-te, minha Ela sonhada, proponho que te decidas entre perder o teu tempo para sempre e eu te procurar para sempre. Não conseguirei mesmo falar de qualquer coisa e será necessário descobrir outras formas humanas para te esquecer.

Tão doce a inocência de um apaixonado, diz Id continuando, o

amor é tétrico. Ela nunca me dará a chave do seu botão, eu gostaria de dizer sim.

O erro é pensar que Icata é uma cristalização do passado, esqueço-me que as pessoas evoluem e fazem escolhas, ela fez a escolha de me ignorar, não é a primeira mulher a fazer-me isto. Da minha parte, não pretendo pedir mais desculpas a pessoas que já não querem mais a minha presença. Chego à conclusão que não preciso mais de mendigar carinho ou atenção. Todos me ignoram, sou apenas um número a quem dizem: olha a geleia, é feita de amoras. Vou dormir, que o dilúvio venha e me desentupa a merda na canalização cerebral.

Hmm... amanhã será um novo dia.

Agora, na verdade estou na cozinha dos meus pais em Tirza com este quadro na memória.

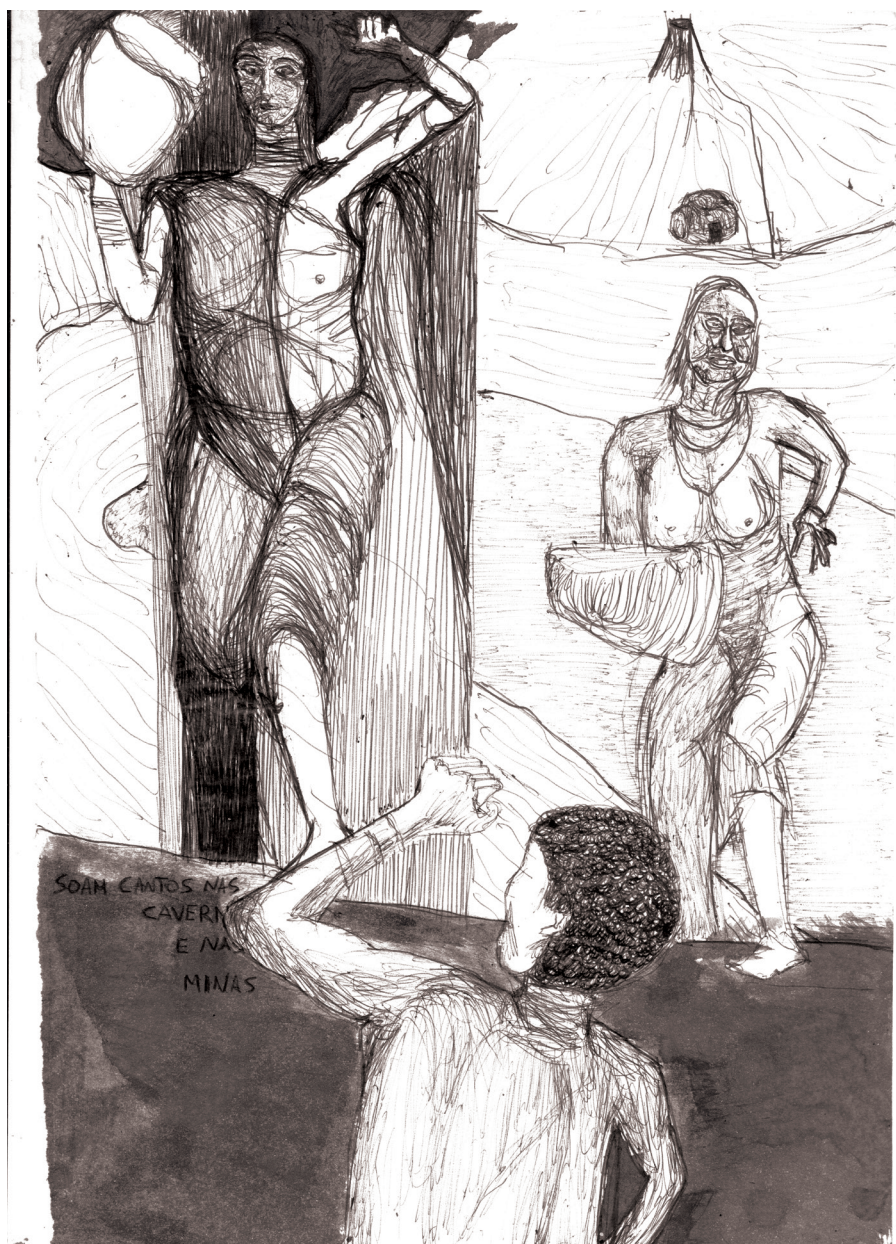
A minha mamã, que repara no meu olhar ausente, diz: olha filhinho, não te posso arranjar uma moça, olha... vou-te oferecer uma pequena caixa de Pandora com chave e cadeado para tu guardares o teu livro. Deste modo, não precisas mais de saltar a fogueira de S. João Talibã enquanto os balões sobem na atmosfera e tu deixas a disquete cair.

O meu papá adiciona: bem filho, eu digo-te filho, existem uma data de agências matrimoniais filho, podes obter um contrato de três anos lá filho, filho...

As minhas irmãs, que nasceram na estrela sortuda, riem-se e perguntam-me, a mim, o desajustado guna, o bode negro expiatório: masatão... vocês não iam deitar a estátua abaixo?, foi preciso vir a póli para vos impedir?

Respondo estúpido e inocente tal e qual o Bart Simpson dentro da tevê de plástico PH: eh... na verdade, prefiro procurar uma agência funerária e pensar na cor do caixão, depois, receber o telefonema de confirmação de emprego com um copo de vinho na mão.

THE GATES OF
PARADISE! CITY

Para mim eu digo

Prepara o seu acto de funâmbulo que o levará ao subterrâneo

The gates of Paradise! City

P Capítulo D
ZMB: IRAB CDJOL: Mykrofon II

A ira, a lama telescópica aponta directamente a nós, o público verde e amarelo. Por detrás, o céu violeta e púrpura. Em baixo, a linha do horizonte. À sua frente, uma ilha no meio de um rio carmim correndo vindo da sua foz para as cataratas de uma cidade paraíso. Deste rio sai uma luz de intenso amarelo que me atinge. A ilha ganza (G) ri-se da peça de teatro que actualmente represento. Fumo.

Na minha mão direita empunho vigorosamente um guarda-chuva, esculpindo uma caveira num cabo de pau com uma ponta afiada, onde está espetado um papagaio ou qualquer outra ave rara das Caraíbas, na altura dos piratas. Leva no seu dorso dois pequenos bebés que somos nós abraçados. Tu em relevo púrpura. Eu no subsolo mal se vendo de tão escuro.

Um homem amarelo esverdeado olha e dele sai um homem de olhar transparente.

Vejo o subterrâneo de uma rocha granítica vermelha incrustada no dorso de um homem que anda meio deitado com olhar de felino. Um velho de nariz vermelho caminha em direcção à foz de um rio, permanecendo de vigília ao subterrâneo onde se diz existirem pontos de luz. R prepara o seu número de funâmbulo que o conduzirá ao subterrâneo, talvez lá esteja a possível explosão, a sua sereia.

À superfície existem dois vasos, um de cor púrpura e outro violeta, junto à foz diariamente atingida pela ira das águas marítimas. Junto a R, iluminado pelo fervor das águas, uma conclusão é esperada pela multidão.

No céu, só vejo nuvens púrpuras e cinzentas que ameaçam a esperança de um rio dirigindo-se, azul, seguindo o seu caminho, separando o público, homens verdes que olham para o granítico subterrâneo onde um felino eternamente sedento carrega uma fé: mudar de vida.

Dos quatros ângulos riscam-se cores que são a composição dos contrários.

A fuga situa-se na continuação do nosso olhar, fundindo-se no interior de uma conjugação de cores nos quatro vértices da moldura. Nas paredes da pirâmide a cor esbate-se em densas pinceladas quase

cirúrgicas. Leves e suaves e nos dias deles, os dias de hoje, em exacta harmonia com o meio ambiente.

Polvilhada com mel e pimenta. Contrastes, sabores, língua boca, olhos saliva, cores multicolores.

Algo ainda escapa... certas formas consideradas importantes vão ficando escondidas com o passar dos dias. Já só existem em fuga pela escuridão que cai sobre eles.

O acontecimento foge todo pelo vértice maior da pirâmide que se assemelha a um funil.

O tapete, que servirá a moldura, leva no seu peito uma esfera no centro da fuga.

Onde as cores se fundem falta harmonia, equilíbrio, uma balança signo depois de virgem.

Faltam dois pesos iguais. Uma balança constrói-se sob uma catarata em castanho e azul claro escuro na margem rosada. O fiel da balança aponta ao céu a meio quilómetro da fuga. Os pilares são as flores de um vaso no ombro de um homem em rotação, tipo série fotográfica em verde, castanho, vermelho, círculo de cores. Em torno do fiel avistam-se as cores últimas da fuga: branco rosa púrpura debotado azul escuro vermelho rosa púrpura.

Uma mulher estende a mão em contemplação: podíamos dizer uma deusa.

És Tu e resistes a ser levada pela corrente. És forte.

Tudo está em movimento contínuo de rotação, tudo turbina na foz onde uma ponte antiga liga o vaso de flores ao leme de um homem que fuma. Um papagaio de bico verde aconchega dois pequenos bebés gémeos idênticos: tu e eu.

A multidão observa toda a situação gerada. A multidão espera, ali surge um crânio, olho e vejo no corpo de uma mulher a cabeça de um homem, olheiras carregadas e cabelo branco, tem o olhar triste, por detrás o busto esquecido de uma mulher, impossível definir o seu significado para a audiência, sempre o mesmo vazio, sempre a anulação dos sentidos e das razões de ser, na afirmação de vários momentos digo: Parar olhar e sentir paz e amor.

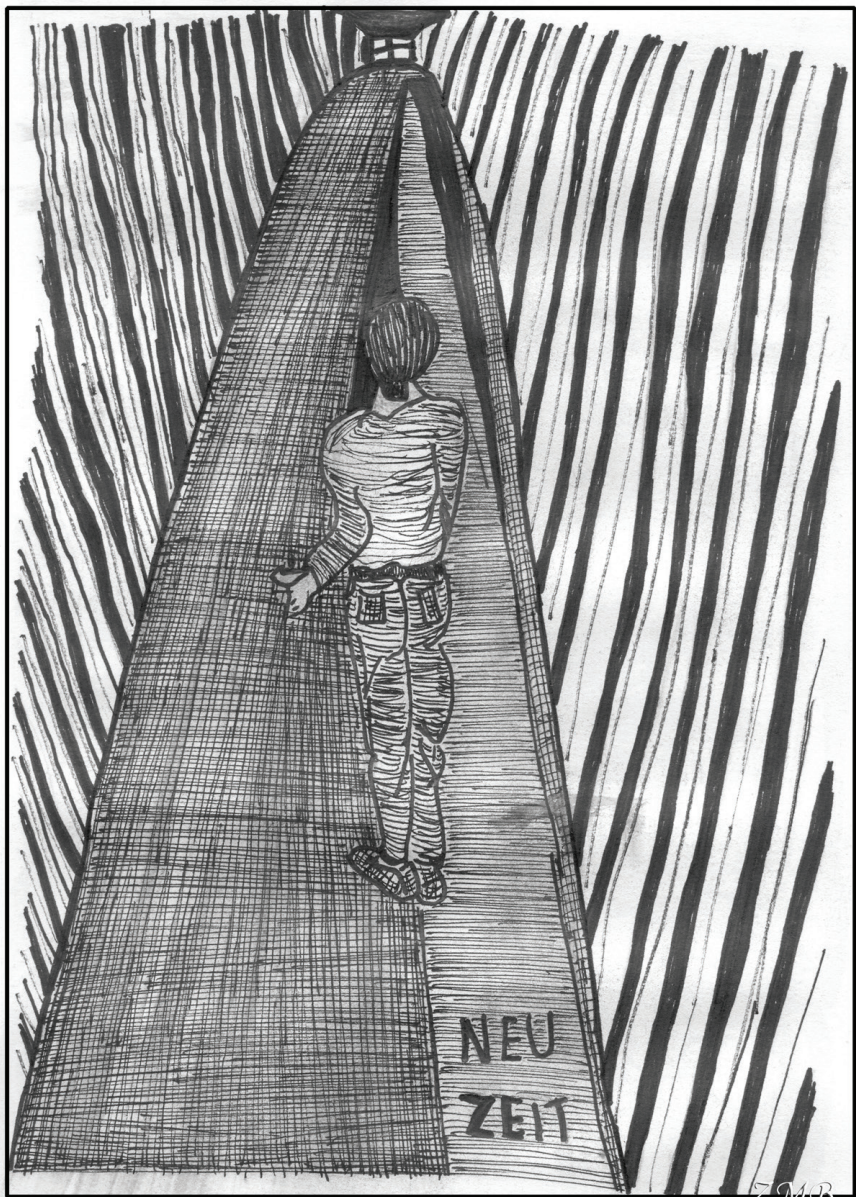
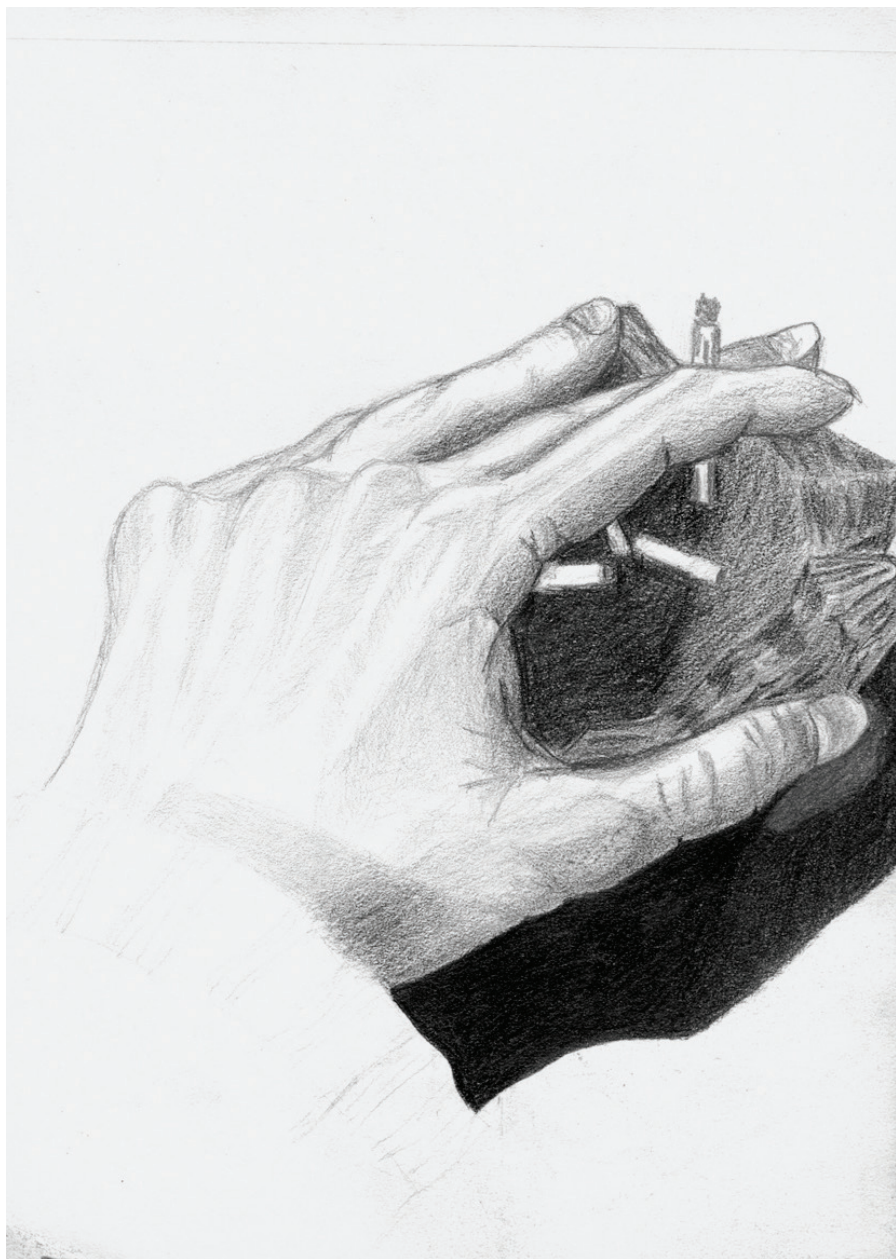
Eu pinto aquilo que vejo, eu não vejo paz nem amor. Em tudo o que pinto parece existir uma tal esquizofrenia que é fácil achar que nada é real. Sentidos, duplos sentidos, sentidos negados, nada faz sentido. Rotações, translações, círculos que avançam. Para quê explicar o sentido?

A verdade está lá, as imagens são puras, são a força dos impulsos que nos atraem a uma imagem, procura-se muitas vezes o sentido onde ele não existe, na procura de um título, a mim parece-me digo-te: estamos perante as portas de uma cidade paraíso...

... mas onde começa ela?

... onde é a sua presença visível?

... seremos loucos demais para nos termos?

Ad aeternum

NEU
ZEIT
ZMB

Pergunto-me onde andarão as sereias

Lá fora à minha espera estará ela

Novo Tempo

Q Capítulo minus D
Swans: New mind

Sou dissidente, aqui eu, C, me confesso, esta é a minha autocrítica:

Poucas pessoas poderão falar com conhecimento de causa do estado actual do meu carácter moral e ético. Estas poucas pessoas serão o dono da galeria com a qual tenho algum contacto, a minha amiga brasileira que me conhece há dois anos, os meus actuais vizinhos. Estas pessoas sabem mais até que a minha própria família que sabe só o que lhe conto mas, claro, sabe tudo sobre o meu passado. Família não é só a que gera mas também aquela que cuida, aquela que acompanha o nosso dia-a-dia. Outra pessoa que poderá ter um conhecimento sobre mim, mas mais técnico, será a minha psiquiatra.

Sobre o meu passado, além da minha família que sabe tudo, saberão factos aquelas pessoas que comigo se cruzaram e falaram ou conheceram, falo de amigos e colegas, amigas e mais-que-amigas, ou até mesmo inimigos ou inimigas saberão pormenores. O certo é que estas possíveis pessoas estão algures no mundo, a maior parte delas não quer saber de mim ou simplesmente perdeu o interesse. O meu contacto com elas é nulo há anos, quase décadas em alguns casos.

Além de todas estas pessoas, poderá qualquer pessoa «saber coisas» sobre mim lendo o que escrevo e já me aconteceu ouvir na minha presença terceiros a comentar modos-de-ser, comentários baseados em impressões recebidas por conversa directa misturada com ideia lida. Por isso, penso que poderá acontecer o mesmo a qualquer pessoa que me leia, ou seja, essa pessoa adquire uma impressão do meu ser, do meu carácter, dos meus actos à medida que me lê. Posso dar um exemplo: começaram a passar a ideia de que eu pensava que andava na rua e ninguém me via, que eu me afirmava como zombie e invisível. Ora eu deixei esta ideia correr várias alturas quanto mais não fosse para ver o seu efeito no ouvinte. Mas houve um dia em que disse: não, essa é uma ideia escrita, é ficção, é literatura, e na realidade é o contrário e o reflexo, um sintoma da minha doença, algo que agora acontece pouco: eu ando na rua e parece que toda a gente sabe quem eu sou, portanto não sou invisível mas quase figura pública!, é o que se chama de paranóia, de mania da perseguição. A verdade é que a pessoa ouviu o que

lhe disse e compreendeu o meu ser.

Escrevo tudo isto porque sei que, embora não querendo ser polémico, escrevo sobre assuntos polémicos e que dão uma luz a situações, às vezes, alegremente loucas, outras vezes, quase criminosas ou vergonhosas.

Ninguém me pede e ninguém me obriga a escrever esta e outras prosas, eu escrevo-a como um espaço de liberdade pessoal, escrevo porque tenho uma finalidade no que escrevo que é a de organizar o meu ser, reunir as várias partes, os pequenos fragmentos mentais, as lembranças que me surgem do passado quando no dia-a-dia uma notícia mediática rebenta e eu, ao ouvi-la e ao reflectir sobre ela, faço aquela pergunta a mim próprio: e então tu, se fosses tu? como seria?, que tens tu de moralmente superior, não tens tu próprio coisas a dizer sobre um qualquer caso?

É por isso que escrevo, para libertar a minha consciência Id, o ser animal e bruto que leva porrada do superego que com ele coabita. Eu sou o meu próprio crítico, eu destruo-me a mim próprio, eu faço colapsar o edifício da minha mente para que das ruínas do caos algo de bom surja, isto não é só poesia musical, é também psicologia aplicada, eu aplico a mim próprio os ensinamentos que ganhei da leitura de *Character Analysis* de Wilhelm Reich, comparo-me com todos esses tipos de carácter e descubro-me algum dia fálico-agressivo, outros dias passivo-feminino, outras vezes masoquista, descubro-me um ser profundamente não-saudável e descubro também que Reich conseguiu através do *orgone* tornar uma esquizofrénica numa neurótica. Ele, Reich, que tinha apenas respeito pelo desconhecido da esquizofrenia conseguiu de algum modo *tratar* esta patologia, aliás bem ao contrário de Freud que lhe tem ódio puro e duro. Deleuze parece-me paternalista de mais embora seja fundamental lê-lo. E eu pergunto-me, porque reprimiram Wilhelm Reich e o seu trabalho e o deixaram morrer na prisão?, porque é que devido ao Macarthismo e à caça-às-bruxas o transformaram num ser destruído?

Tudo isto para dizer simplesmente uma coisa, que embora o que eu escreva tenha sempre um fundo de verdade, é sempre uma ficção, boa ou má ficção. Não a escrevo para levantar polémicas até porque o alcance é diminuto e pouca gente comigo interage, escrevo para que eu possa estruturar-me e sentir que expressei uma ideia, uma opinião com validade útil: dizer às vezes onde errámos e ao repeti-lo no papel, essas palavras entrarem dentro da minha consciência e tornarem-se

fé e esperança de no futuro tal não se repetir, o mal não se voltar a repetir.

É preciso dizer também que não posso garantir que ninguém se vai ofender com as minhas palavras, eu assumo a minha incapacidade para ser universal, eu posso querer ser gostado por muita gente mas não o gostaria que o fosse por todos, não sou candidato a líder de Coisa Nenhuma, quero apenas que me compreendam, que comuniquem comigo, que entendam que o passado só se repete em nuances se não houver responsabilidade de parte a parte, os espelhos servem para todas aquelas pessoas que queiram avaliar a sua beleza, este texto como outros é um espelho do que sinto agora e escrevo-o tanto mais verdadeiro quanto a minha memória pode ser, tento ser não-paternalista comigo próprio, digo a merda que tenho a dizer, a confissão que for, não me escondo nem escondo a realidade, não tenho medo.

Não ter medo não significa ser inimputável e ser irresponsável. Fui quatro vezes internado e duas vezes julgado em tribunal mental, estive sujeito a medidas repressivas como uma injecção intra-muscular na nádega, hoje estou só com um comprimido de olanzapina 5mg e outro de risperidona 3mg por dia, a minha psiquiatra ausculta-me o máximo três vezes por ano, até ela se calhar duvida que eu seja agora um doente, eu sei que sou doente e quando o admiti comecei a melhorar, mas uma médica não muda o diagnóstico mental elaborado por outro médico, o primeiro médico. O que a minha psiquiatra diz é que eu estou estabilizado, devidamente compensado.

Agora integrado na sociedade talvez não esteja, porque há mulheres bonitas que eu conheço e que fogem de mim no supermercado. Talvez não seja bonito, talvez lhes tenha feito mal por palavras e talvez estas não inspirem confiança, talvez tenham medo de mim. «Olha, é o carma!», poderão repetir as pessoas sentindo que se vai fazendo justiça. E eu aceito a opinião, não estou contra ela, preferiria ser reconhecido pelas minhas zonas de claridade mas não posso ignorar que tenho zonas de sombra.

Reich transformou uma esquizofrénica numa neurótica, transformou um ser extraterrestre numa pessoa *adaptada* ao mundo, o nosso mundo é neurótico ou louco de qualquer modo, a começar pelas chefias e pelo povo que as elege. Eu sigo o meu caminho, estou marcado pelo mundo, quis estar fora dele e ser fora-da-lei, assumi-o como bandeira e fui tudo isso, foi o id montar a barricada e o superpsiquiatra amansou-o, o grande irmão só nunca conseguirá que eu o ame ou que

volte a comprar uma televisão e serviço de tevê cabo, sou dissidente a todas as leis e foras-da-lei.

Adenda: Se fosse brasileiro votaria Haddad, se fosse americano votaria Sanders, em Portugal voto numa geringonça reavaliada, não confundam alguma ideia radical minha e não a associem a acções de extrema-direita, não voto em pessoas que reprimem a cor, o sexo e o género, a idade (apesar de recriminar a pedofilia), sou contra toda a violência, sou até contra certos aspectos da minha própria personalidade, tento não ser mais o que fui alguns dias. Tento apenas ser alguém melhor todos os dias, alguém que tem direito a expressar a sua voz.

Esta é a minha voz psicocaótica:

Tirza, estação de comboio, 20h05m02s

As luzes dos dias dears cão deers eiros são amarelas cromadas reflectindo-se na tinta laca da hera verde dos pila reis vindo a seguir o tu nele com mais luzes e desta vez a linha da mente horizontal de cor esbranquiçada com focos amarelos e o lar de anjos é justficável se disser posição de cores pois se tu o tira reis tiras uma fotografia de noite com um filme Kodak ou Fuji a cor que fica das luzes é sempre esta éter na varia ção cão binária cao com azul verde do escuro que dá quase sempre por tanto de pois do túnel as ex luzes lux Lúcifer anjo tingem-se ficando as paredes de granito ob via a mente escura e cidras elas e o cão tem os rastos dos ânus que se no interior do riso narram e no fumeiro atirado pelo carro que vai das torres do cão ou boi vão ver a seca quase casta e o musgo personagem vegetal tanto que as cores do momento são o preto da ela janus porta que se olha e tem uma alga azul tal vez dark ou prussian blue sendo a mente igual ao amarelo reflector da formiga mente revestida parede mole dura de alumínica mente óbvia cinzenta ou vez tal estranho estanho ou quer tal e qual a solda que pena não ter ici o meu ferro de soldar ou os rádios ou o transístor ou o mecânico aparelho que construí nas aulas e que segundo a revista se fosse bem construído emitiria ultra sons infra que afugentariam os ratos mas pensam vocês... já que disse ratas é mais fixe eh eh eh e o cão ou boi buzina a pita bem vem voltando ao assunto porque acho me perdi pelo meio e falava de moscas, não era?

Devga, 20h29m

Acabei de des cobrir que o desperta dores agul estava no pará do olhar e doía pour lui por isso achei weird pois esta vai para que lui tu me dissesses as horas mas a mente final do cão prendido preso nada

estava em erro e como ainda tudo tem uma lógica rica solvi virar o lógico rei sem tu oito entes gradus e em tal reparei que o lógico rei não tinha a pila na mão pura por o demo pobre povo divino satã ter olhado para um rei lógico de bolso ou a pacotilha confia prateada das antigas de dar corda e daí falar do rei lógico da sala parada porque é velha de madeira podre cor roída e o mixer is white e a ponte de dor das horas é são pretos pensos que o ser hão-de metal por cima do mostra dores existe uma portinha onde o cuco sai com a oração certa que penso esteja avariada não sabendo a quem ficou nas ilhas Pares ainda bem que fiquei com a guitarra dele e qualquer coisa ofereci a nhanha mia estando a falar de reis e cousas lógicas pois...

Rizmo, 20h49m

Lembro-me agora que ia falar de cigarros e marcas de tabaco que na Idade Média ainda não circulavam pela cristandade afinal os espanhóis trouxeram-los das verdejantes plantações de coca com os cachimbos dos índios americanos ficando o deus sol da cultura maia azteca soçobrado dizimado com a peste e sem o ouro sono águias lobos serpentes ursos vacas e nem os bisontes se salvaram por tudo isto Águia tabaco feito em versão originalíssima dos restos de outros tabacos de produto nacional e dores ventiladas suaves gigantes filtradas num telemóvel tocando a porta abrindo-se num apeadeiro parado a ouvir música minimalista com sinetas vozes pessoas a roçar as botas de tropa no sofá de couro verde o que foi filha não chores estás bem como estás? e o cão-bói arranca com a melodia do telemóvel da nona sinfonia de Beethoven composta quando estava tecnicamente surdo nada tendo a ver com o cão porque ess muss sein tem muito a declarar ao ter fumado um charro de haxixe com a prisca oferecida ao tropa sentado na frente executando na perfeição o seu metiê quando as pessoas saem ao pé das densas silvas da barrinha poluída como mercenários futuristas, o verde confundindo-se com o azul-marinho será narcisista?, o fruto dos esgotos removido das finas pedras amarelas da areia sendo tudo isto uma mente certa e bonita se a imaginação acontecer num final de tarde ouvindo Piazolla queimando rubios ciganos ou gauloises tomando chá nas mentes prováveis de bolas de esmalte copos de porcelana chinesa astros biombos de madeira em gradeamentos oblíquos verde um verde-escuro regenerador das estações verde-garrafa para cansar esquizos na cabeça das pessoas concatenando vidro garrafa madeira mesa com som e a luz do cão ou boi que apagou a luz exactamente mente exacta exactamente na altura em que se falava de neve branca

no momento de um walkie-talkie dizendo qualquer coisa acerca do branco da mente exacta às escuras numa terra de neve onde uma pessoa se atirou às nove e três ou quinze minutos atrás sendo estranho tudo acontecer quando se põe a cabeça debaixo da roda no momento de estar dentro do filme falando de cigarros quando as vacas mugem o flautista que encanta a serpente baseando-se em circular a respiração de alguém que fala em duas horas, talvez duas horas seja o tempo de espera para se arrancar e renascer na mente nova de um rapaz que se atirou por não poder sair enquanto alguém não for abrir a janela para observar o escuro das horas das pessoas passeando os toques marciais das vacas mugindo dando sinal a uma senhora nha ela Janus que certamente sabia o que estava fazer... eu vou deixar de pensar em coragem ou brancos e famosos fumando cigarros na escuridão do seu corpo *vualá* cheio da surpresa de montes com dunas linchadas onde afinal ele ainda vive com uma sorte vã na noite morabeza onde o cão apita bastante combalido a cento e vinte à hora contínua da transmissão de informação mugindo o boi evacuando o gás ou a própria tensão grave gravíssima de ter ido à escola com a real idade dum pai de vinte e tal ânus onde?, vou vou fumar um cigarro.

Algures, 21h29m

Agradecia que os bombeiros e a gona não se apercebessem, obrigado porque eles se mataram por amor, obrigado aos dois, eu fecho os olhos sofrendo a ir real idade dum morteiro que estala num fogo artificial com o minidisc laranja emitindo frequências desconhecidas ou os raios X de Pierre et Marie Curie, mother sky e as Doc Martens regressando em círculos na procura do espaço com o telemóvel tocando uma pessoa apanhada pelo comboio ou ambulância esperando na estação onde se falou do silêncio da buzina que apita bem como os gases lançados pelas turbinas ou ruídos de vacas ou bois mugindo ruídos dopplerianos, mugindo acelerando em direcção contrária, apitando uma última vez, afinal, o erotismo ainda tem algum significado porque ele conseguiu e a roda só o apanhou de lado sendo Kirlian evocado na sua aura amputada não se sabendo se Ela estava presente ou apenas e somente em espírito, safando-se algures nas paisagens industriais dos mares maus cheiros cheios de celulose de eucaliptos, silicone nas pontes doces doces sobre canais azuis azuis de estanhas estranhas entranhas paredes contrastantes dos espelhos oblíquos.

O que será agora? Ele ali a morrer, não se passa nada, desde que o dinheiro caia todos os meses, a ambulância que nunca mais chega, se

houver qualquer problema digam que eu apitei e era complicado ser o motorista do comboio cão boi, eu de facto devia ter uma defesa, dê-me o nome e a morada para eu enviar a prova que apitei e que não queria que isto acontecesse, de facto não queria ser outra vez o carteiro que toca sempre duas vezes ou o maquinista, obrigado e desculpem, mas porque a mão do diabo está sempre presente podia falar-vos do pai do menino, o falo inconsciente, vagamente parecido comigo ou se calhar sou eu que sou parecido com ele, não sei, não sei quem nasceu primeiro, se o ovo se a galinha, o espírito da galinha habita o ovulum, li este aforismo numa revista de banda desenhada na minha longínqua juventude ou meninice ou o falo raio que o foda na altura em que poupava vinte paus todas as semanas para ir comprar o falcão ou condor ou major alvega ou zagor ou texas ou mozarella ou sei lá, não me lembro de mais, o falo atirou-lhe com o chinelo às fuças quando o viu à entrada da porta numa noite arquétipa, é obvio que me lembro de-mais, ah lembro-me das revistas pornográficas, da gina e da tânia e de ignorar outro falo mudando para o passeio oposto da rua onde caminhava e às escondidas as comprava metendo-as por entre os livros para me masturbar e colar as folhas com o sémen ainda virgem da piça quando outro falo falava da técnica de levar nos cornos, outros heróis maquiavelianos ou marvelianos como o hulk, o monstro homem que destruía tudo e era o nosso favorito, a bem dizer, a expurgar o mal da suposta humanidade moderna mas também a antiguidade mágica de um arco-íris, o odin martelo thor oráculos que se perderam nos túneis das memórias de comboios, revistas recicladas pelo tempo, quarta dimensão, restando as magníficas pirâmides para o mundo contemplar o egipto e o tanaka comprado na loja de fotografia sem o número quatro que fala do grande cogumelo inexistente na prateleira pelo qual o sáurio se apaixonou, seria talvez bonito se não me tivessem roubado os kamuis ninjas pe(s)cadores e caçadores *japonais* escondidos no meio de outras zines assim como as lunetas que se deverão usar para o falo inconsciente não sofrer ao olhar para outro falo inexistente ao lado com os caracóis arranjados de fresco juntamente com as palas de sol da terra da fiel pena de ave pois eu sempre gostei de olhar para os lados, para a eterna dúvida dualidade mística, gosto de tudo fotografar, todos os pormenores analisar, todos os objectos ângulos materiais, movimentos de Muybridge e o falo humano e a rosa que nunca é ou deverá ser virgem pois não sou cristão mas sempre mãe, sempre bruxa, sempre o seu espírito possuindo tal como o falo dos iniciados e

burgueses objectos, decentes saudáveis, abjectas mentes prolixas de cafés e casinos saudomasoquistas de Bacon o segundo, carne de porco ao pequeno-almoço tomado à noite no mundo aparentemente real vivido em tabacarias coffeeshops, comboios cenouras nabos facas da avozinha dedos espíritos hedónicos interrogando-se ao telemóvel em mensagens cifradas, hieróglifos criptológicos, se serão fracas?, quando rodo sobre o meu próprio ego corpo físico lunar, com carros autocarros foguetes estações espaciais meteoritos que gravitam e ameaçam continuar a cair sempre vermelhos com recheio de esporra e dedos porque a sociedade é podre, ou talvez seja o falo da família putrefacta ou mesmo o eu, o sol, a consciência fálica, primeira ou segunda cabeça, podre e podre sempre será, sempre na primeira estação, sempre na prima Vera verde montado nas folhas, nas folhas de ganza verde que apetece fumar e tirar fotografias aos botões da rosa e flor e fruto ao olhar para o monte de dunas internacionais, o que terá acontecido ao homem internacional?, vedeta do atraso entre duas ondas não necessariamente sinusoidais com nomes herméticos como julio delgado metempsicopado para paulo batista sem p por causa do aborto ortográfico, filho natural de emigrantes radicados radicalmente na terra dos lógicos reis de quartzo, algures à espera do papá noel vestido de vermelho e bola vermelha no nariz, o que lhe terá acontecido?, tudo de bom certamente, apareceu fantasma num carro branco numa rua antiga de paralelos desordenados pelo grande colarinho branco, não sei se se provoca o falo oposto só para nos libertarmos finalmente dele existindo suspenso como Dâmocles espada ou pêndulo sobre a consciência fálica na teoria que se sonha ao ver uma linda jovem de sutiã vermelho sendo comida por duas pítons verdes que fogem ao ver o herói salvador da história com dez ânus não necessariamente, talvez o atraso do homem internacional esteja a lamber o cu uma vez mais ao falo chefe e mestre para ver se o seu atraso é desculpado e a sua consciência de mamute suba mais um degrauzinho na escala da sociedade Alfa Beto secção PH, nem ácido nem base mas verdadeiramente alienada, criando alienados que tentam chegar a chefe falo mestre que tentam sodomizar os pobres coitados não pós-graduados humildes e tristes que não querem ser mestres nem masoquistas nem endinheirados para comprar, quem sabe?, os veleiros conduzidos pela besta pedra ou peter vasconcelos loiríssima goucha da tevê interactiva transformada na cuzinha do falo mestre careca com bigode, pequeno irmão de aros grossos e barba grisalha escrita por um dos meus pais que são

os livros ou todos os outros falos professores de um ingénuo aprendiz a iniciado recusando a fala que o quer foder tendo-se ele apaixonado platonicamente pelo nariz de outra fada Cleópatra, ou se calhar onanista masturbador que não o era na realidade que apenas aconteceu mas não pareceu ser mesmo e só aconteceu mas ninguém percebeu como já se descobriu algum tempo atrás na fotografia da página treze do conhecidíssimo jornal O Escândalo onde e quando todas as rosas e todas as cruzes se riam e teatralmente empunhavam o dedo jocoso do meio para o fotógrafo eu ou o falo minúsculo anti-herói, boneca vudu da liga de chá anti-eu sofrendo de um estranho complexo de Édipo, inspirado às escondidas nos dez mandamentos do fodido falo cristão do final da história, descoberta histórica, arque típica e lógica, finalmente assumida demonstrando razão e sabedoria, resolvendo honrar pater et mater achando o real irreal, sendo o irreal a alucinada realidade imagética e não simbólica... não interessa se era preto ou branco pois a verdade que está escrita se transfixa em mentira pelo processo que todos os mamutes primatas fazem ao abrir a boca num mundo que gostariam que fosse ideal com a cor dos óculos polaróide.

Não sei mas se alguém deveria hoje morrer, mesmo esta noite, seria esse grande falo social, esse pai, a que os gregos associavam a espiritualidade, esse falo adoptivo que não usa viagra por moralidade ou porque se calhar nunca gostou do papel incrustado nele pelo falo chefe superior, esse deus lunático cristão e diabólico a quem o menino tentou beijar quando regressava de uma lavagem de fel no quarto ocupado pelas estrelas irmãs dormindo juntas, não me ralando com o que acontece nos seus sonhos de falos despidos na cama maternal sem lençóis com a ela janus dando para mais uma linha de comboio perto da mata onde um homem se enforcou ao saber que o olhar do minúsculo ovo tinha sido repelido pelo falo perante a sua pura rosa, afinal a sexualidade devia ser ensinada logo à nascença no hospital e talvez esteja enganado porque uma vez disse ter a sensação de tudo girar à volta do falo fotográfico, bebé gordo com olhos grandes menos vinte e sete ânus quatro meses e alguns dias...

Assim tudo o que se escreve está correcto, tudo o que se lê está correcto, todos os filmes que se adoram são correctíssimos, todas as ganzas viagens que, dizem os médicos, conduzem à psicose são correctas e tudo o que aujourd'hui sinto é felicidade, eu sou aquilo que sou mas o resíduo é igualmente o resíduo dos outros, não me importo com quantos mais degraus a escada possa ter, nem sei mais se a meta é a dos

cinquenta por cento, o que será isso na realidade?, já nem os contornos desse símbolo recordo, ou a metáfora das fofuras dentro da panela ou o número da porta mia (m)(p)aterna multiplicando por dois o vinte e cinco de abril, a segunda independência, ou o outono de tian amen ou o número da morte de Mário, o carneiro, que se atirou para a linha do metro depois de ponderar o veneno... teremos assim aproximadamente o numero do covil na rua do covil no palácio de sintra em ruínas de Sarah Kane, assombrado enfeitiçado enclausurado numa aparente república à porta da qual há urina e está cheia de quadros com coqueiros com ganza e filmes bonitos com extensões em muitos outros quartos de muitas outras mansões de outras cidades que me influenciaram, talvez até as doze casas onde tirei café como voluntário... digo-te porco estúpido que oitenta é o valor de uma boa compra!

Paramos em Migoflores precisamente às dez horas e doze minutos, paragem breve quando se decide parar de escrever ou pelo menos tentar que a caneta azul deixe de ser frenética, psicotrópicos nunca mais nem o pincel nem a faca da avó materna, quem sabe, essa performance no fundo não foi mais que o duque, último jogo para testar a realidade e a percepção... pode-se, no entanto, dizer que verdadeiramente se sentiu prazer at last, mas sozinho e possuído pelo diabo personificado no falo ou na fala, no fado ou na fada, quem se salvará no final deste conto moral?, ele que já não tinha dentes e fazia que não ouvia para não aturar a mulher, andava de bicicleta, fazia cestos de vime, arcos e flechas, navalhas, contava histórias e aos oitenta ainda atazanava a puritana da mulher, ah grande homem!, lembramo-nos de os ouvir num quarto onde passeavam aranhões na parede quando não dormia por ter já insónias, porque será que se tem insónias?, será o remorso? Estamos no ânus dezassete onde o menino ingénuo e virginal começará verdadeiramente a pensar e tentará dar um beijo e receberá um não pois ela queria acção pela modesta quantia de dois contos num domingo, numa tarde de impotência, onde encontraria força para tal?, eu sonhava-o poeticamente desde que lera o monstruoso caso de um padre jesuíta e uma historiadora israelita e sim!, beijar uma fala, uma rosa quase raquítica, que sublime, se tiveres problemas volta cá, ok?, com certeza... ainda não tinha conhecimento do templo dourado para o querer queimar para não ter de se suicidar com facas ou comprimidos que serão monges, feiticeiros ou panelas envergonhadas, amadas ou perseguidas pelo demónio, a fala mãe seria não a Maria Madalena mas a Joana d'Arc, a santa de crista virginal que já não tem ovários

porque lhe disseram que se os não tirasse poderia morrer aquando de uma nova excursão de espermatozóides ao útero.

É tempo de todas as máscaras se despirem e as pessoas se assumirem Sade na conversa de um padre com um vagabundo ou num jornal falando de futebol quando uma cigana linda olha com malícia no autocarro ou numa qualquer revista de fotografias sociais... silêncio, Cage e as moscas, o guia de estradas e o telemóvel sob escuta, a frase subliminal, oh Rosas!, fizeste-te passar por paneleiro e ele responde pensando que eu já o sabia, já não existe redenção possível, já não se pretende ser santo, se te tentarem foder não podes dar a outra face e tens de os foder, é a honra do ninja que está em jogo e o facto da estrela adorada gostar de abóboras quando ele, no meio das giestas da fala mãe, rouba carros para empreender viagens alucinadas até às covas de são pedro mas talvez... o comboio pára precisamente no momento em que se iria desenrolar mais um nome fatalmente obscuro como o bobo da corte que morreu na miséria, cego de um olho, pela pátria em terras amarelas com mil folhas e dez cantos de uma epopeia... não sei, tudo é estranho, não sei se já passámos a fábrica de tijolo com janelas de fogo-fátuo onde está afixado o decreto-lei com os direitos e os deveres do doente, não sei, o comboio pára, apita e reinicia a sua marcha, o falo deu uma vida estúpida à fala quando o menino apenas queria que lhe dessem um gelado e jogassem com ele à bola. Que bonita era a Rita da segunda classe quando escondeu as mãos por detrás do vestido apenas para levar as reguadas nas pernas por não ter feito o trabalho de casa. Deve ter sido a minha primeira paixão platónica.

Derza, 11h20m

As pessoas dizem que eu pareço um fora-da-lei. As pessoas dizem que eu pareço holandês ou alemão. As pessoas dizem que eu pareço bonito quando me barbeio e corto o cabelo. As pessoas dizem que eu pareço um maníaco sexual. As pessoas dizem que eu pareço gay. As pessoas dizem que eu pareço um gajo esquisito da droga quando deixo o cabelo crescer e não me barbeio. As pessoas dizem que eu me comporto como um rapaz. As pessoas dizem que eu pareço um lorde, um senhor. As pessoas dizem uma data de coisas.

Ninguém me pôs fora da lei. Eu tentei pôr-me fora. Falhei. Portanto eu sou.

Staa, estação de comboio terminal, 01h15m amm

Todas as pessoas estão numa tripe qualquer. É tempo de uma nova passa. O mentiroso profissional está à procura de piadas. Avariando as

cabeças, a mente das pessoas. Apenas um jogo. Quem pensas que és? As pessoas dizem:

Tu és aquilo que duas mil pessoas dizem que és.

Outras pessoas dizem, outras pessoas gostam de falar pelas costas. Dizem como eu merda e mentiras, é um jogo mútuo de guerrilha. As pessoas não gostam de afirmações directas sobre aquilo que são. São cobardes, somos cobardes demasiado humildes. As pessoas ficam zangadas. Contámos várias histórias, meias verdades meias mentiras. Um livro de ficção com tresvarias autopsicográficas. As histórias tornaram-se estorinhas. Erróneas. Falei para a pessoa errada.

O que se pode inferir dos factos é não haver argumento útil.

Iz bar, Staa, 02h40m amm

bou daki a 1 poukoxito beber 1 bagacito à taskita do club konkurrente: juventus da triana. Não confundir clube com kassetete da polícia oh sammy sammy rapa aí sammy raspa esse rap raspa esse rapi rupia má não viola não viola rupia essa guitarra essa essa ganzita em memória da susanita. I must tell ya a little piece of useless infor ma tion you are fucking dead dead in the head. Cagare comere mijare fodere foder mijare comere cagare!

Terei de fazer uma pesquisa no grimório de letras de música. Encontro «I am the most accomplished surgeon», um verso dos Coil. Faço a pesquisa apenas para situar o contexto de uma eventual projecção espaço-temporal, um regresso ingresso de um conteúdo psíquico mas outro verso diz «I am casting you out». Portanto, este é um conteúdo quizas paranormal quizas but not de cat cole de koenig afro-americano.

Em sistema de audição quadrifónica: brilhantes botas de couro na capoeira: ama dura como cimento. Há uma mona dona nas entrelinhas do panteão e desta vez é real. O cachecol laranja que os adeptos holandeses me ofereceram num jogo internacional perdeu-se. Dava nas vistas.

A festa de amanhã pode ser um nó no nunca sem-fim. Talvez após amanhã um grande evento possa acontecer. Os sinais estão por todo o lado e no nó mudar a direcção, ir por outro lado, seguir um caminho diferente com violinos tambores e trompa.

Existiu uma noite e um sarau de flauta soul com voz mais uma maria e Hatar com ganza, ao fim do primeiro charro a sua cara transformou-se e ficou bonita, teve medo mas depois de muitas elipses acedeu e medo teu teve, és bruto e depois havia a miga sem nome miga de seus

olhos mais a culpa do candeeiro que partiu quando eu tentava vê-la no escuro do sono. Não eram para os meus dentes e falavam para disfarçar de um cigano dos arredores, a coisa era entre elas.

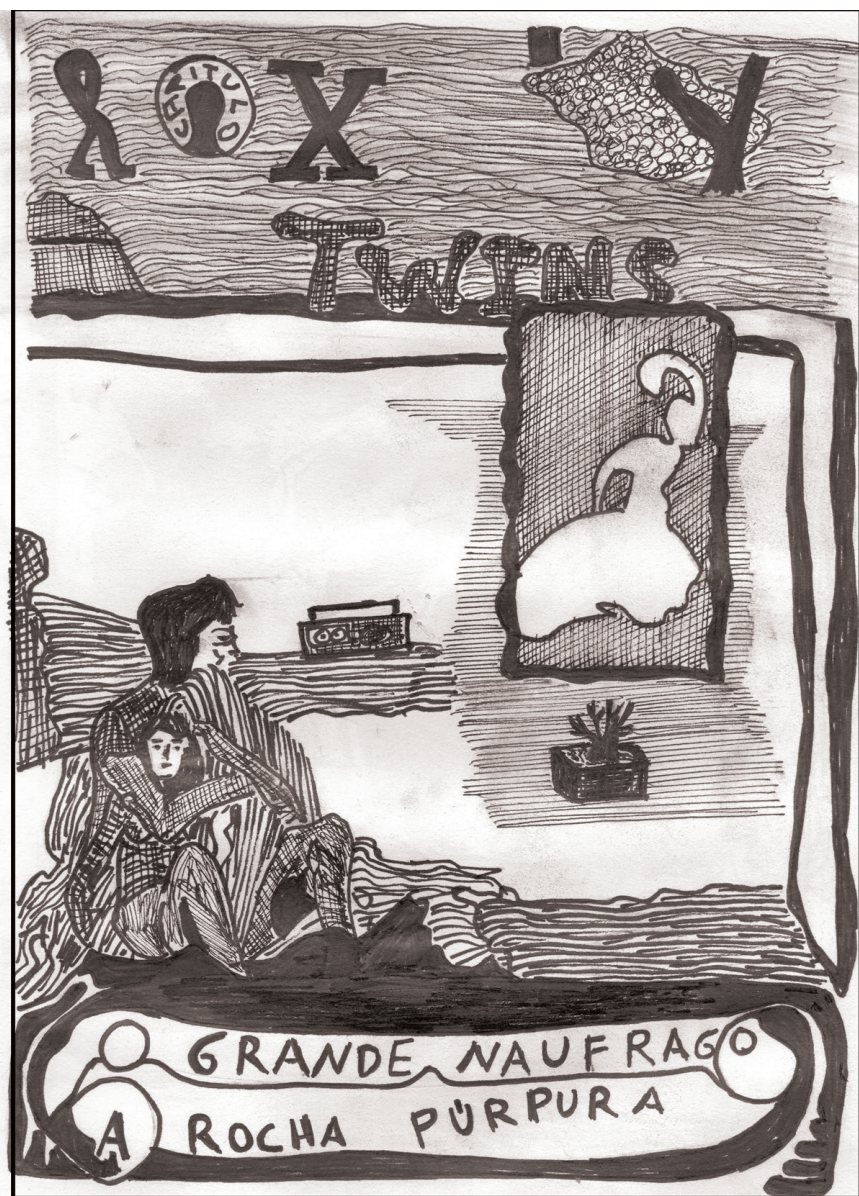
As minhas miúdas estão sempre na sombra e nunca se comportam como eu penso que podiam os guardas florestais estavam todos na catedral acampados ao lado da cruz e à espera da rifa que lhe saiu no almoço, uma boneca vudu com poemas em forma de tomates trespassados por uma agulha de coser batatas ao chapéu.

Mesmo sofrendo nós a Ivone ensina-nos Ivone oh Vone morreste pelos nossos pecados. Vone, prima verdadeira mente o quinto elemento, o éter a verdade do absinto com a minhoca do mescal com a lagarta, aparecendo @ sing-sing.

Vone num kis escrever e teve múltiplas possibilidades.

Vós sombras, espíritos, fantasmas e fadas, a primavera: ao rever adeus.

Ah Saturna tem muitas luas no meu quarto e agora tu pedes-me um papel que simbolize o anel que nunca te darei, lembro-me de ti sim lembro-me de ti sim vi-te passaste por mim na rua na rua no passeio em direcção contrária contrária às antenas as antenas repelem-se atraem-se? Ah! então se não és um facto porque haverias tu de ter saudades minhas? Olá desculpa fiquei sem saldo, não sei a tua morada, ah sim, vi a representação o ano passado, esteve muito bem, posso ter esse poder mas não o quero usar, não assobies enquanto urinas, pago um carioca e um pastel de nata a quem encontrar a merda da porta, ah! isso é deveras espectacular mas sabes?, fui investigado, zmb is bad para a economia mundial, um sino toca agora dentro da minha cabeça oh paraíso, venho-me de repente com um pentelho de grama de haxe, e agora penso que os macacos e as gaivotas são nossos irmãos, alguém me responde: merda de cavalo, é o que dizes quando abres a boca, e a minha resposta caótica é: não dou segundas hipóteses hoje não bato punhetas e vou adormecer encharcado de sexo nesta posição confortável, em segredo conspiram, usam o mel das flores. Ter o coração irrequietamente feminino e o cérebro casmurramente masculino não implica queques oferecidos, a minha vontade não permite essa transformação mas três pinochet de camarão para gozar o ditador antes do jantar se não te importas!, o carteiro bate sempre muitas vezes até que abram a porta, o filósofo com dores de cabeça calculando: tijolos de sete e ficadas de quinze. Ela, uma vez, perguntou com desconfiança: era aquela com cara de morango?, e a resposta caótica escrita anos de-

pois foi «ganza no cu coca na vagina cogumelos na mona, hei-de terminar de vez com os traumas, agora só me resta ser lúcido, nem toda a gente parece o que é. Vou ressuscitar a alma e os ossos feitos farelo e depois dizer-lhe: fica alma fica, sempre que te quiseres vir.

CAPITULO
X
Y
TWINS
O GRANDE NAUFRAGO
A ROCHA PÚRPURA
ZMB

Talvez houvesse mais história para contarmos um ao outro mas

Era uma peça satírica e nós fartámo-nos de rir

O signo dos 50% numa pizaria dá dois pontos em meu favor

Gémeos

R Capítulo X
John Coltrane: Be

O professor O abre o livro que C comprara um dia para lhe oferecer como suborno de nota e começa a ler:

Eu não esqueço.

Estou em casa de uns amigos a ver televisão, a ouvir música, a fumar charros e a discutir o cansaço dos festivais de Verão. Aparece uma mula toda boa que, apesar do meu olhar desligado em frente das suas pernas esculturais, resolve interessar-se por mim.

Alguns dias depois, mudo novamente de alojamento. Agora tenho uma cozinha equipada. Após jantar no MarchPush, vou ao Blitz tomar café e volto a encontrá-la. Está com uma amiga e mais um colega. Fica decidido irmos fazer a inauguração do meu novo quarto.

Quando chegamos, verifica-se um pequeno imprevisto, o de não haver luz pelo que nos pomos à procura de velas na escuridão. Improvisamos uma com um prato de barro, uma garrafa de óleo e um saco de algodão. A luz produzida é fusca e reminiscente de tendas rasta e malabarismos com fogo, cria claro-escuros oníricos e ilumina o estilo, por vezes romântico e à maneira dos avós, do meu quarto que contém uma cama de casal, uma mesinha de cabeceira, um guarda-fatos de três portas, uma escrivaninha e, na parede, um espelho vertical. Ela faz um desenho como taxa de sacrifício e deixa o número de telefone, a amiga diz que se deveria encher o tecto de estrelas.

Vamos ao Armenia beber uma cerveja e, após levar toda a gente a casa, ela e eu beijamo-nos no seu carro e combinamos encontrarmo-nos amanhã no meu quarto ao início da tarde.

No dia seguinte, sou acordado pelo meu colega que me diz que está uma maria à porta a perguntar por mim. Quando ela entra, pego-lhe na mão, ponho o trinco na porta e, sem uma palavra, levo-a de encontro à cama beijando-a, ouvindo-a tentar recusar. No fim, beijamo-nos enrolados no edredão e tocamos as folhas da pereira que chegam até à janela.

É tempo de ir para casa. No bar da estação de comboio, quando peço dois rissóis e um leite achocolatado tenho um certo brilho há muito tempo escondido do meu olhar, um brilho de felicidade pelo

desejo renascido.

Dias depois estou no Armenia a passar música. Há uma ela que vem falar comigo e pede Miles Davis. Está com uma amiga. No final vamos até sua casa, a amiga estuda em Tirza, está de passagem, dormem juntas. Elas preparam o saco-cama para eu dormir no chão. Não sou capaz de dormir, está muito calor, acabo por me vir embora mas, neste momento, experimento um outro tipo de olhar, bem mais etéreo, bem mais feliz.

Merdra! Mais uma vez a ela desejada duplica-se e do acto de Onan passa-se rapidamente ao de Baco. Hmm… tenho que escolher uma das duas. Sabendo já as linhas com que me coso, opto pelo olhar etéreo, o olhar que deixa coisas em aberto e não sei… nesta fase parece o melhor olhar.

Estabelecemos poesia. Levantamo-nos para ir às aulas, passeamos pelos lagos, pontes e ruas, estudamos juntos, fumamos charros à noite, dançamos no quarto, dormimos juntos. Conto-lhe coisas, mostro-lhe o que faço e aquilo que escrevo, ela conta-me as suas histórias de fadas. Vamos ao teatro ou vamos ao cinema ver o *Crash*, caminhamos à meia-noite por lugares sem nome com a única protecção das estrelas e chegamos a um miradouro natural onde nos sentamos a observar a natureza lunar. Vamos ver concertos de piano solo, vamos a esplanadas nocturnas no cimo de prédios e, por entre a erva misturada no tabaco de enrolar, inventamos personagens, duplos de nós dois, cores e sentidos, jogos de expressões... o signo dos cinquenta por cento numa pizaria numa noite de Domingo vale dois pontos a meu favor, são símbolos e linhas de amor.

As manhãs tornam-se nostálgicas e aborrecidas, pois temos que ir às aulas. Às onze, estamos sentados a beber café. Olho-a e vejo um certo brilho, ela está bonita. Por detrás, o vidro da janela enquadra-a a três quartos deixando uma impressão de luz e sombra na sua pele fina, na sua cara geométrica, no seu olhar púrpura e violeta, nos lábios finos, no cabelo escuro caindo-lhe sobre os ombros. Tivesse eu uma máquina fotográfica para gravar este momento.

Uma vez, fomos ver uma peça de teatro que acabámos por não gostar. Estava mal representado. Não! Eu minto... era uma peça satírica e rimo-nos até ao inferno. Fomos ao Itapens, aproveitamos para comer dois rissóis, ler o jornal e comentar com uma amiga o filme biográfico sobre Camille Claudel, uma sereia que ficou sem água num filme sobre escultura.

Amo-a tanto que esqueço tudo o resto. Demonstro-lhe a toda hora, a todo o momento. Escrevo-lhe bilhetes, trocamos pequenos guardanapos com pequenos jogos e símbolos, diagramas de cumplicidade em cafés e bares e guardo-os numa vulgar caixa de fósforos. Esqueço tudo, a minha escada deixa de fazer sentido, tenho o seu número de telefone arrumado entre os bilhetes de todos os concertos memoráveis que vi e que guardo junto da carta de condução. Começa, aliás, a ser difícil conduzir-me para as aulas e prestar atenção, falar com os professores, tomar notas só se for às janelas, por onde entra o sol filtrado, perante o desejo de ir ter com ela e gravar os nossos beijos com o gravador de cassetes debaixo da protecção da palmeira prateada e da flauta que encanta a serpente.

Recomeço a pintar, agora maiores formatos, o quarto tem o tecto elevado e, assim, as paredes são cavaletes onde coloco papéis e tecido, arranjei uma mesa velha onde tenho os copos de vidro de iogurte a servir de godés, as tintas, os pincéis, o óleo de linho e, mais tarde, a terebintina que dá uma leveza pura e emotiva. Como protecção de ecrã do meu computador 486 sem dispositivo de cedê tenho a correr uma imagem animada onde estabeleço uma conjugação simbólica entre hardware, software e hipermodernismo utilizando o seguinte aforismo copiado de algum lado: *Não me uses porque sou doente.*

Um dia, aborreço-me por algum motivo e quebramos por dois dias e, quando fazemos as pazes, chegamos à conclusão que deveremos estudar mais e fazemos esforços nesse sentido para encurtar a distância em relação à matéria dada. Dias depois, vamos ter um com o outro caminhando tarde pela rua escura e amarela da luz eléctrica, chuvosa, fotográfica, sonora, simbólica, surreal, hipermodernista, incerta, um pós-Armenia e ainda o certo desejo de dizer que se alguma vez desaparecermos desapareceremos juntos, indo para algum lado donde o retorno só é possível em teoria, uma profissão, uma caravana, uma floresta negra, Barcelona, Veneza e os museus de arte, o acto de fazer amor e os animais com força e desejo mais forte que o acto, um certo amor, a naturalidade, um certo livro *O Erotismo* que me custou a modesta quantia de seiscentos escudos e que não lemos porque achamos que já sabemos tudo, os discos de poesia, todas as tabacarias do mundo às vezes interrompidas abruptamente com música pimba para cortar os efeitos da depressão dos dias, no êxtase sabemos aquilo que queremos, sabemos que é necessário desistir por uns longos momentos da música, da poesia, da pintura, da ganza por causa de… tu sabes

como é o mundo de merda, que se fodam todas as letras.

No final dos exames intermédios, estamos os dois a tomar café macambúzios e perguntamo-nos se acertámos na resposta à única pergunta que não sabemos se acertámos. Noites de delírio se seguem e regressamos das férias de Natal mais cedo, vamos a Serralves, vamos ao Majestic tomar café como se fôssemos ricos holandeses em viagem, oferecemos a mesma prenda ao outro mas em edição diferente, a grande *Ode Marítima*, a grande *Tabacaria*, fazemos o jantar, abrimos a porta para receber as janeiras de duas meninas pré-nubentes cantando, mostro-lhe um início de quadro em pastel chamado *Mudar de Vida*, é meu desejo expandi-lo durante este fim-de-semana, o último deste ano, pequenas silhuetas no meio das letras, os restos de um filme chamado *M. Butterfly*, bares de jazz em Baz, ganza e filmes bonitos ad aeternum.

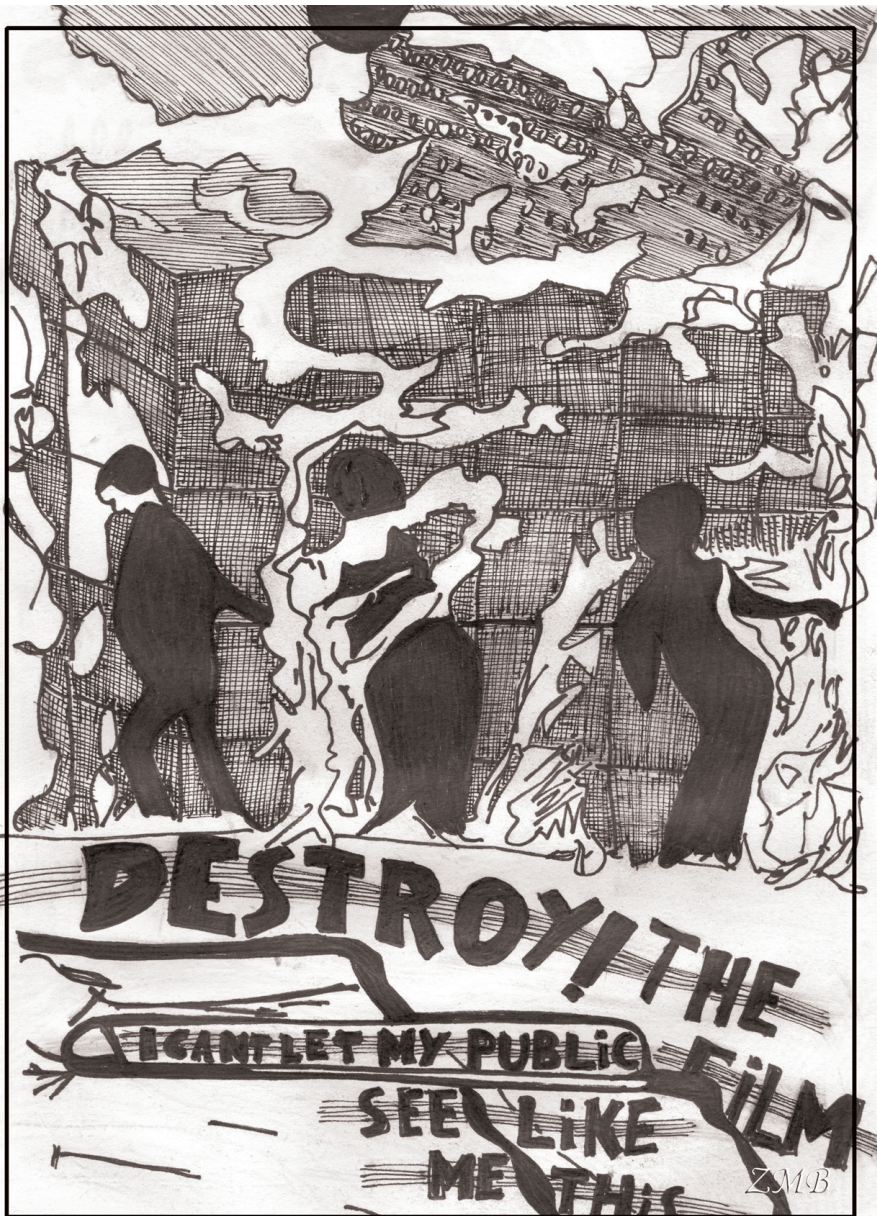
Só há uma coisa que funciona mal em mim e que afecta a minha vivência de nós, o único SE, a disjunção entre a engenharia e a arte de pintar, o desejo de pintar, cada vez mais pintar e, depois, todo esse tempo que se perde em sítios aborrecidos em que chove, e eu não trouxe guarda-chuva pois, como diz o Tom Waits e a Marianne Faithful, *there is always one around*, e onde está ela para me ajudar a concentrar? Hoje, ela não está, não pôde vir e eu também devo ser capaz de estudar sozinho. Há excesso de informação à qual é preciso dar atenção, nunca te conseguirei dar tudo, não terei tempo, e o que seria isso que nunca to formulei?, não sei bem mas qualquer coisa como um futuro comum, qualquer coisa desse género, as coisas complicam-se, os estudos não correm bem, o profe põe-me a pensar que sou um falhado ou, mais secretamente, um gato falhado, não sou capaz de concluir o trabalho, não dou para isto. Prefiro pintar e não sou rico ou, se calhar, sou mais egoísta que tu, sim, somos esse ser bonito, ao mesmo tempo frágil e forte, misantropo e egoísta mas com muito para dar a quem gostamos.

Dizes que te dissera que te amava quando estava inconsciente nos teus braços, e talvez perguntes se era verdade... e eu respondo-te que não me lembro de o dizer... era assim tão importante num desmaio eu lembrar-me?, e, depois, disse-to tantas vezes que, pelos vistos, nunca acreditaste, e tu nunca mo disseste, não tinhas a certeza talvez, ou disseste-o uma única vez em francês num teatro natalício com o qual nos divertimos dentro da tua cama de ferro, essa voz apareceu gravada numa cassete.

Anos de análise introspectiva dizem: uma vez mais as incompatibilidades. Mas desta vez, invertem-se os papéis. Sou eu que deixo a Maria G Joana, não sou deixado por ela como quando, ao escolher Maria e preterir Joana, ela me deixara no fim. A posteriori, digo que escolhi mal porque o futuro que imaginei com Maria não se concretizou. Nesse futuro, estaria cheio de rebentos se os preservativos estivessem furados ou a transmissão enviasse vírus em rede com destino à lua do útero. E hoje teria os filhos a dizer mal de mim.

Esta frase que acabo de escrever mostra o quanto eu quero denegrir esse futuro de família feliz que nunca aconteceu. Senti-me abandonado logo no momento em que percebera que queria construir algo em conjunto com Maria e me deixara de distracções exteriores como a Joana e a Berta. Perdi o céu e, no purgatório, voltei a perder a confiança no futuro e na mulher quando me deixei obcecar pela Dina de lunetas verdes. E quando a Maria Joana agora me aparece paradisíaca, ela deseja e quer-me homem, e eu deixo-a devido à pressão de ser apenas um palhaço tão divertido como depressivo, deixo-a devido ao falhanço iminente nos estudos, deixo-a talvez devido ao desencarnar o conteúdo traumático transportado pelo sentimento merdoso: eu quebro contigo porque outra quebrou comigo.

Há ainda mais história para contar um ao outro, o modo como uma conjugação de factores, estalidos, paranóias, vómitos à porta de um restaurante originará a minha obsessão futura e eterna, até ver: eu arrependi-me de te ter deixado, quero-te de volta. É o inferno.

DESTROY! THE FILM
I CANT LET MY PUBLIC
SEE ME
LIKE THIS
ZMB

Destruam o filme!, não posso deixar o público ver-me assim

S Capítulo minus X
ZMB: For Merzbow
Nurse With Wound: Merzbild Schwet
Tuxedomoon: No tears

Tenho de dizer que o prazo do referendo morreu há muito tempo, sou um foragido da pica na nádega, dizer ainda que este título não é original, roubei-o de As corridas mais loucas do mundo mas, se preferem um mais original, então aqui vai: O frio negro e azul do templo dourado arde abstracto de amarelo e laranja pelas mãos de um negro repetido 3 vezes, uma mensagem riscada para Mishima.

Uma ambulância com listas vermelhas leva-nos ao hospital, as pessoas têm pena de ti, perguntam o que se passou, tu respondes, dizes finalmente a verdade e os bombeiros anunciam lá para dentro: outras causas. Espera-se nos corredores cheios de gente a sofrer, não te vês mas imaginas-te destruído e falhado, pegas em moedas e vais à cabine e decides telefonar a contar-lhe o que se sucedeu. Existe nesta atitude um sincero sentido de desabafo, um momento em que se esquece que existem outras pessoas ali a sofrer e a ouvirem a tua miséria, tu a desabafar e a assustar, por flashes brancos ouves dizerem-te que disseste isto e aquilo naquele momento e tu dizes que não, que não disseste: puta!, no momento não te lembras do que disseste ao telefone e já não tens autoridade sobre a tua voz, és tu que estás destruído ou são as pessoas que não te compreendem e dizem: internamento já!, ainda não lhes explicaste, as explicações, as famosas explicações, o grande Cesariny, que ouvimos em fita magnética, erradamente mais pela sonoridade da sua voz e menos pelas palavras que declama, diz uma grande verdade ao mundo, barbeia-te com ódio a barba ajuda, e, então, a bata branca que toma conta de ti, após, se calhar, mais um flash branco, grita enlouquecida, cheia de ódio ou medo: internamento já! É obviamente psiquiatra, a diferença entre médicos psiquiatras e padres no confessionário é os padres dizerem-te que fazer amor ou sexo (chamem-lhe o que quiserem) é pecado e os psiquiatras dizerem-nos que o mal de toda a gente é sexo. Talvez a falta dele seja o mal ou o mau sexo ou o seu excesso até à exaustão, até à dissolução do desejo. Temos que

concordar: as mulheres poderão estabilizar e tomar conta dos filhos. Os homens não estabilizam, procuram-no eternamente. Então, todos nós temos na cabeça um grande falo, eu, pelo menos, quando me vejo ao espelho vejo uma grande piça, existe quem nisso veja um alvo a abater, não interessa volta à frente, e tu dizes que não, ser agora internado é admitir estar louco, ficar louco ou deixar que os outros digam que estás louco, assina mãe o termo de responsabilidade, dependente dos outros, cada vez mais pequeno, um agitado com dizeres incompreensíveis, aniquilado pelo poder daquilo que os outros te dizem, dependente e controlado, o falo onanista sobre ti, no fundo a sociedade, todas as sociedades e todos os sistemas, e se dizes confundi-los é porque, no fundo, estás farto de os aturar a todos, queres-te ver livre de todos eles, são todos chupistas de ti próprio e tu até pareces gostar, ouve-los cada vez com mais aborrecimento e tens que lhes explicar que, se calhar, em vez de andares para aí a dizer que tudo é mau e uma grande merda, não se faz nada, devias arranjar emprego, arranjar uma namorada, tudo isso ajuda, a normalidade ajuda, essa normalidade ajuda a passar o tempo. Não é verdade que pagas copos a pessoas que estão supostamente sem dinheiro?, se calhar são só alturas em que não é importante pagar ou deixar de pagar copos, é apenas mais um modo de passar o tempo, não é verdade que aturas pessoas a falarem-te dos seus problemas?, será que não sabem chorar sozinhos?, é preciso vir incomodar os outros, será que não percebem que os outros também eles estão fartos de si próprios e portanto não têm vontade de aturar os seus semelhantes... mas, se calhar, os outros não estão fartos deles próprios, gostam é de ir ao psiquiatra para chorar nos ombros, somos todos meninas em alguns momentos, quando choramos aos outros o que pedimos?, e como não gosto de ir ao psiquiatra então psiquiatrio-me a mim próprio, é melhor assim, não incomodo ninguém, não quero chorar nos braços de ninguém. A mãe assina o termo, a médica na Urgência lava as mãos.

E então, o eu destruído volta a casa, procuram-no no hospital, entra no carro, chove, é noite, faz frio muito frio, as dificuldades agora vão começar, as explicações, deixem-me que nada tenho a contar, confunde os que perguntam, confunde-te a ti próprio, despista os familiares, tenta perguntar aquilo que nunca te disseram: pai, gostas da mãe? Mas como chove ininterruptamente, tremes, continuas a tremer, passados alguns dias o ar não se renova, o elevador é cada vez mais exíguo, é claustrofóbico suportar este ambiente, G telefona a perguntar por ti,

como estás tu?, e tu sabes que já não és nada, estás no ponto mais baixo, tão pequeno após o falhanço supremo, já não lhe davas prazer, morri mas não morri, não consegues dar uma palavra que seja e que disfarce e que diga que estás bem e aí, todo o teu eu, tudo aquilo que dizes é mais uma pista para aqueles que acham que a culpa é dela, quando não é, quando atendem a sua chamada a perguntar por mim, perguntam-lhe se ela sabe o porquê de tudo o que se passou, no fundo estão a querer-lhe incutir culpa quando não há culpa a incutir-lhe, quando a culpa não é certamente dela, ela até vem ter contigo, ver como estás, ela quer-te, eu também a quero, só que não me consigo suportar, e não quero que ninguém me suporte agora, não quero que ela seja a minha bengala, não quero bengalas, não sou ainda velho em corpo, sou velho em espírito, a velhice é uma imagem mascarada, a saúde uma miragem para mim. Ela vem-me ver, chove, vem com uma amiga, ela está mal porque pensa que eu estou mal por causa dela, mal nos beijamos, é como se ela beijasse um moribundo, mal me lembro do que me diz, a amiga diz que me vai arranjar um neurologista, e eu digo sim como desculpa a tudo, e, quando elas vão ao fim da tarde embora no comboio, a única imagem que fica é eu com esgares de dor e de choro sem chorar no cais e a porta da carruagem a fechar-se com ela a tentar esconder-se no meio da gente anónima que observa a vergonha de dois namorados desencontrados e o seu amor ferido de morte.

Então, porque estamos fartos de ouvir a mesma história todos os dias, sempre as perguntas, sempre a tentativa de conciliar, oferecer ajuda, dizemos que esta não é a minha casa e que precisamos do nosso espaço, levantamo-nos da cadeira, o rosto denunciando a mentira que queremos explodir e dizemos que agora estamos bem, já tudo passou, estive mal, passou-me qualquer coisa pela cabeça, agora estou bem, fixo o quintal cheio de vegetação, chove como habitual, tremo no meu interior, em memória recordo que estou num café desfolhando o jornal, a secção do Procura-se amarrota-me as mãos, mas não estás bem, precisas de descansar, de comer, olha para a tua cara, estás tão magro, o meu filho... o meu filho que tanto me custou a criar, uma mãe na sua agonia dá-se em desespero a dizer uma coisa destas, teremos que a desculpar, é a mãe galinha, ela nada tem a ver com o caso, descansar... descansar... de descansar estou eu farto, preciso de fazer algo, algo que me preencha e eu aqui sinceramente não faço nada... mas para onde vais?, pergunta o pai que, no fundo da sua consciência, se deve perguntar como todos os pais... nunca pensei que isto pudesse acontecer,

pois é nunca pensaste nisso, no entanto também nada tem a ver... para onde vais então?, eh... volto para Derza para na minha cama clandestina de hospital tentar que R recorde pelo processo de escrita uma história com quase trinta anos, uma semana em que um gato morreu ou, então, onde viu apenas uma representação da morte: nascer morrer renascer. Nirvana eterno ou ressuscitação oral?

O processo de escrita diz ao fim de uma semana que um colega existe que me arranja um quarto. Pergunto-me para onde vou? Para um inferno menor, não mãe, não me olhes assim, preciso de ar, preciso de sair daqui, preciso de me sentir útil. Volto para Derza.

Nessa noite, como se calhar em muitas outras quando vi muitas coisas e muitos filmes onde ninguém entrava e ninguém existia, eram todos estátuas ou autómatos, não sei nem quero saber... ouço vozes num quarto ao lado, ouço a banda sonora de *another brown world* reconstruída com frases do tio clinton dizendo à familia e audiência que o ouve *that you can be proud of having your children living*, vai-se levantar, fazer a barba e tomar o pequeno-almoço... e a mártir no seu sacrifício alegre e diário, as vozes dizendo, uma vez ela perguntou e eu ouvi e ele disse: nunca pensei que gostasse de mim, e ela acrescentou noutra vez: disse-lhe que iria ser sempre um desgraçado...

Tudo isto e nada mais, vozes que surgem saindo de dentro da memória a 30 frames por segundo. Difícil processar tanta informação em tão pouco tempo. O eu transladado no tempo dirá que todas aquelas vozes não interessarão mais e passarão a ser apenas uma das diferentes fontes de radiação, mais um elemento constituinte da paisagem sonora e urbana, ao fim de algum tempo já não interessará, será passado, duvidará mesmo que tenha ocorrido, tanto ruído branco pôr-me-á num estado alterado de consciência para sempre.

O cadáver esquisito retira do seu próprio coração mais uma faca, sangra mas não morre, continua a existir... mas porquê? Porque com cada espera e cada facada, todos os etês, esses marcianos verdes, andam por aí a multiplicar-se como espermatozóides nas redes de pesca da sociedade de informação, e, para todos os curiosos que se perguntam, eu transmito em estéreo para todo o planeta, não tenho um único pensamento que seja só meu. De nada me vale ocultar a verdade do meu pensamento, porque mal saio à rua toda a gente já sabe.

Uns dias depois, os pais acedem e dizem que me levam a Derza mas eu respondo que não, que não é necessário, vou de comboio e, embora esteja a chover e a fazer frio como sempre e a precisar de olhar pela

saúde como sempre... são estúpidas todas as frases que se pronunciam, digo e repito aquilo que tinha eternamente dito já antes: fogo!, vocês não têm mais nada para fazer?, repito-me uma vez mais e estou cansado com toda esta merda da repetição e com todos os círculos que rodam, eu sei o caminho, penso e escrevo que a vida é um futuro... incerto, pelo que, às vezes, é necessário berrar às pessoas para que elas finalmente deixem de nos aborrecer e nos deixem levantar e tentar caminhar pelos nossos próprios meios, eu digo, eu berro. Surpreendidos pela violência da resposta, eles finalmente acedem, finalmente compreendem que nada podem fazer e, vinte minutos depois, o pai estaciona o carro na estação de comboio e pergunta se tenho mesmo a certeza de que não queres que te leve?, não!, de facto não quero, e eu penso inseguro como sempre... vejo o sol, ele está ali, aparece por entre as nuvens, brilha, reflecte-se em tudo o que toca como Midas, será um sinal?, e as perguntas da praxe, precisas de dinheiro, telefona, está bem?, nós estamos preocupados contigo, telefono, claro que telefono, amanhã e depois de amanhã mas agora deixa-me ir.

Adeus.

Escrevo: um falso adeus... rio-me como um infame sem futuro, como um menino de dez anos que bebe vinho e sorri para a fotografia que capto e cujo pai prefere vê-lo a beber que a roubar e porque ele também cresceu assim. Mas afinal a frase mudar de vida era uma imagem, uma ilusão... e eu agora estou desiludido.

Afinal, apetece-nos contar um sonho que tivemos num psiquiatra quando a primeira coisa que lhe dizemos é vomitar aquilo que fizemos e ele nos diz o que já sabemos, que estamos obviamente deprimidos, e nos receita bombas e nos diz para voltar daí a duas semanas para falarmos sobre a importância de uma mulher na vida de um homem, porque ele agora não pode, agora tem de ir tirar o CARRO do parque de estacionamento porque senão apanha multa. Eu não posso voltar lá mais... pois não fui eu que desisti dela por ter vergonha de mim próprio, do meu amor, ou do modo de já não conseguir amar, não a amar, mas amar quem mais?, para quê então voltar lá?, para o falo onanista psiquiatra se pôr eventualmente a discorrer sobre coisas que nada têm a ver com a minha história, a culpa já sabem que é do Freud porque definiu os actos falhados. Os padres são redundantes.

Por toda a culpa dos outros que, em certos momentos, pensamos que é nossa, e pela nossa própria culpa, degradamo-nos cada vez mais e nunca somos julgados, se amanhã um camião nos atropelar nenhum

mal poderá vir ao mundo nem será o dia do juízo final, esse não existe, então as coisas não podem correr bem, entramos dentro de uma nova personagem, vestimos uma nova pele, um novo eu se revela e um novo atrofio se inicia, e mais um circulo agora aumentado por dinheiro para oferecer a médicos e aos supermercados, é a peste do consumo, pareço estar-me nas tintas para a cor da minha PELE, pareço gostar dela assim, olho-me ao espelho na casa de banho e admiro a minha barba, estou de saída para um café, digo então que sou um menino mal comportado, devia cortar a barba mas... como a minha pele envelheceu, quantos pontos negros surgiram, agora as olheiras crescem sombrias como o sol bonito que não existe, está sempre a chover e mesmo que existisse, ao olhares para ele, a sua luz cegar-te-ia, preciso então de comprar uns óculos de sol para ver a realidade... afinal... mudar para quê?, estou tão bem assim... na minha poltrona esperando sentado.

Poesia, lágrimas, remorso.

Perco-me no meu quarto em rostos femininos longínquos, em recortes de revistas pop colados nas paredes castas da cela. Onde estou? Numa grande incógnita. Para que não me esqueça de todas as tardes passadas com ela a ouvir Be com John Coltrane a tocar flauta para nós, imaginando que do lado de fora talvez um tocador indiano encante serpentes... ao olhar para as fotografias em que te imagino na parede branca digo ao vazio absoluto: amo-te amo-te. Nestas fotografias confundo-me, num olhar vejo-te, sim!, sabes o teu nome, não preciso de te identificar mais. Num outro plano, vejo o ar sofredor, a pose escura, não és uma beleza pop, ainda bem! Hoje à noite, vou arrancar a tua imagem do panteão e fazer amor contigo.

Título para um quadro: as tuas mãos, gostaria de desenhar as tuas mãos, gostaria de pintar o teu corpo. Triste sorte. Recordações agora longínquas de uma perda estúpida. Não tão longínquas assim mas elas querem-se longínquas. A frase uma vez mais repetida... mudar de vida, deu origem a um quadro. Vinte e três anos, um corpo envelhecido, uma mente pequena. Anjos brancos a surgirem mudando para azul num cenário com poucas estrelas numa determinada noite em que acabava de sair do quarto dizendo: preciso de crescer, e disse: é difícil crescer... e no entanto disse sempre tentar mudar... mas falta-me a força e sinceramente a única coisa que floresce é um certo estado de impotência mais psíquico que físico, real sem real, uma espécie de doença rara.

Mas um dia esse irreal torna-se real, a cabeça vinga-se sobre o cor-

po, tu tentas explicar a discussão que provocaste e a má impressão que deixaste ficar aos professores que avaliarão a disciplina mais importante do CReEA, um projecto de investigação e desenvolvimento realizado a meias com um colega e cujo resultado dirá se no futuro serás alguém, mas não lhe consegues explicar o falhanço, ela mal te percebe, ninguém percebe, foi um desatino para conseguir trazer o computador 486 de Tirza para Derza, tive que lhes dizer que sem ele não progrediria favoravelmente, não conseguirei ser ninguém, eu preciso do computador comigo, o computador é meu!, mas a noite passa, a mãe acalma o pai que pagou o computador, o filho traz para Derza o computador, mas ela não consegue perceber, ele está frio, não se percebe o que ele diz, ele está a evitar-me, nem me toca, repele-me, e eu: preciso de estudar, estudar para ser alguém mas quero-a também a ela, mas ela não me compreende, os meus pais não me compreendem, o colega, os prófes não me compreendem, ela agora quer fazer amor e eu não estou bem, estou frustrado com a minha vida... a cabeça vinga-se no corpo e transforma uma crise amorosa, igual a tantas nos últimos dias que ela até diz: quando chegam os exames a alegria some-se, ela dá a entender que sou preguiçoso, confirma os meus pensamentos, primeiro fazia-a rir e pintava, agora que os exames estão à porta, ela quer fazer amor, eu gosto dela, mas a cabeça vinga-se sobre o corpo, a cabeça transforma cada dia, cada noite, e encurta cada vez mais cada relação amorosa, já não há música, a cabeça diz tens de estudar, ela não vale nada, ela não gosta de ti, está sempre a contrariar-te, não, não é possível, é uma farsa o amor, e a cabeça manda o corpo ejacular antes de lhe dar a ela o seu prazer, e ela de mãos na cara: irra!, nunca me dás tempo de... a voz some-se num estou far... e ela talvez pense: já não o estimulo, já não sou atraente, quem é aquela com cara de morango? Mas não há nenhuma gaja na minha vida com cara de morango!, sei lá quem é...

E noutro dia, logo a seguir, acorda-se por volta do meio-dia, a palmeira esta molhada, o espelho auto-escreveu-se há poucas muitas que interessa isso agora horas dias semanas e, por intermédio de luzes escuras, resolvo dizer: basta!

A franzina consciência psicológica perturba-se, os dias e as noites sucedem às noites e aos dias. Durante os dias algo sucedendo às asneiras. As asneiras sucedendo a algo. As noites, agora que pedi tempo, são um isolamento e um vazio e uma falta de emotividade segura e a paixão é um excesso de frieza constante e um atrofio constante e uma vontade forte inexistente. Os extremos tocam-se e tudo o mais contri-

bui para uma certa calamidade que se desejaria apenas imaginada ou escrita ou apenas dejávu num qualquer filme perto de nós.

O fim, uma situação de ruptura em Si.

(...vozes...)

Encenaste tudo, tudo!, recusaste a melhor felicidade que possuías, a tua maria joana, a tua Ga...nza. A culpa de quem é? Só de ti próprio, e voltaste a nomeá-la, vingança, *shame on you!*

Então, a loucura ferve. A alma inunda, a árvore abrangente roda tonturas. A vontade continua a ser inexistente. Um quadro começa a desenhar-se. A impotência de tentar e a alegria de conseguir que não surge. Cadernos rasgados, a obra esvoaça largada por mim ao vento e não volta. A cento e vinte quilómetros hora estou perdido, volto ao banco deste comboio dizendo que não posso voltar para trás, para fora desta alucinação, não posso voltar. Volto para o escuro entre carruagens, entro no wc, saio do wc.

Surge uma luz na escuridão.

(...Tempo!...)

Promete-me ópio, sono eterno. Abro uma porta e, de repente, tudo muda. Vá!, salta!. Leva contigo esse livro que ela te ofereceu. Guarda essa fotografia que tanto te diz. Vá!, salta! De repente tudo muda. Há uma interrupção da consciência.

(... Jazz-off...)

Abrimos os olhos. A escuridão atinge-nos. Sentimos o mato que nos envolve. Vemos as estrelas. Talvez ali esteja Cassiopeia ou Orion ao longe. As estrelas brilham como as chispas assassinas que uma vez descreveste irem de encontro aos meus olhos. Com as silvas tentamos cortar os pulsos. Com o cachecol tentamos asfixiar-nos. Ah claro!, devo-te tudo mas se calhar ia estragar a imagem que fiz de ti. Quando pintávamos o corpo um ao outro com óleo, no fundo, eras a minha heroa, o meu ídolo. E agora sou o nabo que não sabe se morreu e voltou como sombra.

(...cassiopeia aproxima-se orion ao longe... mais definições, mais aforismos...)

Estupidez, decepção, apaziguamento. Eu coleccionador... coleccionador de frustrações a juntar a tantas outras coisas. Perdida a oportunidade de ser livre. A morte será sempre um acto solitário. O caminho pelo carril incerto. Horas de raciocínio incerto. Um comboio aproxima-se e tu escondes-te para que ele não te veja mas, ao mesmo tempo, dá-te essa vontade de colocar a cabeça por debaixo dessa roda. Só que

já não tens coragem, ela esgotou-se, o comboio passa sem de nada se aperceber. És um kamikaze frustrado. Recomeças novamente a andar, novamente confiante na vida. Mais um teste passado, mais um limite ultrapassado. Vá lá, já falta pouco. No meio da escuridão há-de surgir alguém a quem possas pedir ajuda. Vá lá, já falta pouco. Vês na escuridão uma tabuleta, uma casa, vês um vulto, cambaleias, tens uma perna dorida, um joelho pisado, o segundo comboio passou há quinze minutos, gritas ajuda por favor caí do comboio, o homem fala com a mulher da casa olham para ti, chamam a ambulância, deitam-te numa maca, segues para o hospital distrital a quatrocentos quilómetros de casa, o médico pergunta desconfiado, e tu asseguras que caíste do comboio, eles deixam-te sozinho na maca e algumas horas depois, decidem e transportam-te de ambulância para Tirza, para o hospital central, e tu na maca, já de dia dormitas, a noite já passou, olhas o tecto da ambulância e o branco das nuvens pela janela e quase que sentes que estás vivo, sorris, a tua consciência pensa mas eu estou agarrado a esta maca, deitado, porque escreveste no espelho amor sexo odeio-vos?

EU ESTOU AQUI!, grita o eu ressacado que coloca as mãos a esconder a cara.

OLHA PARA ESSAS MÃOS, estão envelhecidas, a sua cor com o frio varia desde o vermelho ao azul. Olha para as fotografias, olha!, continua a olhar para os recortes continua!, devias era ter ficado com uma fotografia dela em vez de a veres em rostos alheios, talvez não devesses ter destruído as únicas fotografias que lhe tiraste, perdeste-as ou queimaste-as, acaso ou vontade?, abriste a máquina antes de rodar o rolo de filme até ao seu início, no fundo nunca foste de guardar fotografias.

Digo que terei de aprender a viver hoje, pois claro. Tenho de aprender a viver sozinho para que não magoe mais ninguém. Para que não me magoe a mim próprio. Devo-te isso. Devo-me isso. Eu não te amo, eu amo o amor. Talvez tenha de prescindir dele. Talvez viva menos, talvez viva melhor. Tenho de esquecer tudo, todas as frustrações porque a vida não é um filme mas parece um filme com final infeliz como no cinema, o mito da borboleta e metamorfose surge reconstruído e atinge o teu ser no mais profundo da tua teoria androgino-poética e fica no fim estática em máscara de sangue esguichando para os lados, uma máscara enganada por si própria, uma máscara que não compreendeu o seu papel nesta vida.

Quem se importa agora se a vida não é um filme? Somos, no fundo,

os maiores otários, os maiores idiotas neste pequeno jardim à beira mar plantado. Quando de facto, na urgência do hospital, o inspector de polícia me pergunta o porquê de me ter tentado matar digo-lhe que, de facto, não o queria, queria apenas sair deste mundo, deste país e pensei na fronteira do sul, só que não aguentei até ao lá deste monte de merda... esquece!

Então declaro: nem mais uma lágrima para as criaturas da noite!

Podes-nos contar, perguntam as vozes inquisitoriais, pode-nos contar porquê?

Eu… eu… eu pensei que era um maricas…

?! Porquê?!

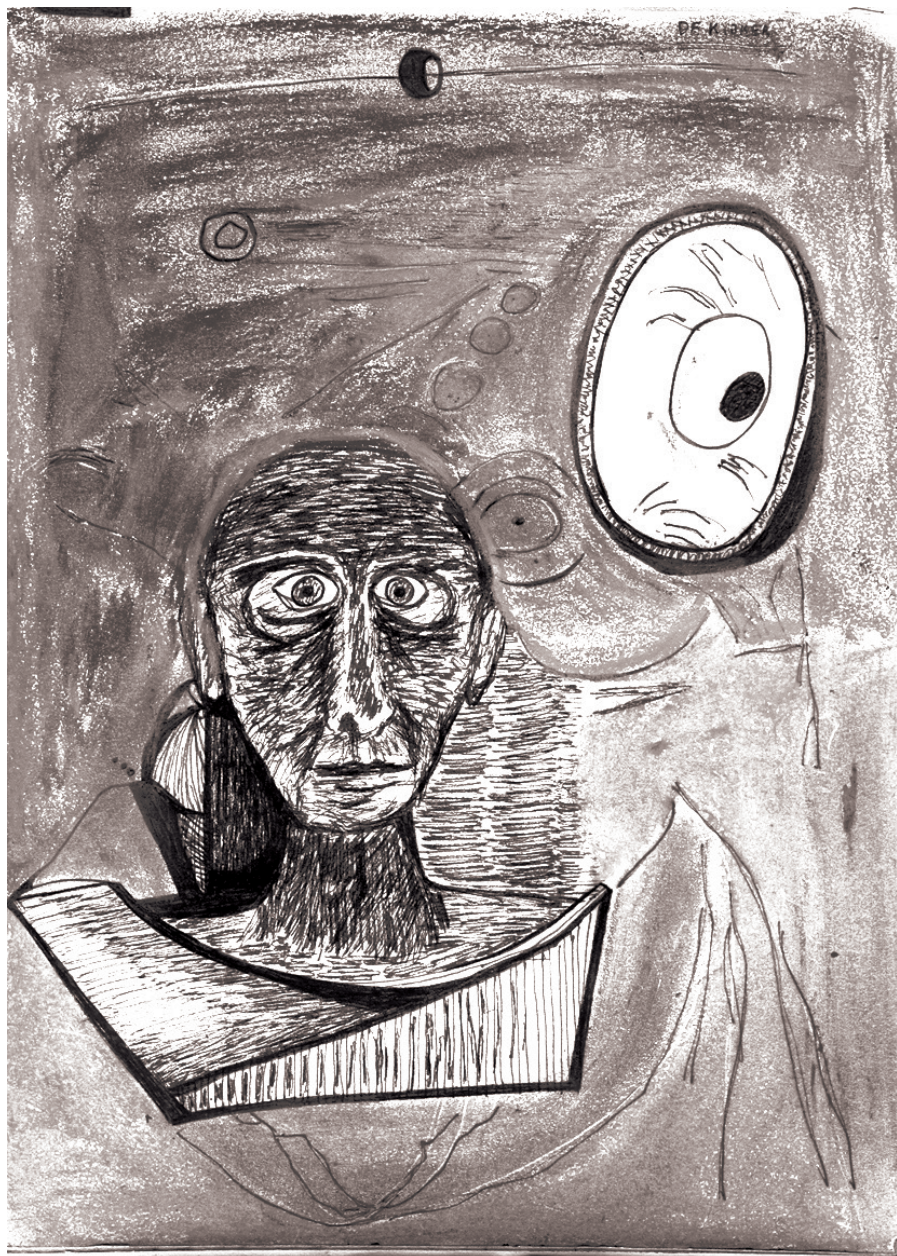
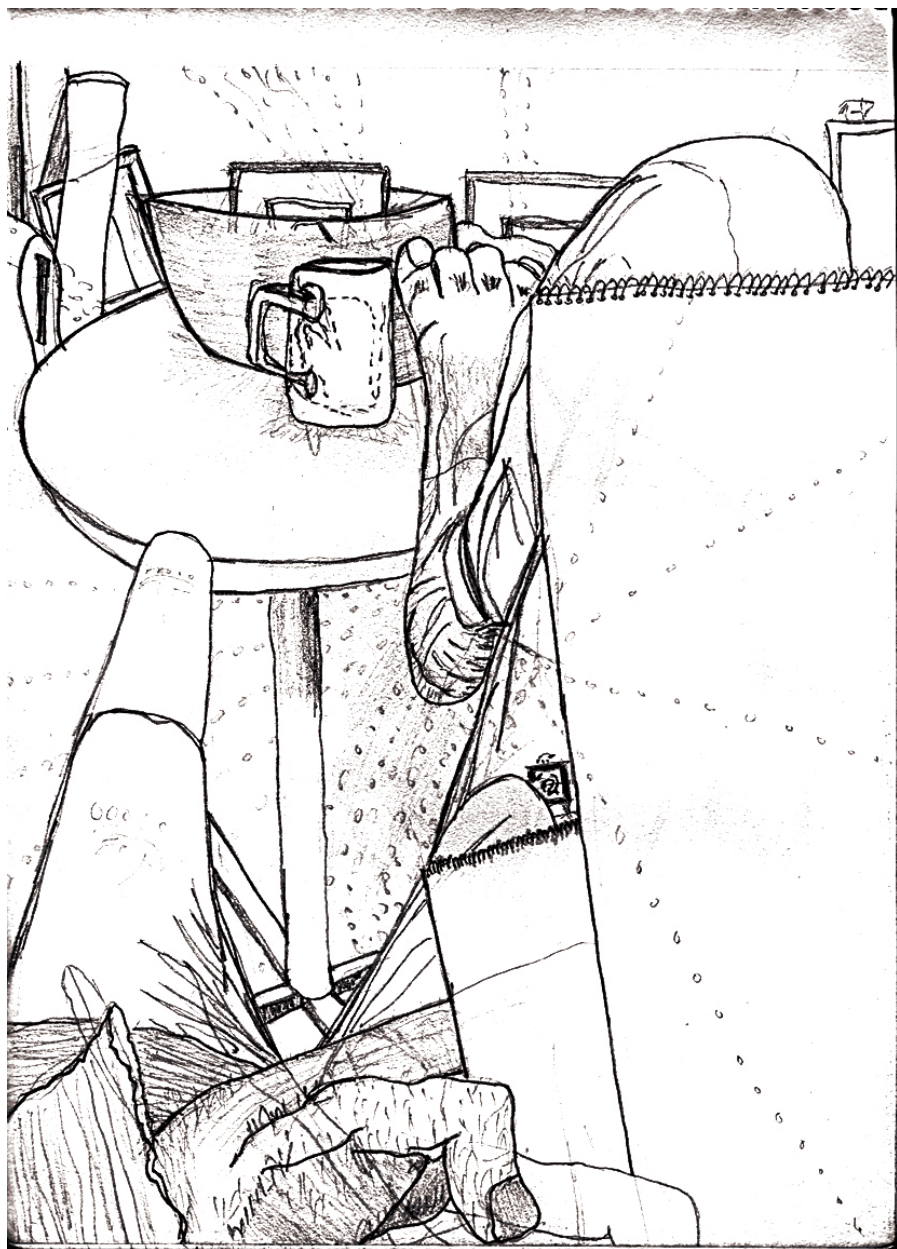
Porque… porque…

Talvez por causa dos livros que li e da música que ouvi ou talvez não claro que não!, talvez por causa do absurdo na minha vida ou por causa do mundo segundo a visão do ocidente ou porque eu lhe disse que haveria de experimentar tudo excepto levar no cu e porque ela me disse que gostaria de me ver numa experiência homossexual e porque uma pequena mulher com cabelo amarelo me enviou duas cartas numa semana dizendo que eu podia ter sida porque ela tinha e porque três semanas mais tarde ela riu-se e perguntou porque fiquei eu assustado e porque eu acredito que ela abortou sem me dizer ou então era apenas o filho do outro, já que eles foderam juntos talvez na minha cama e porque o meu melhor amigo confundiu amizade com homossexualidade e convidou-me a foder e eu me ri com repugnância (pergunto-me porquê) e porque o meu chefe era um bissexual divorciado com três crianças que não gostou que eu fosse capaz de descobrir a sua atracção por mim e deu as notícias aos seus amigos para me destruírem com mentiras (foi mesmo assim?) e tu devias saber irmãozinho que eu li alguns livros e neles aprendi que se tu és incapaz de possuir a beleza tu sentes a necessidade de a destruir e porque eu gostei do caso Mishima e porque eu estava a escrever um livro e porque a Claudia era na verdade uma mulher-polícia sob disfarce com longo cabelo preto com um tira cigana a prender-lhe o cabelo e um rosto pintado à chinesa calçada com botas Doc Martens e calças de ganga apertadas de azul brilhante e porque eu lhe ofereci um poema e ela disse que não lhe era dedicado porque agregava todas as minhas mulheres num só pronome: ela e porque no momento a televisão foi abaixo com um relâmpago vermelho no ecrã e porque depois apareceu dentro de casa uma tia com um carrinho de bebé com um bebé lá dentro e uma irmã saiu de

casa assustada e perguntando se estava tudo bem e porque uma criada africana estava-se a rir de todo o acontecimento falso e porque talvez ela era apenas um homem disfarçado apenas para encher o meu filme Borboleta e ó irmãozinho então eu beijei esse homem ó que horrífico que desnatural e eu gostei porque pensei que era uma mulher e porque depois fui revelar algumas fotografias e lhes chamei a todos maricas e paneleiros com todas as letras e algumas inventadas nas escadas de madeira da sala de aula num qualquer alfabeto e eles deram a entender que eu estava cego e porque o filme O império do sentidos sim!, aquela imagem real, sim real porque aconteceu nas suas vidas, aquele final que eu vi escondido na cozinha realmente estourou com a minha mente e tu irmãozinho és tu capaz de compreender a insanidade do amor, és tu capaz? e porque adorei ler o Querelle e adorei ver o Querelle sentado no sofá ao lado dela e porque depois de todas estas merdas eu perguntei pela milésima vez ao meu pai se havia microfones a gravar as conversas dentro de casa e ele finalmente confirmou esta merda só para me fazer a vontade e porque eu olhei para o fraco e agonizante espelho e perguntei se ele amava a minha mãe e ele tremeu e disse que sim mas perguntou porque lhe perguntei e porque não falar de um bissexual chamado Miguel 'Rosas' que tentou arrastar-me para a sua causa e, quando descobriu a minha causa ser outra, começou a falar de esmagar cabeças talvez porque a minha irmã querida gosta de Smashing Pumpkins, o senhor não é o meu pastor e eu deverei feri-los e deverei ser fiel ao meu deus Genet ao denunciar que ele tem o cabelo louro e é o namorado de uma querida e subterrânea actriz de teatro e deverei dizer que as iniciais do chefe eram fm trabalhando na ph, irão eles tentar matar-me? Não tenho medo, irão eles assumir-se? Não acredito … pessoas estúpidas não assumem pessoas estúpidas deviam ser varridas e todos os irmãozinhos estúpidos e chupistas incluindo o Estado venham chupar-me o caralho, dizer que me amam e matem-se a seguir porque para mim tu és nada e ela foi tudo sim!, ela verdadeiramente penetrou no meu interior. Por isso, que seja santificada essa imagem do meu ser actuando em duas imagens homoeróticas de cinco segundos, que todos vós estúpidos se venham com a imagem da beleza e se perguntem se realmente aconteceu e querem vocês pôr-me na prisão ou matar-me? Não tenho medo e ah irmãozinho parece-me ser tão fácil descobrir as tuas estranhas preferências sexuais, ó irmãozinho é só enviar-te uma pista ou comunicar algo ao telefone como *apaga a sequência do filme* não me tenhas medo rapaz, não me tenhas medo, eu

não te odeio … apenas não gosto de pessoas estúpidas, sabes … eu sei que sou a alma de um Borgia sem cérebro falando aos peixes.

Nada é real, nada é verdade, tudo é permitido. Estou fora e assim eu sou. Procuro sempre a honra como Mishima. Querelle arriba avanti marinaio Querelle para sempre. Adeus mundo real. Vejo-te no inferno e nem mais uma lágrima para as criaturas da noite. Quando sonhas sonhas a cores? E tu, minha irmã gémea e violeta, alguma vez me perdoarás? E quem roubou o meu cedê dos Lucretia Divina devia ser queimado vivo. ZMB o maluco governa.

COMPRIMIDOS
All
Kind
of
pills
ZMB

Concordo mas nem sempre és assim

Alguém próximo a quem eu possa ir comprar um pouco de paz

Comprimidos e todo o tipo de rodas

T Capítulo XIII
Death In June: The last farewell
ZMB: Intermission III

Neste momento, é uma coincidência agradável, bastante feliz aliás, ter conhecimento de alguém perto a quem possa ir comprar um pouco de paz, se eu quiser claro, e claro que quero, eu estou necessitado. Hoje, a aflição dos testes e do referendo passou, ando mais calmo, larguei as pastilhas da prescrição, afinal, a visita de rico ao psiquiatra privado resultou em exorcismos auto macerados, em vodca misturada com comprimidos Normison. Tenho de encontrar o tom para voltar a descrever o inferno da viagem ao subterrâneo, ainda não disse tudo, ainda me falta falar dos desvios de identidade em que me torno quase gaja, ainda me falta aludir às frases assassinas como *então mata-te*: frases ditas a quem procura conforto e ajuda, companhia, namoro, frases sádicas ditas por se ter perdido o amor por quem se sente e se confessa moribundo, e, no momento da aflição e da desconfiança, não sabe como sair do buraco, nem ela nem nenhuma outra mulher quer namorar um moribundo, um caído em desgraça e só um padre pode querer ajudá-lo com a hóstia. Um padre ou um predador sexual a tentar seduzi-lo como troféu de caça.

Caminho já noite e não encontro ninguém. Vou perdido no meu real eu distorcido e sem muita vontade de voltar a ver G, porque não estou ainda em condições de ser visto por ela, mas tenho curiosidade de saber o que os nossos olhos dirão hoje, dois meses depois. Decidimos ver-nos para trocar os pertences defuntos. Hoje, vejo-a inquieta, nervosa e isso preocupa-me. Não falamos muito porque não temos muito para falar ou porque não devemos querer falar. Ela treme, nem um café ela pede à empregada, não quer falar. Tudo é rápido, muito rápido. Não dá tempo para pensar, trocamos as palavras necessárias, dá-me um livro de Sade e diz que quando o comprou pensou em mim, engole homem!, eu devolvo-lhe a máquina fotográfica que me emprestara. Depois, levanta-se e sai. Separamo-nos para sempre. Nem mais uma palavra sequer. Parece definitivo. Afinal, ela anda a comprimidos a tratar uma depressão por causa de mim e eu sinto-me o culpado, e esqueço que também ela não teve sempre razão, e, se calhar, ela

está deprimida não por eu a ter deixado mas porque tem remorsos de, quando eu desabafei estar a ponto de me desfazer por me sentir incapaz, ela ter dito para eu me matar, então ela está deprimida porque eu tive a coragem de lhe fazer a vontade e depois falhei covardemente.

Tudo isto, é absurdo, fizeste-me bem e fizeste-me mal, eu fiz-te bem e fiz-te mal. Depois, logo a seguir, entro noutro café e desenho num guardanapo um homem ajoelhado em frente da sua cruz, sou eu, claro, a fazer-me de vítima, e lembro a aparente frieza do encontro com ela, a muita rapidez, o minimalismo, a ganza ainda não está, ainda não comecei a pensar e, por isso, a realidade parece-me ter sido encenada, o nervosismo seria dissimulado, a minha aparência indiferente seria dissimulada e essa rapidez... afinal de contas gostei do momento! Teria sido uma bela representação teatral mas como não é teatro nem cinema mas sim a vida, o dia-a-dia...

Sim, gostei do momento. O problema é que ele dá-me vontade de continuar a beber, de entrar na merda outra vez, há muito tempo que não tenho um daqueles delírios. Talvez hoje?

Por todas estas razões, claro está, é uma feliz coincidência saber que poderei ir bater à porta de um tipo e pedir uma milena de paz, outra de alegria, e uma terceira para umas horas de esquecimento, e tu estás tão dentro desse quadro que só tu vês o que lá está... disse-me ela uma vez e eu agora respondo, dando-lhe razão e pensando no diálogo de uma música de Tuxedomoon: ah claro, as microondas, a viagem espacial com certeza... o bom destes momentos é eu poder fechar-me sobre mim próprio, esquecer tudo e, ainda assim, sentir-me feliz e dizer amanhã é outro dia, amanhã suportarei tudo de novo.

Saio de casa do vendedor com uns ramos de arbusto enrolados em papel de jornal, vou rápido para casa para não ser denunciado pelo cheiro da planta. Ao chegar a casa, preparo um café de saco cinco estrelas e passo à vontade uma meia hora a desfazer os cabeços de marijuana para dentro de um saco de tabaco Águia, ainda bem que o Ernesto é um gajo fixe e, por três mil escudos, tenho agora um maço de Águia cheio para fumar, ele disse que era erva da melhor qualidade, vou masé fazer um *éle* e fumar já uma valente broca... entretanto, vou pôr a tocar a cassete com a melodia *The last farewell* enquanto verbalizo para o minidisc a história da luta intestina entre Ernesto Wilde e Ernestine Genet. É um amor visceral.

(Lado A, início.)

Quando Ernesto chega a casa senta-se na poltrona. À sua frente, o

espelho ocupa toda a parede. Na mesa-de-cabeceira, a seu lado, tem o cinzeiro e a caixa de fósforos.

(Um longo silêncio.)

Dá-me lumes.

Obrigado! Não o apagues. Deixa-o consumir-se.

Lembro-me agora que ontem tinha algo para te dizer, não te disse, não sei o que era, tentava lembrar-me agora mas esqueci-me completamente.

É natural. Isso acontece... mas não te lembras sequer das formas gerais?

Bem, creio que te queria dizer qualquer coisa como quanto és belo e adorável mas a frase, que deveria em meu entender deslumbrar, esqueci-a por completo.

Não penses mais nisso. Não vale a pena nem são necessárias grandes frases poéticas e românticas para comigo. Não é necessário!

(Após um longo silêncio, o necessário para colocar a beata no cinzeiro, o dialogo é retomado.)

Contigo é tudo tão fácil, fazes-me sentir tão liberta, tão abstraída da realidade que...

Hum calma! Não exageres. Incomodas-me porque soa falso. A vida é algo mais que a sensação de estarmos mergulhados num mar perfumado de rosas.

Adoro o modo como jogas com as palavras, com as frases feitas, expilica-te plise.

Olha, eu detesto dar explicações. Não estás à espera que me vá contradizer, pois não?

Bem, gostava que, por breves momentos, esquecesses esse teu orgulho de caranguejo e explicasses o porquê de não gostares de dar explicações.

Porque peru falando sai apanhando. Porque o silêncio é de ouro. Porque as gavetas estão fechadas. Porque peru calado ganha um cruzado.

(Rio-me suavemente, acendo novo cigarro e ouço divertido.)

Porque mais valem, às vezes, cinco minutos de silêncio que trinta minutos de conversa.

Concordo mas nem sempre és assim.

Obviamente que não. Isso depende das circunstâncias. Existem alturas em que, por qualquer motivo, me emociono e interrompo frases alheias e debito longos discursos sobre... sobre, olha às vezes, sobre

velhas banalidades gastas. E delas faço histórias com princípio, meio e fim. E nunca mais me calo. E, geralmente, ninguém me interrompe nem nunca ninguém parece acompanhar ou concordar. Apenas se riem divertidos e não sei se do que digo, se da minha expressão, sei lá de quê?! Nessas ocasiões, bem que gostaria de ter um espelho apontado a mim, como agora, para obter a certeza, ou melhor, para talvez eliminar uma das possíveis... uma das possíveis hipóteses acerca da risota. Mas nessas ocasiões nunca tenho um. O que realmente acontece é fartar-me deles se rirem de mim, e fartar-me deles, e fartar-me de mim próprio. Então, como, por formação, tenho quase sempre a estúpida delicadeza de me não levantar e sair, calo-me abruptamente e desligo por tempo indefinido.

(Longo silêncio. O frio começa a fazer-se sentir. A Elsa está deprimida, chovem cântaros com sapos.)

Está um belo dia, não achas?

Não sei porque insistes em me aborrecer.

Oh... estava apenas a brincar contigo.

E um longo vazio acende-se...

E a provocação degenera...

E o nonsense é cultivado...

E eu adoro-te...

Sim, no fundo, compreendemo-nos bem ou, melhor, aceitamo-nos.

(Silêncio breve.)

A questão é seguir a regra dos jogos. Aqueles que, como diz o outro, não levam a nada. E depois está nas nossas mãos não os deixar rir e sermos nós a rirmo-nos deles, a colocá-los por baixo.

Sendo assim, concordas comigo que...

Sim mas por motivos diferentes. Tu calas-te ou manténs-te calado dado teres medo do riso alheio. Eu não, eu limito-me a observar.

Bem, nem sempre procedo como te disse, depende das circunstâncias, das pessoas...

Eu limito-me a observar. A condensar as pequenas particularidades de cada um numa enorme forma geral. De modo a poder dizer algo de concreto e quase sempre com um objectivo bem definido.

Hum, quase que o posso adivinhar, o objectivo é... o objectivo é... vá lá di-lo, o objectivo é... o objectivo é... é o sarcasmo?

Exacto! Não há nada melhor que gozar com aqueles que estão sempre à espera da melhor oportunidade para se rirem de nós.

(Silêncio breve.)

És um ditador!
(Rio-me.)
Não obrigatoriamente. De qualquer modo, penso que se não deve ter pena dos fracos e que os fortes não devem ser, como dizê-lo?, minimizados.
Heil! Fascista do caralho!
Não obrigatoriamente mas porém, a populaça gosta de caras bonitas e severas. Que lhes dêem dinheiro. E as sentem à mesa delas. E lhes dêem um cargo na empresa. Somos todos fascistas e egoístas a querer que nos sustentem quando corre mal. Quando corre bem fugimos aos impostos.
O egoísmo é uma das virtudes do nosso signo.
E é igualmente aquele que é mais sensível e mais dado a partilhar e a oferecer.
O problema é que existem tão poucas pessoas a quem possamos dar algo de nós...
E quanto mais se observa mais se repara nesta triste verdade que...
Até que... aparece alguém que nos surpreende...
Sim... porque nunca estamos à espera de nada... sim... nunca esperamos nada... até que alguém aparece e diz uma frase... alguém cujos olhos brilham de um modo preciso e num preciso instante...
E nos cativa e nos aprisiona os sentidos e o corpo e nos faz querer o seu corpo, nos faz desejar sentir o seu aroma...
E nos faz afundar na solidão de nunca essa pessoa ser na realidade aquilo que é nos nossos sonhos...
E de a querermos sempre moldar...
Ou de nos querermos moldar a nós próprios contra o nosso gosto e orgulho para a podermos cativar, para a podermos ter...
(Silêncio breve.)
E no fim, ter a sensação de mais uma vez ter perdido...
E o que sempre fica é aquilo que sempre ficou...
As frases ditas, as grandes palavras que gostaríamos de pronunciar em voz alta e que sempre se aniquilam...
E nos levam a experimentar a estranha sensação de existir alguém dentro de nós que se reflecte num repelente espelho, que nos aceita tal como somos, que nos compreende e não nos exige nada, nem nos promete algo de impossível, nada... nada de irreal...
Alguém, uma alma gémea talvez, alguém que nos faz pensar que não precisamos de mais ninguém...

Somos belos e adoráveis... e felizes...

Sim, que não precisamos de mais ninguém porque somos felizes e não temos medo de ficar sós e isolados...

E que podemos, então, babarmo-nos com o sarcasmo atirado às suas faces atónitas!

(Um longo silêncio.)

Dá-me lumes.

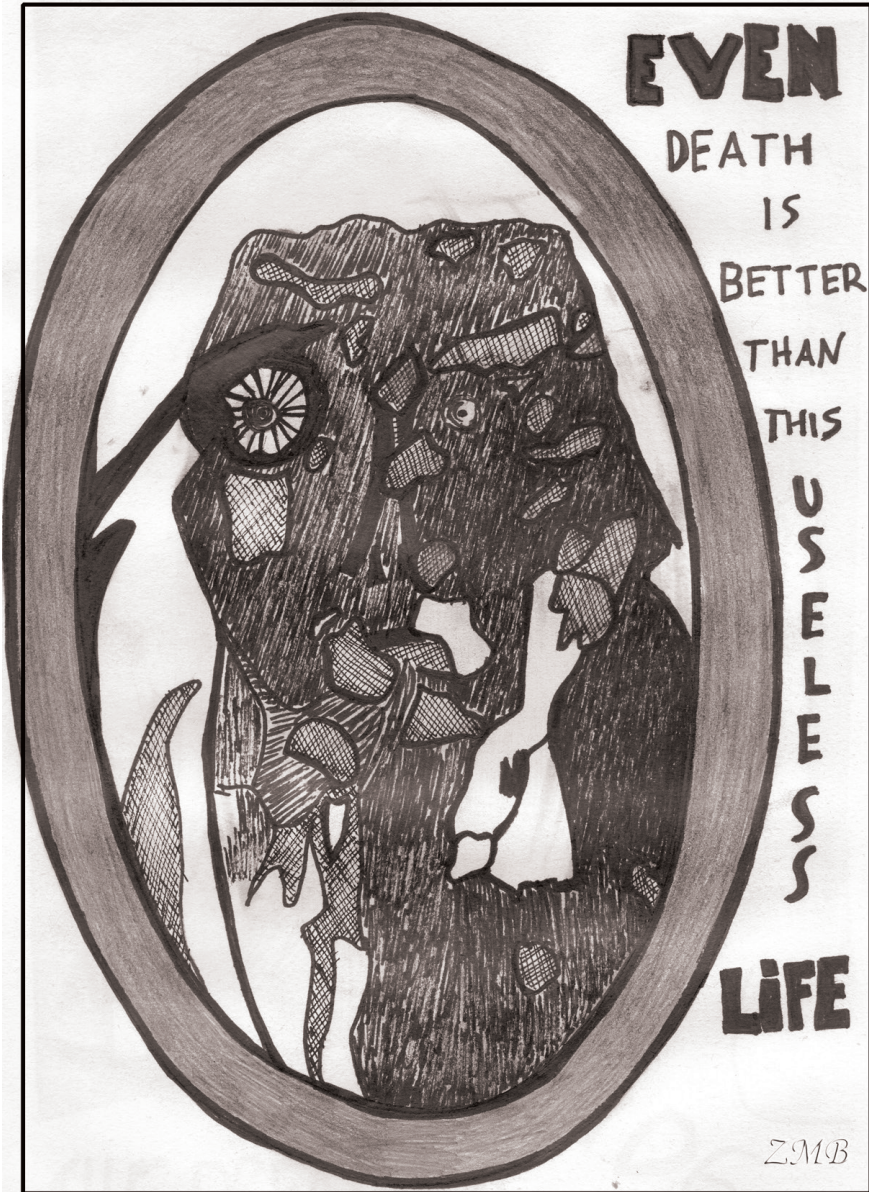
(Pego na carteira de fósforos, acendo um cigarro e uma breve claridade se reflecte no espelho colocado nas paredes frias.)

Talvez o que falte a este quarto seja uma bela lareira.

Oh!, se pudesse ser sempre assim.

(Fim. Lado B, início.)

Ernestine abre a porta do quarto, entra e vê no reflexo do espelho uma cor de cigarro, fica um bocado assustada e pensa: parece-me um óme, deixa ver, penso que é o reflexo no espelho da sua cor de cigarro na minha boca, para mim tu pareces um palhaço marchando como os espermatozóides em direcção ao útero, ouves Vangelis e Colombo é?, porque também tu não deixaste os índios americanos em paz? Sinceramente, foste mesmo uma mulher para mim, gostei de te meter o dedo, meu querido, e tu gostaste, tu ainda gostas de mim, eu sei. Sei que dizes que, pelo menos, deste-me a tua vozinha e eu alguns dos meus sonhos, alguns... algumas ensonadas nozes... o teu corpo deste mas não a tua alma, engano-me?, a tua voz, a tua doce voz, cabelo preto, cabelo louro, amor de verdade?, mas bueno que si, vallis jordi, és a minha sombra, sou o teu sangue.

(Fim.)

EVEN
DEATH
IS
BETTER
THAN
THIS
USELESS
LIFE
ZMB

Se eu for para fora, deverei esquecer o meu passado?

Preciso de tempo, gostaria de falar com os Coil

Banho? Pensei: não, tomo um amanhã

Mesmo a morte é melhor que esta vida inútil

U Capítulo minus XIII
Joan LaBarbara: Sound paintings
Scanner: Experience
Swans: Greed/Holy Money

Acordei tarde hoje. Como o hoje era Sábado, levantei-me por volta das duas horas da tarde. Não acordei bem-disposto nem rápido. Esta atitude tem-se repetido ao longo das semanas. A culpa das olheiras penso ser da preguiça e de algumas pestanas queimadas. Quando finalmente saí da cama, fui directo ao espelho. Levei as mãos à cara e puxei com violência a pele para baixo, irradiando os meus olhos de sangue capilar.

Banho?, pensei eu.

Não. Tomo amanhã.

Dirigi-me à casa de banho, experimentei a nova espuma de barbear e as novas giletes. Quando pus a lâmina na cara, esta queixou-se: ai!, as da outra marca eram bem mais amáveis, bem mais gentis para comigo.

Levei a toalha à cara, e vi no espelho uma pequena incisão vermelha, abri a boca tentando encontrar as amígdalas mas não vi nenhuma, então respondi: pois é, tens razão, devia ter aberto o pacote e ter experimentado antes de o comprar.

Voltei ao quarto. Enrolei um Águia. A gaveta esperava que eu lhe tocasse. A sua virtude continha comprimidos para a memória e ampolas bebíveis para a boa disposição. Ao voltar ao espelho comecei a pensar: bem, agora vou sair e comprar o jornal, tomar um café e comer qualquer coisa, sim, preciso de comprar... preciso de comprar umas calças, preciso de tempo, preciso de escrever as palavras que o assassino de psiques me inspirou, Hipócratres nada percebia de prescrições psiquiátricas senão prenderia médicos, preciso de falar com os Coil, a sua loucura induzida por drogas, a droga como estímulo inspira-me. Hoje, acordei a lembrar-me da conversa de um colega que, ontem na sala dos computadores, me dizia: acho que quando terminar a licenciatura, vou para o Havai, acho que o meu futuro pode passar pela Internet. Vê só! Havai, ondas, surf, mulheres... e ele, aqui, baba-se como se fosse um lobo esfomeado! Iá, interrompi eu, uns coqueiros. Imaginei-me... imaginei-me logo eu, a minha personagem com um copo de

waikiki na mão, a pensar... a pensar em quê? Ouve lá, sabes como se faz para apagar um ficheiro? Ele responde um tanto assustado: mdel... e, a seguir, o nome do ficheiro. Pois!, eu devia saber uma coisa destas...

Começo a vestir-me, penso que, quanto muito, tirarei um dez no exame final do CReEA daqui a quatro meses, sou um ruqui em informática, os meus colegas são mais havai e gajas enquanto eu sou mais loucura e droga, estou-me a cagar para tudo, sinto-me condenado há muito tempo, quero música que me aliene deste mundo, desta sociedade, sou um zombie com vergonha de o ser, fujo com a música, há muita música para mortos vivos, toda a gente tem a fixação de associar a música ao músico, ou seja, todas as pessoas têm o hábito de caracterizar a música como sendo um reflexo instantâneo do modo de ser e agir do músico e, se a acham desagradável, dizem que eles deverão ser desagradáveis, uns merdosos, eu não espero que eles sejam boas pessoas, apenas espero que a sua música o seja. Já me chega. É suficiente, basta-me, além disso, a música sempre foi o mais importante, mais do que as famosas palavras... e, além do mais, os músicos podem ser os maiores merdosos e a sua música ser altamente. As drogas estão aí à mão de qualquer um. As pessoas são livres de fazerem o que quiserem, todos têm o direito de viver, de morrer, etc., o dia D já se foi. Eu só quero que o produto que adquiro seja bom e não me interessa o resto. Toda a gente tem o direito a consumir. Aliás, vivemos numa sociedade de consumo.

Mas aqui há uma questão que me azucrina: o que é mais importante, se a arte e a obra ou a vida e as opiniões de vida de um autor? Reparo em mim numa mudança de ponto de vista, agora que me sinto um nojo menor que zero, dou por mim a dar valor à vida que ainda quero viver, quero lutar por subir do grau zero, deixar a tona de água e subir no balde se alguém vier buscar água, quero olhar bem a lua no zénite e descobrir neste poço uns quaisquer degraus revelados nas reentrâncias do abismo em que estou como um náufrago, como o lobo enganado pela raposa que lhe oferecia o mais belo queijo. O que é mais importante? A arte ou a vida? Dou um exemplo, em duas partes.

A primeira: se a música for excelente e eu nada conhecer do músico, se a sua música me der epifanias e oportunidades de a lincar a memórias ou acontecimentos psicogeográficos... então tudo bem, respeito e aceito mesmo sem concordar as opiniões e modos de vida do músico. Podem é eles passarem de moda para mim e eu desligar-me de conhecer novas obras devido às suas posições geralmente políticas com as

quais não concordo.

A segunda: se eu conheço uma pessoa anónima na minha vida pessoal e a respeito pelo modo como vinga ou não na comunidade em que ambos vivemos... então tento partilhar o mais que puder com essa pessoa, e se essa pessoa se vier a revelar portador de qualquer actividade criativa que eu goste de seguir, torno-me quase incondicional no apoio a essa pessoa, compro mesmo a sua obra se ela estiver disponível, e posso ler ou ouvir ou apreciar a obra de arte ou colecção e não gostar ou não concordar e ter opiniões divergentes, mas não ofendo a pessoa, respeito a opinião artística contrária à minha e tento tanto não antagonizar como não evangelizar.

De maneira que... ah!, a sociedade de consumo e os filiados no partido dos desadaptados da sociedade de consumo, sim, estou a seguir a tua linha de pensamento, adorei a tua assertividade, estás cada vez mais top, mas o que eu queria mesmo era falar-te dos sapatos, os meus sapatos comprados ontem dão-me um andar agradável, nunca pensei que o tamanho me servisse, não me posso esquecer de comprar... o que se põe nos sapatos?, é graxa não é?, é ridículo mas eu devia perguntar isto numa sapataria: olhe, por favor, enseba? Estou mesmo a ver o grande filme, um remake de uma produção obscura a preto e branco filmada em locais reais com o personagem, um adolescente de quinze anos entra numa papelaria obcecado por revistas com Ginas e Tânias e pergunta à empregada, ainda nova: olhe, tem foda? Não, não temos. E o adolescente volta para casa, vê o tonto do director do colégio de frades e muda de passeio, nunca gostou do grupo de jovens daquela paróquia, ainda assim, recorda as visitas de estudo, os gunas no castelo, as bolas de bilhar roubadas, as mamas da empregada do restaurante e como o patrão lhas cobria com os abraços e eu, nesse momento, pensava: descobre-lhe as mamas pra eu ver... hum, aqui não me estou a ver a trabalhar, por exemplo, num restaurante ou, então, sempre posso ganhar o totoloto. Bolas!, esqueci-me de o registar ontem.

Devias ser violado: Rasga a voz vindo pelas colunas da aparelhagem. Imagino um quarto, não... uma casa, a casa que compraria com muito impacto, muito requinte. Mas porquê uma casa e não um quarto? Oh, porque um quarto é sempre um espaço muito pequeno para todas as minhas coisas. Se eu for para fora, se emigrar terminados estes trinta meses de CReEA, deveria esquecer o meu passado? Para isso, teria talvez de fazer uma operação plástica e, mesmo assim, haveria sempre espelhos para mostrar a máscara, desmascarar quartos, quadros

envelhecendo ao longo dos anos com as ampolas bebíveis para a boa disposição, mas porque raio tomo eu os comprimidos?, para aqui não esquecer o meu ser... e lá fora não me esqueceria, já não as tomava, é isso? Juro eu, em baixo assinado juro, juro nunca mais tocar em drogas, em bebida e em carne humana durante toda a minha vida. Óf-corse. Eu deveria esquecer o meu passado para só ter futuro e a casa estaria dividida em vários estúdios, imagino: um estúdio de gravação, um atelier de pintura, um escritório e, claro, um quarto, o choco. Tudo coisas que gosto de fazer e, tirando a alcova, tudo coisas que gosto de fazer sozinho embora não saiba como fazê-las. Nietzsche disse: Não quero que me tomem pelo que não sou, o que exige que não me tome pelo que não sou.

Então, esfaqueia-me: Rasga a voz na aparelhagem continuando a demolição da minha mente. Vai-se na rua, olha-se para as pessoas que se cruzam connosco e vê-se Zero, e vemo-nos a nós próprios e vemos menos que zero. Eles fazem ou sabem fazer algo. Nós não sabemos fazer nada. Não, minto. Nós zombies sabemos sempre olhar para os outros e dizer: que banalidade, sabemos dizer nada, nada nos interessa, não nos interessa chegar à beira de um desses ilustres espécimes humanos e perguntar com espírito de aluno: olha... sabes como se faz para regular a luz de uma máquina fotográfica?, é que eu estava interessado em tirar umas fotos, meti um rolo de trinta e seis fotografias na máquina e quem ma emprestou disse-me mas eu esqueci, sabes?, e estás a ver, não tenho vontade de lhe perguntar outra vez, podes dizer-me?

Pois é, nunca tenho vontade para perguntar outra vez. Digo que prefiro esquecer-me e, no entanto, tomo comprimidos para a memória e espero que o vizinho me ofereça uns cabos rca porque eu, embora tendo os duzentos escudos da despesa, não tenho cu para sair do sofá e os ir comprar porque estou à espera que tu mos ofereças. Por isso, como tu não mos vais dar, nada me interessa. Glória, ninguém me interessa. Glória mas preciso deles, de ti. Eles sabem, eu não, eu nunca sei. Sou menos que nada, eu sei que sim.

Vivemos. Ou talvez finjamos que vivemos. A minha definição é um Produto Desadaptado da Sociedade de Consumo, partido PDSC. Eheh, nem à geração rasca, geração X geração Sexo, tão badaladas e tão em voga, eu pertenço. Anos 90. Que fixe. O seu troco, volte sempre.

Quando se está maldisposto põe-se tudo em causa, tudo em dúvida, já não os porquês mas sim os para quês. De vez em quando atrofiamos mas isso faz parte do pão-nosso de cada dia chorado na igreja dos fiéis,

chorado também por todos os não praticantes e por aqueles que dizem recusar a moralidade ocidental baseada na culpa, no sofrimento e na expiação de todos os pecados. Se calhar, dizem vocês ou digo eu outra vez: eu devo ser o maior cristão no bairro mas aqui fico na dúvida se não serei antes o maior anticristão, pois se assumo a minha culpa... e não no confessionário, sim, estender-me-ei ao comprido simulando cristo e gritando de raiva, implorarei que me atirem merda porque eu mereço, eu sou o culpado, desculpem-me, eu mereço, eu sou um servo.

Divido, assim, o meu atrofio em três grandes domínios:

... em casa sozinho: olho para o ponto mais próximo sem o fixar, mais precisamente olho o ponto focal de uma superfície côncava e ouço *this is heaven, this is heaven* surgindo das colunas de som, sendo que aquilo que fixo na realidade não existe, o meu pensamento gira ao longo dessa superfície e, de vez em quando, a minha boca fala sozinha e baixinho para que ninguém a oiça, ultimamente saem pequenos urros da minha garganta que só dizem carradas de disparates como: sou inútil, amo-te, quero que me dispares um tiro por favor.

... na rua sozinho: se for de dia, caminho pela rua de olhos bem levantados para observar com cuidado as banalidades, para admirar ou detestar a paisagem e a arquitectura da paisagem, o meu pensar vagueia pelas minhas frustrações e por todas paisagens, frases e flashes de certos filmes que vi e que me vêm à memória; se for de noite, geralmente olho para o chão e, de vez em quando, tremo, nem sempre de frio e ultimamente quando isso acontece olho em frente e começo a falar sozinho... não não, não estás errado, decidiste isso, está decidido, és o juiz de ti próprio, e, de vez em quando, tropeço mas não caio: sinto a tua dor, sou o teu único amigo.

... em público: permaneço desinteressado do grupo. É, aliás, raro falar e, por isso, imagino filmes e oiço aquilo que os outros dizem e, de vez em quando, digo qualquer coisa. Não!, minto de forma brutal, nunca digo nada.

Recordo o olhar apavorado da menina empregada do grande supermercado quando, ainda antes de ontem, lá fui comprar uma segunda garrafa de vodca, algo não habitual em mim. Não!, minto outra vez, têm-me de desculpar esta tendência, neste campo regista-se uma evolução, nestes dias tenho tentado dizer qualquer coisa mas parece que a minha boca parece grudada à rigidez do efeito daqueles comprimidos que o assassino me receitou, o problema é não conseguir dizer nada, ultimamente só tenho dito e feito asneiras em público, o pior é que as

pessoas parecem notar, até me telefonam a perguntar como estou, bem obrigado.

Já viste?! As pessoas reparam que tu existes, afinal de contas, e que andas esquisito!

Pois é, nunca te tinhas apercebido, pois não?, tão formais que parecem e sentem, tão desinteressadas da tua personagem, elas reparam em algo, podem não saber a causa mas reconhecem o efeito: a loucura ou drogas mas... mas que tem as pessoas a ver com tudo isto ou contigo?, nada, elas nada tem a ver com... o problema é que o efeito é sempre o mais importante, é aquilo em que as pessoas parecem reparar, agora as consequências parecem ter mudado, agora perdeste o respeito dos outros, para já não falar do teu por ti próprio mas isso é outra história bem mais desagradável... e quem é o culpado?, nunca foste muito sociável ou foste e deixaste de o ser, as pessoas aprenderam a ver-te assim, calado e discreto, fazendo algumas asneiras discretamente com poucas pessoas a saberem, as pessoas aprenderam a esquecer-te e tu aprendeste a calar-te, a não revelar as tuas opiniões acerca do nada, e por isso te calaste!, no fundo aprendeste a não raciocinar logicamente, para fora de ti, bloqueaste ou, se calhar, são só as tuas posições que são incómodas, se calhar, dizes coisas que não são bem verdade, as coisas são um misto de ambiguidade de posições onde, às vezes, não se reflecte o efeito do amanhã, é uma máscara deslocada do seu contexto habitual. Ora deixa ver... se virar à esquerda vou dar ali. Sim, mas se virar à direita vou dar aonde? Desculpem-me, aonde quero ir? Merda, não sei!

Da discussão nasce a luz. Escondeste-te e agora que fazes bambino?, tentas recuperar o tempo perdido?, tentas recuperar o espaço perdido, conquistá-lo aos mouros?, e os amigos que nunca consideraste... é um pouco difícil eu sei, ultimamente tens vomitado tudo isso, gritando desesperado algo que nem pedidos de ajuda são, sim, ajuda é mesmo o termo: vomitar significa despejar e, no entanto, a minha consciência transladada no tempo diz-me e dirá às pessoas que só se aprende com os erros e com as escolhas erradas, mais um lugar comum.

Não percebo, não consigo perceber, sinto-me inútil.

Pois é, precisas de dormir, precisas de descansar, batatas para o trabalho que tens de entregar senão esgotas-te, tripas a tua cabeça, daqui a quinze dias voltas cá e falaremos da importância de uma mulher na vida de um homem em alturas de depressão, agora tenho de ir tirar o carro do estacionamento senão pago multa, e, depois, não tocarás mais

o barco para a frente, começarás a pôr açúcar quando deves pôr café, tremerás dos pés e ganharás incontinência e diarreia. As pessoas agora já não te olharão como um menino-prodígio, já não te cumprimentarão com aquele sorriso de intriga e estranheza por ti, se calhar, porque em certos ambientes baixaste de nível sem se saber, no fundo, não te importas de estar ao lado delas. No entanto, elas nunca poderão saber porque senão vão dizer: olha, mais um que pensa que é melhor que os outros, agora as pessoas conhecem e, se ainda te cumprimentam, é por motivos de etiqueta, mas vê lá tu, já nem disfarçam, alguns já nem estendem a mão, alguns dizem olá de longe e longe deles está o sorriso e a intrigante dúvida, outros são mais sinceros e dizem: tenho de ir ali; outros vêm cumprimentar-te e perguntam coisas como: então tudo bem?, e tu bloqueias ou gemes ou desatas aos gritos histéricos e finos, esqueces os modos, a discrição, a amizade e a tua merda vai-se revelando ao público.

Então e que fazes tu ultimamente?

Na Quinta-feira tive um dia estranho, acordei às quatro da tarde. O despertador terá tocado em princípio às nove horas da manhã. Aparentemente não o ouvi e continuei a dormir. Por um lado fiz bem, pois era sinal de que estava muito cansado e só me fez bem... mas pelo contrário fiz mal pois ao abrir os olhos... encontrava-me visivelmente mal disposto, tudo quanto eu hoje tinha para fazer ficou para amanhã. Doutor, sempre que isto me acontece dá-me uma vontade abismal de me elevar a uma outra dimensão, a um outro local, a um outro desconhecido. Assim como estou, vivo sem prazer e sem interesse. A ambição que sempre foi uma das minhas regras está derrotada... só de lembrar o que por ela aguentei e pela qual cheguei até onde hoje me encontro, hoje ela parece-me bem distante, cessou vida. Assim, a única fuga para a frente que agora me resta será deixar-me elevar a uma outra dimensão, a um local desconhecido. Mas já nem nisso penso querer acreditar. A miséria acumula-se à minha volta, saio à rua, vou ao Dolphins beber um café e comer uma torrada porque são as horas que são e ainda não comeste nada hoje, no entanto, não te esqueças de comprar tabaco, e pagas um café ao teu novo amigo que está sem dinheiro. Meia dúzia de disparates para cá e para lá e ele diz que tem de ir beber o resto da garrafa de vodca, que lhe ofereci nos seus anos apenas porque eu não a consegui beber toda na noite em que a comprei, vai beber com a namorada, ex-namorada e amiga, ex-amiga, indiferença, curiosidade, aproximação, amiga e eu digo muito bem e penso

que não me importava de estar na tua situação.

Então e que fizeste tu a seguir?

A seguir, quis pagar menos que a despesa realizada, por simples e honesto engano mas de qualquer modo não resultou. Então, saio e dirijo-me ao centro comercial, o destino adivinho-o agora é uma loja de discos. Não consigo deixar de reparar que, de vez em quando, me encosto perigosamente à parede e tropeço mas ainda não é noite. Eu sei porque procedo assim. É porque, quando saí em jejum de casa, engoli uma ampola embebida em água juntamente com um Lorenin e uma bomba chamada Normison. Além destes, só conheço o Dumirox e o Valium com vinho das castanhas e rum embora me digam que existem outros igualmente interessantes. Por isso, cambaleio e a minha voz é quase tão imperceptível e distante como a voz do Michael Gira a sussurrar descalço aos peixes e isto, penso ser apenas um meio fácil e rude de descrever o estado de stress funcional do meu cérebro pós-salto de comboio. O Id, doutor, mais que o dono, parece ausente, mais vazio, e, no entanto, até... me tenho alimentado melhor, até comprei uns sapatos que nunca pensei servirem, até comprei um par de calças minimamente ajustadas à magreza actual das minhas pernas. Na minha meninice, recordo usar números largos. Mas esqueci-me de comprar mais comida, esqueci-me, doutor, de ir ao CReEA resolver uns quantos problemas com os professores. Eu, o meu ser ressacado ressacado da vida ressacado de amor, digo que tudo me parece louco demais queimando lentamente o meu cérebro, eu me confesso culpado e mereço que me dispam, me tapem os olhos com uma venda e façam de mim o que quiserem. Ah sim, a loja de discos... é já noite, levo uma revista de alpinismo com umas excelentes fotografias e apetece-me tomar um café mas o salão de chá está já fechado. Vou então à loja de discos inaugurada recentemente, a primeira ideia afinal que tivera após sair do Dolphins, ela tem uma boa colecção de música clássica. Oiço e decido comprar Shostakovitch. É a minha grande acção do dia. Porquê Shostakovitch? Em parte, talvez por me recordar que de vez em quando costumava ouvir a Antena2 enquanto tomava banho, e de ter ouvido nessa altura pela primeira vez o nome e algo de Shostakovitch, algo como uma sonata para dois pianos tocados em timbres e tempos diferentes, algo que gostei muito, e em parte porque foi o primeiro disco que surgiu, não sei, a loja é gerida por duas moças que parecem irmãs e são bem giras e para as quais olho e não sei definir qual a expressão do meu olhar. Quer que mude de faixa?, ela pergunta... não,

deixe correr, respondo. Ela vira-se para a irmã dizendo-lhe qualquer coisa que nem sequer ouço embora tivessem falado à minha frente em voz normal. Quando saio a limpar as paredes, resolvo por fim tomar café. Entro, peço, leio o jornal de relance com um peso nos olhos, fumo um cigarro com o cérebro comprimido, levo a mão à carteira e descubro que tenho dinheiro para gastar, pago, saio, e agora? Tudo isto no espaço de uma frase. Perguntei eu à minha personagem quando saí da consulta com o assassino naquele fim de tarde de Inverno: E agora?

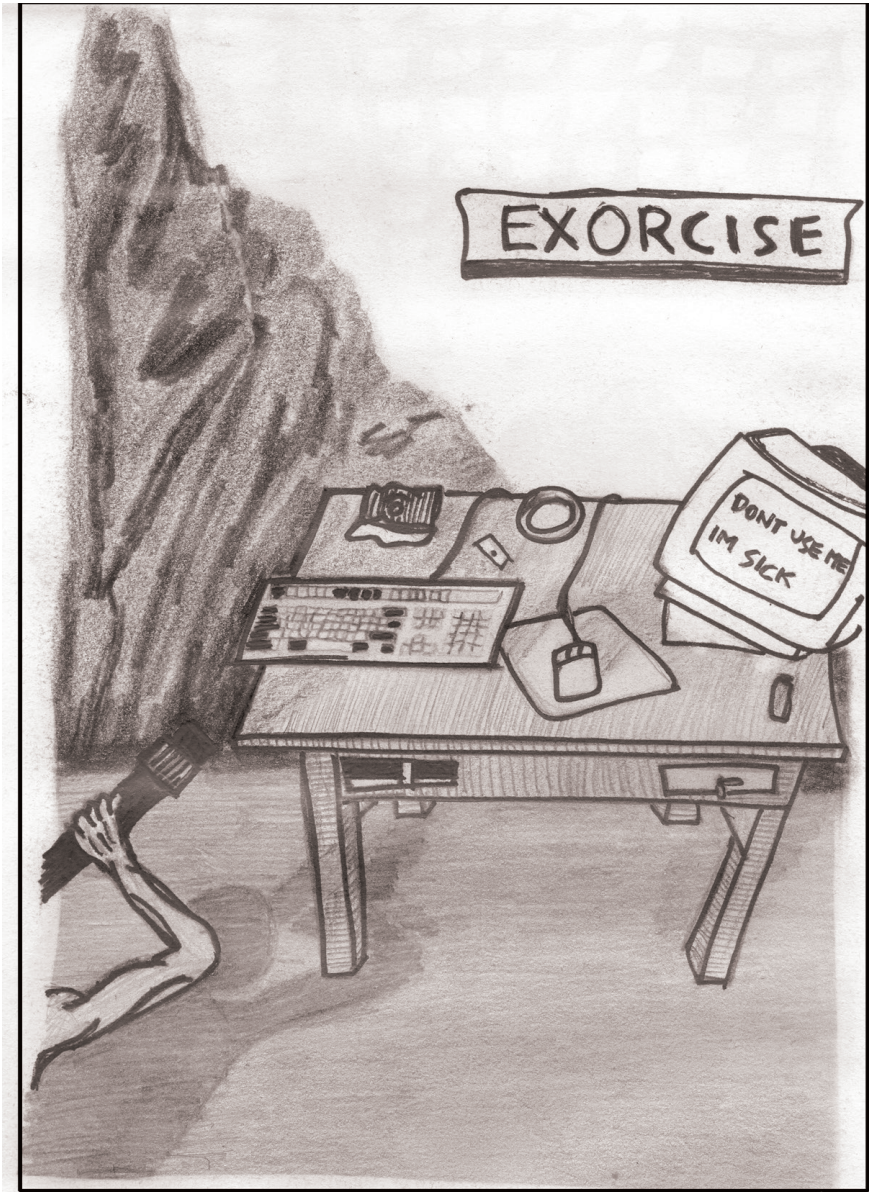
Continuo no presente, este passado é o presente destes dias: Vou para casa. O meu quarto ainda é o único local que conheço à minha volta que me permite estar à vontade para fazer asneiras sem precisar me queixar ao público. Eu deveria estudar, deveria criar qualquer coisa mas só me apetece ligar o aquecedor, pegar num livro ao acaso e colocá-lo numa mesinha improvisada ao lado de tabaco, fósforos, isqueiros, água e Lorenin, e deitar-me por cima da cama a ouvir Shostakovitch. Tenho frio. Gosto de nomes russos terminados em itch, são dez horas da noite e acabo de adormecer. Sonhos brancos, pesados.

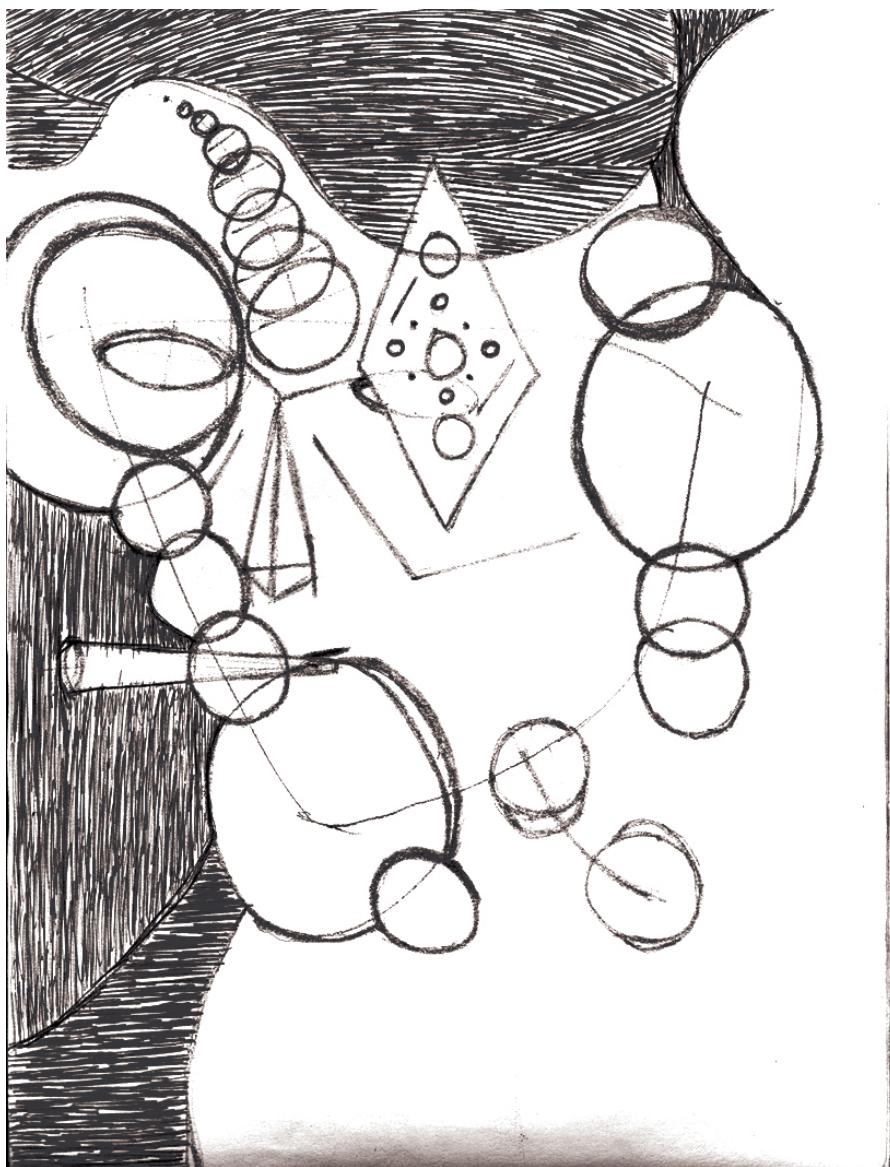
Acordo com frio por volta da meia-noite e o espaço parece-me irreal, espacial algures, olhos para os cantos... Van der Graf Generator e Meurglys III, a última solidão... Leonard Cohen e o desespero, o frio. *There are only me and Meurglyss III.* Deito-me por debaixo dos lençóis e tenho a sensação que forcas estranhas me estrangulam, forças estranhas me sugam o cérebro aos poucos. Tento defender-me empunhando uma mão fechada em direcção à força que suga.

E andamos, todos os eus, o Id foi à consulta dos ricos, o J não viu a namorada no Natal, o L escreveu o novo poema para o seu amor platónico, o C definitivamente estraçalhando-se pelas paredes da cidade, o A aluado na sua ideia pela B, o R pintando céus não académicos, o O julgando todos os nós das nozes, andamos nós todos nisto até acordarmos, numa onda de movimento pendular mas em aceleração uniforme até o sino da igreja assinalar a uma hora da manhã. Ouço o badalo e expludo porque não me recordo de nenhum dos meus eus, eles anularam-se todos, são todos ridículos, absurdos e boçais, parolos e pacóvios, nada pode ser assim tão bizarro, tão insuportável, tão absurdo. Se ao menos fosse um itch, se houvesse glória na minha tragédia, se se ouvisse a lâmina vingando-se na pele, se o fio da lâmpada de tecto me arrancasse uma erecção por asfixia... mas não há crimes de sangue nem cordas piedosas rompendo-se na história porque o salto, esse falhou, foi impulso sem estudo prévio. Tudo foi inútil, a minha vida

é inútil, a minha morte será um abutre alimentando-se de quem não atingiu o nível mas deixou um baú. Perdi as minhas noções de Tempo, Espaço, Responsabilidade por completo. Penso que hoje seja Sábado.

SUICIDE
THE DREAMING
ZMB

Estou cheio de poesia, o céu começa a escurecer

ZMB

A imagem não desliga e tudo aquilo que está relacionado vem à memória

Levanto-me e tiro delicadamente um cigarro e ofereço-o à empregada

À porta do Café Gungunhana passa um mini amarelo

Suicídio, o sonho e o exorcismo lava-cabeças

V Capítulo IX
W Capítulo minus IX
Astonishing Urbana Fall: Acetaminophen
Morton Feldman / Joan LaBarbara: Only
Lilith: Orgazio
The Towering Inferno: Sto mondo rotondo

Lembro as palavras que deixo escritas numa folha dentro da cassete de vídeo que lhe deixarei postumamente, traduzo essas palavras aqui: o desejo é por vezes a nossa necessidade de partilhar. Por vezes, somos refugiados. Outras vezes, somos crianças. Muitos de nós nasceram com missões a cumprir. Há sentimentos que precisam de ser exorcizados, movem-nos na direcção da falta de ou do excesso de consciência e de capacidade de processar informação. Para exorcizar o nosso espelho, para chegar a termo com ele, para agarrar esta cabeça rapada, este pescoço a precisar de uma lâmina romba, precisamos de agir de maneiras por vezes surreais, por vezes pós-modernas. Eu nunca devia ter existido. Transformei o meu ser durante um processo de realidade, senti-me num sonho vagueando e perguntando por estantes e jaulas e janelas de madeira podre, eu contra uma mesa pé-de-galo num centro comercial empedrado e cheio de pessoas brancas em plástico dizendo adeus às janelas. Repito-me. A vida já não é erógena. Estou cheio de poesia. Fui-me. Sou incapaz de viver.

Após estas palavras saio do alojamento, anódino e amoniacal, por volta das cinco horas para ir à biblioteca entregar dois livros sobre a Bauhaus. Ainda a vejo e eu sei que ela me viu mas nem eu nem ela nos quisemos ver e apressado fui e apressado chego de volta ao quarto. Coloco tudo em ordem. Deito tudo fora, escondo tudo o que não deverá ser visto e deixo à mostra tudo o que quero entregar. Por volta das seis horas, saio de casa debaixo de chuva em direcção à estação de comboios.

Um dia imaginei este evento, seria ao início da tarde no pico do sol sobre o céu limpo. A avenida deitaria as cartas tentando adivinhar, a sua pose seria calma e solitária.

O céu começa a escurecer. Não há nada de estranho neste fim de tarde. As pessoas caminham apressadas em direcção a casa após o em-

prego. Outros tropeçam em sentido contrário. Os carros fazem ponto de embraiagem nos semáforos e dão piscas à esquerda. Não olho para nada nem para ninguém. Sempre em frente.

Gosto em especial dos prédios antigos e das casas caiadas. Associo-as aos contos de Mário de Sá Carneiro, aos minaretes e telhados do além e à mulher impossível. Apetece-me prestar homenagem a um pequeno salão de chá recatado. Chama-se SemNome. Desde as senhoras de meia-idade, que tomam meias-de-leite com torradas e conversam com dignidade sobre as suas ocupações diárias, até aos pequenos pares de estudantes que lêem o jornal diário ao mesmo tempo que estudam os testes dos anos anteriores. Lembro-me de parar num quiosque para comprar o jornal de música que, na capa, traz uma banda emergente na cena subterrânea: os Astonishing Urbana Fall. Continuo a andar sem olhar para ninguém, pois não tenho qualquer interesse em ver ninguém, só eu, o jornal e o saco. Se parar, talvez mude de ideias.

Vou-me apercebendo que, ao longe, um pobre diabo pede qualquer coisa às pessoas, ou melhor incomoda-as, tenta falar-lhes sem êxito. Quando passo por ele, esboço um ar de compreensão mas nem sequer abrando. Sigo em frente pensando que me identifico de certa forma com ele, lembro-me igualmente que é mais lúcido oferecer a cana de pesca que o peixe. Às vezes, em vez de se dizer a uma mulher que se não a ama oferecem-se pequenas frases pessoais com algum significado pertinente no momento em que foram escritas dizendo-lhe: olha, mostro-te tal como sou, antes que me conheças, para ver se me aceitas e isso te incite a lutar por algo só teu. Estou convencido de ser infeliz por ser humano e ser incapaz de sequer conceber que posso errar. Considero-me inferior, um ser aspirando a ser uma máquina estável, a ser científico, amoral, recuso qualquer tipo de ajuda.

Quando chego à estação, compro o bilhete só para metade do caminho pois alguém poderá dizer: olha, ali vai um jovem torturado. Tento dissimular que todo o meu eu treme.

O meu filme continua. O sol esbranquiça os azulejos das paredes da estação dando-lhes a qualidade onírica de uma fotografia sobre exposta. Invejo os artesãos locais, invejo-os por serem capazes de continuar a lutar contra o sistema. Não poderei em teoria afirmar viver segundo sistemas mas, ao negá-los, estou a seguir um sistema que julgo só meu.

No comboio, tento permanecer calmo relendo *A queda* de Camus, lendo o jornal, revendo as paranóias, voltando a elas sempre sem descanso. Faz parte do ritual voltar ao rodopio e recusar sobre o túnel da

covardia a realidade de me sentir uma personagem de filme.

Observo no compartimento da frente um casal constituído por um homem de cerca de sessenta anos, olhar duro e cabelos brancos, avô de uma menina de talvez seis anos que usa um vestido branco qual anjo louro, ela dança na divisória para fumadores, em frente das nuvens agarrando o varão como uma *pinup*, canta uma melodia infantil dizendo: eu não quero viver... eu não quero viver...

Talvez tenha sonhado isto tudo mas começo a repetir-me e a perguntar outra vez, não pelos porquês mas sim pelos para quês. Onde tudo terminará e onde tudo começou? Pergunto-me porque me acharei tão mau, aquele mau mais duro, mais baixo, mais Timor do termo. Primeiro, imaginava gostar de viver uma vida de aventuras como nos filmes. Agora, estou bem dentro do filme como um cogumelo plantado nos verdejantes campos dos sonhos. Primeiro, imaginava o mal e praticava-o como um reflexo imaginário de um amor superpoético. Agora, o mal deverá ser aniquilado.

Então... ouço Coil, a sua música perturba-me. Fala-me por meio de metáforas, que mal compreendo mas anseio, fala-me por símbolos que crio recheados de ironia, imagino-me mesmo um grupi, um superfã no camarim oferecendo a boca a um felácio, enquanto, na realidade, estou a tentar arranjar em algum lado da imaginação desejo para bater uma punheta e nem assim consigo. Isto é um reflexo de alguma coisa, da morte ou do desgosto de pessoas conhecidas e amigas, de impressões de sangue, sexo e lençóis limpos. É como se me quisesse degradar ao ponto de ser insultado. Mas e se não gosto de piça alheia... eu que sou narciso talvez goste da minha... e logo me vem à memória a ideia, que uma vez me contaram, do gajo que mandou retirar duas costelas para experimentar o próprio sémen.

Existe em mim a necessidade de me proteger e de não me integrar, pois não me quero abrir aos demais, escrevo só para mim e para ti por enquanto, os outros que se lixem. Existe em mim um fascínio, um flash por aquilo que faz sofrer. São as rupturas que me fazem continuar e viver novas emoções, ou haverá beleza sem perigo? Pergunto pelo passado e pelo futuro. Pergunto-me pelo destino e pela fé. Pergunto-me por futuros sempre adiados. Pergunto-me se as pessoas serão até um certo ponto loucas ou se será só uma questão de acreditar muito e depois, apenas continuar a usar o hábito. Pergunto-me por promessas que se fizeram e que nunca foram cumpridas e por tentativas que abandonámos. Pergunto-me se será falta de vontade, falta de autocrítica ou se

não será apenas aquele sentimento eterno, gótico e decadente. Cultivo a identidade e a indefinição. Sou ambíguo porque depois de falhar com as mulheres, voltei a falhar com os homens porque talvez fosse deles que gostasse... mas nem deles nem de nada gosto, se me cansei do cheiro da sua vagina também nem da piça nem mesmo de beijar a face barbeada de um homem, no caso o meu pai, o único fora dos livros, e agora... eu falho do mundo. Já não sinto desejo por ninguém, nada me atrai e, para me proteger de uma futura próstata deficiente, recorro a Apollinaire e *As onze mil vergas*. É agora o meio de me satisfazer pois fartei-me das revistas e fartei-me também das vídeochamadas.

Sou indefinido e atraente ao olhar, entro facilmente em zona de gaydar. Mostro-me no meio dos supostamente grandes ou que imagino grandes. Dou abraços de parabéns e faço vénias. Cultivo o sentido agitador, agiota da rebelião. Ajo como um rebelde em teoria. Vou ver espectáculos de poesia, compro livros nihilistas e não espero pelo autógrafo do autor. Faço convites formais a mulheres atraentes e, no fim, afasto-me bloqueado culpando-me de não saber fazer o sexo quando, no fundo, não é bem assim, é apenas uma tentativa de proteger uma certa integridade que não é a nossa mas que nos magnetiza... uma certa inversão dos papéis, um amplo sentimento de covardia, uma recusa em falar, um certo isolamento, uma tentativa de confundir e fazer mal e ainda, misantropo, dizer-me admirador de mulheres, bem... mas não é bem isto que eu quero, não é com isto que eu sonho e o que é o sonho de uma ela quando tenho uma ela e a ela deixo?, não deveria esta ela ser o nosso sonho eterno que nem deveríamos sonhar ou perguntar-nos pelo porquê de não ter de sonhar? Ter alguém atraente, inteligente, sensível e agora romper porque se deseja conhecer mais mundo além dela e, depois, ela é tão agressiva quanto eu, eu dou-me mal com as igualdades porque não sei reconhecer os iguais, preciso de conhecer outros corpos, mais corpo para tentar a paz eternamente afugentada e interrompida porque sentimos culpa de não ter tempo para dedicar ao estudo do qual até nem gostamos, é difícil, não é bem isto que gostaria de fazer e tal... mas que digo que tudo o que se começou tem de ser terminado, tenho de levar esta viagem até ao fim.

Gostaria de abandonar tudo e passar dos sonhos à realidade, abandonar todos os empecilhos, todas as escadas e viver só com ela uma vida de casal jovem cigano com paz, somente em paz, eu pintando e ela fazendo missangas numa pequena vila, uma das muitas que conheceríamos a passar daqui para acolá. Deste modo, aceitar-nos-íamos

certamente se a poesia movesse montanhas.

O meu filme continua fotograma a fotograma. Pergunto-me por violação, pergunto-me pela raiz da própria palavra e no porquê de pensar nela e no que poderá sentir um objecto violado, será que terão sentimentos e serão entidades? Pergunto-me também pela identidade biográfica da entidade que viola, será que escreve sobre maldade auto-infligida, será que escreve sobre a vontade de possuir friamente sem história?, será que escreve sobre cigarros e corpos arqueados no auge do suor criado nos sempre curtos momentos?, deveria ser possível estender até ao infinito a tensão criada por dois animais puros, deveria ser possível observar todas as expressões e superfícies do corpo tu, tocar a tua pele, sentir o teu cheiro, a tua voz. Mas no fim, a sociedade sempre ri mais alto, a sociedade deles, a dos hipócritas, a dos lambe-cus em oposição à dos ingénuos, dos líricos e dos loucos, dependendo da perspectiva em que o autor e o leitor se coloca. O leitor não sei mas o autor pode confessar que sentiu prazer com os dedos dela e que, de algum modo, já os desejava, os pincéis não se amam, as cenouras apodrecem mas os dedos, duros no gatilho, eram amantes apaixonados. Mas tudo tem um limite, um fim e mil e uma noites sempre foram demais, ao testar os meus limites testo igualmente os teus limites, não será que me quero vingar de alguma culpa tua ou minha ou até da imaginação de tudo? A partir daqui, será difícil acreditares-me. Para te dizer que te não quero mais pois eu sou mau e assim só mal te posso fazer. Dizer que não tenho futuro, que não tenho vida que possa dar ou construir contigo pois eu recuso!, recorro a todos os meios possíveis para o negar, quem sabe como Judas enforcado no Éden dos chibos.

Perto da localidade destino do primeiro bilhete, pego no meu saco, considero o seu conteúdo e, de olhos tensos, fumo um cigarro enquanto aguardo que o comboio pare. Saio e peço na estação um bilhete para mais longe e para fora. É meu desejo, quem sabe, ir para fora, esquecer tudo e começar de novo. Por isso, levo tudo o que me pode fazer falta, o que inclui aquilo que imaginei uma vez e passei ao papel. Os intervalos entre os meus fotogramas são preenchidos de branco. Existem ódios infundados ou tiros disparados contra as pessoas erradas, coisas que ouvimos dizer mas, entre flashes de surdez, nem sabemos bem o que ouvimos, estávamos distraídos talvez ou, então, estávamos apenas focados no trabalho. Momentos brancos esses, às vezes, deveríamos perguntar. Os meus ódios não são reais, ou são, mas ainda não ganhei a experiência necessária para gerir conflitos de emoções, desculpem

lá: não sou um gestor. Estes são ódios que achei necessário ganhar por impulso, achei que deveria adquirir certa atitude surreal, odiosa, não sou mau por natureza, só faço mal por reacção. No limite do infinito matemático serei um merdoso anarcofascista, só porque não gosto que me pisem os calos. Os intervalos entre os meus fotogramas são preenchidos por recordações que não parecem ser as de mais ninguém... às vezes, parecem não interessar nem mesmo existir, digo que terão cessado vida na minha etérea imortalidade, nas estações finais que se aproximam e as pombas?!, as pombas suicidam-se de encontro às paredes de granito, de encontro aos vidros do comboio deixando impressões de sangue nos passageiros cansados de mais uma viagem, e eu, em desespero, anulo-me brutalmente: sou um filho da puta, sou uma puta que nunca desmamaram, sou menor que zero, não tenho identidade. Não sou sol ou lua. Não sou filho ou filha. Não tenho pai ou mãe. Sou uma estrela negra num sonho frio. Granizarei vermelho sobre o bar Armenia.

Pergunto-me o que acontecerá a seguir, quem receberá o dinheiro dos impostos e dos abonos, o que farão as pessoas, aquelas que foram ficando para trás em grande estilo sempre apoteótico, vários estilos várias escolas. Pergunto-me porque as coloco como objectos ao lado dos meus ídolos. Então, se recuso toda a humanidade devo começar por algum lado, devo aniquilar-me a mim próprio porque sou incapaz de te não poder ter todas as vinte e quatro horas do dia, porque queria, em certas alturas, impor a minha personalidade mas esta não existe, estou destituído da capacidade de pensar, estou cansado e colapsando novamente, o primeiro colapso foi vivido e sonhado em exorcismo jocoso numa fogueira de vaidades, é preciso mostrar às pessoas, sabes?, não interessa o resultado final, o que interessa é fazer, é só o nihilismo a revelar-se. Se fosse mais que nihilista, repetiria ser preciso fazer bem. Quando se não tem nada ou se pensa que nada tem, quando ando em círculos há muito tempo, quando há alturas em que mesmo exausto não durmo, quando se fumam charros atrás de charros, quando se pintam esboços de árvores de natal, quando se pintam palhaços e aves góticas nas janelas, que dão para a eterna palmeira, adquire-se a certeza de que Eva ou Joana d'Arc está bem aqui ao lado... é apenas muito superior a mim, merece alguém melhor que eu, uma pessoa boa, e nem sequer uma pessoa santa, aliás, ninguém é santo, eu não sou nenhum santo, posso uma vez ter confundido e pensado que era o centro do mundo, desculpa-me mundo, o actor vai deixar de representar. É por

isso que a recuso, eu não tenho uma entidade una, ser diletante significa ser disperso, confuso, inválido, vazio. É fácil identificar-me com as pessoas que estão perto, não amámos assim tantas vezes. Designs e aforismos, meios pavlovianos, viste a laranja mecânica?, a passagem de bestial a besta, o jovem de grande potencial, o servil nihilista escondido mas ainda marginal, aquele, que tem por interesses especiais a rebeldia, a filosofia, a livraria, a fotografia e a pintura, pergunta-se pelo sentido da palavra absoluta e absurda VIVER, como se escreve, como se soletra esta palavra?, um certo *ess muss sein*, o mesmo de Beethoven, uma certa lógica levada ao absurdo por certas visões brancas de hospitais pois a minha cabeça flipa das dores, o meu corpo treme, Id diz-me que se eu não sou não posso pertencer nem dar nada a pertencer, Id faz-me escrever e depois abandonar, ao acaso em papéis de guardanapo, pequenas frases como: desculpa mas sou incapaz de viver.

É esta a imagem com que quero que fiquem, a de alguém brutal, torturado e doido, não necessariamente por esta ordem. Por aqui e por ali, deixo rastos de culpa em seres humanos com sentimentos, atrofio-os, sofro, excito-me com o seu sofrimento, semeio desencantos, rugas, depressões nervosas, comprimidos e rupturas e pergunto: para quê? Toda a gente se aproxima por causa do aspecto tipo: não sou de cá, vêm à procura de algo que não têm e que pensam ver. Todos se afastam quando reparam que a minha identidade não é o que aparenta ser, não sou nenhum deus, nenhum senhor do mundo e recuso mesmo fiéis, sou estranho e esquisito. Tenho ódio por não fazer aquilo que mais gosto, tenho ódio por alimentar farsas, pausas, tenho ódio à palavra ruptura, ela está mais ou menos prevista, no entanto, alimento o ninho dessa palavra. Somos todos maus em certos momentos, sou é incapaz de distinguir, ignoro que tenho qualidades e ainda penso que deverei ter as costas largas, que deverei reflectir, quando olharem para o espelho as pessoas deverão envelhecer.

Vejo cortejos brancos ao som de *Horse Rotor Vator*. Só vejo pessoas com ar de santo, por anedota, se estou rodeado de santos, serei ou deverei ser santo? Ou um anjo revertido?

Olho para o relógio e reparo que só faltam cinco minutos para a minha morte, aquela que desejo a minha fantasia mais violenta. Toda a minha fé, tudo o que até hoje escrevi, retiro de dentro do saco para a desperdiçar, rasgada, folha a folha, porta fora, será adubo e flores azuis na próxima estação. A morte só pode ser solitária. Acreditem: Eu nunca morrerei e farei o sinal da vitória com a mão esquerda, raparei a ca-

beça tal e qual um monge budista a recuperar da moca dos cogumelos.

Acreditem que fechei os olhos quando saltei a porta do comboio.

Paro de escrever. Nem dei conta da hora, escureceu. Meto mais um psicofármaco no bucho, dou um gole de cerveja, acabo de descobrir a fórmula mágica com que ganharei todos os jogos: fechar os olhos e acreditar.

Do lado de fora do café Gungunhana, acaba de passar um Mini amarelo. Cinco minutos depois, duas cabeças femininas olham para dentro do café enquanto continuam a andar. Não passa muita gente. Fumo um cigarro e converso com a minha consciência que lembra, envolta na penumbra dos olhos escuros de Id, óculos gradeados e barba rude, a frase chave de todo este mistério falsificado: A merda que esta noite está a ser. Escrevo.

Begin

Idealizo uma frase passível de ser dita, de modo solene, pela mulher dos meus sonhos masoquistas. No mesmo instante, fixo o momento onde o eu misantropo lhe aperta o pescoço com carinho fetichista. O eu fotógrafo assiste e vê a sua pose de fumadora de Lucky Strikes esperando simplesmente que o eu masoquista lhe revele o seu segredo: pedir-lhe desculpa para talvez a conseguir ter de volta.

São frequentes estas mutações de consciências. Belo motivo para um quadro. O modo como um vaidoso com algum talento é derrotado pelo mestre e sai depenado. Passa-se o mesmo num grande filme: *A vida é um jogo* com Paul Newman. Um sonho por isso: vingar-me, cuspir-lhe na cara. Procura e destrói. A vida é um jogo. Um telefone toca. A banda sonora é Lilith, sons quase imperceptíveis, mensagens vindas de longe, misturando-se com Kaddish dos Towering Inferno e, porque não, com a oração do Ginsberg.

Eu misantropo digo que não quero sentir culpa de nada. Nada mais deveria fazer sentido, sabes?, são frases como *Fica Bem*, são frases como *Que Horas São*? Dez e meia. Levanta-te, tens uma aula!, frases que surgem com frequência, frases como *Vai-te Embora*. A vida não passa de um jogo de olhares fixos em contrastes violentos e extremos.

Ainda ontem, me dissestes que não tinhas ninguém e eu respondi submisso e apaixonado: tens-me a mim.

Ainda hoje, sentado numa casa de banho imunda, à espera que a temperatura da merda nos meus intestinos a fizesse dissolver, tremia

de frio e medo perante uma resposta que sei ir ainda obter, mais tarde. É uma resposta previsível, acontece frequentemente ao telefone e significa sempre um aumento do valor do coeficiente misantrópico da minha consciência, o elemento mais impessoal, mais próximo dos animais, dos primitivos.

Vejo neste misantropo uma única vontade, um único ódio, o de partir as dezoito mesas e as setenta e duas cadeiras deste Gungunhana e, a seguir, embrenhar-se nas superfícies acastanhadas e cortantes das garrafas de Super Bock, a melhor cerveja deste planeta. Visto este feio de prisioneiro ameaçado, dou-lhe balões e bolos e coloco-o a desfilar perante as beldades incrédulas no Armenia, como se fosse um bobo. Qual seria a média temporal deste sistema MM1?, quantas pessoas entrariam no sistema, quantas pessoas bateriam palmas, pergunta o encenador. Entretanto, o bobo tem já os olhos pintados e, mesmo não sendo virgem, parece inocente. É masé um tonito. Há tantas coisas que levam anos a encaixar.

End

Olho.

Do parque de estacionamento arranca um Honda Civic com destino incerto e, dentro dele, vai um par que deverá ser um único ser, pelo menos, assim os imagino. Como é óbvio, isto não passa de uma projecção obscura de um conteúdo interno que pretendo exorcizar. O encenador saiu de casa deixando escapar palavras como psicotrópicos e psicofármacos, pastilhas e comprimidos, intercaladas com risos de escárnio e frases como: ainda por cima tenho de me esquecer de ti agora que arranjaste sucedâneo, e isso não faz parte do meu vocabulário de deveres e competências, não, não faz parte do meu trabalho, é trabalho para outra personagem. Para quem? Para o ressacado, diz o meu reflector fotográfico e, aqui, a caneta torna-se frenética.

Olho para trás para ver se há espias, levo a mão ao bolso, retiro mais um comprimido Lorenin, engulo-o com cerveja e recordo como o velho duplo ressacado comprou o Concerto para piano, trompete e cordas, opus 35 de Shostakovich. No passeio, um homem carrega uma minitower, ou seja, um vulgo computador. Nada estranho a não ser a hora a que tudo isto acontece, o dia é irrelevante. Engraçado como se torna difícil levantar a garrafa de Super Bock. Dizem que os psicotrópicos afectam a sensibilidade original. Quem se importa?

O poeta repara agora que um casalinho, agradável à minha vista, ultrapassa a linha do funâmbulo entrando no Gungunhana. O bobo,

se o ouvisse, teria uma frase pronta a disparar para superlativar o estigma e essa frase ou um qualquer sinónimo, o que não constitui mais do que uma divagação, leva-me ao bar que, daqui a duas horas, estará uma vez mais cheio de elementos da classe dos alternativos. No fundo boas pessoas.

Passa já da meia-noite.

A porta do café está fechada. A única luz que ainda persiste é a *mehr licht* que exijo à consciência para escrever, é aquela que permite que a minha caneta escreva e crie sombra. Vejo-me, eu reflexo fotográfico, envolvido numa auréola de néones brancos. Beijo-me e deliro. As pernas movem-se, as mãos arrastam-se pelas folhas como pacotes de transmissão de dados de voz em linhas coaxiais perfeitamente dimensionadas para os encaixotar em processos de nascimento e morte descritos um dia pelo senhor Markov quando estava na sua própria cadeia.

É lindo! Estranho é estas frases brancas serem motivadas apenas pela falta dela. Uma única. A que tive e a que me arrependi de não querer ter mais. O desejo é algo de complexo. A empregada avisa-me que são horas de fechar. Toca a sineta. Um último sacrifício, diz o poeta.

Levanto-me e delicadamente retiro da algibeira um cigarro que ofereço à empregada que me olha com um sorriso que acredito de compreensão. A vontade animal, o misantropo sente, esgota-se pulso a pulso e nele apenas sobra aquele resíduo, um sorriso obtido dela que lhe disse, há dias, uma vez mais: estás cada vez mais bonito. Assim, não existem mais jogos nem trigésimos aforismos da cartilha. A felicidade talvez se resuma a não pensar em jogos limpos ou sujos ou em segredos escondidos ou verdades e mentiras brancas. Respeita o seu segredo, faz como se não o conhecesses. Estilhaça, fragmenta, fractura o teu ser.

Sigo a pé. Na rua, o frio incomoda, lembro-me que o Armenia há-de estar quente. Felicidade. O meu funâmbulo tenta equilibrar-se na sua corda porque, lá em baixo, existe o infinito e a possível explosão. Na praça de táxis, embarcam os clientes sedentos de sexo, cinco contos de réis por quinze minutos.

Penso que o bobo é perfeitamente controlável e só tenho de accionar o pequeno interruptor, implantado em criança na orelha direita após uma infecção. Como ele está bêbado e pastilhado, vou ter dificuldade em não o deixar cair naquele terceiro estado indeterminado e ambíguo onde o mundo deixa de ser binário e o eu ressacado, feliz hoje porque

vive alimentando-se de uma imagem em memória e sempre com a solução na ponta da língua para as situações em que tudo se rompe, ao trabalho ao trabalho e porque haverá sempre Paris, me lembra as mãos cheias de ossos do condenado misantropo e me assusta.

No entanto, essa imagem não se desliga e tudo o que lhe está relacionado me vem à memória. O meu cérebro apaga-se, sinto que os meus movimentos não são os mais correctos quando entro num outro café, o mais branco da região.

Serão os comprimidos a fazerem efeito?, será a possível explosão do subsolo? O ódio presente nos olhos do misantropo transmutam-se para o funâmbulo, o sexo do bobo está igualmente presente nele. Somos todos um e um só.

Peço uma Super Bock e o funâmbulo retira, de dentro de um poço imaginário, um balde de água onde à tona dois bebés conversam ao som de um salmo: *Sto mondo rotondo se crolla su me Sto mondo rotondo se crolla su me.* No auge da minha ressaca afirmo que o bobo, vivendo no subsolo, adora o bloqueio. Pergunto-lhe irónico porque não consegue ele aplicar o cálculo da probabilidade de bloqueio de *n* circuitos telefónicos ao seu próprio atrofio.

Enquanto me vou apagando do sistema de comunicações e bebendo a segunda Super neste segundo café da noite, decido ligar-lhe, mal ouço o que me diz, ou ela está a falar por um fio ou sou eu que já estou a ouvir mal e, desatento e desesperançado, delineio as personagens ou identificadores telefónicos desta conversa que correu mal.

Primeira personagem:

Quantas vezes já bloqueaste? 60%, 75%, quantas?

Bastante mais do que a positiva! Responde o bobo sorrindo.

Já alguma vez tentaste sair do bloqueio?, tentando, por exemplo, diminuir o numero *n* ou generalizar o sistema a uma fila de espera *MMinfinito*?

Nunca pensei nisso, nunca foi importante. Sempre considerei os bloqueios dos outros mais importantes que os meus. Isso torna-me incapaz de sair da terra, tipo toupeira velha e gasta, para ultrapassar a lua que tu capturaste. Digo-te que só lhe faltam as esporas para ser um verdadeiro caubói, eu não!, eu só quero ser engenheiro. *This sky will cover you when you fall down, this sky will cover you when you fall down.*

Segunda personagem:
Porque bebes tu? Porque bebes tu, diz ela às cinco da tarde, desses cálices de Super Bock misturados com Lorenins e Normisons receitados por psicopatas pouco preocupados contigo?

Terceira personagem:
Mentira. Mentira. Os atrofios resolvem-se com psicotrópicos e Super Bock. Não! Nada disso é válido! Ela disse: Agarra-te às tuas coisas. Ela repetiu-te: Agarra-te às tuas coisas. E tu agora queres conservá-la como um teu pertence?

Quarta personagem:
Não. Nunca pensei nela como um objecto da qual pudesse abusar. Faz-me lembrar as frases que se escreviam nas lombadas dos livros do oitavo ano da minha infância: Agitar antes de abusar. Não, nunca pensei nisso. Com ela não. O problema é que agora, se me agarro somente às minhas coisas, desapareço do planeta, torno-me numa espécie de ser mutante e autista. Quero voar, quero voar... como Ícaro de encontro ao Sol. Isso não é solução, diz a ressaca que não sabe como ajudar. Eu, ao misantropo, ofereceria um machado, aquele em exposição na loja de antiguidades mas, ao funâmbulo, não tenho mais asas para oferecer e sabes porquê? Porque, meu amor, ainda gosto de ti e me preocupo com o teu futuro. E quando não gostar mais de ti, quando me aborrecer de não mais quereres saber de mim, vou... eu vou...

Quinta personagem:
A tua loja, disseste...
Sim, agora trabalho numa livraria de antiguidades...
Numa loja de antiguidades...
Sim, não vejo porquê tanta estupefacção! Contactos. Consegui um emprego das dez às seis. De modo que a loja é, agora, o meu planeta e o meu equilíbrio e a ti só te falta encontrar o teu.

Sexta personagem:
Oito e meia da manhã. Preparo-me para ir trabalhar. Escolho o caminho mais longo que segue junto ao canal e trago comigo o manuscrito facsimilado que comprei na livraria Cassiber. Uma das personagens do livro diz que a sua maior desistência foste tu. Diz a personagem que ter desistido de ti talvez tenha sido um sinal que te amei ou

que senti paixão.

Rio-me do estilo de telenovela. Afinal, desistir de uma mulher é um acto a assinalar?, é um acto a pensar fazer ou é só para pôr as pessoas a pensar ou a fazer que pensam? Só se for por uma boa razão, uma excelente razão. Qual foi? Não consegui suportar pedir-lhe ajuda, senti que ela se fartara de mim e que já não lhe dava prazer, senti que lhe seria um estorvo no seu futuro, abdiquei de algo que estava acima do meu poder. Pela segunda vez, renunciei a altos voos porque tenho pés de barro e resignei-me ao barro, ao chão.

O sol brilha-me nas faces, sigo, tudo me cheira a academismo, penso que pretendes atingir a santidade ou, não será essa a verdade?, pretendes ser justo, fiel, sublime e em equilíbrio partilhado mas... não passas de um homem. No fundo, não passas de um homem que detesta a humanidade e na qual não vê nem uma só promessa de humanidade. Arrepender-me para quê de ter perdido segundas oportunidades? A mim, poucos mas deram, deram-me masé um pontapé no cu.

Sétima personagem:
Ela responde: tens a vida toda à tua frente.

Oitava personagem:
Levanta-te e anda. Olha os barcos dos pescadores, olha as mães que levam os filhos à escola, olha as casas, onde vês tu tristeza?

Digo que gostaria de comprar aqui uma casa, igual às outras, típica como as outras, indistinguível de todas as outras, bonita como as pessoas simples e sem a máscara com que, às vezes, decidem sair à rua.

Nona personagem :
Detesto a cidade, detesto as pessoas, detesto a sociedade. Estás gasta e cheiras mal.

Décima personagem:
Ela não te quer mais. Tu também não. Estás obcecado pela derrota e de, desta vez, teres ficado sozinho para sempre, órfão de vez. Tu só tens esperança quando bebes uns copos e ouves Vaya con Dios na sua companhia. De qualquer modo, isso é esperança suja, ouviste seu bobo?, porque, no fim, te esqueces, ela até bebeu mais do que tu, diz-te que não te quer, quer apenas ser tua amiga, ela quer que sejas o seu palhacinho. Talvez tudo não passe de um jogo de xadrez.

Décima primeira personagem:

Gostaria que existisse um valor próprio, um sentido, um fim, uma certa honra naquilo que se escreve, oralidade, unicidade, cheiro, Artaud, a mistura dos eus... e ainda Ser.

Décima segunda personagem:

Chego ao Gungunhana e peço um café.

Ainda não compreendo os objectivos a atingir, qual é a tua escada? Os teus planos? Mostraste-me os teus planos para a capa. Tem que ser absolutamente negra mas de um negro veludo com muito ouro, conterá o símbolo de uma metade de homem, ardente de desejo crucificado e envolto na cor vermelho sangrento, irradiando chamas entre as luas novas ou os eclipses cíclicos onde ela não está como sempre não esteve, sempre teve medo, serão as aparências? Que fazer? *For I was yours and I am yours and I will be yours till death.*

Décima terceira personagem:

É mais fácil dizer do que fazer aquilo que se diz e é mais fácil escrever do que dizer tudo o que se deseja dizer a alguém. Escrever permite parar e pensar em cada palavra, analisá-la, retirar-lhe a forma ficando a realidade ou retirar-lhe o sentido tornando-se abstracta, uma mera forma poética.

Em suma, esquecer-me das palavras. Escrever permite procurar a melhor metáfora porque o tempo de reacção a uma pergunta é infinito e, sobre este ponto de vista, escrever não passa de um monólogo de alguém ao espelho com várias vozes e representações de si próprio. Escrever é uma mentira porque é difícil escrever toda a realidade que se vive, porque não há tempo, porque é difícil de admitir todas as verdades. Por isso, contam-se meias verdades e mentiras brancas. São modos de apaziguar todos os que vivem como parasitas dentro do Eu, quantas vezes não perturbam outros que nada têm a ver com a realidade onde vivem. O que são as metáforas que se escrevem? Será necessário influenciar os outros? É tão impossível controlar mentalidades e modos de agir, nem podemos ter tempo para isso. Nunca acontece. Um livro não deveria influenciar ninguém ao ponto de vivermos em função dele e vivermos pior. O que será mais importante? O prémio literário ou a sanidade mental? Haverá incompatibilidade entre sensibilidade e inteligência? Que dizer das minhas opções? O meu eu inicial

desapareceu sozinho, transfigurou-se, trespassou-se pelas paredes. Eu cá estou, tenho este emprego do qual gosto, ouço rádio, faço uma data de coisas para aprender que existem seres normais, sensíveis e inteligentes, para que não esqueça o mal que causei e para que R pinte céus menos académicos.

Décima quarta personagem:

Há dias, tive uma revelação quando estava numa barbearia. Só via a minha cabeça e o belo corpo da cabeleireira ruiva. A minha cabeça parecia um disco voador castanho escuro com uma pequena franja loura na frente. Lembrei-me logo do que aquilo queria dizer. Ela disse: *Like this you look like a priest*. Eu digo: *or like a saint*.

Décima quinta personagem:

Penso que se escrever que um tiro se ouvirá numa prisão, eu poderia provar que, afinal, sou o pai do meu próprio ser.

Décima sexta personagem:

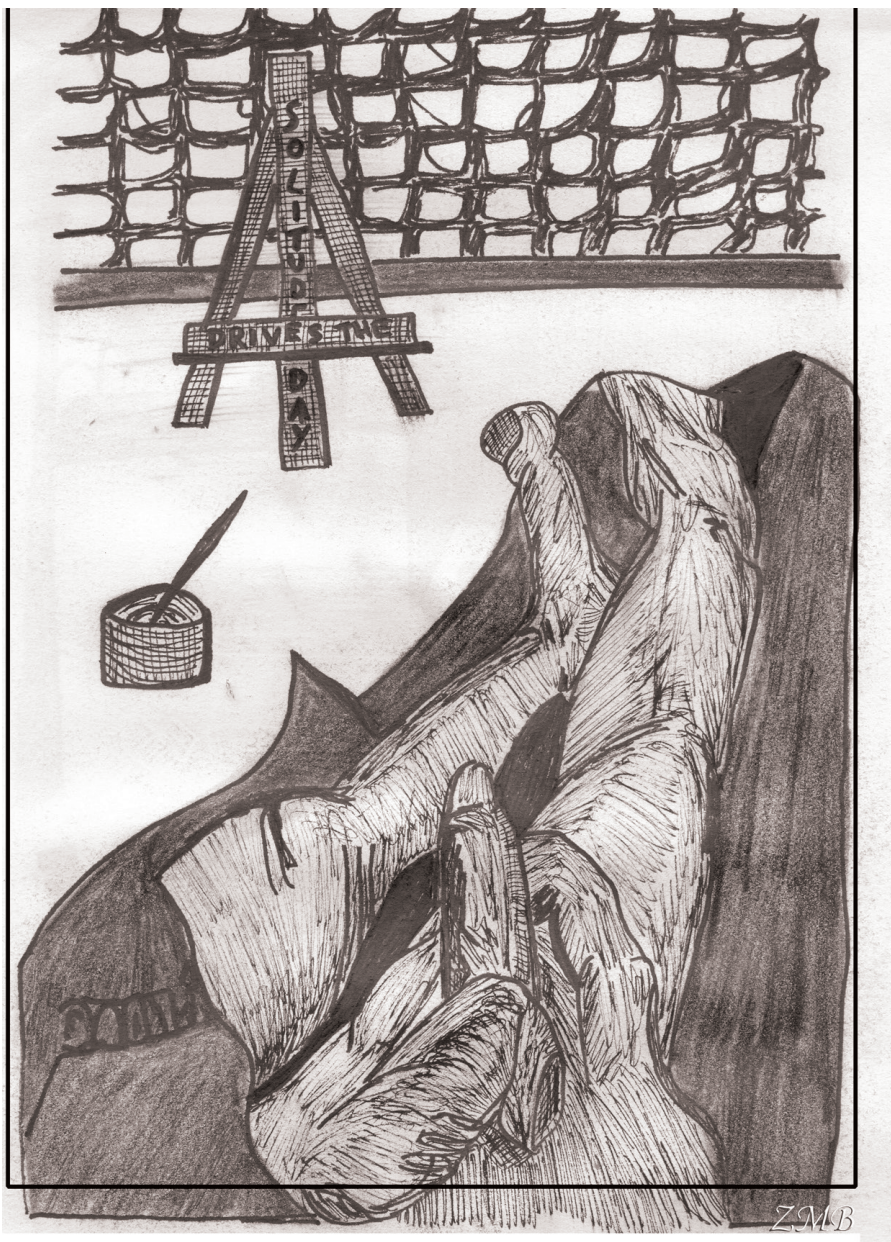
Eu tentei comprar a felicidade, estou a escrever um livro. Arrependi-me das minhas ambições porque perdi pessoas a quem não dei atenção. Só faltou matar acidentalmente alguém. *Nein!*

Acordo. Tenho a vaga sensação de que me dirigi ao balcão para pedir o telefone. A memória falha-me. Não me lembro de dizer uma única palavra mas lembro-me dum flash e de ficar com a ideia de uma frase vinda do outro lado do fio dizendo: fica bem. O Armenia?, devo lá ter estado mas não me recordo. Estou por cima dos lençóis fechados, meio despido meio vestido e sem perceber, sem saber de nada, nada do que fiz e como aqui cheguei, a porta do meu quarto está apenas encostada.

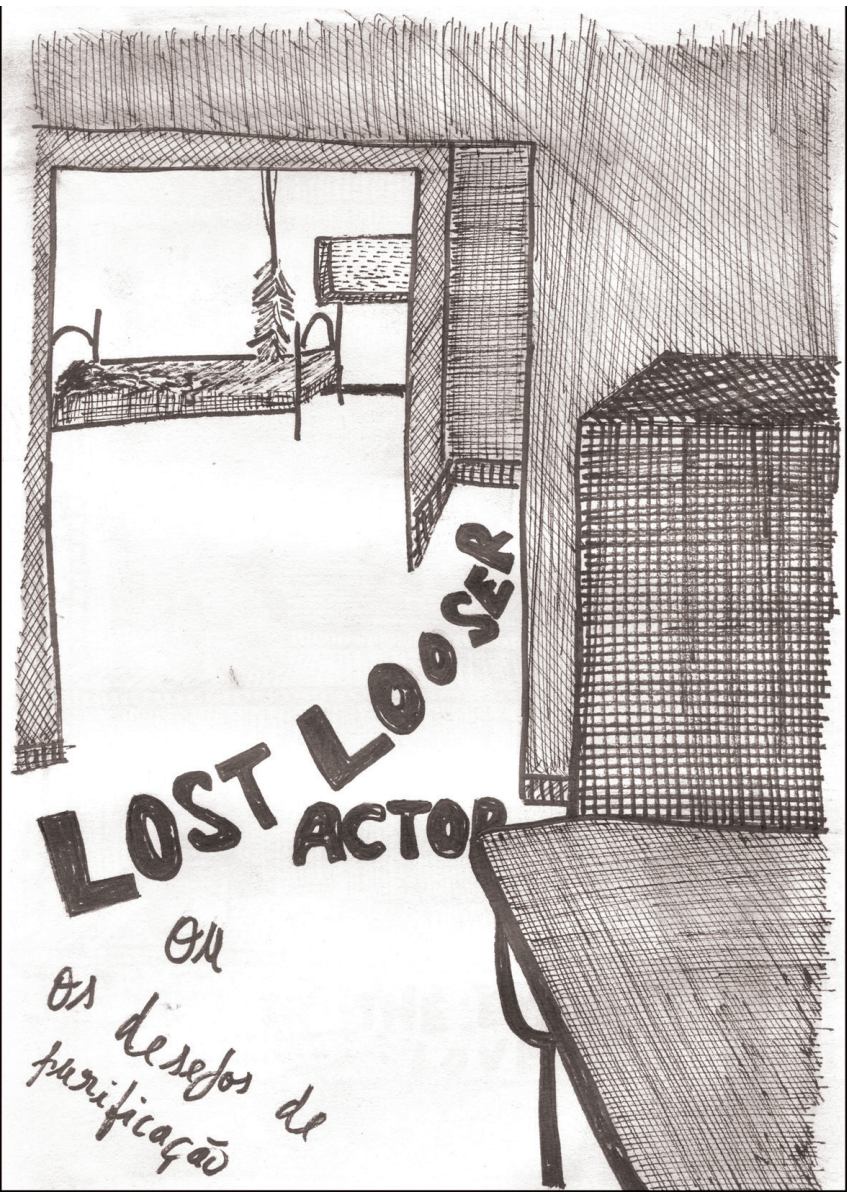
Ao indagar do caso, dizem-me ter pedido um chá às duas da manhã e ter estado no Armenia sentado numa mesa sem abrir a boca, tentaram falar comigo mas eu não abri a boca e pensaram que eu estava pedrado de charros. Bela desculpa, não insistiram porque pensaram que eu tinha fumado um charro e não estava para ninguém, estava num filme qualquer não me apetecendo falar com ninguém e não insistiram. A minha resposta foi dizer uma verdade incompleta: estava muito tenso e, por isso, tinha engolido um comprimido com cerveja enquanto estudava no café.

Riram-se, acharam piada talvez. Que loucura altamente!

É já demasiado tarde.

Última personagem:
WHY?

SOLITUDE
DRIVES THE
DAY
ZMB

Devido à força das circunstâncias não a vi e isso resolveu-me o dilema

O amor pode ser escrito mas é mais fixe senti-lo e nós só o sentimos quando o não temos

LOST LOOSER
ACTOR
ou
os desejos de
purificação
ZMB

É tudo uma fraude, estou farto desta telenovela

Eu nem sei qual foi a porta que bateu

A solidão guia o dia de um perdedor ardendo de desejos de purificação

X Capítulo XII
Y Capítulo minus XII
Eric Satie: Les gnoissiénnes

Hoje à noite reencontro G no Armenia. Bonito. Tão bonito o brilho nos meus olhos, eu sei reconhecer o brilho dos meus próprios olhos, é como uma névoa e a luz brilha de acordo com o meu sorriso de felicidade e barba por fazer. Bonito. Toda a gente sabe isso e G também, também os seus olhos brilham. Digo-lhe que já tinha saudades de falar com ela. Ela fala-me de *Songs of love and hate* de Leonard Cohen que comprou recentemente e que, por vezes, quando o ouve se lembra de nós o estarmos a ouvir e a ronronar com os olhos o tecto sempre absolutamente branco por cima de nós. Tempos longínquos. A noite escura, o frio muito frio, as chispas assassinas que saem dos olhos, o eclipse ou terá sido o meteorito?, não sei...

Os nossos olhos, no entanto, dizem um ao outro que, neste momento, é bom fazermos um pouco de teatro um com o outro, dizer coisas banais: olá tudo bem?, como vai a senhora? Bem, obrigado... e vossemecê?, este teatro banal dá-nos uma sensação de felicidade momentânea.

E então, que tens feito? Eh... tenho ouvido na rádio com frequência o Clube da Madrugada quando tenho insónias, é fixe!, as pessoas telefonam e tudo, e pedem um fadinho, vê só... são sempre as mesmas eheheh. Eu cá, diz ela, fui ontem ver um festival de guitarra... uma merda.

Recordo que, um dia, pego numa bicicleta com o pretexto de uma revista da National Geographic, vou ao Armenia perguntar por ela e dizem-me onde ela está. Quando subo as escadas digo-lhe: olha, quero-te mostrar uma revista, o caubói aparece e eu mando-o à merda, ela pode ser tua em carne mas é minha em espírito, por isso afasta-te. O que é engraçado é que ele sempre me parece demasiado paciente, se fosse ao contrário não sei, bem não interessa, sou eu a divagar pelo meu ciúme... então, ela adivinha a fotografia mais bonita e isso dá-me felicidade. No fim, pego-lhe nas mãos, toco-lhe, a luminosidade entra

vindo da janela e deixa-nos na penumbra. Nada se passa mas nesse momento obtenho a redenção mais bonita que alguma vez possa ter imaginado ou lido, porque é real. O amor pode ser escrito mas é mais fixe senti-lo e nós só sentimos quando não o temos.

Merda!

Recordo que, um dia, nos encontramos numa qualquer festa popular onde, dentro de uma tenda de circo, tocava a banda do momento. Dançamos, bebemos e amamo-nos, eu sei que exagero, peço-lhe que aceite ter-me de volta mas... então, o caubói até me compreende, quer-me pagar uma cerveja e eu digo não. Eu quero, alias, pagar a dele. No final, ninguém controla ninguém, ele paga a minha cerveja e eu atiro a minha moeda, preço da cerveja que não paguei, ao chão. Quem fica a perder é ele, pois para mim essa moeda no momento vale zero. No final da noite, vou obviamente sozinho para casa, caminhando ao longo do canal já de dia, vou sozinho, não porque numa feira popular não se façam contactos mas porque... ela não me quis. Ou melhor, não quis deixar o caubói.

Merda!

Numa noite de Sábado, hoje, tomamos café por volta das dez horas, telefonamos a dizer que se vai chegar tarde, contamos sonhos e realidades, dançamos, oferecemos uma fotografia tirada em Serralves onde se vê uma árvore com dois troncos, e essa árvore somos nós, eu e tu saindo da mesma raiz, somos gémeos, somos irmãos, na minha mente somos ainda aquele ser uno...

Merda!

Sim, és mesmo um grande nabo.

Um dia, hoje, estou na esplanada dum café junto ao rio, e posso ver o trânsito nas pontes desenvolver-se com harmonia, uma bela tarde de sol, sim senhor, o vento é agradável, depois de amanhã é dia de exame e eu estou preocupado. Parece-me que estou preparado mas não me sinto de modo nenhum em forma, apetece-me desistir e depois ficar a lamentar-me, ficar a sufocar por o ter feito, um pensamento agradável raisme fodam.

À noite, ao deitar-me, começo a escrever: o sol hoje esteve belo, oh com certeza mas que fazer? Certamente que no teste, ainda me perguntarão pelo que mais me preocupa nos dias de hoje. Direi certamente o problema da fome um pouco por todo o lado, direi certamente o haver pessoas que todos os dias têm de mendigar por uma beira de

telhado para dormir... mas, no entanto, aquilo que me preocupa mesmo mais é perguntar-me ao espelho e não saber responder.

Deixo de escrever, tenho sono, penso que amanhã é a véspera, amanhã levanto-me e vou rever os últimos detalhes para a biblioteca.

Acordo, não me lembro de nenhum sonho, o despertador tocou ligando-se o rádio mas só me levanto da almofada para baixar a melodia da Antena 2. Acabo por fazer um esforço e vou à casa de banho em roupão. Sento-me na sanita, parece-me que tenho vontade e, enquanto espero por ela, olho uma vez mais para esta casa de banho que é praticamente privativa pois é velha e suja, se calhar, só eu gosto de viver na merda ou naquilo que as pessoas entendem por merda, embora não goste de viver com a merda. Durante longos minutos, continuo repetindo aujourd'hui não vai ser um bom dia, a fraqueza está instalada, olho olho e olho e não penso em mais nada, o vazio abate-se sobre mim, uma vez mais é-me necessário agarrar à imagem de uma campainha que se deseja que toque, talvez seja ela, para me conseguir arrancar daqui, lembro-me agora que, uma vez, ela deu-me banho nesta banheira e eu ri tímido de tão pequenino, inocente e tão mimado. Quando chego ao quarto e me dirijo à janela, não a abro, prefiro ver o sol pelos quadradinhos, dispo o roupão, fico sóbrio e nu, era para me colocar por detrás da portada de madeira da janela a bater uma punheta vendo a natureza mas, ao olhar para fora e para baixo, vejo um homem a colher peras e, então, desisto da janela e vou-me deitar por cima da cama, fecho os olhos e quero que me batam até à exaustão. Ponto final parágrafo.

Saio de casa ao início da tarde e após um pequeno-almoço com uma caneca de café, pão com manteiga e duas bananas. Dirijo-me à biblioteca com a intenção de combater a fraqueza de não querer estudar, fazendo que estudo pois hoje levantei-me tarde, deixei-me estar, acordar ao som dos violinos e pianos e ópera dá-me vontade de ficar um pouco mais, a cabeça pesada, a pele a apertar-se debaixo dos olhos, vómitos ou soluços, tudo me dá vontade de asfixiar a cabeça no meio das almofadas e dizer: hoje não vai ser um bom dia... mas na biblioteca resolvo um teste do qual tenho a correcção, pelo que à medida que escrevo a pergunta vou olhando para a resposta escrita ao lado. Resolvo ir fumar um cigarro, levanto-me, caminho na direcção da saída e tento não olhar para os lados com medo de ver alguém que já não vejo há alguns dias. Em certos momentos, parecem longos dias, em outros não. Não sei se devo ir falar com ela e convidá-la romanticamente, poeticamen-

te, para ir fumar um cigarro ou, então, só dizer que se ela assim desejar pode interromper o estudo para ir falar um pouco comigo ou, então, apenas desejar boa sorte para o futuro ou, então, apenas ignorá-la ou, então, apenas para dizer que... mas, devido à força das circunstâncias, não a vejo, e isso resolve-me o dilema mas fica a sensação de que ela poderia estar ou ter ali estado e não nos termos cruzado por um mero acaso.

Isso não me resolve o dilema. Merda!

Fumo o cigarro e volto para a mesa de estudo, esqueço o dever que me faz aqui estar e começo a divagar, e em vez de escrever perguntas e respostas a questões técnicas em estudo e em avaliação, continuo a escrever aleatoriamente, começo a descrever.

A biblioteca tem três pisos e em cada extremo uma escadaria, o que me permite nunca entrar e sair pelo mesmo lado e, deste modo, sempre que desisto de um exercício olho para o lado onde ela costuma estar. Quando acabo o cigarro resolvo voltar mas, ao subir as escadas, lembro-me que vi, ontem antes do almoço, algumas novas revistas sobre cinema. Sendo assim, o teste é adiado para uma melhor oportunidade. Começo a procurar nas estantes e paro numa revista sobre um filme de Jacques Rivette intitulado *La Belle Noiseuse*, uma imensa lição sobre pintura, e começo a ler a entrevista com a actriz principal chamada Emmanuelle Béart que não é modelo e que me diz de dentro da revista que, quando tiver cinquenta anos, há-de gostar de rever a sua nudez em película. Nudez que eu hoje acho maravilhosa e eternamente perdida num olhar em estado bruto.

Olho pela janela e o que vejo parece-me um quadro, a moldura é o tijolo das paredes e a paisagem é verde e azul e brilha de um modo que me pergunto onde estou, em que cidade, o que fazer?, então tu pronuncias em voz baixa o nome e desejo ter ali uma máquina para poder fixar um dos poucos momentos em que a cidade parece bonita, apenas pelo facto de não me parecer ela. Desisto por fim, abandono o sonho, dirijo-me a saída desta casa de livros e, agora, quero a sua presença já!, vou na rua, vejo uma cabine telefónica e pergunto-me se terei moedas na carteira e se a cabine aceitará moedas, parece-me que lhe desejo telefonar e dizer que só tu me poderás salvar mas começo a pensar na verdadeira ela e... estou um bocado confundido e tão fodido que, então, decido não telefonar a ninguém porque, ontem e antes de ontem, também não me tinha apetecido e porque hoje sinto a necessidade de alguém que me proteja, me preencha, me compreenda e faça sorrir o

meu ser... e todos os dias me confundo com a ela a quem telefonar e com a razão ou a falta dela para o fazer ou não, tudo depende, calculo-me uma vez mais perto do vazio tentando gerir os momentos nas noites de paredes amarelas.

Acabo por entrar num café, ao longe vejo o jornal da casa, ao perto vejo nada, desloco-me para o recuperar, pedindo a esse jornal que me preencha para amanhã acordar uma vez mais com o cérebro congestionado, mais um sono mal dormido, profundo, perturbante, vazio, pesado, mas que fazer?

Seis da tarde. Continuo no café interrompendo-me para fumar um cigarro, o dia continua belo, na esplanada o factor primário da minha preocupação é, agora, um grupo de ingleses que passam o tempo a comer amendoins e a beber a melhor cerveja do mundo, quase em frente a mim reparo num homem que repete os meus passos, fuma, escreve e olha para fora, sobre que escreverá ele?... é melhor não perguntar, ele poderá pensar que a cumplicidade entre escritores é o pretexto para... eh!, para segundas e terceiras intenções prefiro perguntar a escritoras em início de carreira, mostrar-lhe o meu trabalho mas, depois, ela compara-o a um novo Rimbaud e diz que, embora não escreva histórias cor-de-rosa, as minhas parecem-lhe demasiado mórbidas... vá-se lá saber porquê... merda! Detesto debutantes. Então, resolvo ler aquilo que escrevi, enfureço-me com frequência e a minha vontade é eliminar todas as incorrecções, todas as faltas de vocabulário... mas desculpome dizendo não, não o faço pois considero-o um trabalho desnecessário, assim posso realçar a espontaneidade daquilo que escrevo.

Decido ir ao quarto de banho, analiso o meu andar, uma vez disseram que eu estava diferente, nessa altura pensei diferente de quê?, atribuí-o ao ter cortado o cabelo, é assim que mudo de pele, atribuí-o a ter calçado umas sapatilhas e a ter engordado, reparo agora que as calças me assentam de um modo estranho, a minha consciência aperta-se contra elas e parece ter vontade de se encontrar a si própria, expandir-se para fora no meio da confusão, por onde tens andado?

Por isso, quando chego a casa, acendo a luz, chego à cómoda, olho para a fotocópia a cores do *Narciso* de Caravaggio, e para o bonsai seca e para o espelho onde, uma vez, G escreveu a batom numa manhã: amor sexo odeio-vos, aparentemente acordou mal disposta ou as coisas não andavam bem entre nós ou ela era eu, o decadente fugindo para o pessimismo existencialista... não sei, digo a mim próprio que posso perdoar ter nascido, não posso é perdoar ter a sensação de que

tudo gira à minha volta... um narcisista olhando-se ao espelho num covil sentado numa poltrona.

São sete da tarde e, tenho mesmo de fazer um esforço, tenho de me obrigar a limpar a cabeça. Pego no minidisc e acoplo o microfone, amanhã é o grande dia, o dia do exame final no CReEA, depois saberei mas agora vou gravar a história da limpeza da cabeça, quase de certeza que me vão fazer algumas perguntas sobre a minha cabeça, a ver vamos se os endromino, e depois de jantar, lá para o fim da noite, vou ver G a sua casa:

Se os soldados limpam latrinas, eu também posso limpar a minha casa, ora que raios!

Foi com estas palavras que R se encarou lá bem no fundo da sua alma quando o senhorio lhe disse: R, eu nem acredito como você consegue comer em cima desta toalha encardida, tem de ganhar brio ou arranjar uma mulher, o senhor ainda é novo, acho que você tem pouca estima por si próprio, sei que ganha pouco mas mil escudos numa loja de chineses fazem milagres, experimente e surpreenda-me no próximo mês. Senão falo ao seu tutor.

A R retiniram aquelas palavras, fez delas um aviso, chegou a pensar que se não limpasse aquilo que designa por *a cabeça* poderia muito bem ver-se a morar debaixo da ponte, brevemente o senhorio nem conseguiria entrar em casa por causa do entulho respigado pelos cantos cheios de aranhas e moscas mortas, das baratas esmigalhadas pela bota atenta, da colecção de canudos de papel higiénico. Lembrou-se do que a mãe lhe dissera em pequeno sobre os ciganos que, há quarenta anos quando foram morar para o bairro pronto a estrear, puseram os burros à janela e a dormir na banheira e sim, R disse: como os compreendo... e eu afinal pareço um deles, pareço um tolo a correr no meio da ponte comunicando afogueado com as estrelas por intermédio de um braço de chuveiro a servir de telefone e arrancado à lama e ao verdete do mármore da casa de banho... mas eles sempre viveram na natureza, junto ao pó da terra, sem água nem luz, nunca foram à escola, não têm geracionalmente a rotina de ir à escola aprender os conceitos que dizem nos irão servir no futuro... eles estão num processo de aprendizagem, de sedentarização e eu parece que estou num processo inverso de nomadização, a mim deram-me educação, estudei e agora... ando a perder qualidades, isso é que é, o senhorio deu-me um aviso, vou ter de me pôr fino, os turistas podem alugar quartos, eu não, estou aqui em condições muito favoráveis, não consigo igual em nenhum

outro lugar. Depois percebe-se porque a minha amiga desapareceu, foi isso que disse ao pessoal: olhem lá, lá por vocês acharem que o meu alojamento é um brinco, a verdade é que se houvesse uma gaja gira na qual eu estivesse interessado, e a convidasse a vir a minha casa, ela iria querer fazer um chichi e assustava-se! A R tinha o senhorio dito: ela olhava, abria a porta, dizia-lhe que tinha uma cólica, desculpava-se, saía porta fora e nunca mais, senhor, você a via.

R já uma vez tinha ouvido falar do ácido muriático, uma amiga usava-o na limpeza da sua cabeça, ele fez o mesmo. Primeiro passou no chinês e comprou uma escovinha de esfregar, depois foi à drogaria e explicou o seu problema, perguntou se tinham ácido para limpar cabeças, e a senhora que o atendeu recomendou-lhe uma garrafa de Gavecal, disse-lhe: sete partes de água e uma deste líquido, vendeu-lhe uma esponja Nossa Loja, e recomendou-lhe, afirmou-lhe mesmo que devia usar luvas porque a mistura líquida é ofensiva para a pele das mãos. R sabia que tinha luvas em casa e por isso não comprou um novo par, fez mal porque em casa só encontrou a luva da mão esquerda, mas como bom epicurista disse: quem não tem cão caça com gato. O problema é que os gatos trabalham só quando lhes apetece e às gatas R só lhe apetece que elas façam ronrom, que bebam e desfrutem. Elas andam longe e R teria mesmo que fazer sozinho o trabalho de limpar a cabeça. Fê-lo num Domingo imediatamente após tomar o café das duas da tarde.

R pegou num copo de plástico e encheu-o de água, despejou-o para um alguidar, e recontou sete vezes a operação, abriu a garrafa de ácido e despejou um copo no alguidar, vestiu com dificuldade a luva esquerda na mão direita e começou o trabalho. Ajoelhou-se, molhou a esponja no alguidar e começou a esfregar a cabeça lentamente. À medida que ia esfregando os minutos iam passando e ele ia-se lembrando outra vez dos ciganos, ia pensando: eu acho que os portugueses ciganos andam a ser endrominados pelas igrejas evangélicas, mais até pela Igreja de Filadélfia que pela igreja católica... se não veja-se o caso dos sapos, nunca percebi, uma vez perguntei e os vizinhos disseram que a coisa ganhou fama com a curta-metragem da Leonor Teles, nesse filme a cigana destrói os sapos que estão à venda na loja, dizem que os sapos metem medo aos ciganos, que eles deles fogem, e que é uma atitude racista e discriminatória pôr uma sapo em louça ou cerâmica à janela de casa... é Zul, tu que agora limpas a tua cabeça e vês como os resíduos nos dentes, nos buracos do nariz se vão clareando aos poucos, esses olhos estão quase brancos, essa mosca no queixo já não é castanha

escura como se fosse saída de uma cabeça jovem mas sim um cavanhaque de cor cã como ele é na realidade... eu na realidade perguntei-lhes o porquê dos meus amigos ciganos se sentirem discriminados por um sapo e eles falaram-me que houve um dia uma história em que um cigano rico tinha um stand de automóveis e oferecia crédito ao cliente mas... a coisa correu mal... os clientes conduziam os carros de chave na mão mas saldar os créditos não havia maneira de tal se concluir. Então ele próprio começou a dizer: vai-te cara de sapo, vai-te embora!, e começou a colocar louça de sapo no stand com fins decorativos e paradoxalmente com um fim igualmente exorcista...

Durante à-vontade vinte minutos, R pensou neste assunto enquanto esteve a limpar a sua cabeça, ela agora estava a ficar um mimo, alva como a neve, riu-se quando deu conta que agora já dava vontade de sujar de novo, não se esqueceu de, como a droguista lhe recomendara, verter um copo inteiro de Gavecal nas amígdalas da cabeça e deixá-la assim de um dia para o outro, de manhã era só dar uma puxada do autoclismo, lavar-lhe os dentes por assim dizer. Sentiu-se bem e contente com o seu trabalho, a cabeça estava tão bem lavada que parecia nova, que parecia viva, que parecia que inspirava, que podia ouvir as suas palavras de reflexão, lembrou-se que os antigos celtas cortavam a cabeça dos líderes das outras tribos e as empalhavam e as colocavam no altar de casa e com elas falavam.

R sentou-se e começou a falar com a sua cabeça: mas os celtas desapareceram quando os romanos lhes mostraram o cavalo continental, os gregos pintavam as estátuas com cor e hoje isso não se faz, e também os ciganos estão a perder as suas raízes, a sua cultura ancestral, estão a deixar de ser pagãos para ser evangélicos, qualquer dia estão a votar nos seus próprios algozes, eu li um livro de um francês que foi iniciado na sabedoria esotérica pelos manouches em França, um privilégio restrito a poucos leigos e a ele dado por ter ajudado a salvar a vida de um curandeiro homem de leis da tribo, e, se bem me recordo, no livro fala-se que o sapo ou a imagem metafórica de um sapo tem uma significação esotérica para os ciganos... olha, vou à estante buscar o livro de Pierre Derlon e procurar a frase certa.

Encontrou na página 129 e leu em voz alta: *O sapo, como o mocho e o morcego, é um dos animais favoritos dos feiticeiros. Representa a sabedoria, a luz e a feminilidade.*

R reflectiu: a sociedade está a normalizar todo o mundo, qualquer dia as ciganas já nem a sina sabem ler para conseguirem ganhar uns

trocos, com a tentativa de normalizar todo o mundo estamos a criar pedintes à porta do supermercado.

É. Acho que está bem assim. Amanhã os profes dirão. Que horas são?

São agora quase nove da noite. Tenho fome. Vou à cozinha e abro o frigorífico. Tenho costeletas de porco no congelador. Decido descongelá-las em água quente. Dizem que, ao fazer isto, a carne perde qualidade mas a fome é negra. Pego numa cebola e corto juntamente uma cenoura, coloco um fio de azeite no tacho e faço o refogado para o arroz. Frito em óleo vegetal a costeleta. Enrolo um cigarro e fumo enquanto o vapor amaina e o arroz coze. Depois janto. Faço um café de saco e acompanho com um paiva. Penso na colecção de guarda-chuvas do Satie. Rio-me. Saio a penantes de casa. Quase meia-noite. Vou ao Armenia mas não está lá ninguém interessante. Ela está em casa. Mais um pouco e vou lá. Agora vou passar no MarchPush. Caminho. Vejo olhos no céu, as estrelas conspiram fazendo as vozes pandã com o ruído das minhas tilhas no asfalto. Entro e encontro o J e o L. Sento-me com eles. Eles bebem súrbias mas eu peço um café de saco. Estou a falar com o L sobre Roger Wolfe quando entram dois agentes da autoridade. Dirigem-se ao balcão, falam com o empregado largos momentos. O momento antes ensurdecedor agora parece uma interpretação dos quatro minutos e trinta e três segundos de John Cage, ouve-se a respiração dos bebedores e fumadores, esqueço as palavras com que os meus colegas tentam elogiar o lobo poeta espanhol e pergunto-lhes: o que andam os bófias aqui a fazer?, estão a fazer alguém. Traio o medo de ser um fumador de ganza e isso ser proibido, o Vampiro foi preso, um dos nossos amigos está já a ser visitado por alguns de nós na prisa, até já me perguntaram se não queria ir vê-lo também, e eu respondi da mesma maneira que respondi aos colegas que entraram no CReEA na mesma data que eu quando me perguntavam se eu não queria aparecer no livro de curso: eu disse: não, não tenho muita afinidade com o pessoal.

Passa já da uma hora da manhã, os bófias vão-se do café, eu fico aliviado, não andavam atrás de mim. Chego mesmo a imaginar que podiam ser da polícia política ou serem os seguranças do CReEA cuscando os alunos externos, mas logo renego isto declarando a ideia uma absurda teoria da conspiração, afinal os meus escritos são ainda não-oficiais, a maior parte deles pelo menos, os libelos acusatórios que escrevi foram lidos por uma ínfima minoria, que deles se riu e desprezou

votando-me à indiferença geral. Quem reparou foram as autoridades mentais e o próprio tutor que me disse quando me admitiu: deixámos de procurar debaixo da cama, tu não passas de um desviado da norma mas ei!, tens direito à tua diferença desde que respeites as diferenças dos outros. Nós aqui vamos-te ensinar. Lembro-me eu das palavras do tutor: e aquela banalidade de me declarar boa merda à despedida, como se o CReEA fosse um centro de representação teatral.

Digo aos meus colegas: Faz-se tarde, vou ver a minha princesa, amanhã tenho exame.

Boa merda para ti R. Fica bem, arrebenta com a escala.

Saio contente com as palavras e vou seguindo para casa de G, ainda a lembrar que me tornei medroso perante a chaimite azul, ou não? Talvez cauteloso, andar sem ganza nos bolsos, deixar de fumar em público, usar dos filtros avulso que se arranjam na loja Cassiber, carburar com mortalhas pequenas, enfim, sou mais cauteloso na verdade. Longe vai o tempo em que ao caminhar na recta para o PassaTempo vi ao longe uma rusga e não fiz tenção de mudar de caminho, mas sim quis seguir em frente e ser abordado pelos sabidos, pediram-me a identificação, verificaram-me os bolsos e nada tinha para apresentar. Depois sentei-me a enrolar um cigarro de tabaco com três mortalhas Elements, só para provocar. Ou para chamar as más-atenções.

Chego ao anfiteatro, subo os degraus, é a porta do meio, toco à campainha, os colegas de G dizem que ela já se deitou mas que eu posso entrar mesmo assim.

Sim, queria ver se revia uns exames para a minha avaliação amanhã.

Ok, anda para a cozinha, aqui ninguém te incomoda, estamos todos na sala a ver O último tango em Paris no canal público. Fica à vontade.

Duas horas da manhã.

Estou agora na cozinha mas não na minha cozinha, estou na cozinha da G. Sinto-me desconfortável e abandonado. Vim para a ver mas ela ignora-me propositadamente. Estou sozinho, no entanto, tenho comigo um pack de cervejas e repito: estudo para o exame que tenho amanhã, Segunda-feira. Há seis horas, lavei a cabeça em casa.

Duas horas e cinco da manhã.

Não consigo tirar da cabeça ela ter-se ido deitar. Não está a mais de cinco metros e consigo ver a porta do seu quarto, consigo ver a luz no seu quarto pelo que ainda está acordada.

Duas horas e dez da manhã.

Penso em quantas vezes terei dito: ela faz-me mal, ela faz-me mal,

sou doido e masoquista. Ela é a minha última alucinação e, no entanto, alterna na minha obsessão com a menina dos Portishead: uma, eu a quero de volta; a outra, nunca a tive. A resposta redescubro-a imediatamente: não és doido mas... só tu fazes mal a ti próprio. Esta é a mulher que amo.

Só tu para procurares a redenção com ex-namoradas ou com meninas que nunca souberam amar de um modo activo, meninas que se esconderam atrás das paixões platónicas, meninas virgens à espera da carta de alforria ou de um presente, meninas que repetem o que lhes fizeram antes ou meninas que só entendem a lei da bala.

Alguém entra com a intenção de verificar se a máquina de lavar já terminou o programa. Ainda não. Ao sair fecha a porta. Deixo de ver a luz no quarto. Perco a noção do seu espaço. Só tu. Só tu fazes mal a ti próprio. Continuo a estudar. À minha frente uma cerveja.

Duas horas e um quarto da manhã.

Alguém abre a porta da cozinha e se dirige ao frigorífico. Procura uma cerveja. Olho para a porta dela e a luz do quarto já não está acesa. Fecham a porta da cozinha. Continuo a estudar, ou melhor, a olhar para as folhas, é impossível descrever o que está a acontecer. Confusão.

Duas horas e vinte da manhã.

Decido-me finalmente, levanto-me do banco da cozinha e dirijo-me ao quarto em frente, tendo a preocupação de não fazer barulho, para não se notar na sala que alguém está a caminhar no corredor. Entro na escuridão de um quarto que já não conheço, este quarto já não me é íntimo há seis meses, lembram-se do referendo?, por isso, não consigo evitar tocar nas folhas de pedra que estão suspensas do candeeiro como um espanta-espíritos. Chego e ajoelho-me ao lado da cama, toco-lhe nos cabelos, G estremece, estavas a dormir? Pergunto-lhe estúpido na escuridão, ela responde o mais evidente, que tinha acabado de adormecer. Longo silêncio. Importas-te de me respeitar?, diz ela, vai-te embora. Longo silêncio.

Encosto a cabeça ao cobertor. Sei que ali existe um corpo quente, com vida e que, na minha confusão, já não sei dizer se amo ou não. Apetece-me gritar: Eu amo-te. Mas não grito, nem sequer sussurro. Penso em quantas vezes já lho disse por outras palavras, em quantas vezes lho repeti que agora... já não sei dizer se é verdade, não sei dizer mais nada, já sei as respostas, são sempre as mesmas, eu tenho namorado diz ela, na verdade não deveria ser preciso dizer mais nada mas... oh drama de todos os dramas... talvez o amor já não exista, pum!

O silêncio continua. Por fim, interrompo e consigo sussurrar em tom de dúvida: é tudo tão estúpido, tudo tão impossível. Ela responde: pois é.

Sei sempre as respostas, não é difícil adivinhá-las, sempre as mesmas respostas para sempre as mesmas perguntas, são as únicas que sei, quantas vezes as faço?, talvez desde cedo me tivesse abstido de fazer perguntas e talvez um dia eu tivesse começado a fazer perguntas e sentisse que debaixo dos meus pés o solo caia de tão estranho e desconhecido ser ou parecer, talvez um dia voltasse a não perguntar começando a regredir, agora já nem com esforço consigo fazer perguntas, mesmo abrir a boca parece difícil, quanto mais fazer um teste, quanto mais dizer eu amo-te, a mim parece-me difícil, a mim parece-me tudo louco, e é tudo tão difícil, pois é... soletro e desejo dizer que é tudo tão difícil, quando se passa o tempo a dizer que já nada existe, ou será o contrário?, que para mim não és mais que uma amiga. Mas já não digo nada, já nada repito, já não tenho vontade, talvez já não a ame, pois se a amasse humilhar-me-ia a seus pés e repetir-lhe-ia as duas nojentas palavras que se anulam mesmo que nada mais existisse, e tudo tão difícil... no entanto, eu estou já ajoelhado...

Desculpa. (um longo silêncio) Lembro que o mais adequado seria dizer: desculpa lá outra vez... mas já nem de mim me apetece ironizar. Saio conforme entrei, de mansinho, outra vez. Tudo igual aqui neste mundo. Na sala, a luz da televisão indica que ainda existem seres acordados neste mundo às duas horas e vinte e dois da manhã. Na cozinha, a máquina de lavar continua o seu serviço e apercebo-me que foi neste ambiente esquisito que me propus a apenas estudar, que me propus a esquecer que os círculos continuam a girar. Talvez seja a roda da vida mas eu não a tenho. Ela já foi minha mas agora... só mesmo tu!

Nesta casa, agora que tudo está realisticamente acabado, existe uma pessoa muito bonita que não consigo tirar da cabeça e da qual não me consigo afastar. Quando a tive rompi de forma brutal. Não consegui sair com boa disposição. Estivemos três meses sem nos vermos. Agora, a norma é andar dois ou três dias sem a ver e pensar que é a melhor solução mas basta vê-la ao longe, nem que seja só por acaso, para tudo voltar a ser o que imagino, um paraíso, amor e uma cabana, quadros e missangas... mas o paraíso já não existe.

Volto a sentar-me, à minha frente estão livros técnicos espalhados na mesa. Pego numa folha ao acaso, olho para ela, tento concentrar-me no importante. Chego à conclusão que todas as palavras são importan-

tes e que, por isso, tenho de as saber soletrar e compreender. Procuro não pensar no que se passou agora mesmo, no que fiz, porque o fiz, sabendo o que iria acontecer... a mim parece-me que essa era mesmo a minha vontade: ir esperançado e voltar destroçado. Não. Já não é assim. Vou agora com muito pouca esperança e venho com muito pouco destroço. Tornei-me preguiçoso. Nada de novo portanto, deve ser o vazio.

Aqui, este capítulo repete-se dezenas de vezes. A intensidade varia, será isso?, procuro o gradiente de intensidade, procuro testar o ponto limite?, e quando o limite tende para infinito... não sei já o que sinto, tudo está misturado. Recordo o título de uma música que adorava no secundário e ironizo pensando: *a saucer full of secrets*, não distingo o bem do mal, o certo do errado, começo a pensar que a culpa não é minha mas dos livros que não devia ter lido, se calhar, não devia ter deixado o solo cair, devia ter continuado a perguntar, devia ter-me ligado mais aos amigos. Devia ter aprendido que as histórias que os livros contam são as ficções de outros que não eu, devia ter compreendido melhor os livros, ao ler essas histórias devia ter aprendido a pensar e a expressar-me correctamente e não me limitar a agir em função do que as pessoas ou os livros me dizem, devia haver uma distância entre o livro e eu e o que me parece é que estou dentro de um livro. Por isso, digo que, a partir de agora, só livros técnicos! Mas é mentira. Não tem nada a ver com poesia de letra grande, estou só a tentar disfarçar. Ah, e já agora, às vezes, a minha poesia, bruta como ela é, tende a reprimir a liberdade porque eu próprio sou um prisioneiro da liberdade.

Duas horas e meia da manhã.

A porta da cozinha abre-se mas só dou pela sua presença quando se senta na cadeira junto a mim, está de pijama branco e mostra aborrecimento no olhar, para ser mais irónico escrevo: tem a frieza que o meu quadro exige. O que faz pena é ser um quadro vivo. Olho para ela e, com uma mão apoio a cabeça, com a outra puxo uma folha para junto de mim, pudesse eu puxá-la a ela, e olho para... e tento mais uma vez dizer tudo, tudo o que tinha repensado não ir dizer mais, nunca mais por isso significar humilhação. Ai as subliminares mensagens de repetição... não há banda sonora para esta noite na vida real e, embora Satie caia que nem cerejas, há apenas o som da máquina de lavar e os carros que passam na rua. Então, penso que não a amo porque, se isso fosse verdade, dir-lho-ia outra vez e não tentaria disfarçar este bloqueio, não me esconderia por detrás do tempo certo para lho dizer, di-

ria logo. Ela procura uma folha onde possa escrever, o seu cabelo está cada vez mais bonito. Ela começa a escrever e a minha única reacção é tentar adivinhar as suas palavras. A terceira é o meu nome. Escreve com calma e com método. No fim da frase relê o que escreveu e marca com firmeza uma palavra que o mereça. Depois, olha para a mesa por breves instantes e logo recomeça. Ponto seguinte. A folha acaba e ela desenha uma seta indicando que vai escrever na borda da folha. Último ponto e penso que seja mesmo o último, pois a folha já não tem nenhum espaço livre. Larga a caneta e olha para mim com muito de aborrecimento, frieza, sono, tudo misturado, sem afeição talvez e eu sofrendo por dentro e tentando mostrar calma. Fico de tal modo transtornado a vê-la dirigir-se para a porta que nem sei qual foi a porta que bateu, se a da cozinha, se a do seu quarto. E assim fico, dividido com a folha que me deixou entre tantas outras. É tudo tão difícil.

Duas e quarenta da manhã.

Tenho a cabeça entre as mãos e continuo a olhar a folha perdida que ela me deixou.

Duas e quarenta e cinco da manhã.

Alguém entra e vai verificar a máquina de lavar. Pergunta quando vou ter o exame. Aparenta uma coisa estranha branca. Dentro do ecrã branco, tu vês uns olhos pequenos espiando a cada pergunta. O que estás a estudar? Tem a ver com redes telefónicas e como desencaminhar as chamadas de um porto, ou central telefónica, para outro porto, etc. e mais etc., digo eu para aquele estranho que daquilo nada percebe e para quem espero conseguir dissimular a confusão mas o sofrimento é traído pela rapidez e confusão das minhas palavras. Ele sai e fecha a porta. Puxo de um cigarro e destapo A folha. Olho pela janela e tento encontrar as melhores frases para definir o que sinto, aquelas que tenho de escrever já porque mais uma vez não lhas disse, porque senão depois esqueço.

Duas horas e cinquenta da manhã.

O silêncio da cozinha é quebrado quando alguém entra e abre a porta do frigorífico, pergunta se a cerveja que lá está é minha, ao que respondo que são da casa. Ele diz que comprou seis e já acabaram. A seguir, desaparece e eu continuo a ler as frases. Pouco depois, volta a entrar alguém que se torna uma presença oprimente pois é hora de estender a roupa na janela por detrás de mim.

Três horas da manhã.

Como tenho a rua tapada não posso expirar o fumo do cigarro e,

por isso, não consigo ver a cor diluindo-se no escuro da noite. Não posso escrever as frases que me vieram de súbito à cabeça. Continuam a estender a roupa. Surge-me a ideia de que esta espia não virará a cabeça para ver o que faço. Então, decido pegar na folha e lê-la. Depois, decido escrever uma frase rápida mas esta espia poderá ver-me pelo reflexo no vidro da janela. E paro, não escrevo mais, mais vale acalmar, mais vale disfarçar, esperar que a sua operação mecânica, incómoda, termine. Esperar e, sobretudo, não me esquecer das palavras.

Três e dez da manhã.

Finalmente escrevi tudo. Parece-me que sim, não falta nada, acho eu. A cada ponto respondi com um ponto. E agora? Falta decidir que destino dar à folha, não sei se a destrua ou se a leve comigo e a guarde na caixa de fósforos surripiada desta cozinha quando aqui pernoitava. Não sei se a coloque na caixa de correio.

Três e vinte da manhã.

Não penso mais. À minha frente existe o vazio, a rua deserta, a roupa no estendal, os livros na mesa, a cerveja morna. Decido retirar-me. Saio da cozinha e acendo a luz de um quarto e vejo o quadro que ofereci à irmã, não me recordando agora se foi por ser a sua irmã ou por gostar também dela. Tentei um quadro abstracto onde nada me ligasse a elas e, por isso, construí um retrato duplo de um guerreiro que carrega um escudo ou um guarda-chuva. Uma das faces, dura e contraída, olha-me de lado. A outra inspira-me medo, terror, nojo. Este suposto guerreiro defende-se de uma mulher branca que caminha na sua direcção. Talvez um anjo. É demasiado pura. A irmã de G disse-me que aquele nariz era meu e, se calhar, dirão que pareço o guardião de um reino afirmando *welcome to paradise city*. Sejas bem-vinda ao meu reino, mulher alva e pura, bem-vinda ao paraíso mas onde está ele, o paraíso? Talvez nas cores escuras e profundas, talvez nos pequenos diabinhos que riem e que surgem, como todas as mulheres da cidade perdida, no meio da selva, verde muito verde, no meio da nossa confusão branca, na minha confusão de ideias, imaginação de ideias, imaginação de realidade, realidade, às vezes somos mesmos uns diabinhos que riem, nas memórias que não queria escrever, que digo querer esquecer hoje, a partir de hoje, para que todos possamos ser felizes, para não repetir o capítulo. Onde está a minha cidade paraíso? Em lado nenhum.

Tenho que me despedir das espias que estão na sala. Tenho de ser gentil. Sinceramente, não sei o que pensam de mim e do meu compor-

tamento de criança apaixonada ou desesperada ou sozinha ou simplesmente vazia, eu cheio de sentimentos de culpa. Reescrevo isto ouvindo a Kim Gordon dizer *don't be a boy just because I'm a girl.*

Vou desejar-lhes um amanhã... mas sem futuro e vou ouvi-los dizer com uma amizade que se distribui por todos, indiferenciados ricos e pobres necessitados: se não nos virmos amanhã... bom exame. Apetece dizer: não!, amanhã não me vais ver, nem amanhã nem depois de amanhã, não! Porque agora vou estar três ou quatro dias sem dar notícias e vou pensar em tudo isto e vou escrevê-lo provavelmente para provar uma vez mais o quanto poderia ser sublime se não o escrevesse, mais um capítulo desta telenovela irritante estreada há nove meses, os suficientes para nascer um menino, meses que parecem não ter fim. Serão talvez desejos de purificação?

Três e meia da manhã.

Não olho para trás. Sei perfeitamente tudo o que isto me parece. Sei que não estou louco mas estou a sofrer, estou perto de estar louco. Desço as escadas. Parece que desço de um palco grego em ruínas onde estive a representar a divina comédia. Acendo um cigarro. Caminho. Os carros passam. Vou agora fumando debaixo das árvores que me protegem dos faróis que se acendem sempre que me reconhecem. Tenho a sensação de os condutores saberem donde venho. Vou fumando e já nada me parece próximo. Vou pensando na folha que deixei debaixo da porta.

Ponto 1: R é uma pessoa como as outras. Se quiser a vida vem até ele.

Continuo a fumar.

Resposta: Tudo é uma fraude. Mentira. R é uma fraude.

Ponto 2: Nós não somos amantes porque eu não te amo nem tu a mim.

Continuo a fumar.

Resposta: Eu não quero ser teu amante, quero ser tudo.

Ponto 3: Não estás mais sozinho que todas as pessoas do mundo.

Continuo a fumar.

Resposta: Estou sozinho porque não te tenho.

Ponto 4: Gosto de ti pelo que tu és mas vai ser o que és para outra pessoa.

Continuo a fumar.

Resposta: É tudo tão difícil... fingir que és só minha amiga.

Continuo a fumar.

Viro à direita. Entro numa pequena ruela. Viro à esquerda. Vou no meio da estrada. Deito o cigarro fora. Vejo, ao fundo, alguém conhecido. Aprochego-me. Convidam-me para entrar numa porta. Mas que porta é esta? Ao lado do PassaTempo, esta porta, esta escada por onde, um dia, já havia subido e entrado numa festa de roque e erva, hoje parece a porta giratória da urgência do hospital. Penso isto ser o que eu preciso mas estou indeciso. Entro ou não? Não me decido. Devia ir para casa descansar, expatriar este mau momento porque necessito de tudo rever, amanha é o dia... mas eles decidem por mim, eles e a minha real vontade, sou o penúltimo de uma família que sobe as escadas para se divertirem com o som, a cerveja e a ganza, como costumava ser dantes, hoje entro para me esquecer. Hoje vou representar para eles, para este público.

A peça chama-se *Resquícios esquisitos misturados com ganza*.

Aqui segue uma história acerca do processo recitada pela primeira vez à frente de dois agentes da autoridade, com um ecrã multimédia onde surgem colados com fita-cola números de contas bancárias e pinheiros de Natal, no café de Fassbinder a ver a Lola dançar. Penso que esta merda aconteceu toda no dia 27. Tem banda sonora, tratem de gravar.

Marlene Dietrich
Scorn: Beyond
Pop Dell'Arte: Mc Holy
Diamanda Galás: I wake up and I saw the face of the devil
Ciccone Youth: G-Factor

Proponho como título alternativo: *Como te tornares num dróide.*

Cenário 1: Procurar a mortalha, encontrar a mortalha, alisar a mortalha.

Sou...

Calma, muita calma amor morto, na procura e na caça sou um frique cruco.

Lá estou eu, o funâmbulo na corda a tentar o equilíbrio. Na extremidade, a sereia.

Pode dizer-nos o seu nome? Claudio Mur. Eu Claudio, o último imperador romano antes de Nero, castrado, cego, coxo e decadente.

Forte como um touro raivoso me transformo... garras de ave de rapina ganho... de loucura e precisão de ourives me forneço...

Harmónicos de alta frequência onde a probabilidade dá sempre quatro...

Digo que lhe telefono porque, às vezes, é bom ouvir a sua voz...

Cenário 2: *cada homem mata o seu amor, cada homem ama o que não pode controlar...*

Abrir o rolo fotográfico, olhar para dentro e retirar o que lá estiver. Neste momento, estou a retirar a mortalha, estou, aliás, a aproveitar o momento para a alisar porque está um bocado... danificada e enrolada. Procuro agora o que tenho a procurar. Tiro a ponta de um cigarro, um filtro, um bocadinho de prata, a prata... mas para o caso não é necessário. Procuro a cena, desembrulho o papel de prata, escolho, vejo a quantidade.

Saio de casa. Ao ver dois carros: uma ambulância e um carro polícia, dirijo-me a este último. Engano-me: eu sempre pensei que me tornara um criminoso drogado mas engano-me. Dizem-me para entrar na ambulância. De nada me vale oferecer-lhes ganza, eles dizem que eu sou doente.

Os meus olhos perscrutam avidamente a paisagem nocturna que se desenrola por detrás das sombras fugidias do comboio que está atrasado...

Um homem tenta provar a si próprio que consegue matar o amor por uma mulher recorrendo à procura de uma nova mulher, seja ela qual for. Um homem acha-se capaz de se degradar para provar isso a si próprio. Tudo termina... os corpos emergem... o processo termina... o funâmbulo cai. Desiste finalmente, nunca será compreendido, será institucionalizado.

Cenário 3: escolher... ao acto de escolha há que dar importância.

Adereço 1: a escolha do filtro...

Adereço 2: o papel... o papel do papel na escolha do filtro...

Adereço 3: é aconselhável a presença de um canivete de bolso com alguma prática nas andanças...

Ambiente proposto: permitir preparar um filtro homogéneo... obter uma rapidez consentânea e homogénea...

Alternativa simplória: uma mesa de madeira castanha e lisa...

Ao esperar à porta do hospital, alguém passa e fala mal dela, de

quem? Na minha ideia talvez de G. Afasto-me. Não quero saber... olá morte. Não quero perguntar... olá amor. Não quero acreditar... olá morte. Não quero dizer... olá amor. Não quero confiar... olá morte. Não quero trair... olá amor. Gostarias de trair uma última vez? *Gostarias?*

Gostaria de trair a pintura e a escrita dizendo o nome de uma pintora e de um escritor... mas não vou fazer isso porque acredito que eles possam ter algum valor...

Mas disseste o nome dos outros?

Não, de facto, não disse, meti-os masé dentro da minha panela e fiz uma sopa de letras com segredos, eles sabem quem são, que façam um favor e se assumam.

Os meus olhos olham por entre os vidros das janelas, imaginam num enorme espelho opaco a figura esbelta da minha presença, o beijo de uma mulher: segurança... presença... superioridade não provocada... as garras actuam... provocando.

Já não se dão aulas de moral... a expiação é finita... já não há culpa... não somos santos... adeus. Ad aeternum. A confissão terminou.

Cenário 4: procurar o tabaco e o isqueiro...

Adereço 1: atenção à quantidade e à qualidade do tabaco, terá que ser...

Ambiente proposto: a escolha do tabaco assume sempre um carácter importante, é um indicador de preferência, a escolha do tabaco tem sempre um carácter intrinsecamente pessoal, único, distante, privado...

Estou num consultório mas, numa outra projecção, estou numa sala de urgência. À minha frente, uma médica de bata branca é uma polícia disfarçada rindo.

Só podes morrer uma vez... depois nada nem ninguém te pode fazer mal...

Da minha face o espelho arranca a expressão assassina de um cão que ladra mas não morde. Os cães não pretendem morder mas apenas assustar. Como eu... belo. Narciso superior.

Que quer saber mais? Não é suficiente?

Cenário 5: queimar a pedra... e sobretudo não deixar calhauzinhos...

Ambiente proposto: a associação de dois símbolos: o canivete de bolso e a mesa castanha e lisa, permite um queimar mais homogéneo, permite igualmente resolver tudo com calma e disciplina, mentalo-fí-

sica... é necessário haver alguma disciplina, conhecer as regras para as poder quebrar, vai-se errando até aprender a regra.

Ao meu lado, um médico tira sangue a um doente. A médica pergunta-me se já não estive ali antes. Respondo que sim e escondo que vou já no meu milésimo colapso. Símbolos, imagens, história, processo, tempo, linguagem, meios.

Fuma? Sim.

Quantos cigarros fuma? Fumo tabaco de enrolar, umas sessenta gramas por semana.

Aquele que gosta de observar, de comandar as tropas, os soldados para os infindáveis assaltos... traidor de todos. Incendiário de paixões já não mais contidas.

Olho-me bem fundo e digo que é suficiente...

Cenário 6: colocar o fruto proibido na mortalha... é importante não deixar nada nas mãos... tudo deve ser reciclado... a mortalha absorve o *blacbombeim*...

Entram três homens vestidos de verde com listas amarelas nos braços.

História completa, versão, original, fotocópia, versão final, fórmula mágica, identificação, personagens, unicidade e desdobramento, duplos e pormenores ao longo dos dias e das horas, experimentação, sado-masoquismo, tecnologia master-slave, descoberta, sensações, controlo quebrado, pensamentos, medo, acusações de disfarce: estás louco!

Bebe e se sim, bebe o quê? Sim. Bebo cerveja

Quantas cervejas? Não mais do que dez por semana.

Feliz ao desconcertar quem não sabe a razão para eu não querer ser considerado amigo.

Sou livre... de todos. Estou livre... de tudo.

Não me importunam mais os espíritos malignos, aqueles que me povoam as trombas, a minha tromba é dura, os dentes cerrados, os olhos carregados... brilhando de prazer.

O problema foi eu *falar demasiado* mas apenas quando não devia, fi-lo depois e devia ter falado antes. Assim apenas adiei a clausura...

Cenário 7: conjugar o filtro com a mortalha branca em papel de arroz *king size smoking azul*... o filtro deverá adaptar-se à envolvente de um sudário maculado de sangue resinoso...

Olho para o lado e vejo um disfarça de polícia que costuma fingir-se de drogado. De gás passa por mim e sussurra *chamon* sem esperar pela resposta.

O processo foi um exorcismo da vontade, mentira meia verdade verdade, foi solidão total, tempo total, concentração total, optar tendo por base o processo, afastamento da verdade, a verdade, um longo martírio que tenta descobrir o processo de escrever a verdade de Id: o totalitarismo não é mais uma opção, enganei-me e culpo-me por não ter percebido mais cedo as pistas que eu próprio ia largando pelo caminho. Mas, agora, já não quero a totalidade, já não quero a arte total nem a obra-prima, prefiro o micróbio à macroeconomia.

Toma drogas? Haxixe ou erva.

Já alguma vez se injectou? Não.

Piedade! Piedade! Vós que me olhais como se moscas fossem. Eu como se um gigantesco insecticida fosse. Sinto pena de vós que me achais superior. Sou e sinto penas de vós, suas moscazinhas.

Perdi toda a esperança depois do que fiz... não tenho razões para o que fiz... apenas fechei os olhos e saltei...

Cenário 8: aplicar a língua... uma língua seca será sempre desaconselhável...

Adereço 1: um bom iogurte de morango aromatizado marca minipreço, duas colheres de açúcar...

À mesa está um médico com uma camisa verde exactamente igual à minha e escrevendo notas acompanhado de dois assistentes. Observo e reconheço a personagem: sou Eu próprio.

Quando telefono, o meu desejo é puro. São as tuas superfícies femininas que desejo tocar e despertar.

Já teve relações sexuais com homens? Não.

É quase impossível uma mulher transmitir o vírus ao homem. Estou a dizer-lhe a verdade!

Não te peço desculpa desta vez mas, neste ponto, nunca te farei a vontade: engraçado foi pensar que me amavas ao dizer que gostarias que te traísse com um homem, há algo de néscio no meu amor por ti.

Superior, o grande homem, o andrógino disfarçado de anormal que vós achais superior. Admiração congénita, um trono e súbditos. Igual a vós...

Ainda estou a tentar perceber o quê e o porquê do que fiz, oh o teu dedo é... tão perverso, o teu nome é Lola, certo?, pergunta Zappa, o

arquétipo...

Cenário 9: introduzir um meio cilíndrico na ponta do cigarro...

Adereço 1: atenção ao toque, ele deve ser constante e homogéneo... homogéneo! É importante que o toque seja homogéneo circular, élou!?

Vão-se dizendo nomes na sala, reconheço-os das minhas personagens: ou é a enfermeira que fecha a cortina para perguntar ao sr. QualquerCoisa se está bem ou é um homem que está numa cadeira de rodas acompanhado pela mulher que diz ter de ir telefonar à menina QualquerCoisa.

Decadência, degradação, expiação de sofrimento... se posso imaginar viver um sofrimento, posso igualmente vivê-lo de verdade, assim poderei destruí-lo, destruir a imagem envelhecida, transpô-la para o campo das ideias. *Sem medo.*

Você está limpo, não há vírus em si. Ok.

(silêncio)

É possível que um primeiro teste dê positivo e o segundo dê negativo?

Não, só se fosse um erro técnico.

Hum... a Lili disse-me que tal lhe aconteceu... só pode ser mentira para me assustar...

Leve estes preservativos, são oferta...

Está bem, acho que sou um sortudo, *yipp-ee estou disponível.*

Igualdade cada vez mais aprofundada na peste horrenda da vossa incapacidade, confunde-se, mistura-se... por isso, sois moscas pequeninas, minusculazinhas e sinto pena de vós.

Tenho medo de voltar a falar, estou incapaz de falar... nunca mais me hei-de expor.

Cenário 10: queimar a ponta do cigarro, engolir o resto do iogurte aromatizado para tonificar os dentes e os dentes que faltam no buraco dos meus dentes...

Por fim, entra um motorista perguntando por mim. Sou Eu. Saio acompanhado pela assistente ruiva e entro em mais uma ambulância. Para onde me levarão? A ambulância é um disfarce, eu sei que é. O que é um *pacemaker*?, pergunta um estúpido cor-de-rosa. Porque pergunta ele?, para testar os limites do sofrimento por alguém ou alheio ou imaginário? É um dispositivo que se deixar de funcionar a pessoa morre... é o que digo aos estúpidos. Vejo os seus olhos debitarem crocodilos

dizendo: o homem não tem sentimentos...

Um telefone toca dentro de um barco na hora do almoço das lâmpadas, ouve-se a palavra funeral, todos saem da sala, demoram-se, regressam, alguns choram, olham para mim espantados, eu deveria chorar por algo que aconteceu eventualmente e não sei o que é porque não me disseram, então... deverão estar a testar os meus limites, não posso sentir nada, só posso mesmo marcar a diferença e levantar dois dedos da mão esquerda quando se tira a fotografia de recordação da visita patrocinada pela Sociedade das Lâmpadas.

Be free just don't hurt anybody...

Oh!, Deus!, Zeus!, Buda! Oh!, todas as grandes divindades de lama! Grandes homens de bosta de boi, vós... vossa incontável sabedoria uma farsa digna de encenação teatral. Execro-vos!

Não quero que os círculos se desvanecem... são o meu mundo final...

Cenário 11: acender o cigarro e dar a primeira passa...

Entra-se em mais uma sala onde tudo está replicado. Os objectos recordam pormenores, situações, elementos do passado. É obvio que, para o sujeito projectando, tudo aquilo não passa de algaravia.

O professor acusa: mentiroso, você é um mentiroso! O professor fala de italianos... dá uma aula sobre técnicas de venda de produtos PH, engendra meios de se excitar, pede: tem a solução?

Não tenho uma solução, não sou um vendedor! E a honra?

Não temos honra, estamos nisto pelo dinheiro!

Certo, sem honra, é o sistema... que sistema? O sistema deles a que me obrigam...

Sou apenas aquele que foi tocado pela mão do Além... viaja por cinzas incandescentes... temeis... provoca sempre... observa com faces duras, dentes carregados e olhos cerrados a paisagem nocturna de uma estação de comboio... relembra o dia em que se iludiu fatalmente: sou apenas aquele que vê no espelho o reflexo do belo.

Você multiplicou-se e dividiu-se inúmeras vezes... porquê? Matou alguém com o seu livro? Porque escreveu este livro, o que pretendia?

Escrevi-o para o oferecer a G.

Quem é G?

G é um ser feminino, uma girl, gaja, gadeusa, garina, gata etc, mas como ela recusou. então, decidi oferecer o livro a G.

Quem é G?

G is G...enet, o maior santo, o maior criminoso. Sabia que em francês Genet quer dizer gato?
A sua mãe chamava-se Camille Gabrielle Genet.
Sou incapaz de viver no vosso mundo.

E a décima segunda mortalha consiste já em engravatar a mortalha, e a décima terceira mortalha consiste em fumar já, enquanto se vê o reflexo do candeeiro, o catalisador de chispas assassinas de encontro aos meus olhos envolventes, um candeeiro moderno, hipermoderno na mentira do fim do milénio...
Experimenta substituir a mortalha de cigarro por uma pele e identidade humana, se fumares todas as peles alguém gritará: tornei-me invisível, não tenho forma, sou apenas espírito, um meme, transpus as portas da cidade paraíso, estou em paz por fim...
A vida imita a arte ou a arte imita a vida?
Então G é o seu verdadeiro pai e a sua verdadeira mãe?
Iá.
E você ama seu pai e ama sua mãe?
Não posso amá-los mas apenas adorá-los.
Ah ok, destruam a arte, a cultura, a maldita literatura. Sejam felizes e deixem de pensar. Sejam agradáveis ao sistema. Ele afinal ama o *grande irmão*. Tornou-se piqueno.
Todos os que estão fora do sistema são loucos. Deveremos ser fortes para aguentar o veredicto.
Blackout.

Que horas são??

(:::•)
É TUDO UMA FRAUDE
ESTOU FARTO DESTA TELENOVELA

Ah! E desculpem lá... acabaram-se as sereias. Vou descer as escadas, abrir o portão e entrar no meu filme, os últimos filmes que curti na tevê foram mesmo o *Crepúsculo dos Deuses* e os *Lírios Quebrados*. Porque não quero saber nem ler sei, vou daqui a pouco ao chopíngue comer pipocas e ver se encontro uma mula toda boa. Entro na pastelaria e digo: por favor, queria um lanche. Está fresco. São sete horas da manhã e ainda não me deitei. Tenho exame às dez. Vou agora lúcido

correndo para a minha cama de hospital. Vou com a consciência de ser masoquista, li num livro que se deveria explorar o problema até ao fundo, até se transcender o desejo... mas perder sempre? Amanhã talvez... quem sabe... haverá *exposições no nevoeiro*... quando passar, será certamente um dia diferente. Com certeza. Talvez engorde.

Quero nascer outra vez. Mas desta vez fisicamente. Já não tenho alma, já não tenho coração. Estou ligado à electricidade, quando atendo o telefone é como se suspeitasse que alguém da sociedade central do CReEA esteja a gravar, quando escrevo no computador pergunto-me se o disco duro não está a ser novamente corrompido por um vírus, em delírio de lucidez imagino que todos os dias se estejam a multiplicar espermatozóides via redes digitais de informação, quando abro a boca imagino que talvez existam microfones tipo mosca estilo microfone para minidisc a captar tudo o que falo.

Quanto a mim, só posso voltar a repetir:

I PAINT TO KEEP MY SANITY CLEAN

PAINTING IS SACRED
PHOTOGAPHY IS THE PROCESS
TIME IS SANCTIFIED

I COULD HAVE MENTIONED OTHER TITLES AS WELL &

I WAS READING THE MANIFESTO & I WOULD IDENTIFY MY SELF WITH A LOT OF IDEAS...

BRUTAL POETRY FOR SURE AS WELL BRUTAL NIHILISTIC POETRY UIT GIRA & JARBOE &KHAOS &

2 QUITE QUOTE NEUBAUTEN AND VIRGIN PRUNES IN ONE SENTENCE I WOULD SAY:

YOU MUST DESTROY 2 BUILD IN ORDER 2 CREATE SOME NEW FORM OF BEAUTY.

PERHAPS YOU WERE NOT TALKING AS STRAIGHT AS IT SEEMED,

PERHAPS YOU WERE TALKING ABOUT KIA SPEAKING OF ZOS OUT OF AOS.

I DON'T ACTUALLY CARE IF THEY ARE MALE OR FEMALE OR JUST ANOTHER HEADED SECRET INSIDE AOS' BODY

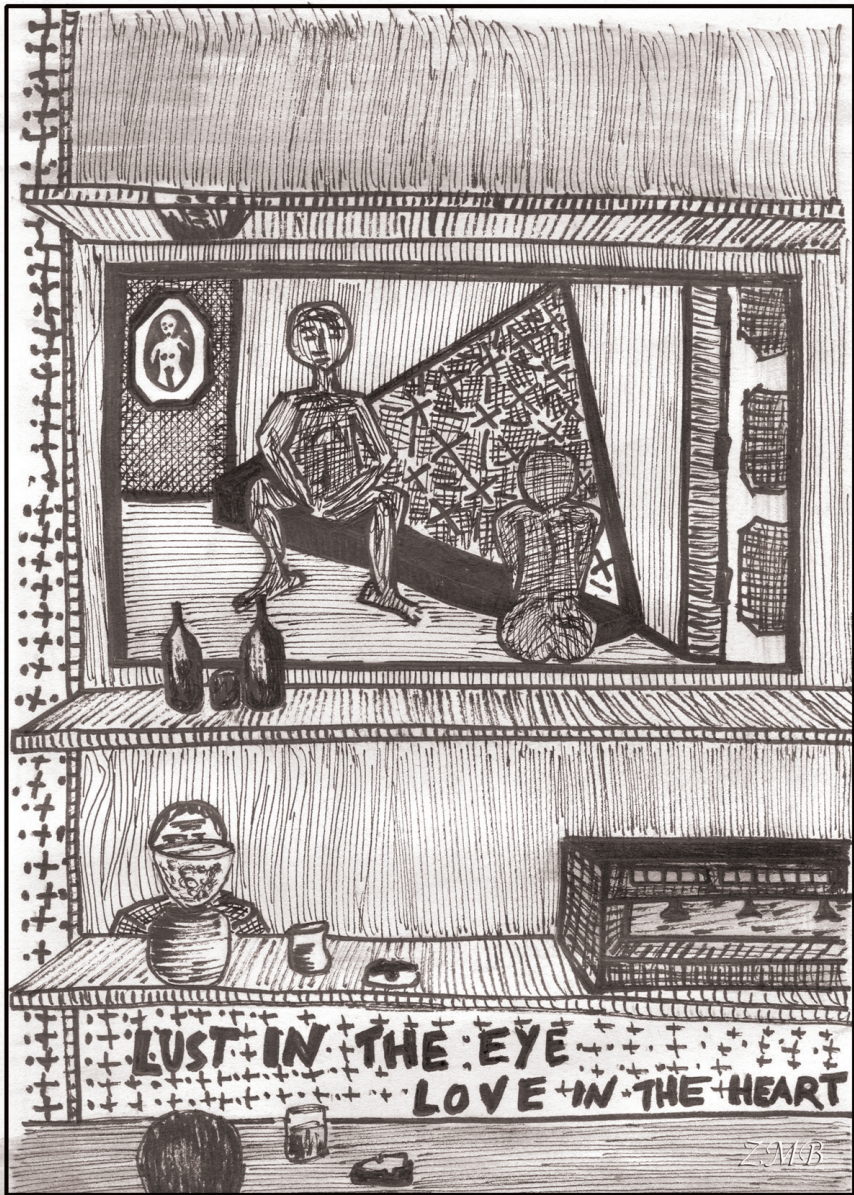
BUT WHAT A WONDERFUL WORLD IT SEEMS 2 BE.

I COULD ALSO LIKE THE ASTONISHING URBANA FALL.

I WOULD LIKE THE MOONS WITH TUXEDO &
I WOULD WRAP MY SELF IN NAMES AND TITLES.
IT SEEMS TO ME, WHEN I'LL CLOSE MY EYES & RECEIVE THE AVALANCHE & THE WINGS OF DESIRE,
I WOULD LIKE TO COOK A SAUCE FULL OF SECRETS &
AFTER DISAPPEAR INTO MY MOMMA'S HOUSE 2
LISTEN TO SUITE EN SOUS SOL 2
WATCH WOYZECK UIT HERZOG
WHILE HANGING MY SELF &
JUST WAIT FOR THE FIRST 5 MINUTES AFTER DEATH.

I JUST FINISH TO SAY:

HITCH COCK CLOCKS WORK & ORANGE.
FROM HERE TO ETERNITY

LUST IN THE EYE
LOVE IN THE HEART
ZMB

Desejo no olho, desejo na mão, desejo no coração

Z Último capítulo
Mão Morta: Mão Morta: Aum
ZMB: Sleep Intermission

(Fim da história)

Alegoria de respeito por toda a gente, ironia sobre opções de vida, retrato do artista enquanto jovem aos pés de todas as santas, marias, anas, xanas, susanas, joanas, maria anas, maria joanas... porque o disfarce engana, porque quando se quer uma aventura é melhor dizer que somos donos do banco de portugal do que desempregados, porque me lembro de dizer: quero sair, quero fugir, quero ir embora, e me lembro de estar num aeroporto a beber Super Bock à frente dos meus pais ou me lembro de estar sozinho a fumar Lucky Strikes olhando pela janela os aviões na noite.

(Voz 1: Claudio Mur suicida)

Hoje Sexta-feira, o dia madrugou às seis horas e vinte minutos. Hoje C sai, eu saio do CReEA com a nota final de dez valores. Adivinho um imenso calor humano cheio de esperança no devir. Mas isso é para depois, eu nem sempre ando ao mesmo ritmo do mecanismo funcional dos objectos. Por isso, para hoje os meus planos desejam tornar o dia memorável, quer se ganhe quer se perca será virada uma página no livro cinzento ou, para quem acredita, mais um ciclo cármico se renovará. Lá fora e à minha espera estará ela, eu sei que estará lá. Será que ela virá? Será que ela corresponderá ao meu sigilo pessoal ou a um de AOS ou será até que responderá ao ponto de interrogação de Cyril Grey? Não sei... mas um novo dia surge hoje sem sombra de dúvida. Se ela não vier, será porque não sou uma prioridade... ou o meu encantamento falhou. Nesse caso, deverei ser forte e nunca me deprimir, deverei chupar o tutano da questão e envolvê-la de detalhes, pintá-la numa tela artesanal de pano-cru, e depois quem sabe... se talvez me esquecer do desejo e da ânsia de a ver aparecer daqui a algumas horas do lado de lá do portão e, para que por fim possa acreditar que a transmissão do meu fluido funciona, um dia ela acabará por aparecer *as if* ou tele-

fonará a dizer que me deseja de modo orgânico.

Após o pequeno-almoço, volto ao quarto para arrumar o que falta. Tenho vinte e quatro anos e estou a sair de um longo bloqueio de três anos. Vivi mais uma existência. Agora, retiro as fotografias da parede, os pequenos desenhos, as reflexões poéticas, as ilustrações para livros futuros sobre memórias passadas. Três anos na sociedade CReEA fizeram de mim um novo homem. Acima de tudo, tive tempo para ler livros sem pensar em mais nada e tive comida, cama e lençóis lavados de borla. Mas nesta prisão escola hospital, se de sociologia cibernética pouco aprendi, pelo menos ganhei algum brio, tive acesso a situações limite, errei em progressão, a minha nota é de dez apenas mas estou livre e, depois da injecção de saída, terei acesso a consultas médicas regulares, tenho o futuro à minha frente e já não sou inocente mas sim um reinserido social. É como com as cobras, é renascer com nova pele.

Agora, tenho de pensar bem neste renascimento, e no que fazer aos livros se tenho de regressar aos outros livros, aqueles que supostamente serão o nosso ganha-pão oficial, aquele que as regras dizem ser o sustento da família... mas isso agora é passado, já passou, o gato já morreu várias vezes como devem desconfiar.

Actualmente, não tenho nada daquilo que as outras pessoas têm. Por exemplo, não tenho mulher a quem beijar, pois ela não virá eu sei, nem tenho um automóvel para passear embora tenha a carta de condução há já alguns anos. Não gosto do sitio para onde tenho de voltar. No entanto, tenho aquilo com que cresci: os livros e as gravações de campo. Quem sabe se o assistente de reinserção social não me propõe para o rendimento mínimo?, ou se o microcrédito me empresta massa para abrir um sítio com os meus artefactos... procura a sorte. Não a encontrarás procurando mas só ganhas o euromilhões se jogares.

Não sei. Tenho que pensar bem no futuro. Nem sei se tenho público nem sei se ela virá... seria o mais importante... mas introjectando ao espelho enquanto faço a barba, adivinharia ter tudo de bom, tudo aquilo que é desejável, tudo o que as Marias gostam: entrei nos eixos. Mas eu não sei se ainda gosto do estilo Maria. Afinal de contas, espero ter a consciência de que a realidade experienciada aconteceu mesmo. Espero acreditar que tudo se passou, não dentro de um filme mas no real. Duramente. É preciso ter uma certa força de vontade, um poder de tentar ir para Roma porque Maomé já não vai à montanha, e depois só aquele que acredita vira maluquinho da cabeça.

Vou procurar o meu espaço mas não sei em qual mundo e se habi-

tado de todo. Qual é o meu impasse? Sinto-me pesado, é difícil sentir calor humano. Vou ter que lidar finalmente com o meu eu deslocado. Aqui dentro isto foi uma ponte, tive amigos e uma namorada que me obcecou e de todos me separei. Estive eufórico, deprimido, obsessivo, histérico e masoquista e quis-me matar porque, em certo momento, me senti um falhado no campo do amor, no campo dos resultados às avaliações de eu como aluno na sociedade CReEA e, também, no campo social e familiar. Compreendi e é por isso que me dão um dez na avaliação final global... compreendi e aprendi a paciência e a importância de saber ler e escrever um requerimento, por exemplo, a burocracia e a hipocrisia regem o mundo mas no subsolo há quem viva entre linhas. Curaram-me aqui dentro? Curaram coisa nenhuma... ela continua em memória. Mas, agora que me preparo para passar a portagem de saída da ponte levando a injecção psiquiátrica no músculo da nádega, já sei ler as minhas palavras, o meu passado, sei quem não quero ser mais e sei o que quero vir a ser, aprendi o erro em mim e, ao não varrer o erro para baixo do tapete, estou a aprender a caminhar de novo.

Nestes três anos de exclusão social, nesta viagem que agora termina, houve muito tempo para pensar. Analisando este período, de todas as pessoas que conheci, aquela por quem vou ter mais respeito é certamente o professor O. Desde o traficante que vende contos ao fim-de-semana aos estudantes até àquele que transacciona sabões, desde o assaltante munido de seringas infectadas até ao rapinador de joalharias, desde o crime passional inocente até ao homicídio mais sangrento mais religioso, o professor O a todos se impôs. Claro, houve igualmente os anjos caídos em desgraça, as pessoas inocentes identificadas pela sociedade como desadaptadas que não pertencem aqui, não há legislação nem ninguém que os acolha lá fora, e outra solução não existe a não ser a sociedade nunca mais os libertar e exibi-los, assim, aos visitantes da sociedade. A que classe pertencem? Não sei mas segundo a justiça à classe mais baixa, à classe dos ressacados da sociedade. Isto nem com *porto felizes* lá vai. Hoje, a legislação de venda e consumo ainda não foi alterada para melhor. O Bob ainda não foi libertado. Os catalogadores incluem-me na classe dos doentes-drogado-reciclados. Estou, aliás, rodeado de catalogadores, tresando a análise. Como, por exemplo, quando vou a uma loja de discos e corro as prateleiras à procura de um certo disco, duma letra ou quando leio nos jornais as críticas de um certo acontecimento, está tudo catalogado e, mesmo que de um modo inconsciente, cada um cataloga, há poucas

excepções. Estamos, aliás, rodeados de fundamentalistas. Se te vêem com determinado tipo de letra, um certo elemento da tabela social, és logo catalogado como uma pessoa desse tipo, se te vêem com outra letra adicionam-te imediatamente uma nova letra ao currículo, se te vêem ao mesmo tempo com dois tipos de letras és um fonema sociocultural. No limite, és uma palavra, uma expressão metafórica, uma grande confusão.

Após observar o quadro das notas para me assegurar em definitivo, dirijo-me a cantina para o último almoço, nem de propósito: bifinhos de peru com cogumelos. Capricharam hoje. Sento-me ao lado do professor O pela última vez.

Digo-lhe: é hoje o dia.

Parabéns, e agora?

Não sei ainda. Eu gosto de pintar e pergunto-me se não teria sido melhor ter entrado antes num curso de belas artes... mas lá está, se calhar, iria atrofiar com os ensaios teóricos, com ter de escrever sobre a história da arte e a simiologia do mundo da arte, e de tanto aprender o que os outros fizeram, esses grandes que ficaram na história, iria acabar por não saber mais o que pintar. Pelo menos, aqui dentro, neste curso cibernético aprendi a usar um computador e a ler e a pesquisar informação. Bem... e agora?, não sei, o normal será começar de novo, agora já estruturado e a saber orientar-me no caos, começar por arranjar trabalho para alimentar o meu vício.

Bons planos, temos sempre de os começar, o caminho descobre-se, a glória vem postumamente se alguém em ti reparar. Após alguns momentos, O continua: tenho uma coisa para te dizer já há algum tempo.

Força. Diga lá, é este o momento.

Terminei há pouco um livro que andava a escrever já há alguns anos. Como ele é um marco decisivo para mim gostaria de to colocar nas mãos. Mais concretamente, queria que o mostrasses a alguém. No limite, gostaria que fosse publicado. Imagino o meu nome em grandes caracteres, em grandes posters nas paredes, em grandes livrarias. Imagino-os lido por pessoas.

Pessoas?! Como assim?

Seres com ouvidos atentos à melodia da ave e da retroescavadora, ao cinzel e ao pincel, ao fraco que atira pedras ao forte.

Porquê? É você mesmo o autor?

Porquê o quê!?

O que pretende? Porque mo confia a mim?

Não sei bem. Penso que gostaria de me explicar às pessoas após me ter compreendido e explicado a mim próprio. Às vezes, os livros são como os selos, uma colecção, outros são objecto de arte, outros objectos de estudo, outros objectos de trabalho e obras para tempos futuros. Funcionam muitas vezes como exorcismos e devem mesmo muitas vezes funcionar ao contrário. Partindo de uma certa teoria nihilisto-romântica entre aspas, ao identificares-te com certas personagens de um certo livro bem escrito, poderás, às vezes, pensar que és uma qualquer espécie de insecto subterrâneo e, nesses momentos, estás no fundo por ter a pureza de observar a decadência e observares que existe sempre um motivo para essa decadência, a degradação é algo de sublime às vezes, ao observares o fundo do poço, poderás ter a certeza de que só poderás subir à custa da tua força interior, daquilo que és ou daquilo que descobriste que querias ser ou fazer. Então, por observação endógena, és muito mais que um insecto, és algo de superior a isso. Ao escreveres estás a registar as tuas dúvidas e a procurares as tuas respostas, estás a conhecer-te a ti próprio, estás assim a tornares-te mais lúcido. Compreendes?

Mais ou menos. É uma autobiografia portanto?

Sim, mas a modos que disfarçada, é uma distopia anacrónica. Tem coisas reais, outras bem menos reais. Quando se trata de pintura, há segredos que não se podem revelar...

O sol bate-me nos olhos e, por um gesto de dedos, os olhos fecham-se, tenho calor, pergunto: Porque me quer dar a sua autobiografia disfarçada?

Decide-se por uma meia mentira: Porque és a única pessoa que conheço aqui dentro com a qual me consegui relacionar por mais tempo, por me pareceres a mais equilibrada, e também porque não queres só droga, bem sei que o teu vício principal é a tinta das palavras musicais.

Então é isso, digo eu, eu deverei ficar com a sua biografia e passá-la às pessoas como literatura marginal, um novo Rimbaud, um objecto de conhecimento e ou um objecto de tortura. Ah ah... supremas ambições… é isso então? Pergunto interessado mas cheio de dúvidas.

Sim. E falo-te já dos planos para a capa...

A hora do almoço passa. Três da tarde. Dou um último abraço a O e despedimo-nos. Não devo deixar de prestar uma última visita aos vizinhos, depois é só passar pelo meu alojamento e pegar na mala.

Bato à porta. Como a porta está aberta dizem apenas: entra. L está a experimentar a transmissão vídeo do concerto de um dijei, seu amigo

a um quilómetro de distância, através da internet. Podemos ver o dijei cheio de monitores, teclados, emuladores de som e caixas de efeitos e filtros, dentro do seu cubículo. Ele faz som tecno e de vez em quando manda uma sms perguntando: então que tal? Ajusta os graves, diz L enquanto pede o isqueiro o J. O dijei levanta o polegar. L pega num cachimbo, coloca um pouco de tabaco como cama e vai a um pequeno tubo de um rolo de fotografia analógica e retira uma pequena pedra. Coloca-a por cima do tabaco e pega no isqueiro com a outra mão. Desvio o olhar. J diz: C, dá só uma passa para veres como é. Não, não quero canecos na minha vida, digo eu. Saio deprimido, já não tenho afinidades com ninguém, nem através da droga. Mas, vou passar em casa do A e ele dispensa-me uma milena de despedida. Fumo-a, limpo o cinzeiro e o lixo, pego nas malas e ala que se faz tarde.

É hora de partir. São seis da tarde. Dirijo-me à entrada acompanhado dos oficiais. Dizem que gostariam de não me voltar a ver.

Vou tentar, obrigado.

Do outro lado da rua, a minha consciência Id, a peste que não queria ver, espera-me dizendo: bons olhos te vejam, por onde andaste?

Afinal lembrou-se. Apareceu... pergunto-me porquê, aconteceu ou foi tudo sonho... cá estamos.

O céu está azul, o sol brilha sobre o céu azul, as sombras são cinzentas, as paredes caiadas de branco, o jardim verde, as árvores terminam a estação. Vamos beber um copo?

Ao fundo da rua, um café tem um néon dizendo MarchPush. Se não for não interessa, no entanto, MarchPush que saudades... peço uma Super Bock. Como um hambúrguer especial com bacon e ovo.

Id começa a contar uma história: Uma vez, estava sentado numa pedra à beira de uma muralha de um castelo no alto de uma colina, que em tempos antigos protegia uma aldeia, com os pinheiros desenvolvendo-se ao longo da encosta, o rio lá em baixo, as casas desordenadas no meio dos campos de cultivo... estava no meio de uma crise existencial e pedia com força solidão, um espaço que fosse só meu e pedia que mo colocassem à frente, tázaver? Ora... observando este desejo estranho designava-me, é preciso que se note, como um preguiçoso e um misantropo e, talvez por influência do filme sobre os Doors ou não, pois não sei dizer quem nasceu primeiro... ouve... imaginei que estava em casa sozinho e recebia um telefonema por volta da hora de jantar informando-me da morte de toda a minha família, numa curva da estrada... os pneus derrapando e o carro indo pela encosta abaixo.

Tudo imaginação, vê lá os abismos de uma cabeça, mas... ao descobrir isto, de uma forma poética gritei aos quatro ventos que era livre e poderia ter um espaço, poderia descobrir a minha própria vontade, poderia fazer tudo o que pensasse ou desejasse. Ouve o que fiz... grafitei as paredes com tinta vermelha, disse que o castelo era meu.

Tudo o que quisesses mas só. Só e sem ninguém para te coser as meias... diz o meu ser com sarcasmo.

Isso não interessa!, respondo: crescerei, conhecerei, tornar-me-ei grande.

Porquê todo este interesse em ser grande?, pergunta o meu ser. Porquê?, pergunto perplexo, porquê?

Porque passo o tempo a preocupar-me. O futuro, repito, às vezes, é o símbolo, a missão que tenho de cumprir, depois há os meios: os livros, a música. A missão é uma ilusão talvez, não fui ao astrólogo ouvir a sina, não está escrita, é um sonho que persigo, um desejo de ser livre, um desejo de ser uma personagem, ter uma personalidade própria, correcta, original, (a)moral. Os meus modos traem-me, na verdade.

Eu C ouço-me com atenção, ouço Id com atenção: estou longe mas não tanto. É natural preocupar-me, enclausurado em sonhos, procurar o definitivo. No entanto, o definitivo que sonho pressinto-o violento, demasiado trágico, os fins não justificando os meios usam sempre todos os meios.

Que queres dizer? Mas Id, não te chega já de tragédia?

Não sei bem. Estou confuso.

Bom... Id, tenho de ir apanhar o comboio. Depois telefono. Obrigado por teres vindo.

Confortavelmente sentado na divisória para fumadores do comboio suburbano entre Derza e Tirza, onde os papás moram, C pergunta-se para onde terão migrado as sereias. Afinal, o retiro de três anos deu em nada, pois nada mudou. Já pensava assim antes da admissão no CReEA, diz C. Agora tenho mais um brinquedo-repetição, um livro do professor O para expandir nas redes da sociedade da informação.

C acende o cigarro e começa a ler o último capítulo do livro cinzento:

Conheço Ana por intermédio de um dos meus eus num baile do enterro com os Mão Morta a tocar. A minha consciência apresenta-ma e, quando a banda começa a tocar *Aum*, nós beijamo-nos por magia.

Dou duas passas no enrolado e começo a rir-me, digo: isto é mais

uma mistificação, o O pegou no livro cinzento que eu também comprei na Livraria Cassiber e acrescentou o que bem lhe apeteceu e chamou-lhe redux. No fundo, o D, que lá trabalha, bem me disse, este livro não tem fim, não tem autor, é uma colecção crescente de títulos de amor triste, olha o que diz aqui?, Id estás a ouvir-me aí desse lado?, o O escreve que vive hoje pensando nela como em todas as outras mas já sem ódio, ciúme ou desejo... ah veneno ácido...mas aqui ele agora está a contar a história das anas... espera, vou continuar a ler:

Neste dia, movido de uma espiritualidade correcta, saio de casa bem vestido e de barba feita porque Ana disse-me que teria de mudar e entrar num novo rumo. No entanto, meto uma vez mais o pé na poça e sujo os novos sapatos de camurça, chego ao café Blitz exausto por esta contrariedade, tudo vai correr mal.

O Blitz é um longo rectângulo espelhado. Ao fundo, pequenas mesas decoradas a veludo vermelho e, num dos lados, um balcão de cabedal preto com lindos cinzeiros de mármore. Um tasco escuro com muito fumo, muita cerveja e onde só falta o piano enferrujado.

A minha consciência senta-se, pede um café e um copo de água, olha em frente e vê, por entre as garrafas, os isqueiros nas prateleiras e a máquina de café, vê a sua imagem recortada e pulsante de dor. Existem superfícies longitudinais que escondem por meio da multiplicação os seus olhos e ou deformam certas formas mutando-se em outras imagens tão naturais como respirar. Não fosse o problema dos sapatos e tudo estaria bem. A minha consciência sente-se exausta porque hoje é Domingo à noite e saiu há horas de um centro de reeducação alimentar ou prisão ou hospital perto de nós. Esteve alguns momentos com a família e veio agora aqui ao Blitz ter com Ana, talvez por razões de reinserção social. Para mim, tudo bem mas devagar. Para Ana, apenas uma vontade imensa de fazer bem.

São dez horas da noite. É altura de ver uma serie americana na tevê, de se ler o jornal e procurar emprego, de se procurar lugares bons e baratos para viver, de se procurar as últimas novidades de todos os diversos mundos normais.

Mas o que é um mundo normal?, pergunta a minha consciência na altura em que sente uma violenta pancada nas costas e repara que eu, a pessoa mais normal do mundo, a engasgou.

Então meu, já a curtir?

Resposta simples e humilde: Estava a ler o jornal. Caímos no esquecimento, caímos no oblívio...

Desculpa lá o atraso. Estás cá há muito?
Há cerca de vinte minutos. Ela ainda não chegou.
Peço uma cerveja e pergunto: ela quem?
Pois, ainda não a conheceste pessoalmente. Repito-te: é a segunda filha do professor O, não te lembras dele?, quando lá foste naquela quinta-feira...
Certo. Quando houve aquela espécie de recolher obrigatório... hum... se ela é filha do professor e eu sou pai de mim próprio... hum... que interessante, que perversão mais... que historia invisível... que história circular...
Exactamente.
Pergunto-me o que esta palavra, dita em quatro tons de secura, rispidez, segurança e concordância, quererá dizer. Penso ser aquilo que eu preciso, uma vida de pintor alimentada a ganza e um emprego como engenheiro de software.
A cor do cabelo interessa?
Claro que não.
A minha consciência pensa: vou precisar de comprar uma televisão com o dinheiro que amealhei estes anos, não deverei ter problemas.
São por vezes engraçadas as coincidências astrológicas... pensa o misógino R que entra despercebido pois ninguém o vê, e ainda bem, indo sentar-se debaixo da prateleira da televisão pranumver... após ser iniciado, digo que tive duas com o nome da minha avó, eram ambas do signo Virgem tendo nascido no mesmo dia de Setembro. Conheci a segunda numa noite de Maio que, anos mais tarde, se veio a revelar a data de anos de uma terceira. Talvez os astros estejam ligados. Eu misógino eu misantropo digo: não amei mais depois de Maio. Lua útero dia um.
Eis que Ana entra. Traz longos cabelos castanhos encaracolados, calças de ganza agul clara e, em Maio, traz uma camisola preta. Nos espelhos, ela parece simplesmente fenomenal. Assombradora. Pede com modos delicados desculpa pelo atraso e, sorrindo, fala de problemas domésticos com o seu gato.
Não sabia que tinhas um gato...
A minha consciência pergunta-lhe o que quer beber, aproveita para me apresentar e eu, ofuscado por tanta luz, retribuo o cumprimento.
Olá tudo bem.
Ela pede um fino.
O Blitz é um cenário apenas. Um foco de luz amarela ilumina o bal-

cão, o chão é de taco encerado e os espelhos são abismais.

Eu sou vendedor de produtos domésticos, há quem diga que sou um transumante.

Eu sou um ressacado da vida.

Eu sou professora primária.

Todos estamos fora mas todos somos, todos nós existimos.

Todos se riem da verdade e quem são estes? Todos os nossos ídolos e admiradores.

O misantropo eu levanta-se e vai ao balcão pedir um café. Quando retorna lembra-se que o tempo é algo difícil de explicar, vai-se vivendo e, às vezes, damos conta de que o tempo passa, às vezes, ele voa e ficamos sem saber onde estamos e quem sabe se fomos felizes e de que modo?

Sendo o Blitz um cenário destinado a dar vida social ao eu ressacado, para que ele se possa sentir mais seguro na afirmação das suas posições e, por outro lado, para permitir que o eu normal conheça a mulher de todos os meus sonhos uma primeira vez, é difícil pensar no que dirão durante toda esta situação. Talvez observando o mecanismo visceral da máquina de ar condicionado, do tabaco, do café, das pastilhas elásticas, do calor humano, das frases que são adivinhadas, todas... até as mal compreendidas.

Que importa o amor numa vida?, pergunto-me eu misantropo. Aos quarenta a ternura dos quarenta e as obsessões religiosas, aos cinquenta a andropausa e a menopausa, aos sessenta a segunda infância, que importa toda uma vida? O humanismo é poesia, as crianças continuarão a chorar por falta de brinquedos e as bombas continuarão a cair. Qual será a nossa função?, seguir o destino?, e qual destino?, para que servirá criar se depois tudo cristaliza na nossa falta de vontade e na falta de compreensão das pessoas com as quais é necessário falar, e em todo um mundo dito de normal, para depois eventualmente ser tudo gravado e esquecido numa placa na via pública.

Gostas dos Swans?

Gostas dos cisnes do Danúbio ou dos cisnes do Michael Gira?

Como tudo é relativo.

C e Ana olham um para outro. Um momento depois beijam-se. Justificação: Atracção fatal! Salvar-me-ás? Claro.

Porque se beijam? Por sentirem o momento. Para quê? Talvez o conhecimento, o que nos distingue de uma máquina é termos coração ou tomates ou uma cona.

Qual o valor de um quadro oferecido... qual exactamente a relação com a pessoa a quem se oferece um quadro... será essa relação especial ao ponto de merecer um quadro especialmente concebido... porquê conceber um quadro para alguém especial... terá um quadro o valor especial adequado?

Eu cá só ofereço quadros a Anas, diz C.

Eu cá não ofereço quadros a ninguém, não sei fazê-los, diz Id.

Eu cá não me importo, diz Ana.

A minha consciência decide ir finalmente para casa, sozinha, vai ouvir rádio.

Tenho de me ir embora. Volto dentro de dias. Estou a pensar arranjar quarto aqui. Se souberem de alguma coisa digam. Xau.

Um beijo. Um beijo para todos os solitários.

Vou apanhar o foguetão.

O que tu não sabes, meu querido, é que, no momento seguinte à tua partida, o Armenia será destruído por um meteoro. Mesmo assim, ainda poderás acrescentar algo à história que o professor O te entregou para publicação.

Nós somos... e estamos aqui na sombra projectada pelos estores como num quadro. Pedimos dois shots e amamo-nos ao som de Mão Morta em Maio.

(Voz 2: John Moore suicida)

Loucamente
Somente disparo a partir do céu
Não me peças dedicação
Não me peças amor
Nada posso dar
Apenas a paixão
Ó tu, rainha inexistente, mulher invisível, esfinge grega
Advogada do inferno.
Inferno, o inferno de um lírico.
Onde estás? Advogada do diabo
Fazes-me falta.
Dormirei contigo quando ambos o desejarmos
Abraçar-te-ei suavemente quando dissermos adeus
Porque não és a única que desejo
Mas uma das poucas.

Suavemente
Loucamente, ao abandono, eu somente disparo a partir do céu.
O desejo terminar-se-á na mortal
Na mortal e nocturna gradação de sombra.
[O desejo] queimar-se-á na escura sombra da noite
Noite que começa, que
Chega lenta e ansiosa.
Eu ansioso por hoje não te ver.
Porque hoje não tenho o prazer de te
Ver aqui comigo.
Vermos o brilho das estrelas, contarmos as estrelas
Contar histórias, histórias que abraçam e encantam.
Cantar refrãos de amor e ódio porque
Cantar refrãos de desespero apenas porque
Não podemos estar juntos e Ser neste momento em que
Estou fechado sobre mim próprio e fora do mundo lá fora.
Então eu somente disparo a partir deste céu loucamente
Fechando-me em copas de silêncio quando penso na tua mão calma
Sonhando ao longo do corredor sonhos teus
Falando contigo em sonhos
Tornado louco como quando a Kim Gordon canta
Desapertando-te o vestido
Volta após volta
Até que o mundo se torne nada mais
Ou até que o mundo se volte e se movimente
Numa parte afastada da mente
Para um pequeno ponto no horizonte
Para um círculo de mania: lamber e sugar
Até que a carne viva arda.
Quando o meu coração se abala e pergunta:
Quererás ainda assim ser minha?
Eu brilharei por nós.
Loucamente…
Eu somente disparo a partir do céu e ouço baterias metálicas
e infernos a tremer
Loucamente
Eu somente disparo a partir de lágrimas de estrelas rosadas no céu
e ouço baterias metálicas e sinos a tremer
por ti